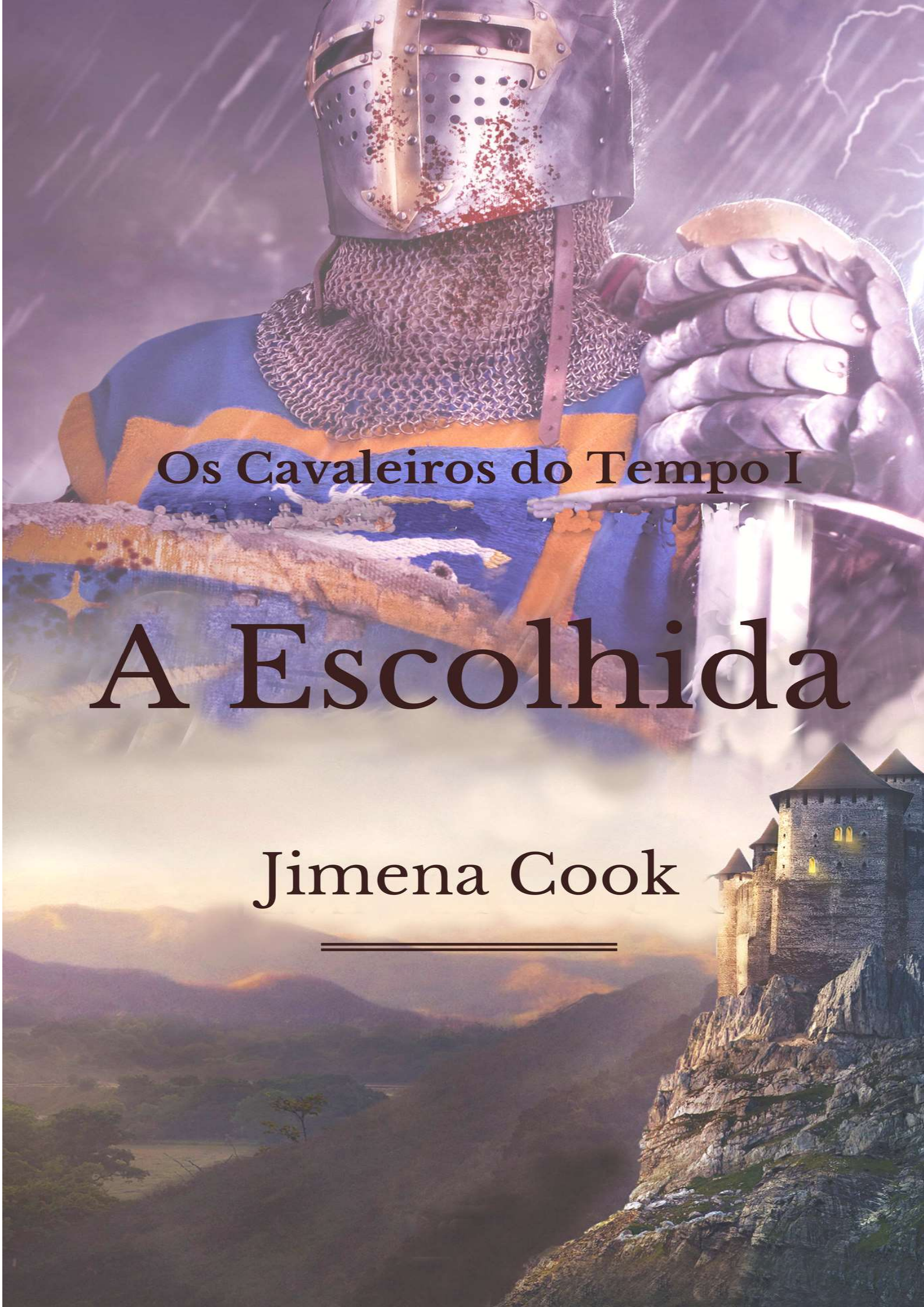


The background of the cover is a composite image. The upper half shows a knight in full plate armor, including a helmet with a visor and a chainmail collar. The helmet is splattered with blood. The knight's right hand is visible, holding a sword. The lower half shows a castle with multiple towers and battlements, built on a steep, rocky cliff. The castle's windows are lit with a warm yellow light. The sky is dark and stormy, with rain falling diagonally across the frame and a bright lightning bolt visible in the upper right corner. The overall color palette is dominated by purples, blues, and greys, with the warm light from the castle providing a contrast.

Os Cavaleiros do Tempo I

A Escolhida

Jimena Cook



A Escolhida

(Os Cavaleiros do Tempo 01)

Jimena Cook



Sinopse

Kimball, conde de Essex, acaba de regressar das cruzadas com o rei Ricardo. O precipitado casamento de sua irmã antecipa seu retorno. A caminho para as terras saxãs encontra uma mulher ferida e inconsciente... uma mulher que mudará sua existência para sempre.

Uma série de acontecimentos inesperados surgirão na vida de Elizabeth abalando seu destino. Sem nenhuma explicação lógica acorda em um castelo, em território saxão, na época de Ricardo Coração de Leão. Desconhece que tem uma importante missão a cumprir, uma incumbência na qual um homem será o encarregado de velar para que o plano estabelecido chegue a seu fim.

Do bosque do Sherwood até às Terras Altas, entre torneios, batalhas, ameaças, incógnitas e o mistério por resolver da vida da Elizabeth, ela e Kimball viverão uma apaixonada e trepidante aventura.

Prólogo

Kimball se voltou para olhar para mim. Não pude resistir: fui correndo para onde ele estava. Precisava abraçá-lo, embora fosse a última vez. Os seus braços rodearam a minha cintura; amava-o. Por que o destino era tão cruel? Por que me afastava dele? As lágrimas rolavam por minhas bochechas. Ele me afastou com delicadeza. Conhecia-o muito bem: não conseguia me ver chorar; a tristeza se refletia em seu rosto.

— Amo você. Voltaremos a estar juntos. Encontrarei uma maneira de que você volte para mim.

— Não quero me separar de você!

— Deve ir! Corre perigo e não estou disposto a perder você. — Levantou o meu queixo. — Confia em mim?

— Sabe que sim.

— Dou-lhe a minha palavra, eu procurarei por você. Não descansarei até que voltemos a estar juntos.

Baixou o seu rosto e me beijou. Eu sentia a suavidade de seus lábios sobre os meus.

Afastava-se de mim. A sua imagem desvanecia. Deixei de senti-lo, de vê-lo... Estava me afogando.

— Kimball! — eu gritei.

Não obtive resposta.

I

Acordei agitada, suando, outra vez o mesmo sonho. Olhei para o relógio; marcava a mesma hora de todas as noites: três. Estava tremendo. Recordava-me muito bem, durante todo um ano se repetia o mesmo pesadelo: um bosque.

Corria com medo; algo ou alguém, que eu não conseguia ver, perseguia-me. Depois aparecia outra sequência de imagens: uma anciã, camponesa, vestida de outra época.

Só me lembrava de seus intensos olhos azuis e de suas palavras: “Você é essa mulher”. Nesse momento eu gritava: “O que quer dizer? Não a entendo!”.

Então aparecia junto à beira de uma escarpa. Não estava sozinha. Voltava-me, e ali estava ele. Não conseguia ver o seu rosto, mas havia algo que sempre ficava impresso em minha mente: o punho de sua espada. Possuía um símbolo, duas espadas de cor negra sobre fundo branco, que se cruzavam.

Levantei-me. Precisava lavar o rosto. Olhei-me no espelho: estava suando, pálida. Ainda continuava impressionada por aquela visão. Todas as noites acontecia a mesma coisa; era demasiado real, como se as cenas estivessem gravadas em meu subconsciente por algum motivo. “Foi só um sonho, Isabel”, disse a mim mesma.

Fui direto para a janela do quarto; ao longe estava a Torre de Londres iluminada. Suspirei. Observei a loja dos chineses, que havia na calçada em frente; estava aberta. Nunca descansavam: a luz amarela sempre intermitente. Estava com frio; era o mês de fevereiro e precisamente nessa noite nevara, as ruas estavam cobertas com um manto branco. Meti-me na cama, abracei o meu travesseiro e me enrosquei. Quem seria o homem do sonho? Possuía a sensação de que o conhecia.

O alarme de meu relógio soou. Sete horas! Chegaria tarde ao trabalho. Fazia apenas dois meses que eu abandonara o meu país, a Espanha, para aperfeiçoar o meu inglês, em Londres. Havia conseguido um trabalho de garçoneiro, em uma cadeia de comida rápida, graças a Ricardo, um amigo de Madrid, que estava há um tempo na cidade britânica. Entre nós existia apenas uma atração que não se materializou em nada mais do que uma amizade. Fiquei com ele, o fim de semana passado.

O meu pai era diretor de um banco, e a minha mãe, professora na universidade. Eles teriam preferido que eu seguisse carreira em engenharia ou em matemática, mas eu, rebelde e amalucada, sempre fui ao oposto das exigências de meus pais. Assim que terminei o meu último curso de enfermagem, decidi partir para Londres; a minha decisão não os desgostou, já que eu sempre soube que, para eles, eu era mais um estorvo do que uma filha. Desde bem pequena tinham me matriculado em um internato feminino, na Segóvia. Durante os períodos de férias, jamais estive com

eles. Sempre partiam de viagem para o estrangeiro, sem mim. Durante a minha infância e adolescência chorei muito por essa falta de carinho de meus pais, mas, pouco a pouco, fui me fortalecendo, até que o meu coração se endureceu. Jamais voltei a chorar por eles; a sua indiferença me tornara forte, rebelde e independente.

Ali estava, com o meu avental marrom, atendendo os clientes do restaurante, sem ilusões; sentia que o meu lugar não era aquele. Havia fugido de meu lar na Espanha, pensando que essa viagem me daria paz e poderia encontrar o meu destino, mas não foi assim.

— O que aconteceu? — Ann perguntou.

— Dormi pouco.

— Outra vez o mesmo sonho?

Olhava-me intensamente. Os seus grandes olhos verdes estavam fixos nos meus.

Baixei o rosto.

— Sim, outra vez. Não entendo; é sempre o mesmo! Além disso, tenho a sensação de que estive nesses lugares e...

— Rápido! Há muitos clientes! — disse o encarregado.

— Depois falamos — sussurrou Ann.

Ann foi o meu apoio desde que cheguei em Londres. Nos conhecemos no restaurante e, depois, ela passou a representar tudo para mim: minha família, amiga e confidente.

O dia de trabalho terminara.

— Venha tomar uma cerveja, Elizabeth? — Ela sempre me chamava assim, apesar de eu insistir que ela dissesse o meu nome em espanhol: Isabel.

— Hoje não, estou cansada.

Coloquei o casaco, coloquei o meu cachecol e saí para a rua. Dirigia-me ao metrô, quando me dei conta da presença de uma mulher, coberta com uma capa negra. Olhava-me atentamente da calçada em frente. Nesse momento passou um ônibus e a perdi de vista. Recomecei a andar. Estava muito frio. Voltei a olhar para a outra calçada e ali estava ela, outra vez, observando-me. Fixei-me nela: o seu rosto era muito pálido, os seus lábios se moviam; dizia-me alguma coisa que eu não entendia.

Deixei-me levar pela curiosidade e cruzei a estrada, sem olhar. A minha única intenção era chegar até onde estava aquela personagem. Então ouvi aquela buzina e me volvei.

“Não!”, eu gritei. Senti um forte golpe na cabeça e no corpo.

Não via nada. Notava como me seguravam pelos braços e escutava vozes desconhecidas. Em um momento acreditei ouvir a voz de Ann. Deixei de sentir, perceber e ver. A última coisa que escutei foi uma frase vinda de uma voz masculina, totalmente, desconhecida para mim: “Perdemos, ela entrou em coma!”.

II

— Faz um mês que você chegou das cruzadas, e agora... você se atreve a me dizer que volta a partir!

— Sim, pai. Sei que tem outros interesses para mim, mas eu quero estar junto do rei Ricardo lutando por meus ideais.

— Kimball! Já estou velho, não posso me encarregar das terras. — Sentou-se e ocultou seu rosto com as mãos. — A sua mãe está doente e a sua irmã... Se você desaparecer, será o conde Oton que tomará conta do que lhe pertence. — Olhou para ele. — Filho, esse homem quer se apropriar de tudo o que é nosso. Por isso que deseja se casar com Mildred. Não confio nele.

No fundo eu sabia que ele tinha razão.

— Por que consentiu esse matrimônio? — Reprovei-o.

— Foi o Rei João quem me impôs — levantou-se. — Sei que se não aceitasse o seu pedido teria nos levado a uma guerra. É o que menos desejo neste momento. Não tenho forças para lutar, filho.

Foi direto à sua escrivaninha, extraiu uma carta da gaveta, aproximou-se de mim, estendeu o seu braço e me deu aquilo. Observei o selo vermelho com o qual João I assinava os seus textos. Li a primeira frase:

Ao conde de Essex:

Agradeço que tenha levado em conta a minha opinião, no que diz respeito ao casamento de sua filha. O enlace com o conde Oton, herdeiro do condado de Wessex...

Não consegui terminar de ler, sentia-me ferido. Aquele conde era ambicioso, frio.

Havia escutado as torturas que ele fazia aos camponeses que não pagavam por cultivar as suas terras. Era conhecido entre os fazendeiros como “O diabo”. Eu não admitia o fato de que meu pai tivesse aceito aquela aliança. Estendi a minha mão com aquela carta e a entreguei a meu pai.

— Quero que a acompanhe, filho. Eu não posso ir. Desejo estar com a sua mãe neste momento, no qual ela tanto precisa de mim. O conde organizou um torneio e um baile para celebrar o compromisso com a sua irmã. Você deverá participar dele, protegê-la e representar a nossa família. — Fez uma pausa. — Se tornar a partir, ele se apropriará de tudo o que nos pertence. Entende?

Eu estava zangado, queria gritar, mas nesse instante, compadecia-me do homem que estava em frente a mim.

— Não vou permitir que minha irmã se case com aquele ser desprezível!

Meu pai se virou para me olhar.

— Não podemos fazer nada. Mildred sabe qual é o seu dever. Se não se casar, o rei verá como uma ofensa. Uma desobediência. Sabe o que isso significaria?

Claro que sabia: seria a ruína, a morte e a destruição para a nossa família.

— De acordo, eu irei. Mas apenas o farei, por ela.

— Sei, filho. Sei que por sua irmã daria a sua vida se fosse necessário.

III

— Senhorita Elisabeth! É muito tarde!

A luz do exterior me obrigou a tapar o rosto com o lençol. Estava cansada e com uma forte dor de cabeça, que se espalhava por todo o corpo. Mal conseguia me mexer. Então me lembrei que tinha recebido um forte golpe sobre meu corpo, porque um carro me atropelara.

Abri os olhos, pisquei várias vezes seguidas. Onde estava? Assustei-me.

Aquela jovem abria as cortinas da varanda e se preparava para abrir um armário de madeira, que havia em frente a mim. Usava um traje de outra época: blusa branca, uma saia marrom, de lã, que lhe chegava até aos pés; uma espécie de avental e uma touca de cor branca, que cobria o seu cabelo, à exceção de uma mecha loira que escapava por um dos lados. Voltou-se para olhar para mim.

— A senhora perguntou várias vezes por você. Está muito zangada. — Aproximou-se da cama. — O cavaleiro que a trouxe depois de sua queda também se interessou por seu estado físico. Veio muito cedo para ver como se encontrava. É muito atraente. Pelo visto, a irmã dele é a prometida do conde de Wessex; alojam-se em seu castelo.

— Onde estou? Quem é você?

O seu rosto se tornou sério.

— Está bem? O doutor disse que não foi grave.

“Devo estar sonhando outra vez”, eu pensei.

— Quer que lhe diga que suba para vê-la? — A moça voltou a chamar. — Queria que o médico voltasse a vê-la. Não se lembra, não é verdade?

— Do que preciso me lembrar?

A jovem ficou ao lado da cama.

— Ontem, depois da conversa que manteve com sua tia, saiu para cavalgar muito zangada. Demorava muito para retornar e, de repente, vimos chegar um cavaleiro, com a senhorita, inconsciente. Disse-nos que a encontrara no chão, meio moribunda. O seu cavalo retornou minutos mais tarde ao castelo. O senhor a subiu ao quarto e esteve muito atento à senhorita, durante todo o dia, preocupado com seu estado de saúde.

— Isto é um sonho. Acorde agora, Isabel! — disse em voz alta.

— Senhorita!, estou ficando preocupada. Vou avisar sua tia.

A moça saiu com rapidez, pálida e bastante séria. Fechou a porta.

Escutei como ela descia as escadas.

Levantei-me. Vestia uma camisola branca, que caía até ao chão. Olhei-me no espelho. Mal podia me mexer por causa da dor no quadril. Estava muito branca, com olheiras. Observei meus braços, estavam cheios de hematomas, tal como minhas pernas. “Meu Deus! Devo estar enlouquecendo, a pancada me afetou a cabeça”, eu pensei.

Fui olhar pela varanda. Precisava saber onde estava. O meu quarto dava para um jardim, com árvores e flores por toda a parte. Escutei passos, e nesse momento abriram a porta. Diante de mim estava uma mulher alta, de constituição forte, cabelo branco recolhido em um coque e um vestido sóbrio, de lã, apertado até na cintura. Os seus olhos azuis se centraram em mim. Atrás dela estava a donzela e um homem magro e abatido. Analisavam-me.

— Beth! — disse a dama.

Voltei-me. Começava a sentir medo.

— O doutor vai ver você.

Aquele homem sério se aproximou de mim.

— Por favor, senhorita Elizabeth, sente-se nesta cadeira.

— Assinalou a que estava próxima a ele.

Obedeci; era a única coisa que eu podia fazer.

— Recorda-se do que aconteceu?

— Sim...

Observei os seus rostos, escrutinando-me, alertas, aguardando minha resposta.

Decidi mentir, não lhes diria que eu não pertencia àquela época e que não sabia porque me encontrava ali. Pensariam que estava louca.

— E então? — O doutor voltou a perguntar.

— Bem, não..., não me recordo de nada.

— Isso pode ser normal — disse olhando para a dama.

Tocou-me na cabeça e me fez fazer uma série de movimentos.

— O perigo já passou. Para as dores e para as feridas é preciso aplicar este unguento. — Extraiu um pote de cor verde. Vê-lo era repulsivo. — É normal que agora não se lembre de nada e esteja um pouco desorientada. Conforme passem os dias irá melhorando.

O homem se levantou e desapareceu de meu quarto, acompanhado pela dama.

— Uff! Você me assustou, senhorita.

— Esmel, vá à cozinha e traga o café da manhã de Elizabeth.

A donzela obedeceu e partiu mediante as indicações da dama. Ficamos sozinhas. Olhou-me enquanto se aproximava.

— É uma inconsciente! Isto é o que acontece por ser tão impulsiva. Poderia ter morrido! Se não fosse pelo conde de Essex, não sei o que teria acontecido com você.

Observava-a. Eu não entendia nada.

— Não vai dizer nada? Nem sequer vai me pedir perdão por seu comportamento?

— Perdão? — respondi.

— É incorrigível! Tal como seu pai; assim lhe aconteceu. — Olhou-me. Estava zangada. — Afinal, o capitão é muito próximo do rei. Lutou em batalhas importantes e possui muitas terras e poder. Que mais pode pedir? Interessou-se por você e acredite em mim que isso é difícil. A sua forma de se comportar não é a que se espera de uma dama. Casará com ele.

— Me casar? Não! Não entra em meus planos.

Ficou em frente a mim, com as mãos nas ancas.

— Sim, querida, se casará. Amanhã iremos ao castelo do conde Oton. Recorde que estamos convidadas para o anúncio de seu compromisso. O evento durará todo o fim de semana; ali terá ocasião de conhecer melhor o seu futuro esposo.

Dito isto, deu meia volta e desapareceu.

O que estava acontecendo? A única coisa que me recordava era aquela frase: “Perdemos, ela entrou em coma!”.

Poderia ser que estivesse morta, mas aquilo não era, nem de perto, o paraíso. Queriam me obrigar a casar!; a mim, que nunca sequer pensei em matrimônio, em toda a minha vida. Não entrava em meus planos de futuro. Eu era muito jovem, tinha vinte e quatro anos e não estava disposta a me unir para toda a vida, a um homem. Queria acordar daquele pesadelo!

Nesse momento Esme irrompeu em meu quarto. Trazia uma bandeja com frutas, leite e doces muito apetecíveis. Depositou-a sobre a mesa próxima à cadeira em que eu estava sentada. Eu precisava obter mais informação.

— Deixo aqui, senhorita. Que vestido deseja colocar?

— Obrigada, Esme. Não se preocupe; depois eu penso e me visto, eu mesma.

A donzela se surpreendeu diante de minha resposta. Olhou-me com intensidade com os seus grandes olhos azuis.

— A senhorita?

— Sim, eu.

Fez um movimento de ombros e inclinou o seu bonito rosto e foi embora.

Abordei-a; precisava saber mais.

— Esme!

— Sim, senhorita Elisabeth.

— Ainda não me recordo de muitas coisas. Onde vamos hoje? Conheço esse capitão com o qual a senhora quer me casar?

— Sua tia — ela corrigiu. — Claro que o conhece! Por isso mesmo o seu descontentamento. Ele...lutou junto a seu pai. Não se recorda?

— Não me recordo de nada. Não quero dizer à minha tia para não a preocupar — eu menti. — Eu lhe dei muitos desgostos!

Olhou-me e sorriu ante o meu comentário.

— Muito bem, mas não lhe diga que estive com fofocas com a senhorita. Já sabe que ela não suporta e depois me repreende. Faço-o porque a aprecio e sei que entre a morte de seu pai e o golpe que tomou na cabeça... Enfim. — Fez uma pausa, tomou ar. — O seu pai nunca falou bem do capitão Alexander.

Criticava suas artimanhas na batalha, a sua crueldade. Depois da morte de seu progenitor, Alexander nos visitou em muitas ocasiões com a desculpa de ver sua tia e consolá-la, mas o que ele pretendia, isso já são as minhas suspeitas, era ver a senhorita. A sua beleza o impactou no primeiro momento, e assim foi como ele chegou ao acordo com a senhora, para se casarem. — Ela olhou para mim. — A senhorita não gosta que lhe digam o que deve fazer. O seu pai a ensinou a viver segundo os seus princípios, a ser independente e a amar a sua liberdade. A senhora sempre

criticou essas ideias, assim como o seu comportamento, inapropriado para uma jovem de sua classe; daí que, quando lhe comunicou o acordo matrimonial, a senhorita enfrentou-a e se negou a cumpri-lo. Está se recordando?

— Sim, acredito que sim...

Eu gostaria de fazer mais perguntas, mas sabia que podia alarmar a jovem. O que menos necessitava, naquele momento, era que ela pensasse que eu havia perdido a cabeça; já estava com problemas demais. Supunha que em algum momento eu acordaria daquele pesadelo.

— Obrigada, Esme.

A jovem sorriu e se dirigiu à porta.

— Tome o café da manhã; fará bem! — Ela ficou em silêncio. — O seu pai era um bom homem. Todos gostávamos dele. Ele defendeu os aldeões que trabalhavam as suas terras, e jamais lhes exigiu mais do que pudessem dar, sempre os ajudou. A sua tia... é diferente.

Ela partiu.

Tapei o meu rosto com ambas as mãos. Por que a mim? Era muito real o que me estava acontecendo. Levantei-me da cadeira, abri o armário. Havia muitos vestidos, todos eles, com bonitas cores e de corte medieval. Decidi-me por um vermelho, com bordados dourados. Coloquei-o sobre a cama. Era lindo. Vesti-me. Servia-me perfeitamente. As suas longas mangas cobriam metade da minha mão. Possuía um discreto decote e uma fita dourada ajustava-se na cintura. Tive dificuldades para apertá-lo, era impossível, na parte de trás havia uma série de botões. Decidi esperar que Esme

retornasse para retirar o café da manhã, para que me ajudasse. Peguei uma sapatilha, muito simples, que havia no interior do armário. Era de couro suave, agarrava-se à pele, era decorada com bordados dourados. Olhei-me no espelho e penteei o meu cabelo liso, que caía até metade das costas. Quando acabei fui olhar pela varanda. Vi que um homem chegara, o qual, de um salto, desceu de seu cavalo negro, dando as rédeas de seu animal para um rapaz, que havia acudido, rapidamente, ao seu encontro. Aquele cavaleiro me impressionou: era forte, alto; o seu cabelo negro, ondulado, balançava, tal como a sua capa escura, com a brisa da manhã. Usava cota de malha sobre um gibão; sobre este, uma camisa metálica. A capa, que lhe caía até aos tornozelos, era preta e branca. Segurava em uma mão, as luvas que retirara, assim que desceu do cavalo, e usava um cinturão de couro negro ao qual estava amarrada a bainha de sua espada. Desapareceu.

Segundos mais tarde, Esme bateu à porta.

— Senhorita! O cavaleiro que a salvou veio para ver como está. Vai acompanhar sua tia e a senhorita ao castelo do conde Oton. — Observou o meu vestido. Dirigiu-se para mim e veio apertá-lo, diretamente, sem que eu tivesse dito nada.

— Obrigada, Esme.

— Está muito bonita! Desça já! Sua tia e o senhor a esperam.

— Esme, por favor, leve-me até onde estão. Receio ficar tonta — menti.

— É claro! Sabe? O conde de Essex é..., bem..., o que é uma pena que já esteja comprometida!

— Comprometida? Não, Esme, não penso em me casar com esse capitão. — Sorriu diante a minha resposta.

Atravessamos uma galeria escura repleta de retratos, descemos algumas escadas e chegamos a uma pequena sala de espera. Esme foi até uma porta de madeira, olhou-me. Intuí que chegáramos.

— Obrigada, Esme — sussurrei.

A moça desapareceu e ali eu fiquei, diante de uma situação totalmente desconhecida, assustada. Abri a porta. Observei como o cavaleiro, assim que escutou o ruído, se voltou para onde eu estava e depois minha tia fazia o mesmo. Esta se adiantou e veio ter comigo.

— Por fim chegou, Beth! Venha querida.

Os meus olhos não se afastavam daquele homem que estava em frente a mim. Era muito bonito, moreno, muito alto. Os seus grandes olhos verdes estavam fixos em mim. O seu semblante era sério.

— Elisabeth, este é o conde de Essex. Foi ele quem a ajudou, depois de sua queda.

Agarrou-me pela mão. Aquele toque me fez estremecer. As suas robustas mãos envolviam a minha. Inclinou-se e a beijou. Olhou-me.

— Como se encontra?

— Muito melhor. Obrigada.

— Recorda-se do que aconteceu?

— Não, a minha sobrinha não se lembra de nada. —
minha tia se adiantou a responder.

Ele levou a mão com a qual segurava as suas luvas ao punho de sua espada. Foi então que me dei conta, que nela, havia duas espadas negras que se cruzavam sobre um fundo branco, o emblema que aparecia em meu sonho. Assustei-me. O que estava acontecendo? Observei-o assustada. Ele deve ter percebido que algo não estava bem.

— Aconteceu alguma coisa, está bem?

— Estou bem..., obrigada.

— Querida, o cavaleiro se ofereceu para nos acompanhar ao castelo do conde. Há muitos ladrõezinhos pelo bosque e pensou em nossa segurança. Vou avisar os rapazes, para que levem a nossa bagagem à carruagem. — Olhou para o conde.
— Em seguida partiremos, cavaleiro.

Dito isto, a minha tia partiu, e fiquei a sós com o desconhecido que usava, no punho de sua espada, o mesmo símbolo que o cavaleiro de meus sonhos.

A sua presença me intimidava. Era diferente de qualquer jovem com o qual eu estava acostumada a lidar.

— O meu nome é Kimball.

— Muito obrigada por me trazer até aqui. A verdade é que não me recordo do que aconteceu.

— Deu um bom golpe na cabeça. Surpreende-me vê-la em pé. Imaginava-a na cama.

— Embora esteja morrendo de dor, duvido que conseguisse repousar. Sou inquieta; preciso fazer alguma coisa.

Sorriu diante da minha resposta.

— Assustei-me; pensei que estava morta.

— Acredite que eu também...

— Fico contente de que não seja assim e que eu tenha
chegado a tempo de salvá-la.

IV

— Mildred!, não precisa se casar com o conde.

Olhou-me. A sua expressão era de resignação.

— Kimball, devo fazê-lo. Meu irmão, sabe que é o meu dever.

— Conto com o apoio do rei Ricardo. Se ele desaprovar este matrimônio, o seu irmão João não terá mais remédio que acatá-lo. Vou escrever para ele; não me negará esta petição.

— Agradeço-lhe isso, mas já tomei uma decisão. Não estou disposta a fazer o nosso pai sofrer.

Aproximei-me dela. Gostava daquela juvenzinha de grandes olhos azuis. Amava-a. O que menos desejava era a sua desgraça. Segurei-a com suavidade pelos ombros.

— Irmã, pense bem. Não temo nada, nem ninguém, você sabe. Estaria disposto a enfrentar quem quer que seja, até o próprio rei João se fosse necessário, se isso a fizesse feliz.

— Sei, mas está decidido. Além disso, o conde passa longas temporadas fora de suas terras; isso fará com que eu tenha muitos momentos para mim.

Atraí ela para o meu peito. Beije-i-a em sua loira cabeleira.

— E você? O que vai fazer? Papai me disse que queria voltar para as cruzadas.

— Sim, mas esperarei para ver como evolui a nossa mãe. Não quero deixá-los sozinhos neste momento tão delicado.

— Não pensa em se casar, Kimball? Há muitas jovens que estariam desejosas de contrair matrimônio com você. Vi como o olham. É muito bonito, irmão, e muito nobre. Qualquer mulher gostaria de ter você como marido. Quem dera o conde fosse como você!

— Você exagera. — Ambos rimos de seus comentários.

Jamais me casaria: eu possuía um espírito livre, aventureiro. Esse fora o motivo pelo qual fui combater nas cruzadas. Não era homem de casamento, nem de uma só mulher.

Saí dos aposentos de Mildred; precisava respirar. O torneio seria no dia seguinte, e em algumas horas teria lugar o baile. Detestava aquelas festas, embora tivesse de reconhecer que naquela ocasião, havia uma mulher que captava a minha atenção. A mesma jovem que eu havia encontrado ferida e inconsciente, no caminho. Assustei-me ao ver o corpo da bonita moça, no chão. Não respondia a nenhum estímulo. Pensei que estava morta. Era muito bela. A sua forma de agir me atraía. Não era uma mulher muito típica; mostrava-se distante, como se ocultasse ou temesse algo.

Desci as escadas. Precisava pegar o meu cavalo e cavalgar. Havia muitos convidados no castelo e o que eu menos desejava, naquele momento, era me encontrar com o conde Oton.

Fui às quadras e subi com rapidez no lombo de meu animal. Depois saí a galope. Meti-me naquele bosque cheio de lendas e mistérios. Sentia a umidade do ambiente penetrar por todos os meus ossos. A profundidade do bosque não terminava. Saí para uma planície e, dali, avistava-se a colina Glastonbury e, no seu topo, a capela. Dirigi-me para lá a grande velocidade. De repente a vi: era ela.

Que fazia a jovem ali? Não se dava conta de que era perigoso que uma moça tão bonita andasse sozinha por aqueles bosques e pradarias? Além disso, ainda não estava recuperada, disso a sua tia me assegurara. Detive o animal em seco. Ela nem se alterou; continuava ensimesmada em seus pensamentos.

— Pode se saber o que você faz aqui? — eu perguntei.

Olhou para mim.

— Pergunto o mesmo ao senhor.

— Não se dá conta de que é arriscado?

— Sinto mais medo dos homens que estão reunidos no castelo do que destes bosques.

— Ah, ah, ah. Nisso lhe dou razão. Para onde se dirigia?

— Ia sem rumo. Precisava pensar.

— Então virá comigo.

Sem pensar, inclinei meu corpo, agarrei-a pela cintura e a puxei para o lombo de meu cavalo, bem diante de mim.

— O que faz? Você é um selvagem! — Ri diante da sua reação.

— Não sei o que o faz achar tanta graça. Desça-me!

— Quando chegarmos ao lugar que quero que veja. Além disso, não penso em deixá-la sozinha. Vejo-me na responsabilidade de protegê-la.

— Não preciso de ninguém que vele por mim. Sei cuidar de mim, sozinha, obrigada.

Sorri. A forma de falar daquela mulher era muito particular. Nenhuma dama de sua classe ousaria responder assim para um cavaleiro. Eu gostava. Sempre admirei a valentia e a determinação em uma dama, algo que nunca havia encontrado, apesar de ter estado com muitas mulheres.

— Não duvido. Ah, ah, ah!

Em frente a nós, estava a colina. Nos aproximamos do sopé desta. Detive o animal, desci de um salto e, sem pensar, peguei a dama pela cintura e a baixei.

— Você é sempre assim, com as mulheres?

— A que se refere?

— A que, sendo senhor de um castelo e de terras, as suas maneiras deixam muito a desejar.

— Elisabeth, sinto tê-la ofendido, mas me vi na obrigação de agir deste modo. — Ela sorriu ante o seu comentário. — Depois do que lhe aconteceu, não posso deixá-la perambulando sozinha pelo arvoredor.

— Aonde me leva?

— Para lá. — Assinalei o topo da colina. — Lá de cima há uma vista espetacular.

— Não pensa que vou subir a andar até lá?

— Sim, claro que penso, a não ser que não se veja capaz, nesse caso... — Não me deixou continuar.

— Claro que sou capaz, conde de Essex.

— Kimball. — Interrompi-a.

— Kimball, mas há um baile e minha tia insistiu que não me demorasse muito, preciso retornar. Apenas saí para respirar ar puro; preciso pensar.

— Hum...! Tem razão. Levarei você, se me prometer que amanhã, depois do torneio e da grande festa, me acompanhará até este lugar. Quero mostrá-lo a você. Há muitas lendas sobre dele; você vai gostar de chegar ao topo.

— De acordo, embora não seja necessário que me acompanhe agora. Sei o caminho de volta.

— De onde você saiu? — Ri-me diante de sua resposta. — Sou um cavaleiro, jamais deixaria uma dama sozinha.

Eu gostava dela.

Cavalgamos em direção ao castelo. Rodeava-lhe a cintura com o meu braço.

Quando chegamos, ela ficou observando o emblema gravado no punho de minha espada.

— O que significam essas espadas? — ela me perguntou.

— São o símbolo de minha família. Representam o condado de Essex. O seu significado é a honra e liberdade. — Olhou-me com intensidade nos olhos, mal pestanejava. — Por que pergunta?

— Nada..., por nada, simples curiosidade.

— Beth! — Era a sua tia.

— Muito obrigada..., Kimball, preciso ir. — Observei como ela se afastava.

Decidi ir ver Mildred antes do baile. Intuí-a que devia estar muito nervosa.

Ela ainda não vira o seu futuro esposo e isso aconteceria na festa, na qual seria apresentada como sua prometida.

Atravessei o pátio de armas e me introduzi por uma das portas da parte ocidental, através das quais se acessava ao segundo andar. Ali se encontravam meus aposentos e os de minha irmã.

Subi as íngremes e estreitas escadas em caracol até chegar a uma galeria escura e com retratos de antepassados. Detive-me em frente aos aposentos de minha irmã. Bati à porta, Mildred a abriu com os olhos cobertos de lágrimas e o rosto pálido.

V

— Pode se saber onde você estava? E o que fazia com o conde de Essex? Seu comportamento deixa muito a desejar, senhorita. Está comprometida com o capitão Alexander e, apesar disso, passeia sozinha com o conde. Além disso, é conhecido por todos, o enfrentamento que há entre ele e o capitão. E se ele chegar a vê-la... Prefiro não pensar no que poderia acontecer.

Aquela mulher não parava de falar e estava começando a me cansar dela, sempre recriminando meu comportamento. Eu, que sempre fiz o que quis, precisava aguentar, nesse momento, suas reprimendas.

— Tia, precisamos falar desse suposto enlace matrimonial.

— Suposto? Agora me vem com isso! — Acelerou o passo. — Está tudo decidido, senhorita mal criada. Agora se apresse, tem que se arrumar para o baile.

Adiantou-se. Eu estava atrasada. Nesse momento um menino captou minha atenção.

Seus olhos negros estavam fixos em mim. Possuía uma espada e um escudo. Seu olhar era triste. Sentia que ele queria me dizer algo. Não falava; somente me observava.

— Beth! — O grito de minha tia fez com que me centrasse nela.

Não sabia como conseguiria suportá-la!

Subi as escadas com rapidez. Entrei no quarto. Somente queria perder de vista aquela mulher. Fechei a porta e me apoiei sobre ela. Suspirei. O que estava acontecendo? Eu não entendia nada. Queria despertar, já! Deitei-me sobre a cama e tapei meu rosto com as mãos. Não consegui reter as lágrimas. Nesse momento alguém se aproximava do quarto, era Esme.

— Venho ajudá-la. — Olhou-me. — O que aconteceu, senhorita? — Ela se aproximou da cama.

— Nada, Esme, obrigada.

— Não acredito em você. Já não tem confiança em mim?

— Esme, não me lembro de nada.

— É normal, já disse o doutor. — Pegou uma cadeira e se sentou a meu lado. — Seu pai não gostaria de vê-la assim.

— Meu pai?

— Sim, ele a amava muito.

— O que lhe aconteceu? Esqueci.

Sorriu-me com doçura.

— Possivelmente se eu contar você se lembre. Não diga nada a sua tia. Todo o assunto sobre seu pai está vetado.

— Por quê?

— Sua mãe... morreu, mataram-na. Ele a amava. Ela se chamava Ceridwen. Você se parece muito com ela.

Eu? Por que eu não despertava daquele pesadelo, agora?

— Nenhum amigo de seu pai viu bem o casamento. Interpretaram-no como uma ameaça e uma provocação. Uma

noite sua mãe apareceu morta no bosque. Estava com uma adaga fincada no coração.

— Meu Deus! E ele?... Refiro-me a meu pai.

— Seu avô, que descanse em paz, expulsou-o das terras de seus antepassados. Sua tia nunca se casou e jogou a culpa de tudo isso, em seu pai. Isolaram-se.

— Para onde foram?

— Não sei. Quando seu pai apareceu pelo castelo, seu avô acabara de morrer. Seu pai estava muito doente e foi sua tia quem se encarregou de você. Ele lhe deixou uma carta para quando atingisse a maior idade. — Guardou silêncio. — Aquela manhã em que teve a horrível queda acabara de lê-la; vi-a sobre a cama ao entrar em seu quarto. Não sei o que seu pai dizia nela, mas o que posso lhe assegurar, sim, é que sempre que a lê, seu rosto fica pálido e seu semblante se entristece.

— Onde está essa carta? — eu perguntei.

VI

— Pode-se saber o que é que acontece, Mildred?

Aproximei-me dela e a rodeei com meus braços.

— Esse homem me dá medo.

— Ele não lhe fará mal: eu o matarei se a tocar. Não precisa se casar!

— Sim, irmão, preciso fazê-lo. Nosso pai conta com isso, igual a mamãe.

— Mamãe?

— Sim, me fez prometer que obedeceria em tudo a nosso pai; isso incluía, também, minhas bodas.

— Não deveriam obrigá-la.

— O conde Oton sabe como conseguir o que quer. Papai teve medo. Esse homem...

— Esse homem, o quê?

— É cruel, ameaçou-o.

— Como o ameaçou?

— Não sei. Há algo no passado de nosso pai, que esse homem sabe, não me explicou o quê. Nossa mãe também tem conhecimento disso. Ele quer ficar com nossa herança.

Esse comentário me intrigou e me preocupou. O que seria que ele escondia?

— Odeio-o! — eu gritei. — Jamais ficará com nossas terras enquanto eu viva! Não vai se casar com ele.

— Sim, dei a minha palavra e cumprirei.

— Ainda está em tempo de voltar atrás: falta um mês para as bodas. — Beije-a na bochecha.

Não entendia como meu pai, um homem valente que sempre pregara seu amor pela liberdade, aceitava a chantagem daquele pulha. Eu estava preocupado com a felicidade de minha irmã. Era uma moça bonita que podia ter ao homem que quisesse. Desci as escadas com ela. Era o momento do jantar e do baile.

Ao chegar à sala, por instinto, espreitei em todas as direções em busca de Elizabeth. Não a vi. Sentia curiosidade por aquela mulher. Havia algo nela que me atraía desde o primeiro momento em que a havia visto, indefesa e estendida no chão. Intuí que havia algo que a preocupava.

O conde nos viu e centrou seu olhar em minha irmã. Sentia nojo somente ao pensar que ele podia tocá-la. Ele era muito mais velho que ela, aproximava-se mais da idade de meu pai, do que a de Mildred. Seu cabelo branco e sua barba, da mesma cor, estavam sujos. Era forte, com uma proeminente barriga. Notei que ela ficava tensa em sua presença.

— Querida, está linda! Kimball! — Ele me olhou com interesse. Já parou de brincar nas batalhas?

— Consideram-nas brincadeiras, somente aqueles que jamais lutaram por um ideal; assim, são como aves de rapina, esperando para se apropriar dos frutos alheios.

— O que está insinuando? — Seu rosto ficou tenso.

— Cavalheiros!

Grace nos interrompeu. Fazia muito tempo que não a via. Sorriu-me.

Tivemos um idílio, antes que ela contraísse matrimônio, que para mim, igualmente para a jovem, significou uma aventura. Isso foi antes de que me inteirasse de que o conde era seu tio, momento no qual decidi que o flerte havia terminado. Estava muito bonita.

— Kimball! Quanto tempo! — Seus intensos olhos azuis se cravaram nos meus. Depois olhou para o conde. — Querido tio, agradeço seu convite à festa. Se me permitirem vou roubar o jovem guerreiro.

Afastou-me deles. Vi o olhar de medo nas pupilas de minha irmã. Deixava-a sozinha com aquele homem desumano.

— Não sabia que já havia voltado das cruzadas. Que alegria vê-lo! Continua tão bonito como sempre; e mais, a passagem dos anos o favorece.

— Ora,ora,ora! Sempre tão direta! Está linda. Que tal sua vida de casada?

— Se eu lhe contar... Muito sozinha. Philip está mais no mar do que em nosso lar. — Olhou-me, — Sinto falta de você.

— Grace, sabe que o nosso caso terminou; além disso, jamais seria o amante de uma mulher casada. — Pisquei-lhe um olho. — Sou um homem de princípios, você sabe.

— Que pena! Como nos dávamos bem! — Piscou-me um olho ao recordar os velhos tempos. Segurava minha mão com força.

— Ora, ora, ora!

Enquanto eu falava com Grace observava Elizabeth disfarçadamente. Vi que ela se dirigia para o jardim. Era impossível que a jovem pudesse passar despercebida para os homens ali presentes; de fato, observei como Alexander, amigo do conde Oton, analisava-a e seguia seus passos. A presença do capitão me repugnava: era mulherengo, cruel e frio. Que interesse teria na moça?

Desde que eu a salvei, considerava-a minha propriedade; estava sob meu amparo, sentimento absurdo, já que ela não era nada minha, mas sentia a necessidade de estar perto da jovem, a todo momento.

— Grace, desculpe-me um momento? Prometo retornar em seguida e continuar com nossa conversa. — Sorri para ela.

— Só se der sua palavra de que me reservará a primeira dança.

— Combinado.

Peguei sua branca mão entre as minhas e a beijei.

— Em seguida estarei com você.

Fui para o jardim em busca de Elizabeth. A música das gaitas de fole e das flautas era escutada no exterior. Minha irmã havia desaparecido da sala.

Entre tanta gente resultava difícil localizá-la. O conde Oton começara a beber vinho, igual ao resto dos comensais.

Fui até o jardim. Ali estava ela, sentada em um banco de pedra, e junto à moça, estava Alexander. Aproximei-me. Esse capitão só me infundia asco.

Precisava afastá-lo dela.

Escutei sua conversação.

— Enfim se dignou a aparecer! — disse Alexander.

— Não sei quem é você, cavalheiro — ela respondeu, se endireitando e se afastando alguns passos daquele homem.

— Não se faça de desentendida. Sua tia me disse que já lhe comunicou nosso enlace.

— Enlace? Não tenho nenhuma intenção de me casar, pouco me importa o que minha tia tenha lhe dito.

Casar-se? Estava me divertindo.

— O que diz? Como se atreve? — disse ele aproximando-se dela.

— O que ouviu, cavalheiro! Não sei o que minha tia lhe prometeu, mas minha intenção é não me casar com ninguém, e menos ainda, com você.

Ele se aproximou e a pegou pelo braço, com violência. Puxei minha espada e com grandes passadas me posicionei atrás dele. Coloquei a ponta de meu aço em seu pescoço.

— Solte a dama!

— É minha prometida! Posso direitos sobre ela.

— Você não tem nenhum direito sobre mim! — respondeu a jovem.

— Já a ouviu, assim, eu lhe ordeno que a solte. Se não, serei forçado a matá-lo, capitão.

Olhou-me com ódio, e soltou-a. Suas bochechas se tornaram vermelhas pela ira acumulada.

— Pagará por isso, conde!

Olhou a jovem com ódio e partiu. Embainhei minha espada.

— Já é a segunda vez que a salvo!

— Ninguém lhe pediu. Sei me defender sozinha.

— Não duvido. — Gargalhei diante sua resposta. — Você me intriga, Elisabeth. Não é uma mulher como as demais. Nenhuma dama ousaria enfrentar um homem da maneira que você faz, e menos ainda, se for seu prometido.

— Não é meu prometido; ninguém me consultou!

— Os matrimônios não são consultados, são negociados.

— Pois comigo não se negocia. Não sou uma propriedade, nem algumas terras. Ninguém me vai impor um marido à força.

Cruzei os braços e a observei. Eu gostava da jovem.

— Por que não entra no salão?

Ela baixou o rosto.

— Se eu for sincera, sinto-me desconfortável. Eu não gosto das festas.

— Ora, ora, ora! Coincidimos nisto.

— Agradeço-lhe muito ter intervindo com esse homem, mas lhe rogo que me deixe sozinha. Além disso, acredito que uma jovem o espera no salão. Vi você muito bem acompanhado.

— Então você esteve me espiando...

— Não se equivoque, somente o vi.

Sentia a necessidade de beijá-la; desejava-a. Fui me aproximando dela. A jovem retrocedeu, até que topou com uma árvore. Ficou quieta. Apoiei minhas mãos no tronco, seu rosto ficou no meio delas.

— Curiosidade, possivelmente? — perguntei-lhe.

— Nem isso. Não se confunda. Resulta muito fácil vê-lo devido a sua grande altura; é difícil não distingui-lo.

Meus olhos estavam fixos em suas pupilas. Nossos rostos estavam muito próximos.

Ela estava nervosa, e eu a desejava cada vez mais.

— O que pensa fazer, Kimball?

Nesse momento se escapuliu e se afastou. Dispunha-se a partir, puxei-a pela mão com força, e a atraí até mim. Caiu sobre meu peito. Sentia sua pele suave e o pulsar de seu coração. O que me acontecia com Elizabeth? Sentia uma atração forte, algo que jamais senti por nenhuma outra.

— Irá me conceder uma dança?

— Eu não gosto de dançar; terá que se conformar com a senhorita com a qual estava.

Gargalhei.

Empurrou-me e saiu correndo para o interior da sala. Ali fiquei eu, observando-a. Era uma ferazinha. Desejava tê-la entre meus braços e sentir a suavidade de seus lábios sob os meus.

VII

Meu coração pulsava rapidamente; esse homem me atraía como nenhum outro fizera até o momento.

Sentia minhas bochechas arderem. Minha tia estava se aproximando de mim. Eu sabia que não era sua intenção ser carinhosa comigo.

— Pode-se saber onde você se meteu? O capitão está muito ofendido com você.

— Não me interessa por aquele capitão!

— Desconheço-a, Beth. Falaremos depois. — Estava séria, zangada.

Dizendo isto ela partiu, algo que agradei.

— Vou dançar com minha futura esposa. — Era um ser repugnante. Estava bêbado.

A música começou a soar e aquele homem segurou minha mão com força.

— Deixe-me! Não quero dançar com você.

— Você é minha prometida e o fará.

Levou-me à força para o centro da pista. Machucava-me. Eu sabia que se negasse ficaria mais enfurecido; era agressivo.

— Não sei dançar isto — eu sussurrei. — Se não quiser que sejamos o centro de atenção e das risadas entre os comensais, é melhor que não me obrigue a dançar.

— Precisa aprender! Minha esposa deve saber dançar. Siga-me! Não é muito difícil.

A dança era um pouco absurda: um passo para a frente e outro para trás. Se minha mãe tivesse me visto, não acreditaria. A música estava parecendo uma eternidade e me resultava asqueroso o contato com a mão suarenta daquele homem. Sua barba era abundante, seu olhar obscuro e seu fôlego cheirava a álcool.

— Estou desejando me casar com você. E vou domá-la.

— Nem em sonho! Já lhe disse antes e o volto a repetir.

— Ora, ora, ora! Veremos. Será minha, mesmo que seja à força.

A música cessou. Enfim! Alexander fez intenção de me agarrar outra vez, mas nesse momento Kimball pegou minhas mãos entre as suas e me aproximou a ele. Alexander não soube nem como reagir.

— É minha vez — disse Kimball para Alexander. Depois me olhou para concentrar-se na dança e me sussurrou. — Acredito que seu prometido me odeia.

— Ele não é meu prometido!

— Pois não é isso o que ele pensa.

— Isto é um pesadelo! — Ela disse.

— Por que diz isso?

Sentia-me muito ridícula dançando assim. Com isso lhe dei um pisão. Ele me olhou e arqueou as sobrancelhas surpreso.

— Sinto muito. — Mas justamente quando acabava de lhe pedir perdão lhe pisei no outro pé.

— Ora, ora, ora! De onde você saiu, Elisabeth? Jamais me pisaram tanto nos pés como você está fazendo nesta dança.

— Eu não gosto desta dança; além disso, jamais dancei isto.

Ele arqueou as sobrancelhas. Era muito atraente.

— Siga-me, deixe-se levar.

Quem não se deixaria levar por aquele homem! Era alto, forte e bonito, e me abandonar em seus braços não me resultava nada difícil. Notava como me olhava nos olhos. Com acanhamento o observava. Ele sorriu.

— Está muito bonita nesta noite.

— Você tampouco não está nada mal, cavalheiro.

Diante do meu comentário ele soltou uma gargalhada.

— É descarada, orgulhosa, valente, pouco convencional. Mas... sabe de uma coisa?

— Depois de todos os galanteios que acaba de me dizer, estou desejando saber o que é que dirá a seguir.

— Que eu gosto!

Ruborizei-me, o fato de escutar aquilo me fazia sentir envaidecida. Algo fez com que ele desviasse o olhar. A música terminara.

— Perdoe-me, Elisabeth, preciso ir falar com minha irmã.

Observei como ele se afastava; seu corpo atlético e forte avançava com grande agilidade entre os comensais. Suspirei. Nesse momento meu olhar se encontrou com o daquele odioso capitão: ele segurava uma jarra de cerveja. Levantou-a

para onde eu estava e desapareceu de minha vista. Decidi subir para meu quarto. Voltei a olhar para onde Kimball estava. Ele encontrou-se com a prometida do conde Oton, e os perdi de vista. Escapuli-me entre a gente. Saí da sala. Nesse momento notei como apertavam com força meu antebraço, vi-me forçada a me virar: era Alexander. Outra vez aquele homem!

— Vou falar com sua tia para adiantar as bodas.

— Pouco me importa o que diga minha tia, capitão. Sou uma mulher livre e tomei uma decisão com respeito a esse assunto.

— Você é minha!

Atraiu-me para ele e tentou me beijar. Ele me repugnava. Dei um chute na canela dele. Minha reação inesperada fez com que ele me soltasse, naquele instante aproveitei para correr para as escadas que conduziam ao primeiro piso, onde se encontravam os quartos, meu e de minha tia, entre outros, dos convidados. A galeria do primeiro piso estava muito escura. Corria olhando de vez em quando para trás, se por acaso aquele homem me perseguia; enquanto avançava me assustei.

Justamente ao final do corredor havia uma figura humana, um menino, imóvel, com um candelabro em uma de suas mãos. Parei. Meu coração pulsava com rapidez. Era o menino que eu vi no pátio de armas. Fui me aproximando dele, devagar.

Estava sério, de pijama; não falava; olhava-me intensamente, depois que pestanejava. Eu estava na frente dele.

— Quem é? O que faz aqui?

Ele não respondia.

— Ao menos, poderia me dizer seu nome?

Escutei ruídos no fundo do corredor. O menino me olhou, aproximou-se de mim e desenhou no ar as letras de seu nome.

— Eamon!, esse é seu nome?

Voltei a escutar ruídos. Girei meu rosto para observar. Ao voltar a olhar o lugar onde o menino estava, este já não se encontrava ali. Onde se metera? Apressei-me a entrar em meu quarto e fechar a porta. Coloquei várias cadeiras bloqueando a maçaneta da mesma, para que ninguém pudesse entrar. Estava cansada. Os passos se aproximavam lentamente em direção a meu quarto. A maçaneta virou muito devagar. Temi que conseguisse entrar, deteve-se e quem quer que fosse se afastou dali. Eu estava com as pulsações muito altas; estava assustada. Quem era a pessoa que estivera no outro lado da porta? O capitão? Sentei-me na cama e comecei a chorar. Estava vivendo um pesadelo, e o pior de tudo, era que não sabia como sair dele. Bateram à porta.

— Senhorita Elisabeth! Sou Esme.

Fui tirar as cadeiras. Ela entrou. Ficou me olhando sem pestanejar.

— O que a ocorre? Está chorando?

— Sinto-me cansada. Não se preocupe. — Deitei-me na cama. Esme se sentou a meu lado.

— Sua tia me disse que a procurasse e a obrigasse a descer à festa.

— Não vou, Esme. Se a vir, diga-lhe que me encontro mal.

Observava-me. Levou a mão ao bolso e extraiu um papel. Deu-me aquilo.

— Recorda-se do que eu lhe disse. Quando você partiu naquela manhã, a carta de seu pai caiu. Guardei-a em meu bolso. Tome. Pertence a você.

— Muito obrigada, Esme.

— De nada, senhorita. Descanse.

Dizendo isto, ela partiu. Voltei a recolocar as cadeiras bloqueando a entrada da porta. Deitei-me na cama e comecei a ler.

Querida filha:

Quando ler esta carta, já não estarei junto a você, para protegê-la e explicar muitas coisas sobre seu presente e seu futuro. Sua mãe, Ceridwen, era a filha secreta de uma camponesa e do conde Agnew. Essas mulheres estão proibidas de se apaixonar e se casar com homens, como seu avô. A família de sua mãe manteve este segredo oculto até que ele foi descoberto. Seus avós a consideraram uma filha do mal. Imagine o que isso significa.

Sua mãe se viu forçada a fugir de seu lar. Aí foi quando eu a conheci e soube do perigo que sua vida corria.

Apaixonamo-nos e, fruto desse amor, nasceu você. Ela foi assassinada.

Ceridwen temia por sua vida. Fez-me prometer que, se algum dia lhe acontecesse algo, ocultaria você do mundo, já que você, minha princesa, também correria perigo; por esse motivo a levei a casa de sua tia, para a proteger.

Sua mãe, um dia antes de morrer, disse-me estas palavras para que eu lhe escrevesse isso: “minha filha, haverá um momento no qual sua vida se verá ameaçada. Chegando este dia, deve fugir às Terras Altas, à ilha Maree, e procurar o castelo do conde Agnew. Diga meu nome e que é minha filha. Ele é seu avô. Protegerá você. Não confie em ninguém. Deverá decifrar a mensagem do tempo em que viverá. Faça justiça. Lá você saberá ao que me refiro”.

Quero-te muito, minha filha. Nunca esqueça. Espero que algum dia possa nos perdoar.

Dobrei aquela carta. “Decifrar a mensagem do tempo”. Que mensagem? O que faltava! Mais incógnitas. Então recordei meu sonho e a mensagem que repetia uma e outra vez a camponesa: “Você é essa mulher”. Meu Deus! O que estava acontecendo? Não entendia nada. Queria retornar à minha vida em Londres, com minha querida amiga Ann. Devia ser um sonho. Iria à cama e, possivelmente, no dia seguinte, quando despertasse, voltaria a estar em meu apartamento alugado.

Deitei-me e voltei a rememorar todas as sensações que Kimball me fizera sentir. Daquele guerreiro eu gostava. Cada vez que ele me olhava, um calafrio percorria todo meu corpo.

Os tambores e as gaitas de fole me despertaram. A luz penetrava pelo pequeno balcão de meu quarto. Tapei o rosto com os lençóis, depois recordei onde eu me encontrava. Abri os olhos, destapei-me e observei a meu redor, continuava ali. Levantei-me. Por que tanto barulho? Todos os cavaleiros estavam embelezados com suas armaduras. Haveria um torneio. Distingui Kimball como um guerreiro. Como estava bonito! Escondi-me atrás das cortinas, para analisá-lo sem ser vista. Usava uma cota de malha cinza, que lhe chegava acima dos joelhos e um escudo para o proteger dos golpes. Seu cabelo negro, ondulado, balançava-se com a suave brisa da manhã. Ele se virou, e a dama com a qual ele estivera na noite anterior se aproximou dele. Ele embainhou sua espada e foi ao encontro da mulher com um sorriso desenhado em seu rosto.

Bateram à porta. Fui tirar todas as cadeiras que bloqueavam a fechadura.

— Ainda está assim? — Era Esme. — Sua tia está procurando você. Não está de muito bom humor.

— Como sempre, desde que chegamos aqui não a vi sorrir nem um só momento. Que mulher mais amargurada!

Esme me olhou séria.

— Não se preocupe, Esme, visto-me agora mesmo e desço em seguida.

— Seu vestido está no armário; já sabe, o branco com cintas douradas.

Praticamente expulsei a donzela. Deixava-me nervosa que estivessem tão preocupados comigo. A carta de meu

suposto pai estava na mesinha ao lado da cama. Uff! Abri as portas do armário e ali vi um vestido longo, de mangas longas e de cor branca. Seu acabamento, a cintura e a saia do vestido, estavam enfeitados com uma cinta dourada. Possuía um grande decote. Dava-me a sensação de que me disfarçaria. Era lindo. Eu, que sempre me vestia com jeans, precisava me meter naquele traje bonito, mas, afinal de contas era um vestido.

A música de tambores e gaitas de fole, cada vez, era mais intensa. Havia um ambiente de festividade e diversão. Peguei a carta e a guardei no amplo bolso do vestido. Estava com um problema: era impossível abotoar aquilo até em cima. Nesse momento sim sentia falta de Esme. Enfim, teria que sair com parte das costas descobertas. Menos mal que meu cabelo tampava aquilo.

Esme deixara uma tiara para que eu colocasse na cabeça. Estava adornada com pequenas flores brancas, e uma fita vermelha que caía pelo cabelo. Observei-me em um pequeno espelho. Não parecia eu: estava transformada, como se fosse a protagonista de um dos filmes de época que eu tanto vira no cinema.

Saí do quarto. Desci as escadas até chegar ao grande pátio onde os cavaleiros estavam se preparando para o combate no torneio. Os convidados se posicionaram em grandes degraus ao redor da cancha. De repente, todo mundo guardou silêncio e um homem começou a falar. Eu tinha a intenção de aproveitar esse instante para fugir dali. Na noite anterior havia tomado a determinação de partir para as

Terras Altas. Precisava encontrar respostas para tudo o que estava me acontecendo.

Em meu intento de fugir, vi minha tia, olhava para todas partes. Sabia que ela estava me procurando. Enquanto eu estava concentrada em me esconder dela, para que ela não se desse conta de minha presença, percebi como todo mundo virava seus rostos na direção para onde eu estava. O que estava acontecendo? Por que me olhavam?

Então vi que um soldado se aproximava de mim e me oferecia seu braço. Os convidados me observavam. Meu intento de escapar havia fracassado. Aquele homem me acompanhou até um camarote, e me sentei junto com outras damas. A meu lado estava a irmã do guerreiro. A situação me superava: sentia-me examinada e o centro das atenções, algo que eu detestava. Kimball se aproximou até o lugar onde eu me encontrava, montado em seu cavalo. Usava sua armadura, seu símbolo sobre os ombros, o escudo em uma mão, e na outra, segurava uma lança, em cuja ponta havia enganchado um lenço branco, de seda. Seus olhos verdes contrastavam com a pele dourada e o cabelo negro. Inclinou sua cabeça para onde eu estava. Olhei a meu redor, já que supunha que essa saudação não seria para mim.

Ele, ao ver minha reação, sorriu e levantou sua lança.

— Estou competindo por você. Serei seu cavaleiro na batalha. Apontou sua lança para onde eu estava.

Eu não sabia o que era o que eu devia fazer. Sentia-me ridícula.

— Tem que agarrar o lenço — Sua irmã me sussurrou.

Obedeci, levantei-me e peguei o lenço branco. Ao tato era muito suave e cheirava muito bem. Ele voltou a inclinar sua cabeça e me sorriu.

— Levante-se e incline a cabeça! Sorria um pouco — voltou a sussurrar sua irmã.

Levantei-me precipitadamente e fiz tudo o que ela me disse. Kimball se afastou e se posicionou em um extremo do campo.

— Já pode se sentar. — A jovem puxou meu vestido e olhou-me.

Era muito bonita. Alexander passou diante de mim e seu olhar era de ódio, ao menos assim me pareceu. Ele se posicionou no extremo oposto de onde estava Kimball. Aquilo me desgostou. Aquele capitão, tosco e bárbaro lutaria contra meu cavaleiro.

— Fique tranquila — disse-me a jovem, — meu irmão é um grande guerreiro. Esteve em muitas batalhas e lutando ao lado do rei Ricardo desde muito jovem. Sabe brigar e se defender muito bem. — Sorriu-me, devolvi-lhe o gesto. — Alguma vez esteve em um torneio?

— Não. Obrigada por me dizer o que precisava fazer.

— É estranho que uma jovem de sua posição tenha estado afastada de tudo isto.

— Pois sim. Até me parece incrível estar vivendo isto. — A jovem riu mediante meu comentário.

— Meu irmão gostou de você. — Ela me olhava atentamente. — Ele nunca se ofereceu para competir por uma dama.

— Ah! Não acredito.

— Sim, gostou de você. Quando um cavaleiro oferece o jogo para uma dama, dá-lhe um lenço como sinal de lealdade, e amparo por toda a vida. Se vencer a competição, a dama precisa amarrar o lenço no pulso e levá-lo junto com ela, em sinal de agradecimento.

— Curioso. Um pouco incômodo levar o lenço amarrado?

— Ela gargalhou por causa de meu comentário. Ri com ela.

O ruído dos tambores retumbava por toda parte. Um homem se aproximou da irmã de Kimball e lhe ofereceu sua mão. Esta a pegou e foi com ele até um camarote. O conde Otón era muito mais velho do que ela e de aspecto desagradável. Eu a notava insatisfeita ao lado dele.

O primeiro a duelar com o cavaleiro cujo traje era negro seria Kimball. As pessoas fizeram silêncio, e o homem que estava junto à irmã de meu guerreiro deu a saída. Os cavalos começaram a galopar. Os dois lutadores puseram seus escudos, protegendo o peito, levantaram as lanças. Tapei os olhos com as mãos; não queria olhar; temia que fizessem mal a Kimball, escutou-se um golpe e depois, todo mundo começou a gritar pela excitação da batalha.

Abri os dedos para poder ver entre eles o que tinha acontecido. Kimball estava sorridente, sobre seu cavalo. Tirou seu elmo e seu olhar se dirigiu para onde eu me encontrava. Sorria ao ver-me naquela situação ridícula.

Retirei minhas mãos. Outra vez o som dos tambores anunciava a batalha seguinte. O vencedor de cada embate

lutava contra o seguinte oponente até restar um vitorioso. Kimball se preparava para o seguinte enfrentamento.

Levantou a lança em direção de onde eu estava. As pessoas aplaudiam, e eu me sentia muito orgulhosa, por ser a dama que ele escolhera. Jamais imaginaria, em minha outra vida, que um homem tão bonito e valente me olharia e competiria por mim.

— É bonito, não é verdade? — Aquela mulher que paquerou com ele sentou-se a meu lado.

Olhei-a surpresa, ela sorriu.

— Meu nome é Grace. Sou uma boa amiga do cavaleiro que a deixa tão absorta.

— Meu nome é Elisabeth.

— Encantada. Desfrute da batalha, jovem.

Ela se levantou e partiu com um cavaleiro. Sentou-se no camarote junto à irmã de Kimball.

Pela primeira vez, depois de tudo o que acontecera, eu estava me divertindo.

Kimball voltou a pegar o escudo e se concentrou em seu seguinte oponente, desta vez não tapei os olhos, queria vê-lo lutar. Os cavalos começaram a galopar a grande velocidade. O cavalo negro de Kimball se aproximava do de seu oponente, que arrumou seu escudo protegendo seu peito e levantou a lança. O outro guerreiro e ele, se aproximavam; ambas as armas se chocaram nos escudos contrários.

Kimball golpeou tão forte ao outro cavaleiro, que este caiu ao chão enquanto seu cavalo parou, brutalmente. Kimball deteve seu animal, deu um salto e desceu,

aproximou-se de seu competidor e o ajudou a se levantar. Ambos tiraram os elmos, e ele voltou a centrar seu olhar aonde eu me encontrava. Eu estava emocionada. Retinha seu lenço branco com força entre minhas mãos. Kimball foi ganhando de cada lutador que o enfrentava. Depois de todos eles, somente restava um competidor, o capitão Alexander. Este último me olhou antes de colocar o elmo; observei como meu guerreiro o seguia com o olhar. Os dois cavaleiros pegaram suas lanças e começaram a se aproximar, um, do outro, a grande velocidade, com seus cavalos. O impacto de suas lanças foi tão forte por parte de ambos, que os dois cambalearam, mas nenhum caiu ao chão. Cada um foi para um extremo e voltaram a se bater. Voltou a acontecer o mesmo, e tiveram que lutar uma terceira vez. Nesta ocasião Kimball foi o que derrotou o capitão, que caiu ao chão. Kimball tirou o elmo e foi ajudá-lo a se levantar, mas aquele homem rechaçou sua mão, endireitou-se, desembainhou sua espada e feriu o ombro de Kimball. Este levou sua mão ao ombro machucado, rapidamente extraiu seu aço e começaram a lutar. O homem que estava sentado com a irmã de Kimball ficou de pé e gritou de seu assento.

— Cavaleiros, isto é um jogo! Baixem suas espadas!

Ambos o olharam e obedeceram.

— O vencedor é o Conde de Essex! — ele gritou.

Escutaram-se rumores de entusiasmo. Eu me uni a todo aquele clamor. Então começou a cerimônia. Kimball desmontou de seu cavalo e se aproximou do lugar onde eu estava. Olhou-me, sorriu e me piscou um olho enquanto fazia

uma reverência. Eu me levantei, e igual à vez anterior, inclinei a cabeça. Kimball me fez um gesto, me indicando que precisava fazer algo com o lenço. Recordei-me do que sua irmã me dissera e o amarrei em meu pulso. Os convidados aplaudiram e a música começou. Kimball foi levar seu cavalo às quadras. Eu estava emocionada: aquele homem que eu gostava e me fizera sentir especial.

— Onde você se meteu?

Era minha tia. Arrasou meu momento.

— Se dá conta do que fez? Jovem insensata! Está comprometida Elizabeth, não deveria ter pego o lenço de outro homem. Foi uma grande ofensa para o capitão. Mas em que mundo você vive? Vamos! — Agarrou-me pelo braço.

Aquela mulher me deixava nervosa. Levou-me com rapidez para o interior do castelo. Nesse momento Kimball se interpôs em seu caminho.

— Senhora, lamento lhe roubar a senhorita, mas esta dama precisa abrir o baile comigo, se nos desculpar.

Agarrou minha mão e me afastou dela.

— Obrigada — eu lhe disse.

— Por tê-la afastado de sua tia? — ele gargalhou.

— Sim. — Ri com ele. — E... por ter lutado em minha honra.

Ele se deteve e me olhou.

— Ora! Enfim algumas palavras amáveis.

— Bem, desta vez as mereceu. — Sorri para ele.

A música era ouvida.

— Não precisarei dançar outra vez, não é verdade?

— Não vai ter mais remédio, ora, ora, ora! Não se preocupe, você me segue. Olhe em meus olhos e se deixe levar.

Agarrou-me a mão e o baile começou.

Suas pupilas se cravavam nas minhas. Eu sentia uma sensação estranha ao estar tão perto dele.

— Está muito bonita, Elizabeth.

— Você tampouco, não está nada mal. — Ele se surpreendeu ante minha resposta. Soltou uma gargalhada.

Nesse momento a música cessou. Desviei meu olhar e vi como Alexander nos observava, com olhar de ódio. Concentrei-me em meu cavaleiro. Não estava disposta a que aquele homem turvasse o momento. Kimball fez um gesto de dor, então recordei que o capitão o havia ferido.

— Tem sangue!

— Não é nada.

— Sim, sim, é. Venha comigo! — Ele não se movia. Olhava-me com divertimento. — Vamos! Pode-se saber o que está esperando?

— Cada vez você me surpreende mais.

Agarrei-o pela mão e puxei, seu olhar se desviou para minha mão, que agarrava com força a sua. Retirei-a. Naquela época aqueles gestos poderiam ser mal interpretados.

— Está ferido e terá que se lavar e enfaixar o ferimento.

Precisava encontrar Esme. Subi as escadas em direção a meu quarto.

Ele me seguia. Sabia que a donzela estaria nos aposentos de minha tia. Não precisei procurá-la, ela subia das cozinhas.

— Senhorita? O que faz nesta área com o cavaleiro?

— Que bom que a encontrei, Esme!

Passei ao interior do quarto. Ele ficou na entrada.

— Por favor, entre! Sente-se nesta cadeira.

Acendi várias velas.

— Pode-se saber o que está fazendo, Elisabeth? Não é próprio de uma senhorita de sua classe, trazer um homem para seus aposentos. Se sua tia souber...

— Esme, este homem está ferido. Pouco me importa, o que seja próprio ou impróprio de uma senhorita, e tampouco me importa o que possa opinar, ou pensar, minha tia e o resto da gente. Tenho minha consciência tranquila e minha dignidade continua intacta. E agora, se for amável, me traga água morna e mel, por favor.

Esme se foi, e Kimball soltou uma gargalhada.

— E você, do que ri?

— Você me intriga. — ele ria. — Não conheço nenhuma dama que se comporte como você, e acredite em mim, que conheço muitas damas.

— Não duvido, tem toda a aparência disso.

— Ha, ha, ha!

— Vai continuar rindo, ou quer que eu cure essa ferida?

— Estou às suas ordens, Beth. — Ele sorriu. Surpreendeu-me que ele me chamasse assim.

— Então tire essa malha e o que leva debaixo. Preciso ver sua ferida.

— Não sabia que tem conhecimentos de medicina. Em que mais me vai surpreender?

Nesse momento Esme entrou. Trazia uma terrina com água morna, alguns tecidos brancos e o mel.

— Senhorita, não a reconheço! Desde que levou aquele golpe se comporta de forma diferente.

— Obrigada, Esme. Já pode partir.

— Não, ficarei no corredor, esperando que este cavaleiro parta e vigiando se por acaso sua tia aparecer. — Ela era incorrigível! Começava a ter carinho por aquela mulherzinha de olhos azuis.

Enquanto preparava os tecidos e o mel, observava de canto de olho como ele tirava sua malha e o tecido que cobria seu tórax. Meu Deus! Fiquei nervosa somente de observar o corpo musculoso do guerreiro. Seus fortes braços, suas costas e peitorais que ficaram descobertos. Cada músculo ficava saliente, a cada movimento que ele fazia. Uff, como ficava! Ele virou seu rosto para me olhar. Pegou-me em flagrante, o observando. Dissimulei muito mal, ruborizei-me, e ele notou. Aproximei-me dele com a água, o mel e os tecidos.

— Tem calor? — Ele perguntou.

— Não, por que pergunta?

— Porque está muito ruborizada. — Piscou-me o olho.

— Pois não sei... Deixe de observações e não se mova.

A ferida era superficial, mas sangrava bastante. Limpei-a e depois apliquei o mel sobre ela.

— O que esconde, Beth?

— Por que me pergunta isso?

— Vi como queria escapar quando ia começar o torneio.

— Por que supõe que eu queria partir?

— Sou um guerreiro, acostumado a liderar batalhas. Sei quando alguém tenta fugir.

— Por isso me escolheu como sua dama para o torneio?

— Não, isso já havia decidido na noite anterior.

Seus olhos verdes me olhavam com intensidade. Ruborizei-me.

— Quer deixar de falar e me ajudar! Não se mova para que eu possa enfaixar a ferida.

Fui rodeando seus peitorais até o ombro ferido, com os panos que Esme havia me trazido. Tentava evitar o contato com sua pele, mas era inevitável. Minhas mãos tremiam cada vez que roçava a suavidade dele. Sabia que ele observava, em silêncio, cada movimento que eu fazia. Conseguia sentir sua respiração, assim como os batimentos de seu coração.

— Está pronto! — eu disse.

Nesse momento ele pousou sua mão sobre a minha. Tocou-a suavemente. Olhei-o.

— Obrigado, Beth! Você é uma caixa de surpresas.

Retirei-a com rapidez e em seu rosto se desenhou um grande sorriso. Ele se vestiu e se levantou. Era muito alto e forte. Ao seu lado me sentia frágil e diminuta. Ele se aproximou e se posicionou atrás de mim, enquanto eu

recolhia os tecidos que sobraram. Sentia sua proximidade. Minha pulsação se acelerou. Suas mãos posaram em meus ombros. Um calafrio percorreu todo meu corpo. Fiquei imóvel: não conseguia, nem queria reagir. Desejava seu contato. Suas mãos acariciaram meus ombros, descendo suavemente por meus braços. Foi então que notei a umidade de seus lábios sobre meu pescoço. Afastei-me.

— O que pretende? Não sou como uma de suas conquistas! Somente o curei pois era minha obrigação.

Ele sorriu. Nesse momento Esme entrou.

— Cavaleiro deve sair do quarto. Alguém está subindo e pode ser sua tia.

VIII

Eu estava inquieto. Por que ela não descia? Fazia bastante tempo que eu saíra de seu quarto. Supus que ela viria atrás de mim, mas não foi assim, não a vi aparecer. Não consegui esperar mais, subiria à procura de minha dama. Depois do torneio, neste momento, ela era a protagonista; além disso, ela precisava me acompanhar, e eu não estava disposto a que ela não estivesse junto a mim naquele dia.

Eu gostava da jovem; havia algo diferente nela: sua forma de agir estava longe de toda a convenção, e ela me atraía. A pesar do empenho de minha mãe e de meu pai, havia me negado a contrair matrimônio com as jovens casadoiras que surgiram. Eu não gostava das mulheres submissas, e não estava disposto a perder minha liberdade, para me ligar por toda vida a um matrimônio. Eu gostava muito das fêmeas, para me entregar somente a uma. Por isso, me decidi a acompanhar o rei Ricardo às cruzadas. Mas ela... era diferente; apesar de querer me convencer de que ela era uma a mais, entre todas as minhas conquistas, no fundo, eu sabia que não era assim.

Desde que a vi ferida e desmaiada, senti algo pela jovem que não soube definir, e quanto mais a conhecia, mais eu

gostava. Era diferente, sim, mas era aquela que eu tanto procurava, e jamais encontrara.

Subi as escadas a grandes passadas. Intuí que algo não ia bem. Avancei rapidamente pelo longo corredor. A porta de seu quarto estava aberta. Entrei; estava tudo em desordem. O que havia acontecido? Aquilo começou a me inquietar. A roupa de cama estava revolta, a cadeira onde ela havia me curado estava atirada no chão, assim como outros tantos objetos. Escutei um ruído no quarto contíguo, fui até lá. Era a donzela, Esme.

— O que aconteceu? — Olhou-me com os olhos cheios de lágrimas.

— Senhor, a levaram!

— Quem? — Comecei a me preocupar, de verdade.

— Aquele capitão — aproximei-me dela, impaciente.

— Que capitão, Esme? Responda!

— Aquele que estava comprometido com ela.

— Alexander!

— Ele estava esperando, senhor. Juro que eu não sabia nada. Entrou com vários homens, e a agarraram. Ela lutou, mas não conseguiu fazer nada. Minha Elizabeth! A senhora vai me matar. Amordaçaram-na e a tiraram pela ala sul, a área destinada aos empregados.

— Quanto tempo faz isto?

— Foi logo depois de você ter saído.

— Canalha! Não se preocupe, eu a encontrarei. Matarei ele caso lhe faça algo!

Estava decidido a ir atrás dele. Teria que ter previsto, sabia como era aquele bárbaro e via como observava a jovem. Eu o vira analisá-la com aquele olhar que eu tanto detestava nele. Não era a primeira vez que tivemos algumas diferenças. Senti a culpa nesse momento. Não devia tê-la escolhido como minha dama no torneio! Vi o ódio refletido no rosto dele.

Além disso, eu o vencera; ele jamais me perdoaria aquilo. Alexander se dirigiria para suas terras, em Norwich. Eu precisa ir atrás dele. Devia partir. Nesse momento me lembrei de Mildred. Não podia deixá-la ali; precisava resolver isso. Ainda faltavam dois meses para suas bodas com o conde Oton, algo que eu estava decidido de que não aconteceria. Devíamos partir o quanto antes. Iria para Essex, deixaria minha irmã e levaria David comigo.

— Não entendo nada, irmão — disse Mildred, colocando-se com seu cavalo a meu lado. — Por que partimos tão rápido? Só retornaríamos um dia depois.

— Sei.

— Então...? Pode me explicar isso?

— A jovem foi sequestrada.

— Quem? A dama que escolheu para o torneio?

— A mesma. Foi o capitão Alexander. Tenho que ir para Norwich. Preciso resgatá-la daquele bárbaro.

— Você gosta da moça?

Olhei-a.

— Não precisa que me responda, irmão. Sei que você não vai admitir. Sim, você gosta. Age como se fosse seu prometido.

— Não, você sabe que não suporto as injustiças e a crueldade das pessoas.

Esta moça foi sequestrada e preciso ajudá-la.

— Diga o que quiser. — ela riu. — E que casualidade que foi justamente a mulher que escolheu para o torneio!; com a qual o vejo dançando na noite anterior, a qual salvamos quando vínhamos para Glastonbury... Muitas coincidências.

Estava desejando chegar em Essex, para deixar sã e salva a minha irmã e continuar a viagem até Norwich. O bosque ficou para trás e diante de nós o castelo se levantava. Atravessamos a ponte e acessamos o interior dele. Ali vi meu grande amigo e companheiro de batalhas, David. Veio correndo para nós e ajudou minha irmã a descer de seu cavalo. O olhei de esguelha, embora ele nunca houvesse me confessado isso, sabia que David sempre esteve apaixonado por minha irmã, e intuía que ela, também, gostava da companhia dele.

Dei um salto e fui correndo para onde estava meu amigo. Abraçamo-nos. Era como um irmão para mim.

— Mildred, vou falar um momento com David.

Observei como minha irmã se dirigia para o interior do castelo.

— O que acontece? — disse David. — Eu o conheço muito para saber que existe algo, que ronda por sua cabeça.

— Preciso ir para Norwich.

— Para Norwich? O que você perdeu lá? — Ele arqueou as sobrancelhas.

— Uma jovem muito bonita.

— Ora, ora, ora! Então, se for por uma mulher, não há mais nada para falar.

— Morrison sequestrou-a.

— Alexander Morrison?

— Sim, o mesmo.

— Acompanharei você. — Eu sorri diante sua resposta.

— Sabia que podia contar com você, amigo.

— Depois me conte mais detalhes.

Dei-lhe uma palmada nas costas, e ele me devolveu outra.

Subi com rapidez as escadas, em direção ao quarto de minha mãe.

Temia que ela tivesse piorado. Bati à porta. Mildred estava sentada na cama, com a mão de nossa mãe entre as suas. O quarto estava às escuras, senti frio ao entrar. Antes de avançar para elas, saí à procura de Lili.

— Lili, quero que o quarto de minha mãe esteja sempre quente.

Voltei a entrar e me aproximei da cama. Somente de vê-la tão fraca e pálida, com os olhos entre abertos, fez que eu sentisse vontade de chorar. Amava a mulher que estava ali estendida. Inspirei. Ela me conhecia muito bem: minha mãe tentaria dissimular, para que eu não sofresse por seu estado de saúde.

— O que faz esta bonita dama aqui deitada? — Dei-lhe um beijo na bochecha.

Ela abriu seus olhos e esboçou um tímido sorriso.

— Filho!

Afastei meu rosto, levantei-me e fui direto à chaminé. Não queria que ela percebesse minha angústia e pena. Avivei o fogo enquanto as lágrimas rolavam por minhas bochechas.

— Kimball! Venha aqui para que eu o veja! Ainda não esteve comigo depois que retornou das cruzadas.

Suspirei, sequei as lágrimas com minha mão, armei-me de coragem e dissimulei. — Como me vê?

— Está diferente.

— E isso é bom ou mau? — Acariciei-lhe sua bochecha enquanto levava sua magra e ossuda mão a meus lábios.

Ela sorriu.

— Está mais magro. Já não é o rapazinho que partiu com o rei Ricardo para Jerusalém. Tornou-se um homem. — Ela me observava. — Se passaram muitos anos. Pensei que havíamos perdido você. Estou feliz que esteja aqui, para conseguir me despedir de você.

— Despedir-se? Não pensa em ir agora a França, para ver sua prima Alice? — Eu brinquei.

— Já não vou conseguir ir. Filho, eu estou morrendo. A cada dia que passa me sinto mais fraca.

— Não, mãe! Não diga isso. Precisa se alimentar: depois que comer melhorará de sua fraqueza. Além disso, não pode ficar prostrada na cama sempre, precisa da luz do sol.

— Não gaste suas energias comigo, filho. Não tenho forças nem para comer.

Eu não podia continuar escutando-a. Meu coração se rasgava com cada suspiro e com cada palavra que saía de sua boca.

— Quanto tempo você vai ficar? Seu pai já não consegue cuidar sozinho destas terras. Ele precisa de você.

Olhei para Mildred.

— Esta noite preciso partir. Mas retornarei logo.

— Não demore para voltar. Quero me despedir de você.

— Prometa que me esperará, mãe, que fará o possível para recuperar suas forças.

Ela voltou a fechar os olhos.

— Eu prometo — ela sussurrou.

Fechei a porta. No interior, Mildred ficou com nossa mãe. Apoiei minha mão sobre a parede de pedra, maciço, frio e úmido. Afundei meu rosto sobre meu braço. Amava aquela mulher, na qual restava apenas um fôlego de vida. “Meu Deus!, não a leve, justamente agora que acabo de retornar”, eu disse a mim mesmo

— Kimball!

Dei meia volta.

— Pai! Eu ia vê-lo.

Ele colocou sua mão sobre meu ombro.

— Ela está pior.

Assenti.

— David me disse que você voltará a partir.

— Sim, vejo-me na obrigação...

— Mas... por quê? David me explicou um pouco o motivo de sua partida. Não o entendo. Aquela mulher não é sua prometida, precisamos de você aqui.

— Pai!, faz muito que você me ensinou a importância de nos mantermos firme em nossos princípios. Quando vemos que algo é injusto e cruel, precisamos lutar contra isso.

Suas pupilas estavam fixas nas minhas.

— Faça o que precisa fazer, mas retorne logo.

IX

Abri os olhos. Estava com uma forte dor de cabeça. Meus pulsos estavam amarrados e tinham me amordaçado. O carroção avançava a uma grande velocidade. Eu dava golpes dentro dele. Então me lembrei: Kimball acabara de partir, quando escutei um ruído no corredor. Eu ia segui-lo. Esme me esperava na porta, recriminando meu comportamento. Nesse momento, dois homens armados se jogaram sobre mim; um deles me agarrou com força, pelos pulsos, com a intenção de me levar com ele. Eu estava assustada, mas me defendi.

O outro guerreiro me agarrou e me posicionou sobre seu ombro, empurrou Esme, violentamente e a afastaram do caminho. Levaram-me até às quadras. Lá estava esse capitão, com mais quatro homens. Deixou-me no chão, e Alexander se aproximou de mim.

— Já lhe disse que você seria minha.

— Jamais!

Levantou sua mão para acariciar meu rosto. Aproveitei esse momento para mordê-lo, escapuli e comecei a correr. Foi então que senti um forte golpe na cabeça.

Não me dei conta de que não estava sozinha no carroção. Em frente a mim, se encontrava o menino que eu

havia visto no castelo. Olhava-me com interesse, depois pestanejava. Quem seria? Ele sorriu para mim.

O carroção parou. Eu estava enjoada e dolorida. Não conseguia ver nada do exterior. Escutei a voz de Alexander. A porta se abriu. Queria protestar, mas não conseguia. Agarrou-me com força pelo braço e me puxou para fora. Tirou-me a faixa que tampava minha boca.

— Já está em seu lar — ele disse, esboçando um sorriso irônico.

— Nunca serei sua esposa! — eu gritei.

Atraiu-me para ele.

— Sim, querida, claro que sim. Antes do que você pensa.
— Solto uma gargalhada. — Levem-na a seus aposentos! —
Aproximou seu rosto do meu. — E que sejam muito próximos aos meus.

— O que faremos com o menino?

Olhou-o. Aproximou-se dele. O rosto do menino ficou tenso.

— Coloquem ele com a garota. Deem o quarto contíguo ao dela. Quero-os perto, os dois. Espero que fale, garotinho. Não vou ter nenhum tipo de piedade com você.

Dizendo isto, ele partiu. Seus homens nos levaram ao interior do castelo. Lá, uma donzela se aproximou, de cabelo branco, magra, pálida e nariz aquilino. Olhou-nos de cima abaixo, com o rosto sério, deu meia volta e nos guiou, até os que seriam nossos aposentos. Subimos algumas escadas em caracol, estreitas, que desembocaram em uma galeria escura, úmida, com paredes nuas, sem nenhum tipo de decoração,

somente a tênue luz das tochas. Ao final desta ela parou, olhou o menino, abriu a porta, e um dos soldados o empurrou para dentro. Ao lado estava o meu, entrei, e à porta ficou um dos homens, vigiando.

O quarto possuía somente uma pequena janela pela qual entrava um pouco de luz.

Eu sentia frio. Não havia fogo na lareira. A cama estava no centro do cômodo e havia uma cadeira bem a seu lado. Sentei-me sobre o leito. Precisava sair dali. Mas... como? Escutei alguns toques suaves em uma porta que dava para meu quarto. Fui direto para abri-la. Diante de mim estava aquele pequeno, me olhando, com seus grandes olhos negros. Estava assustado. Fiquei de joelhos para estar a sua altura.

— Olá!, Eamon, se chama assim, não? — Ele me olhava sem pestanejar. — Me chamo Isabel, embora me chamem de Elizabeth.

No rosto do menino se desenhava um tímido sorriso. Ele não respondia.

— Não consegue falar? — perguntei.

Ele assentiu.

— Ora! E como podemos solucionar esse pequeno, detalhe? — Pisquei um olho.

Então ele fez um gesto com sua mão, me indicando que o esperasse. Foi até sua cama, pegou uma pequena bolsa de cor marrom e retornou para onde eu estava. Olhou-me, ficou de joelhos e abriu a bolsa. De seu interior extraiu muitas pedras, todas elas negras, que pareciam turmalinas. Olhou-

me para depois concentrar-se nelas. Foi movendo com rapidez formando palavras.

Quando terminou, me olhou e assinalou com o dedo a palavra que ele criara, para que eu a lesse. Sorri e o disse em voz alta.

— E...A...M...Ou...N... Eamon! — O menino assentiu. — Eu sabia! — Acariciei sua bochecha. — Eu gosto. É original. Nunca havia escutado.

Ele voltou a mover as pedras e construiu letras com elas. Eu li.

— G...Ou...A...R...D...I...Ao N.

— Guardião!

Eu não sabia a que ele se referia. O menino se deu conta disso e começou a apontar para ele mesmo, e depois a palavra. Depois de um tempo mostrando as pedras e os gestos, entendi o que o menino me queria dizer.

— Eamon significa guardião? — O menino começou a aplaudir. Rimos.

— E do que você é guardião?

Seu rosto se obscureceu, baixou sua cabecinha. Ao vê-lo assim, senti carinho por aquele menininho que talvez tivesse uns dez anos. Acariciei sua bochecha com minha mão.

— Fique tranquilo, Eamon, eu não sou como eles. Não vou lhe fazer mal.

Olhou-me, levantou uma espécie de regata marrom e me mostrou uma pequena tatuagem da estrela de David, próximo a seu umbigo, símbolo dos judeus.

O que significaria aquilo?

— Por que tem este desenho aí?

O menino começou a construir uma frase com as pedras.

— Sou o guardião — eu li.

Escutamos pisadas no corredor. Eamon recolheu suas pedras e se encerrou em seu quarto. Tocaram à porta.

Era outra vez aquela mulher.

— O senhor a espera. Disse-me que você me acompanhe.

— Pois diga a seu senhor que não penso em obedecer suas ordens.

— Mas senhorita!

— Obrigada, mas não vou acompanhá-la.

Fechei a porta, apoiei-me sobre esta e suspirei. O que seria de mim! Fui ao encontro do menino. Ali estava, em seu quarto, alienado do que acontecia; assim que me viu se aproximou correndo e me abraçou pela cintura.

— Eamon, precisamos escapar daqui. Você sabe, não é verdade? — O menino assentiu. — Mas preciso saber porque eles o mantêm preso.

O menino ficou de joelhos e começou a construir palavras com suas pedras. Li em voz alta.

— Sei de algo que eles querem.

Olhei-o.

— O quê?

O menino fixou suas pupilas nas minhas, recolheu as pedras do chão e assinalou a porta. Os passos eram ouvidos muito perto do quarto. Fui para meu quarto e me sentei na

cadeira. Entraram dois dos homens do capitão Alexander, com um sorriso, nos lábios. O que eles pretendiam?

Sem falar, se aproximaram de mim. Um deles me agarrou pelo braço com força.

Estava me machucando. Levantou-me, e ambos me levaram até uma sala onde se encontrava meu sequestrador.

Havia uma mesa no centro da sala, que Alexander presidia. Observava-me, sem pestanejar, enquanto segurava uma taça de vinho.

— Sente-se! — ele ordenou.

Os homens forçaram que eu fizesse. Estava na frente daquele homem, bêbado, sujo, com sua taça de vinho nos lábios, e que me olhava com muito interesse. Nesse momento eu compreendia que: ou fugia, ou esse homem acabaria me matando. Eu não era uma dama de sua época, e estava disposta a lutar com todas minhas forças, para defender minha dignidade como mulher. Afinal, não sabia se eu estava, realmente, viva.

Nada me importava, à exceção de não seguir as ordens daquele ser depravado, que tinha ousado me sequestrar. Os homens me obrigaram a sentar ao lado de seu senhor e se posicionaram atrás de mim.

Que intimidade!

— Coma! Não quero que amanhã desmaie em nossas bodas.

Fiquei em silêncio, desafiando-o com o olhar.

— Não me ouviu?

— Sim.

— Pois coma!

— Não!

— O que disse? — ele gritou, dando um murro sobre a mesa.

— Eu disse que não! — Ele me dava medo, era muito agressivo, mas, eu não permitiria que ele notasse.

Ele se levantou e se aproximou de mim, com o rosto desfigurado. Cambaleava, por causa do álcool que havia ingerido; cheirava a vinho.

— Muito bem, pois se não quiser comer, não o fará, nem você nem o menino. Nenhum dos dois comerá nada, até que se celebrem as bodas.

Isso eu não podia permitir, uma coisa era eu, mas o menino... Olhei-o. Chateava-me ser vencida por sua chantagem, mas não podia permitir que aquela criatura inocente sofresse as consequências.

— Você é cruel e desumano.

— Sim, eu sou. — Soltou uma gargalhada. Agarrou-me pelo braço e me levantou para me deixar bem em frente a ele.

— E você adora, juvenzinha. Estou desejando me casar com você, para fazê-la minha. — Aproximou seu rosto do meu. Eu notava sua respiração e seu mau hálito. Virei o rosto para outro lado.

— Jamais!

— Jamais? Ha, ha, ha! — Olhava-me. — Vai comer ou mando retirar a carne?

— Comerei.

— Assim que eu gosto. Tragam o menino!

Ele se sentou em frente a mim. Olhava-me, atentamente, com um sorriso vitorioso em seus lábios. Permanecemos em silêncio. A donzela foi trazendo a comida para os três. O menino entrou na sala. Estava assustado, mas ao ver-me se tranquilizou.

— O menino se senta a meu lado.

Olhei-o e lhe pisquei um olho para que ficasse tranquilo.

— E você? — gritou para ele. — Amanhã me dirá onde está o que estou procurando.

Eamon não levantava o rosto. Suas pupilas estavam fixas no prato que lhe acabavam de colocar sobre a mesa.

— Agora..., coma!

Eu estava decidida a fugir. Seria por volta das três da madrugada. Escutava os roncos dos soldados que estavam no corredor. Fui direto à porta que separava meu quarto, do quarto do menino, dei uma batidinha. Eamon estava acordado. Olhava-me assustado, com seus grandes olhos negros.

— Eamon, confia em mim? — O menino assentiu. — Precisamos fugir daqui.

Precisa fazer o que eu lhe peça. — Ele assentiu novamente. — Sairemos sem fazer ruído.

X

— Enfim o encontrei! — Girei o rosto. Era David.

— Sim, precisava pensar. Minha mãe piorou. Não posso partir agora. Se ela morrer enquanto eu estiver fora, jamais me perdoaria por isso.

— Mas?

Olhei-o. Conhecia-me muito bem e sabia que algo mais me preocupava.

— Sequestraram aquela jovem. Vejo-me na obrigação de resgatá-la. Sinto que é meu dever ir atrás dela.

Ele se sentou junto de mim. A torre sempre foi meu lugar favorito desde que era pequeno; ali sentia paz. As decisões mais importantes de minha vida, eu havia tomado nesse lugar.

— Ora! Eu entendi que ela foi raptada pelo homem com o qual estava prometida.

— Sim, assim é.

— Kimball! Sabe que ele tem plenos direitos sobre a jovem. Uma vez que as famílias aceitaram seu matrimônio, a mulher lhe pertence.

— Preciso resgatá-la das mãos daquele assassino. Você sabe que ele é! Não posso permitir que ela fique com aquele desalmado. — Ele me olhou com um sorriso, nos lábios. — O quê? Diga o que tenha que dizer; conheço esse sorriso.

— Não posso acreditar que o grande Kimball, o guerreiro, o cavaleiro das cruzadas, que sempre recusou a se casar, ao qual todas as mulheres desejam, e aquele que jamais se apaixonou por nenhuma de suas conquistas, porque mulheres bonitas em sua vida houve..., agora, tenha se apaixonado por uma mulher logo que a conheceu e a quem viu somente alguns momentos, e, que, além disso, esteja disposto a colocar-se em uma aventura perigosa para salvá-la. Ha, ha, ha!

— Você disse apaixonado? Não, isso nunca. — David soltou outra gargalhada diante de minha resposta.

— Amigo, nunca diga nunca.

— Vejo-me na obrigação de protegê-la daquele sádico, faria isto por qualquer mulher.

— Tem certeza? Por qualquer mulher? — Ele zombava.

— Sim, por qualquer.

— Ha, ha, ha! Que péssima memória, amigo! — Ficamos um momento em silêncio. — Lembra-se de outro dia, quando veio aquela mulher.

— Quem?

— Aquela que você defendeu dos camponeses.

— Bejira!

— Sim, aquela judia... Os camponeses a olham com receio. Dizem que faz bruxaria. Como este ano a colheita não é boa e várias ovelhas morreram por causa de uma enfermidade, colocaram a culpa de tudo nela. O ambiente está crispado.

— Já disse o que você queria?

— Ela sabe que você retornou, perguntou por você. Disse que precisava lhe dizer algo de suma importância.

— Não comentou nada mais?

— Não, aquela mulher é estranha. — Olhei-o.

— David, não julgue as pessoas. Você não é desses. Bejira é maravilhosa: salvou-me a vida quando uma serpente me picou. Sempre estive ali quando precisei. Quero-a como a outra mãe.

— Os aldeões a viram fazendo ritos de magia com as pedras.

— São runas. Ela sempre me disse que via o futuro com elas. Os camponeses são muito supersticiosos e não sabem mais o que inventar. — Tapei o rosto com as mãos. — Amanhã irei vê-la.

David me deu uma palmada nas costas.

— Quando nos colocaremos em marcha, amigo?

— Se minha mãe se recuperar, partiremos em breve, sempre de madrugada. Sim, porque fazendo assim chegaríamos em Norwich ao anoitecer. Estou preocupado com a jovem. Temo que aquele bárbaro a machuque.

— Fique tranquilo, chegaremos a tempo para resgatar sua dama. — Ele gargalhou.



A casa de Bejira ficava no bosque, camuflada entre os carvalhos da área.

Sempre gostei de visitá-la, já que ali me sentia em paz, comigo mesmo. Era uma união com a natureza, o som da água do rio, a musicalidade das folhas, quando o ar as roçava em sua passagem. Inspirei profundamente. Desci de um salto do cavalo e o amarrei no tronco de uma árvore.

Observei a certa distância, a pequena cabana de Bejira; pela chaminé saía a fumaça da lareira. Ela estava lá fora, dando de comer às poucas galinhas que possuía no galinheiro. Fui direto para ela; queria surpreendê-la, mas aquela mulher possuía uma intuição especial. Sempre pressentia a presença dos que rondavam pelas imediações de sua casa.

— Kimball! — ela gritou.

Fui direto para ela, rodeei-a com meus braços e comecei a girar com ela.

— Moço! Continua sendo bruto e impulsivo como sempre. — Ela sorriu. — Anda, abaixe-me!

Ela levantou sua mão para acariciar minha bochecha.

— Filho! Quanto demorou para retornar a suas terras!

— Nem tanto... Quero partir novamente.

Olhou-me, séria.

— Venha! — Ela me guiou para o interior de sua casa.

A casa era pequena, tudo estava em uma só peça. Ao entrar, se via a lareira, com duas cadeiras e uma mesa no centro. Em frente estava a cama. Apesar da simplicidade daquela cabana, eu me sentia feliz nesse lugar.

— Sente-se! Vou preparar um chá e trazer alguns pães, acabados de fazer. — Sorriu.

— Minha mãe está morrendo.

— Não, ela ainda não vai abandoná-los.

— Sim, Bejira, eu a vi. Desta vez nos deixará.

— Ela tem uma infecção que não trataram bem. Esse médico no qual seu pai confia, não acertou o que ela tem. Aproximei-me daquele doutor para lhe dar minha opinião, mas ele não quis me escutar.

— Pode curá-la?

Ela me olhou. Aproximou-se da mesa com a taça de chá e alguns pães acabados de assar, que cheiravam muito bem. Sentou-se na minha frente.

— Sim, embora ela esteja muito fraca; porém, vou dar um remédio elaborado por mim. Você o dará a ela, de noite, durante cinco dias e verá como ela melhorará.

— O que eu faria sem você! — Ela me observava. — O que acontece, Bejira? Noto que você está preocupada.

— Kimball, há algo de suma importância...

— Sim?

— Há uma mulher..., você já a conhece, precisa protegê-la. — Fez uma pausa. — Ela é a escolhida.

— A escolhida? Uma mulher? Não entendo nada! — Aquilo estava começando a me preocupar.

— Sim, é a jovem que sequestraram.

— Como sabe isso? — Eu me surpreendi.

— Sabe que tenho visões do passado, do presente e do futuro. É um dom que possuo, desde que nasci, e tive que carregá-lo, toda minha vida, o que me causou muita dor.

— Sim, sei, mas...

— Kimball!, filho, confie em mim. Por enquanto não posso dizer muito mais.

Precisa protegê-los, com sua vida, se for necessário.

— Protegê-los?

— Há um menino com ela. Querem matá-lo, mas esse menino precisa viver; somente ele sabe onde está escondido o Santo Graal.

— Não compreendo nada. — Aquelas palavras me intranquilizavam ainda mais. Levantei-me. Bejira se aproximou de mim, e colocou sua mão sobre meu antebraço.

— Quando Jesus Cristo, morreu, José de Arimatéia partiu de Jerusalém e veio para estas terras. Trouxe com ele, algo de vital importância: a taça na qual Jesus bebeu, em seu último jantar. José deixou o Santo Graal, em solo inglês, escondido em um lugar, conhecido somente por duas pessoas: ele e seu fiel discípulo. Este discípulo teve descendência, e o segredo passou de geração em geração, para seus filhos mais velhos. Todos os primogênitos eram tatuados, quando nasciam, com a estrela de David. São os guardiões do grande segredo. — Ela me olhou.

Eu não acreditava em tudo o que estava escutando, parecia uma lenda, não algo real. Estava perplexo, não sabia como reagir diante daquela revelação.

Ela foi até um canto. Dali extraiu alguma coisa de uma bolsa marrom, que ocultou em sua mão.

— Não compreendo, Bejira. O que tem Elizabeth a ver com tudo isto? E eu?

— Esse menino é o único descendente do discípulo de José de Arimatéia. Mataram sua família e querem assassiná-lo, mas, antes, pretendem conseguir o Santo Graal.

— Quem?

— Eles, feiticeiros, homens cruéis que se opõem ao cristianismo, praticam o ocultismo e a magia negra. São homens poderosos; e mais, o irmão do rei Ricardo tolera tudo isto, oculta e os protege. Querem conseguir a Santa relíquia para fins pouco ortodoxos.

— Bejira, sabe o que está me dizendo?

— Precisa ajudar a jovem a descobrir sua verdadeira identidade, Kimball.

O menino o guiará em tudo; proteja-o. Esta é sua verdadeira missão, filho.

— Que identidade, Bejira? Tudo isto me confunde. Não sei o que devo fazer.

— Não posso lhe dizer mais, ao menos por enquanto. Deve ir buscá-los. Mas antes dê este remédio à sua mãe, e as instruções precisas à sua irmã. Deve partir ao amanhecer.

Eu lhe perguntaria mais, mas ela não me deixou falar.

— No momento somente deve saber isto, nada mais, então não insista, moço. Não deve dizer isto para ninguém, Kimball, para ninguém — ela insistiu.

David me viu chegar. Adiantou-se para me observar; conhecia-me muito bem e sabia que algo me preocupava.

— O que aconteceu? Algo grave?

Desci de um salto, do cavalo, acariciei a frente do animal e o levei até as quadras. David me seguia. Olhei-o.

— Vamos ao amanhecer!

XI

Observei Eamon. Havíamos nos unido a um grupo de ciganos. Perguntamos se poderíamos passar a noite com eles, e consentiram. Deram-nos algumas mantas, algo para comer e nos aconchegamos ao redor do fogo. As noites eram mais frias. O menino se recostou em meu regaço, estava dormido.

— É seu filho? — perguntou-me a cigana mais velha do grupo.

— Sim — eu respondi. Acreditei que seria o mais conveniente. Se dissesse a verdade me fariam mais perguntas, e é o que eu queria evitar.

— E seu marido?

— Sou viúva.

— Sinto muito! Para onde se dirige?

— À ilha Maree, mas não sei exatamente o caminho que preciso seguir

— Nós vamos para as Terras Altas. É um percurso longo e perigoso para uma moça e seu filho. Há muitos ladrões e malfeitores.

— Preciso ir. Minha família está lá, e é a única coisa que tenho, junto com meu filho.

Ela me observava.

— Pela manhã eu indicarei como chegar. Agora descanse. Tem um longo caminho a percorrer.

Nesse momento, me dei conta, que um dos jovens me olhava com muito interesse. A anciã também viu e se deu conta de quanto me incomodava a análise que aquele jovem estava fazendo.

— Fique tranquila, ele é Jaim; não lhe fará nada. Sempre se sente fascinado pelas moças bonitas, e você é muito, juvenzinha.

Nesse momento Jaim se levantou. Era um jovem forte, alto, de cabelo negro e muito encaracolado, bastante atraente. Havia algo nele que me produzia uma grande aversão. Ele se afastou do grupo e se aproximou de uma moça, que estava o esperando entre alguns matagais. Escutei risadas e desapareceram. Recostei-me; eu precisava descansar.

O frio da manhã me despertou. Uma névoa espessa me impedia de ver com clareza o que nos rodeava. Eamon estava aconchegado em meu colo. O cobri, mas, nesse momento ele despertou e me olhou com seus bonitos olhos negros.

— Olá, Eamon. Precisamos ir. — O menino assentiu.

Não via a anciã com a qual estive falando na noite anterior. Os ciganos haviam recolhido todos os seus pertences e estavam preparados para partir.

Notei que me tocavam no ombro. Assustada, virei-me. Eamon apertava minha mão com força. Era ela.

— Querida, já vamos. O percurso que quer fazer é muito longo e, como já disse, muito perigoso para uma mulher e um menino. Precisa ir para o norte, em direção a Nottingham. Lá terá que se dirigir para York. Olhe a estrela Polar todas as

noites e memorize a direção em sua mente. Ela lhe indicará a rota para o norte, para as Terras Altas. — Deu-me: algumas moedas, algo que agradei; uma capa para me resguardar do frio; uma adaga para me defender; uma bolsa marrom, de couro, com queijo e pão, e duas peles de animais para nos proteger do frio. E isto é para você. — Deu para Eamon um casaco feito de lã de ovelha.

— Muito obrigada. — Eu sorri para ele.

— Afaste-se dos caminhos principais. Não olhe ninguém nos olhos, oculte seu rosto e não vá a lugares concorridos. Durmam à intempérie. — Olhou para o menino. — Proteja-o, ele é especial. Dele, dependerá tudo.

— Especial? O que é que depende dele? — Eu perguntei.

Aquele menino me deixava intrigada. Se eu já possuía problemas por não saber o que acontecera com minha vida, nesse momento, também tinha aquele menino junto a mim. Ele se definira como o guardião, e esta mulher me dissera que ele era especial.

— Ele é o único herdeiro, e você é a escolhida para levar a cabo a missão dele.

— Mas...? Escolhida, herdeiro?

Nesse momento, Jaim se aproximou de nós. Comunicou-se com a anciã com um simples olhar e ela ficou nervosa. Jaim se afastou. Ela colocou sua mão sobre a minha.

— Você saberá tudo em seu devido momento. Que ninguém veja a estrela que o menino leva desenhada em seu ventre, nem seu pingente. Eu os vi, por um descuido dos dois

e, se em vez de ter sido eu, tivesse sido outra pessoa com intenções mais ambiciosas e más... Já não estariam aqui. A lenda é conhecida de todo mundo.

— Como você se chama? — eu perguntei.

— Samara.

— Obrigada, Samara. Terei mais cuidado.

Observei como partiam. Olhei para Eamon. Coloquei-me de cócoras para falar com ele.

— Bem, pequenino, ouvimos a anciã: precisamos ser muito cautelosos. A partir de agora, você será meu filho e eu sua mamãe. — O menino assentiu. — Por que você é especial, Eamon?

O menino me mostrou sua barriguinha, olhou-me e assinalou a tatuagem desenhada sobre sua pele.

— Enfim, irei descobrindo. — Sorri, e ele me beijou na bochecha.

Estava começando a pegar carinho por aquele pequeno. — Precisamos ir, Aquele capitão está nos procurando.

Respirei, nos afastamos do caminho central e segui a direção que a cigana havia me indicado, atravessando o bosque. Recordei das instruções de quando ia a um acampamento, com os meninos exploradores. Devia observar em que lado cresce o musgo na casca das árvores para encontrar o norte. Precisávamos nos dirigir para Nottingham. A umidade do bosque enregelava todos os ossos, havia muito silêncio. Não se escutava nem o trilar dos pássaros.

Andamos muito tempo. A névoa era cada vez mais espessa. Eamon segurava minha mão, com força, já que aquele bosque era de um aspecto tenebroso.

Sentia como se estivéssemos sendo observados, e o menino também deve ter notado.

— Bem, Eamon, acredito que é hora de pararmos. Faz muito frio e devemos juntar paus do chão, para termos provisões de lenha para a noite.

O menino assentiu. Ajudou-me a recolher ramos caídos. Enquanto o menino as agrupava, eu tentava fazer fogo, como haviam me ensinado nos acampamentos. Jamais imaginei que aquelas aulas que nos eram dadas durante o acampamento, me seriam de grande utilidade alguma vez. Demorou para sair a fumaça, e conseguimos as primeiras chamas. Jogamos ramos e erva que, devido à umidade, demoraram para ascender. Aproximamo-nos do fogo. Da bolsa tirei pão e queijo. Uma vez que terminamos de comer, Eamon pegou as pedrinhas de sua bolsa e foi formando frases.

— Para onde vamos?

Olhei-o.

— À ilha de Maree.

— Por que para lá?

— Supõe-se que meu avô vive lá. Ele pode nos ajudar.

Quem é você, Eamon?

— Sou o guardião do Santo Graal.

— Do santo Graal?

— Sim.

— E onde ele está?

— Não sei.

— Não sabe? Pois agora sim, que não entendo nada.

— As treze pedras do Callanish. Quando o sol estiver mais tempo iluminando este território.

— Quando será o solstício do verão?

Olhou-me estranhando, estava claro que ele não sabia o que era solstício do verão.

— Você me levará lá? — ele perguntou.

— Sim, prometo isso Eamon.

— Quando a lua aparecer no monte Clisham.

Eu não entendia nada.

— Monte Clisham? — Eu perguntei. O menino assentiu.

— O que acontecerá neste monte?

Ouvindo minha pergunta o menino me olhou e guardou as pedras. Entendi que não queria continuar falando. Tirei as peles de animais, cobri o menino e depois me agasalhei. O menino se aconchegou em meu colo, abracei-o.

Senti frio. Abri os olhos e me assustei. Em minha frente estava um homem forte, de aspecto rude, vestido com peles de animais e em sua mão segurava um pau enorme. Olhava-me com atenção.

— O que fazem nesta parte do bosque? — Ele perguntou.

— Detivemo-nos para descansar. Vamos para Nottingham. — Ele se fixou no pequeno.

— É meu filho — Eu disse.

— É perigoso. Uma mulher e um menino não podem estar sozinhos. Sigam-me.

XII

Ainda sentia o olhar penetrante da cigana. Não havíamos chegado ao castelo de Alexander. Faltava-nos um bom pedaço, quando nos deparamos com um grupo de ciganos, com seus carroções. Eu a vi, havia algo naquela mulher que chamou minha atenção, no primeiro momento. Ela ordenou ao jovem que a acompanhava, que parasse seu carroção. Aproximei-me.

— Podemos ajudá-lo em algo, cavaleiro? — David ficou a certa distância.

— Sim, na verdade, sim. Estou procurando uma jovem com um menino. — A cigana e o jovem se olharam. — A moça responde pelo nome de Elizabeth.

— Para que os procura?

— Suas vidas correm perigo.

— Por esse caminho não os encontrará. — Assinalou em direção para Norwich.

Estávamos muito perto de lá.

— Então, para onde devo me dirigir?

— Ao norte, às Terras Altas.

O jovem que ia junto dela, reatou a marcha para alcançar o grupo. Interpus-me em seu caminho. Não entendi nada. Todo mundo parecia saber mais que eu, e a única coisa que eu desejava era encontrar a jovem.

— Levavam-na para o castelo do capitão Alexander, em Norwich!

Ela virou seu rosto para me observar.

— Ela já não está lá.

O carroção me rodeou e se afastou. David se aproximou de mim.

— O que ela lhe disse?

— Que ela já não está lá, que se dirige para o norte, às Terras Altas.

— Mas... como conseguiu escapar de Alexander?

— Amigo — eu lhe disse, — preciso de uma cerveja para esclarecer minhas ideias.

— Sim, eu também. A viagem foi longa. Tenho sede e fome.

Aproximamo-nos de Norwich. Nos arredores havia vários botequins. Entramos em um deles.

— O que desejam, cavalheiros? — Perguntou uma moça, nos olhando, intensamente, com seus grandes olhos azuis.

— Duas cervejas — disse David.

Sentamos na única mesa que estava afastada da entrada, esperando que a jovem nos trouxesse as bebidas e algo para comer. Eu me sentia cansado. Precisava clarear minhas ideias. Não acreditava em tudo o que estava acontecendo. Fazia somente alguns dias que eu havia chegado das cruzadas e, desde que aquela mulher aparecera em meu caminho, minha vida complicou. Aquela jovem me atraía, desde o primeiro momento em que eu a avistei; isso eu não podia negar; mas, que minha missão fosse protegê-

la... Depois veio aquela cigana, que soube em seguida sobre quem eu falava. Às Terras Altas, por quê? E o menino? Bejira se referira a Elisabeth como a escolhida, e ao menino como o guardião. Eu enlouqueceria com toda essa história.

— Aqui está — disse-nos a taberneira. — Vocês..., não são daqui.

— Não... — eu disse.

— Vamos ao mosteiro de Santo André. — Disse meu amigo.

— Vão em peregrinação? — Perguntou ela.

— Sim — respondeu David, — por causa de uma promessa.

— Menos mal!, pensei que vinham pelo assassinato do rapaz.

Olhamo-nos. Não sabíamos ao que ela se referia. Meu coração começou a pulsar, pensando que podia ser o menino que acompanhava Elisabeth.

— Que rapaz?

— Não souberam disso? — Nós negamos com a cabeça. — Devem ser os únicos.

Todo mundo fala disso. O corpo apareceu em um bosque, nas imediações de Norwich, e apresentava inúmeras lacerações e feridas com faca. Tudo aponta que ele foi vítima de um rito judeu.

— Rito judeu? — Eu perguntei.

— Sim, meses atrás, apareceu outro jovem com feridas semelhantes. Ambos eram aprendizes e a última vez que foram vistos, estavam entrando em uma casa de judeus.

Depois já não se soube mais nada, até que transcorridos alguns dias, dois camponeses encontraram seus corpos.

— Pegaram os assassinos? — Eu perguntei.

— Não, mas o ódio e a aversão para com os judeus, propagou-se por toda a cidade. Alguns fugiram, mas os que ficaram...

— Liliane! — chamou um homem de idade avançada, olhar frio e maçãs do rosto muito salientes.

A jovem encolheu os ombros e se afastou. O homem nos olhou.

— Não perguntem tanto, cavaleiros; pode lhes trazer problemas — ele sussurrou para nós.

— Esta gente é muito estranha, amigo! — disse David.

Rimos e chocamos nossos copos de cerveja.

Um homem, com armadura, entrou no botequim. Dirigiu-se ao balcão. Minha atenção se centrou nele. Ele disse algo ao taberneiro e depois começou a falar com voz forte e profunda.

— O capitão Alexander oferecerá uma recompensa a quem encontrar uma jovem de cabelo negro, que responde pelo nome de Elisabeth. Está acompanhada por um menino de olhos negros e de cabelo escuro.

Dito isto, olhou a todos os ali presentes e partiu. David se concentrou em sua cerveja.

— Essa é sua jovem dama, Kimball. Então ela escapou. A cigana estava com a razão quando disse que não a encontraria lá.

— Sim, mas agora me preocupa que aquele bárbaro a persiga e que ofereça uma recompensa.

Aquilo me intranquilizava. A taberneira se aproximou de nós para nos levar as travessas que faltavam.

— Quem era aquele cavaleiro? — Eu perguntei.

— Um soldado do capitão. Pelo visto ele pretende se casar com a dama, a única herdeira de uma grande fortuna. Contaram-me que deseja o matrimônio com ela, pelas posses que sua família possuiu, e teme que a jovem despose outro.

— Outro? — perguntou David.

— Sim, se ela o fizer, ele não conseguirá ter o poder e as riquezas que esse matrimônio lhe atribuiria.

Liliana partiu. David me olhou.

— Temos um problema: o homem não cessará, em seu empenho de encontrá-la. Sua dama misteriosa, pelo visto, é muito valiosa para Alexander. Sabe o que isso significa?

— Sim, que preciso me casar com ela.

— Kimball! Você está louco!

— Não, preciso fazer isso, é a única forma de protegê-la daquele monstro.

— Mas... se casará com uma mulher que não conhece, nem ama?

— Só faço para protegê-la. Há algo me dizendo que faço o que é certo. Depois, eu partirei para as cruzadas e a deixarei livre.

— Não, Kimball, estará vinculado a ela por toda a vida. Você não é homem de ficar amarrado a uma mulher.

— E não penso ficar, amigo. Se não houver relações conjugais, o matrimônio é anulado. Isso é o que acontecerá. Mas, agora, ela precisa se casar e fingir, para que aquele homem pare de se empenhar em se dar bem.

— Se há alguns dias tivessem me falado, que eu o escutaria falar assim, eu não teria acreditado. Kimball! O grande guerreiro!, diante de quem, todas as mulheres se rendem a seus pés, que teve a toda a jovem que sempre desejou, aquele que sempre se negou a se casar, agora fala de matrimônio para salvar uma jovem que conheceu recentemente... E só o faz para salvá-la. — Ele gargalhou. — Será que a ideia não o desagrada porque você gosta da moça? — Ele riu. Dei uma cotovelada nele.

— Não diga tolices!

No fundo David não estava muito errado. A ideia não me desagradava, porém, eu ainda, não entendia o porquê. Eu, me uni ao rei Ricardo, para fugir da responsabilidade de ter um herdeiro e fazer o que todos esperavam de mim, mas, nesse momento, eu estava decidido a me casar com uma mulher desconhecida.

Retomamos o caminho onde nos encontramos com a cigana, e andamos em direção às Terras Altas, tal e qual ela nos indicara.

Decidimos nos afastar do caminho principal, já que intuímos que ela e o menino não o teriam pego, por medo de se encontrarem com o capitão.

Era noite, fazia frio, e decidimos parar e descansar. Começamos a buscar galhos, para fazer uma boa fogueira.

Nesse momento, eu escutei, David, também; ambos ficamos quietos e nos olhamos.

— Ouve? — perguntou David.

— Sim, a música vem dali.

Escutamos gaitas de fole e outros instrumentos. Conforme avançávamos para aquele som, as risadas eram mais perceptíveis. Encontramos um grupo bastante numeroso de pessoas. Notei que alguns daqueles homens usavam quipás, sobre suas cabeças: eram judeus. Outros não o usavam, pareciam camponeses.

— O que fazem aqui?

Um homem de grande envergadura, nos apontava a ponta de sua espada. Atrás dele, apareceram outros três, levando paus e adagas.

— Estamos em missão de paz — eu disse, levantando as mãos para que eles vissem, que eu não tinha a intenção de desembainhar minha espada. David me imitou.

Nesse momento, um padre vestindo túnica negra e com uma proeminente barriga, abriu passagem entre os que nos ameaçavam.

— O que procuram?

— Somos peregrinos. Estamos a caminho do Mosteiro de Santo André — disse David.

Olhei-o surpreso diante sua resposta.

— Bom, então, se são peregrinos, deixaremos que vocês aproveitem nossa festa. Tenho certeza de que estão com sede e fome — disse o padre, baixando os sabres do guerreiro, e pousando seus braços sobre nossos ombros. — Arrumem

lugar para estes homens; dêem-lhes vinho! — Olhou-nos. — Sou o irmão John. E seus nomes?

— Kimball e David. — Meu amigo adiantou-se para responder.

Sentamos. Eles haviam montado uma grande festa ao redor da fogueira, onde o vinho e a comida circulavam em abundância. Os judeus se mantinham a certa distância. Uma jovem muito bonita nos levou a bebida e insistiu para que bebêssemos. David tomou primeiro e eu o imitei. Depois a jovem puxou meu amigo pelo braço e o forçou a dançar com ela.

Nesse momento, uma mulher chamou minha atenção. Estava em cima de um tronco grosso, de uma árvore que caíra ao chão. Apesar da umidade e do frio, ela estava descalça. Estava rindo. Sua intenção era chegar ao final do tronco, sem cair no chão. Os que se encontravam perto dela a aclamavam, enquanto ela tentava terminar a façanha com êxito. Levantei-me. Pareceu-me que era Elizabeth. Aproximei-me de onde estava aquele grupo de homens e mulheres, e estava certo: era ela. Apoiei-me sobre o tronco de uma árvore, cruzei meus braços sobre meu colo e a observei, divertido. Aquela mulher me surpreendia. Não só possuía noções de medicina, mas, também, atuava fora de todo o protocolo que uma dama de sua classe deveria seguir. Observei que a seu lado havia um menino, que a olhava com admiração e aplaudia. Eram eles.

Esteve a ponto de cair, outra vez. Eu dei um passo a frente, com a intenção de segurá-la, mas, em seguida, ela

voltou a restabelecer o equilíbrio, até que chegou ao final do tronco, vitoriosa, levantou os braços e sorriu satisfeita pela façanha.

Que bonita ela era! Estava decidido, casaria com ela o quanto antes possível. “Somente para protegê-la”, disse a mim mesmo, com a intenção de convencer-me, de que não era por outro motivo. Esbocei um sorriso.

— Conhece-a? — perguntou o padre, que me olhava com interesse.

— Não.

Ela deu um salto e pisou na grama. A jovem segurou as mãos do menino e começou a girar, ao som da música.

— Se me desculpar, irmão.

Queria dançar com ela, tê-la entre meus braços. Enfim, eu a encontrara! Não a deixaria escapar.

Toquei suavemente o ombro do menino. Ele parou e no momento, sua expressão tornou-se mais séria. Evitei olhar à moça — deixe-me dançar com ela. — Eu sorri.

O menino assentiu. Nesse momento o rosto da jovem estava sério; seu semblante mudara. Rodeei-a pela cintura e a atraí para meu peito.

— Deveria colocar a sapatilha. Não é muito apropriado para uma dama agir como você está fazendo.

— O que faz aqui? Como me encontrou?

— Ora! Essas não são as boas-vindas que eu esperava.

— Não o conheço e sempre está em todo lugar.

— Será que estamos destinados um ao outro. A última vez que a vi você me disse que desceria pelas escadas para se encontrar no baile comigo, e nunca apareceu.

— Aconteceu algo...

— Sei o que aconteceu, Elisabeth. O capitão Alexander a sequestrou. A donzela me disse. — Olhava-me fixamente. — Pode confiar em mim. Eu posso ajudá-la. Sei que se dirige às Terras Altas. Uma cigana que encontramos no caminho nos disse, e também nos comentou que o menino é muito valioso para o capitão, e não sei se para outros mais; intuo que sim.

— Você disse: nós? Quem mais viaja com você?

— David, ele é meu homem de confiança. É como se fosse meu irmão. Alexander ofereceu uma recompensa por vocês dois. Quer se casar com você, a qualquer custo. Se a recapturar, obrigará você.

— Não!, jamais me casarei com ele. Ele não pode me obrigar.

Detive-me.

— Mas de onde você saiu? É tão ingênua? Não se dá conta de que sua opinião pouco importa. Levará você à força, diante da presença de um sacerdote e este certificará o matrimônio. Ele quer suas terras.

— Minhas terras? Que terras?

Eu não entendia aquela jovem, ela estava zombando de mim.

— Casaremos amanhã.

— Casaremos? Você e eu?

— Sim.

— Não! Jamais!

— Se você se casar comigo, ele não poderá fazê-lo. É uma forma de protegê-la.

— Não preciso que ninguém me proteja.

— Possivelmente, você não. Começo a acreditar que é capaz de tudo, mas, o menino sim.

Ela olhou para ele. O menino se aproximou de nós e com sua mãozinha, segurara a da jovem.

— Eu não pretendo me casar! Não entra em meus planos. Sempre fugi de tudo isso.

— Tampouco entra nos meus, acredite que é a última coisa que eu faria em minha vida.

— Então, por que faz? Além disso, ninguém o obriga a me proteger. Não me deve nada.

— Por você. Sei que não precisa que ninguém a proteja, mas aquele homem é um bárbaro, agressivo, cruel, capaz de tudo, para conseguir o que deseja. Você seria uma infeliz ao lado dele.

— Ora! Então devo agradecer seu sacrifício ao se casar comigo.

— Levarei você até onde desejar e quando já estiver a salvo, transcorrido certo tempo, solicitarei através do rei Ricardo, a anulação do casamento, por não termos tido o ato conjugal. Você ficará livre para fazer com sua vida o que desejar.

Ela ficou ruborizada e aquilo me divertiu.

XIII

O que ele pensava! Eu não pensava em me casar com ele. Eu não era daquela época, então, eu podia fazer o que quisesse. Sabia que ele me observava. Afastei-me do seu lado, depois daquela conversação. Olhei-o de esguelha, comprovei que ele estava com o padre que, com grande amabilidade, nos acolhera e nos dera comida, quando seus homens nos trouxeram até esse grupo tão heterogêneo. Eamon puxou de minha mão com suavidade. Carregava minhas sapatilhas. Levantou-as e me entregou, para que as calçasse.

— Obrigado, Eamon. — Sentei-me para calçar e o menino me olhava sem pestanejar. — Temos um problema — eu lhe disse. — Aquele homem — eu disse e assinalei com o dedo para Kimball, — disse-me que o capitão ofereceu uma recompensa por nós. — O menino assentiu. — Precisamos partir, assim que amanheça. Devemos chegar o quanto antes às Terras Altas, à casa de quem se supõe... Bem, de minha mãe.

O menino se abaixou, extraiu suas pedras, de seu pequeno saco e começou a formar palavras. Kimball nos observava. A seu lado estavam o irmão John e o homem que o acompanhava, o tal de David. A música não parava.

— Ele nos acompanhará?

— O homem forte?

— Sim. — Seus olhos negros se fixaram nos meus.

— Não, devemos fugir quando todos, inclusive ele, estejam adormecidos.

— Ele deve nos acompanhar.

— Não, Eamon, ele não.

— Por quê?

— Porque não confio nele.

— Ele nos protegerá.

— Não devemos confiar em ninguém. Eamon, não entendo porque o perseguem. Aquele homem quer me tornar sua esposa, para ficar com as terras que se supõe que me pertencem. — Arqueei as sobrancelhas. — Mas e você?

O menino baixou o olhar. Ficou pensativo e começou a mover as pedras.

— Eu sei de algo que eles querem.

— Ora, eu já sei isso.

— Sei onde pode estar o santo Graal.

— Eamon! Isso é lenda.

— Não!, não é. Mas jamais direi; devo protegê-lo. Existe somente uma pessoa que precisa saber.

— E quem é?

— A escolhida.

— Ou seja, eu.

Ele me olhou.

— Sim.

— E por que eu devo saber?

Eamon me olhou, guardou suas pedras no saco, e levantou os ombros, movendo a cabeça para ambos os lados.

— Vou enlouquecer com tudo isto! O destino nos uniu Eamon. Nós dois, estamos em situações parecidas: não sabemos o que vai ser de nós e quando tudo isto terminará. Envolvi o menino com meus braços, atraí ele para meu peito, e o beijei em sua cabecinha. — Não se preocupe, não permitirei que aquele bárbaro leve você com ele.

A festa continuava, mas eu tomara uma decisão: partiríamos de madrugada. Ninguém devia nos ver, sobretudo Kimball, que desaparecera de minha vista. Agarrei Eamon nos braços e me dirigi para a tenda feita com peles de animais. O piso de nosso habitáculo, era a grama úmida e fria. Acostumada à calefação de meu apartamento em Londres, minhas mantas e minha cômoda cama, aquilo me parecia desumano, mas era melhor dormir sob um teto de tecido, do que à intempérie. Antes de me colocar debaixo da tenda, observei atrás de mim, se por acaso via Kimball. Ele estava ao redor da fogueira. Uma mulher bonita, de cabelo loiro e exuberante rondava-o. Seu olhar, nesse momento, estava fixo em mim. Dissimulei, embora fosse óbvio, que era a ele, quem eu procurava com meu olhar.

Coloquei uma pele de animal, que o padre me deixara, sobre o chão, acomodei Eamon sobre ela, agasalhei-o e me deitei a seu lado. O pequeno se aconchegou junto a mim. Envolvi-o com meus braços e lhe dei um beijo na bochecha.

— Tudo correrá bem — eu lhe disse.

Começava a amanhecer, eu havia adormecido. Precisávamos partir antes de que todos do acampamento despertassem, embora, depois da festa que tiveram na noite

anterior, ninguém madrugaria. Despertei Eamon, recolhi as poucas coisas que levávamos, e nos colocamos em marcha. Ao sair, o fio de uma espada se interpôs em meu caminho. Assustei-me e dei um salto para trás.

— Pode-se saber para onde pretende ir?

Era Kimball. Seus bonitos olhos verdes estavam fixos em mim.

— Partimos. E, por favor, afaste esta espada do meu caminho!

Eamon nos observava. Kimball baixou seu aço, agarrou-me pelo braço e se virou para o menino.

— Menino, não se mova daqui! Vou falar um momento com a dama.

— O menino assentiu.

Kimball me levou para o interior da tenda. Estava em minha frente, tão forte, tão alto, e com aqueles olhos verdes, me olhando, intensamente. Meu Deus, como ele era bonito!

— Por favor, me solte! — Eu exigi.

Soltou-me, cruzou seus braços.

— Você vai se casar comigo, eu já disse.

— Casar? Não! Não penso.

— Pareço tão desagradável para você? Qualquer mulher gostaria de estar em seu lugar, e você me despreza.

— Pois case-se com uma delas; eu certamente, não quero. Sou uma mulher livre e continuarei sendo. — Ele gargalhou diante da minha resposta.

— Você tem senso de humor. Então, acredito saber porque você me recusa.

Ele ficou de joelhos à minha frente, colocou sua espada em frente a ele e me olhou.

— Querida Elisabeth, gostaria de ser minha esposa? Dou-lhe minha palavra, como homem de honra que sou, que assim que esteja fora de perigo, nosso enlace será anulado e você voltará a ser uma mulher livre.

— Terminou o teatrinho? Pois agora levante-se e me deixe partir.

— Em vista da teimosa que é, você obriga-me a agir de outra maneira.

Não me deu tempo nem para reagir, rodeou-me a cintura, levantou-me e me posicionou sobre seu ombro. Comecei a espremer, ele agarrou-me com força pelas pernas e me levou para fora. Eamon sorria ao assistir a cena. Kimball se aproximou dele e lhe acariciou a bochecha, piscando um olho.

— Agora nós precisamos nos casar. Entende, não é verdade?

O menino assentiu.

— Eamon!, chame o padre e lhe diga que este homem me vai forçar a casar com ele. — Kimball soltou uma gargalhada ao ouvir meu comentário.

— Não tem graça! Você é um bruto, um canalha, um bárbaro...! Solte-me! Não penso em me casar com você.

— Ha, ha, ha! Agora se nota que você já começa a me apreciar um pouco! — Ele disse irônico.

Em minha posição, com a cabeça olhando para o chão, eu não conseguia observar tudo o que havia a meu redor,

mas, sim, via muitas pessoas reunidas. O que ele pretendia fazer! Ele parou e me colocou no chão.

— O que você pensa? Acredita que porque sou uma mulher, pode dispor de mim como lhe der vontade? — Perguntou zangada.

Nesse momento escutei risadas a meu redor e um pigarro detrás de mim.

Observei que estávamos rodeados de todas as pessoas que formavam aquele acampamento.

Olhavam-me divertidos, com um sorriso em seus rostos. Virei-me e em frente a mim estava o padre John. Depois voltei meu rosto para o Kimball.

— Eu lhe disse, você vai se casar: sim ou sim.

Voltei-me para o padre.

— Este homem está me obrigando a casar com ele — eu lhe disse.

— Minha filha, aqui ninguém obriga ninguém.

— Que seja rápido, padre — disse Kimball para ele.

— Como? — Eu não podia acreditar no que estava me acontecendo. Aquele homem me forçaria a fazer algo que eu não queria.

Kimball me agarrou a mão, com força.

— Reunimo-nos neste dia...

— Por favor, padre, vá direto ao ponto.

— Eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

— Como? Mas...

Nem sequer me deixou responder, nesse momento, sem eu esperar, Kimball me rodeou com seus braços e me atraiu para ele, aproximou seu rosto do meu e me beijou.

O contato com seus lábios, sua suavidade, me provocou um calafrio, que percorreu todo meu corpo. Eu não esperava por isso, mas meu corpo reagiu àquele beijo; eu gostei, mas como..., por mais que eu quisesse, não podia negar. Ele afastou seu rosto do meu; suas pupilas estavam fixas nas minhas. Sentia calor em minhas bochechas; devia estar vermelha. Ele notou e sorriu. Retirou um anel que usava em seu dedo mindinho. Era de ouro e possuía uma grande pedra negra incrustada no centro, com duas pequenas espadas cruzadas, o mesmo símbolo que aparecia em meus sonhos.

— Agora você deve usá-lo. A partir deste momento é a condessa de Essex. Já podemos nos tratar por você.

Segurou a minha mão e colocou o anel no meu polegar. Ele ficava um pouco grande.

— Como se atreve a me beijar? — Eu estava zangada.

— Era necessário. — Ele se aproximou mais de mim e me sussurrou. — Tranquelize-se, era somente um protocolo; havia muitas testemunhas. Se a deixar mais tranquila, eu não senti nada. — Ele sorriu, estava se divertindo à minha custa, e minha ira aumentou naquele instante.

— Quero que saiba que não dei meu consentimento!

— Sei, mas para outros, agora você é minha esposa, e o capitão Alexander terá que pensar, duas vezes, antes de tentar sequestrá-la outra vez. Se o fizesse, ele declararia guerra a mim. Além disso, sou um homem de palavra.

Prometi que quando tudo isto acabe, nosso casamento será anulado, e assim o farei. — Piscou-me o olho.

— Não o entendo, por quê?

— Porque me sinto responsável por você, desde que a recolhi, inconsciente, no caminho. Não acredita que seja por outro motivo, sou um cavalheiro — ele sorriu.

— Continuo sem entender... Deve saber que não aceito as imposições. Mas, muito obrigada!

— Você não raciocinava.

— Mas minha opinião conta.

— Sua opinião? De onde você veio?

— Se você soubesse — eu sussurrei. Ele não me escutou. Mas arqueou as sobrancelhas.

— Sua integridade está a salvo comigo. Sempre cumpro minhas promessas... Beth.

— Sorriu. — Claro, a não ser que não queira que seja assim. Ha, ha, ha!

— Muito bem, então eu usarei seu anel até que cheguemos às terras de meu avô... Mas quando estivermos lá, desapareça da minha vida.

— Perfeito, eu os levarei, e quando me assegurar que não correm perigo, então, e só então, cada um irá por seu caminho.

— E não pense que aceito esta situação.

— Ha, ha, ha! Pois eu, estou começando a gostar. Casei-me com uma fera.

— Uff!

Dei-lhe as costas. Não queria continuar falando com ele. Sentia-me impotente com aquela situação. Não entendia o que acabara de acontecer.

Ainda estava aturdida pelo beijo, esse homem era muito atraente e eu gostava e muito, desde o primeiro momento que o vi, foi assim.

David se aproximou de onde estávamos. Com um grande sorriso desenhado em seu rosto.

— Quando e para onde partimos? — Ele perguntou para seu amigo.

Kimball me olhou.

— Para onde disser a minha esposa.

— Não sou sua esposa.

— No momento sim, e não se esqueça. — Ele me piscou um olho.

Custava-me muito escutar essa palavra, mas eu precisava entender que meu comportamento chocaria muito aquele homem e os que o rodeavam. Não era lógico que uma mulher opinasse e se negasse a se dobrar à vontade de um homem.

— À ilha Maree. — Kimball arqueou as sobrancelhas.

— Pois então, a caminho! O padre vem conosco. Ele nos acompanhará até York. Lá se afastará em direção à abadia de Whitby.

Kimball olhou para Eamon, que observava a situação com um sorriso. Ele se abaixou, até ficar à sua altura.

— E você, vem comigo — dizendo isto o acariciou delicadamente em sua cabecinha e o pegou nos braços. — David! Conseguiu outro cavalo?

— Sim. E mais peles para nos proteger do frio.

— Obrigado, amigo.

Kimball se virou e ficou de frente para mim, Pegou-me pela mão e me segurou, com força.

— Vamos!, não podemos nos deter muito mais tempo aqui. Os homens de Alexander estão por toda parte.

— Sempre consegue o que quer?

— Sim, sempre. E mais ainda, se se tratar de uma mulher.

— Pois quero que saiba, cavaleiro, que comigo não vai ser assim.

Ele gargalhou com a minha resposta.

O padre nos esperava, já montado em seu cavalo. Junto a ele havia um homem e uma mulher, ambos judeus.

— Este é seu cavalo, Beth.

Kimball montou o menino sobre o lombo do seu animal e olhou para John.

— Estes jovens vão comigo até Whitby — disse o padre. Kimball assentiu.

Deu um salto e se posicionou atrás de Eamon, cobriu suas pernas e o corpinho, para evitar que ele sentisse frio e, com sua mão esquerda, rodeou-lhe a cintura, enquanto que com a outra segurava as rédeas do animal.

XIV

Foram muitas horas cavalgando. O menino me preocupava, estava pálido. Acabávamos de chegar ao bosque de Sherwood, lugar ideal para passar a noite, escondidos no interior do arvoredo, sem perigo de que os homens de Alexander nos encontrassem, embora o rumor de que sua donzela havia se casado, já devia ter se espalhado. Um dos jovens que presenciou nossas bodas me prometeu que iria aos botequins próximos ao castelo do capitão, para dizer que a dama havia se casado: claro, precisei dar dinheiro, para que me fizesse esse favor.

A única coisa que eu não gostava de Sherwood, era que se tratava do esconderijo de todos os ladrões perseguidos pelo Rei João. Devíamos tomar cuidado. Os impostos que impusera aos camponeses eram muito altos e isso atizara o ódio e a rebeldia por parte do povo, por isso, se tornaram muito habituais os assaltos aos carroções que atravessavam os bosques e caminhos.

Desmontei, peguei o menino e o deixei no chão. Elizabeth já havia desmontado, aquela jovem me surpreendia. Era muito bonita. Devia admitir que eu gostava dela. Sim, eu gostava o bastante. Sabia que não precisava tê-la beijado, mas era algo que eu desejava fazer desde o primeiro momento em que a vira estirada no chão, inconsciente. E agora,

observando-a pelo canto do olho, desejava retê-la entre meus braços, e voltar a provar seus lábios. Ela amarrou seu cavalo e veio, diretamente, procurar o menino. Ajoelhou-se.

— Você está bem, Eamon?

O menino assentiu. Olhou-me sério. Estava zangada.

— Ele está pálido, a ponto de desfalecer. É um menino, não pode ficar tanto tempo sem comer!

— Quanto antes se fortaleça, melhor para todos.

Ela ficou de pé, em frente a mim. Apesar de seu aspecto frágil e delicado, a jovem era forte e valente, não temia a nada, nem a ninguém. Essa era uma das qualidades, da dama, que eu mais gostava.

— Você não tem sentimentos? Não se dá conta de que ele é um menino e não tem a resistência de um adulto? — Preferi não responder. Sabia que replicar seria começar uma batalha verbal que eu não queria.

Amarrei meu cavalo a um dos troncos, das árvores que nos rodeavam. Deixei as peles de animais sobre uma rocha. A noite seria tão fria e úmida quanto a anterior. Dirigi-me ao David. Ela continuava atrás de mim, com o mesmo assunto. Eu não a escutava, embora, sim, a ouvisse.

— Devemos conseguir lenha e algo para comer — eu disse para meu amigo.

— Há um rio perto, eu escuto a correnteza — respondeu David. — Pescarei algo.

O padre nos observava, divertido. O jovem judeu acompanhou David, enquanto que a mulher estendia algumas peles sobre o chão e deixava outras, para que

pudéssemos nos cobrir. Parei de ouvi-la, ela já não falava. Eu ia me virar, mas ela se posicionara em minha frente, com aspeto zangado e as mãos na cintura. Arqueei as sobrancelhas pois sabia que vinha uma reprimenda.

— Não escutou nada do que eu lhe disse!, não é verdade?

— Pois se eu for sincero, não. — Pisquei um olho para ela e sorri.

— Não estou disposta a aguentar as suas ordens, Kimball. O menino precisa descansar e se alimentar. É a última vez que transcorrem tantas horas, sem fazer um descanso. Escutou bem o que eu disse?

Era muita a tentação. Ela estava muito bonita, assim zangada, seus olhos negros, rasgados, fixos nos meus, brilhavam intensamente. Aproximei-me dela devagar.

Ela retrocedia. Continuava falando, embora seu tom se suavizasse.

— Sim, agora eu escutei muito bem. Algo mais?

Ela se chocou contra o tronco de uma árvore. Estava encurralada.

— Não..., no momento, não.

Apoiei minhas mãos sobre o tronco, deixando no meio, seu belo rosto. Aproximei-me dela.

— Muito bem, Beth. Agradeceria então que você ficasse em silêncio. Se não, me vou arrepender de ter me casado com você — eu lhe sussurrei.

Ela ficou ruborizada. Eu adorava isso e já havia observado nela, em mais de uma ocasião. Deixei-a apoiada no

tronco e parti, para procurar lenha e começar a fazer uma grande fogueira, para nos esquentar e assar os peixes, que meu amigo e o jovem judeu trouxessem. Precisei fazer verdadeiros esforços para não beijá-la.

John analisava a situação com um grande sorriso no rosto. Ele se aproximou de mim.

— Kimball, sabe que não pode mentir para um padre?

Olhei-o. Não sabia o motivo daquela pergunta.

— Não o entendo, irmão.

— Não me entende ou não quer entender? Disse-me que precisava casar com a jovem, porque a vida dela corria perigo, precisava protegê-la, a ela e ao menino, e era a única forma de fazê-lo. E... agora, dá-me a sensação de que você gosta bastante dessa jovem, inclusive mais do que você acredita.

Deixei os galhos no chão e o olhei.

— Está imaginando coisas que não existem.

— Ha, ha, ha! Sim, isso, são imaginações. — Ele gargalhou por causa da minha resposta. Afastou-se movendo a cabeça para ambos os lados.

Observei Beth pelo canto do olho, ela ajudava a jovem judia a colocar peles sobre o chão, ao redor do que seria a fogueira. Depois se sentaram próximas ao lugar. Apreciei como ela, dissimuladamente, olhava meu anel, que nesse momento usava em seu polegar. Sorri ao vê-la brincar com ele.

Eamon me ajudava a juntar os galhos. Comecei a esfregá-los contra a erva seca, para fazer fogo e começou a sair fumaça. O menino me olhava com interesse, sem

pestanejar. Quando saíram as primeiras chamas, o menino se surpreendeu. Ajudou-me a colocar galhos sobre a incipiente fogueira.

À distância, se aproximavam David e o jovem judeu. Traziam vários peixes. Foram atravessados com paus e os colocamos na fogueira. Repartimos os peixes, mas Beth não comia.

— Por que você não come?

— Não tenho fome, obrigada. — Eamon a olhava.

— Pois, embora não tenha fome, deve comer. Precisamos repor forças; ainda resta muito trajeto, até chegar às terras de seu avô e, se não se alimentar, cairá doente em duas jornadas completas. Coma! — ordenei-lhe.

O que acontecia? Precisava ser forçada a comer? Não entendia como ela conseguia negar a comida.

Começou a separar, com os dedos, pequenas partes da carne do peixe. Causou-lhe uma ânsia.

— Não consigo!

David começou a rir e o casal de judeus, junto com o menino o seguiram.

— O que aconteceu? — Eu perguntei.

— Não consigo comer isso, está muito cru.

Levantei-me, peguei o peixe e o voltei a colocar no fogo, até que ficou tostado.

— Está melhor?

Ela assentiu.

— Quando acredita que chegaremos em Whitby? — Perguntou o jovem judeu, que respondia pelo nome de Abir.

— Dentro de dois dias. — Observei o jovem e o notei nervoso. Aproximei-me dele.

— Por que se dirigem à abadia? — Ele baixou seu rosto.
— É por causa do assassinato do menino?

— Não fomos nós. Disseram que foram judeus, mas nós, não, senhor. Não nos queriam lá. Sempre nos consideraram seus inimigos. — Fez uma pausa. — O jovem ia a casas de judeus, com seu professor; ele gostava de ver como obtínhamos determinadas cores e as misturas que fazíamos. Eles sabiam que ele frequentava nossas casas. Podem ter sido aqueles que nos odiavam tanto.

— E por que culparia seu povo?

— Muitos nos acusam de praticar bruxaria. Além disso, eles ficam irritados porque contamos com o amparo do rei. Mas não se dão conta, de que ele exige de nós, o pagamento de mais tributos que ao resto da população. O menino era o sobrinho de um bispo, Godiering Stuart. Ele aposta que foram os judeus, os assassinos de seu sobrinho. Por isso minha esposa e eu fugimos.

— Por que para Whitby? — Eu perguntei.

— O padre John prometeu nos ajudar. Queremos ir à França.

— Eu não sei quem matou aquele menino, mas eu lhe asseguro que nem minha esposa, nem eu, seríamos capazes de assassinar alguém.

— Acredito em você. — Coloquei a mão em seu ombro.

Nesse momento, um grito me distraiu de nossa conversação. Era Elizabeth, que fazia alguns minutos, se retirara da fogueira para dormir.

Estava desesperada, assustada, por causa de um ponto, apenas perceptível, que avançava para ela. Aproximei-me. Era uma aranha diminuta. Soltei uma gargalhada. Eamon e David me imitaram. Afastei-a de seu lado, com o fio da navalha.

— Já está fora de perigo, minha valente esposa. — Eu zombava dela.

Ela franziu o cenho.

— Muito gracioso! Mas essa aranha seguramente era muito venenosa. Se chegasse a me picar...

— Certamente você morreria no ato. Ha, ha, ha!

Ela me olhou, com ódio, e se cobriu com sua pele. Eamon se aconchegou a seu lado, e Beth o abraçou, dando-lhe um beijo na bochecha. Observei-os. David me deu uma cotovelada.

— Esse olhar o delata, amigo — Ele me sussurrou.

— Não sei a que se refere.

— Sabe muito bem. — Olhava-me com as mãos nos quadris. — Você gosta dela e, no fundo, não o desgosta a ideia de ter se casado com a dama.

— Este casamento foi uma artimanha. Você sabe. Assim que estejam a salvo, eu seguirei meu caminho, e ela, o seu.

— Amigo, não acredito. Ha, ha, ha!

Eu o observava. Ele se aproximou da fogueira. A cor loira de seu cabelo se intensificava com as chamas. Sentei-me

junto a ele. Todos outros estavam dormindo à exceção de nós dois.

— Apesar do tempo que se passou desde que parti às cruzadas, ainda o conheço como a palma de minha mão. Sei que há algo que tem distraído você — eu disse.

Ele me olhou.

— Sim, assim é.

— Uma mulher? — Sorri.

— Conhece-me muito bem. — Ele gargalhou ante minha observação.

— Ah! Então acertei. O que acontece?

Ele hesitava.

— Há uma jovem que roubou meu coração. Estou apaixonado por ela há bastante tempo. — Levantou seu rosto para me olhar.

— E qual é o problema? Ela não lhe corresponde?

— Sei que ela me ama.

— Então?

— Seu pai deu sua mão a outro homem, um conde. Está obrigada a se casar com ele.

— Ora! Um conde! — Dei uma cotovelada nele. — Isso nunca foi um problema para você.

— Sim, desta vez sim. A amo e quero me casar com ela.

— Minhas suspeitas se confirmavam, tudo se encaixava, a mulher era minha irmã.

— David! Agora sim fico preocupado. Você, falando de casamento? Ha, ha, ha!

Ele baixou o rosto. Dei-lhe uma palmada carinhosa atrás do pescoço. — Asseguro-lhe que se pode fazer algo. Quando terminarmos com este assunto idearemos uma estratégia para raptar a dama e afastá-la das garras desse conde.

— Kimball!, isso não é possível.

— Nada é impossível, irmão. — Eu sorri. Assim, eu ia me acostumando a me dirigir a ele, já que o considerava como tal. — Vá dormir, David. Eu ficarei vigiando.

— Você também precisa descansar.

— Sim, mas não consigo conciliar o sono.

Eram muitas preocupações. Essa mulher havia me intrigado. Bejira me dissera que eu devia protegê-la, mas não me dera maiores explicações.

O que acontecia? E sobre aquela cigana, como ela soubera a quem eu procurava? Além disso, eu estava consciente, apesar de que me empenhasse em negar, de que eu gostava dessa mulher.

Eamon se endireitou, e me olhou com interesse.

— O que houve, pequeno?

Ele tirou algumas pedras e começou a formar palavras.

— Tenho frio.

— Bom, isso tem solução.

Ele continuava escrevendo.

— Ela também. Está gelada.

Fui direto até onde estava Beth. Toquei-lhe o rosto e a mão. Estavam muito frias. Ela estava adormecida. Coloquei-me ao lado dela. Agarrei ao menino e o rodeei com meu braço.

O pequeno se aconchegou sobre meu peito. Passei meu outro braço pelo pescoço de Beth, que, inconscientemente, levantou sua cabeça, apoiando, ao mesmo tempo, suas mãos sobre meu peito. Estava imobilizado por ambos, os quais grudavam em mim. Apesar daquela postura incômoda e sem possibilidade de nenhum movimento, o sono me venceu e dormi.

Abri os olhos. Um ruído me despertou, foi como o estalo de ramos secos ao serem pisoteados. Quis me levantar, mas me amarravam com força por ambos os lados. Elisabeth estava com seu rosto muito próximo ao meu, seus braços me rodeavam. Eamon com seu rosto apoiado sobre meu braço, e suas mãozinhas o seguravam. Tentei me mover, mas era impossível fazê-lo sem despertá-los. Tentei tirar meu braço de debaixo do pescoço de Beth, com supremo cuidado. Ela se moveu, em seu rosto se desenhou um sorriso, enquanto mantinha os olhos fechados. Eamon também começou a se mover. David, que também despertou, olhava-me divertido. Estava sentado com os braços cruzados contemplando a cena. Olhei a jovem. Que bonita era! Abriu os olhos devagar e fixaram-se nos meus.

— Dormiu bem, não é verdade?

Ela se endireitou com brutalidade.

— Pode-se saber o que faz?

— Diga-me isso você. Porque que eu saiba, foi você quem me abraçou.

Ela se ruborizou. Levantou-se rapidamente. Sem me responder nem me olhar. Eamon me surpreendeu ao beijar

minha bochecha. Acaricieei sua bochecha. Estava começando a sentir um grande carinho pelo pequeno.

— Levantamos? — Perguntei-lhe, e o menino assentiu.

Segurei-o nos braços e me endireitei com um salto. O menino sorria.

David se aproximou de mim.

— Vejo que não perde tempo. — Ele gargalhou com a situação.

Olhei a meu redor. O sacerdote e os judeus haviam partido.

— David, onde eles estão?

— Pois não sei. Um ruído me despertou e não reparei neles.

— Suas coisas não estão mais aqui — eu disse.

— Nem seus cavalos — respondeu David.

Olhamo-nos. Algo não se encaixava. O padre me prometeu que me casaria com a Beth, se eu o acompanhasse até Whitby. Outra vez o ruído; desta vez eu escutei claramente. David também. Olhou-me e tirou sua espada rapidamente.

Eu o imitei. — Elizabeth! Pegue o menino e fique atrás de mim. Depressa!

Rodearam-nos vários homens, com arcos, paus e espadas. Seriam ladrões e perdidos que se escondiam no bosque. Começamos a lutar. Eram muitos homens contra nós, mas ambos estávamos acostumados às batalhas em campo aberto. Foram nos rodeando. Cada vez apareciam

mais homens. Temia por Elizabeth e Eamon. Extraí a adaga pequena que levava sempre no cinturão e a dei para Beth.

— Se a atacarem, se defenda!

— Eu? Mas não sei como utilizá-la.

— Não há tempo de lhe ensinar. É instintivo.

Estava intranquilo, evitando, com todas as minhas forças, para que não se aproximassem da jovem e do menino. Entre eles apareceu um guerreiro coberto por uma capa negra, o capuz ocultava seu rosto. Devia ser o chefe daqueles vândalos. Fui direto para ele. Se ferisse o líder, outros se tornariam vulneráveis. Nossas espadas se chocaram e começou a luta. Aproximamo-nos.

— Kimball! — disse meu oponente.

Essa voz eu conhecia. Baixei a espada.

— Larguem as armas! — ordenou o desconhecido, ao resto. Tirou o capuz.

— Robert!

Embainhei minha espada. Demos um forte abraço.

— O que faz aqui? — disse Robert, divertido.

— Eu pergunto o mesmo, seu sem vergonha?

— Lutamos até o final, mas não houve maneira de proteger Jerusalém.

Inclusive depois de tê-la tomado, o rei ordenou a retirada.

— Então, as cruzadas não tiveram sentido — eu disse.

— Ricardo e Saladino assinaram um tratado para acabar com o conflito. A situação para ambos, os exércitos, resultou insustentável. — Ele fez uma pausa e me olhou. — A muralha

de Ascalón foi destruída. Jerusalém permanece sob o controle muçulmano, mas em troca disto, Saladino consentiu o livre acesso dos peregrinos cristãos para visitarem a cidade. Assinaram um período de trégua e tolerância durante três anos. — Eu o sentia preocupado.

— Kimball, o rei João preparou um complô contra Ricardo com ajuda de Felipe II, da França. Isto chegou aos ouvidos de Ricardo, assim como a situação caótica da Inglaterra, como consequência do reinado de João. — Ele baixou seu rosto.

— Onde está o rei? — Eu perguntei.

— Em sua viagem de volta a Inglaterra precisou se desviar da rota. Houve um temporal em alto mar. Eu estava lá. Foi impossível controlar o navio.

Encalhamos perto de Aquilea e nos vimos obrigados a empreender uma rota, a pé, por terras germanicas. Sabíamos que, se reconhecessem o rei, o capturariam, então, decidimos nos disfarçar de peregrinos, mas nos armaram uma emboscada, e reconheceram o anel do rei Ricardo.

— Onde ele está agora?

— Prisioneiro no castelo do imperador Enrique VI. Em terras germanicas. Seus aliados o abandonaram. Enquanto isso, João esfrega as mãos, ele já se vê sem rei, sem a ameaça de seu irmão. — Ele me observava. — Eu consegui fugir, com meus homens, mas houve um grande massacre. Estou reunindo mais guerreiros para ir, resgatá-lo de seu cativeiro. Posso contar com você, amigo?

— Já sabe que sim. — Olhei para onde estavam Elizabeth e Eamon. — Antes devo solucionar outro assunto, depois, me unirei a seu exército.

Até esse momento Robert não se dera conta da presença do menino e de Beth.

— Quem são? — Ele sorriu. — Já vejo que não perdeu tempo. Uma jovem muito bonita — ele sussurrou.

Aproximei-me deles, seguido por Robert.

— Elizabeth, Eamon, este é conde de Newark. — Ambos assentiram.

Robert se aproximou de Elisabeth, segurou sua mão e a beijou. Ela a retirou.

— Tem algum interesse na mulher? — Ele me sussurrou.
— É muito bela.

— É minha esposa.

— Você, com esposa? — Ele soltou uma gargalhada. — O homem que ama a liberdade e sempre fugiu da palavra matrimônio... se casou!

— É uma longa história. Já a contarei. Ha, ha, ha!

— Espero impaciente o momento. — Ele soltou uma grande gargalhada com minha resposta.

David se aproximou de mim.

— Este é David, meu homem de confiança.

— Vai se unir, também, ao resgate? — perguntou-lhe o conde.

— É claro, pode contar comigo — respondeu meu amigo.

Robert guardou sua espada e colocou sua mão sobre meu ombro.

- Precisa vir a meu castelo!
- Não posso, amigo. Preciso chegar à ilha Maree.
- Até lá?, por que tão longe?
- Em outro momento.
- Sim, e imagino que tem a ver com ela. — Olhou-a.
- Sim. — Observei-a, também.

Elizabeth se ruborizou. Deu-se conta de nossos olhares. Estava quieta, com sua mão segurando com força a de Eamon, analisando a situação.

— Sempre teve bom gosto para as mulheres. Ha, ha, ha! Asseguro que podem ficar em meu castelo por um dia; além disso, abastecerei vocês com mantimentos, objetos, e casacos. E ao menos, uma noite, dormirão debaixo de um teto. Nestes dias, há névoa e umidade. Sei de alguém que ficará contente em vê-lo. Embora, nem tanto, com a sua esposa.

— Eleanor! — Eu disse.

— Assim é. Não há dia em que minha irmã não suspire por você. — Ele gargalhou.

Sempre me pareceu uma jovem muito bonita. Sua longa cabeleira ruiva, era algo que desde o primeiro momento, me chamou a atenção. Era bela e desde o começo houve uma paquera entre ambos, embora eu nunca quis chegar a mais. Era a irmã de meu amigo, e qualquer estupidez minha, teria desencadeado em um compromisso, ou, em uma inimizade, para sempre.

— Exagerado! Ha, ha, ha! Acredito que será bom passar uma noite coberto, comendo bem e desfrutando de uma grande festa.

— Então vamos!

XV

Estava farta daquele homem. O que ele acreditava? Vi-me forçada a casar com ele. A situação começava a me preocupar. Estaria acontecendo de verdade? Por algum motivo que eu desconhecia precisava estar aqui? Não entendia o que estava me acontecendo. O que estava claro, era que eu devia ir à ilha Maree, e lá descobrir o que minha mãe me indicava na carta.

Intuí-a que eles estavam falando de mim. O homem rude, amigo de Kimball ria enquanto eles me observavam. Kimball também compartilhava com ele desse entretenimento.

— Eu adoro que se divirtam às minhas custas! — Eamon me olhou, estranhando meu comentário.

— Fique tranquilo, carinho. Isto não é para você.

Kimball se aproximou de mim.

— Esta noite nos alojaremos no castelo do conde. Ficaremos de passagem. Eamon, você vem comigo no cavalo.

O menino assentiu e agarrou a mão de Kimball.

O conde dava instruções aos que estavam com ele.

— E estes homens? — disse Kimball.

— São camponeses, gente que ficou sem lar. João os expulsou de suas casas como consequência de não conseguirem pagar os impostos — respondeu Robert.

— E você, que parte tem nesta história?

— Amigo, eu os ajudo a subsistir no bosque, e eles me ajudam a inquietar o rei João, assaltando, todas, as carruagens com pessoas de dinheiro, da coroa e da própria pessoa.

— Ha, ha, ha!

Subi em meu cavalo enquanto eles falavam. A situação me parecia surrealista. Parecia como se eu vivera muito tempo naquele lugar.

Rezei para que tudo terminasse. Começamos a cavalgar. Kimball se posicionou junto a seu amigo. Eu seguia atrás deles e, atrás de mim, dois dos homens do conde.

Eu estava com frio, sentia-me pouco asseada, desejava as comodidades de meu tempo, e Ann, minha querida amiga. Estava sozinha, com um homem desconhecido que nesse momento era meu marido, um capitão me perseguindo, e um menino sob minha responsabilidade. Sentia vontade de chorar; eu precisava. Tudo passava tão rápido, que não tinha tempo de assimilar o que estava me acontecendo. Mas quem poderia aceitar aquilo?

Sequei as lágrimas com a mão, mas era impossível detê-las, continuavam rolando por meu rosto. Kimball se virou, mas não sei se se deu conta de que eu estava chorando. Não queria que ele percebesse meu estado de ânimo.

O castelo de Newark era uma grande fortaleza. Estava no meio de um lago. Fiquei impressionada ao vê-lo. Depois de atravessar um espesso bosque, diante de nós se levantavam quatro grandes torres, custodiadas por soldados armados, vigilantes. Detive meu animal. Precisava contemplar aquilo.

Era como se estivesse em um daqueles filmes medievais que tanto me entusiasmava ver. O céu ameaçava uma tempestade e, apesar de que começavam a cair as primeiras gotas, eu não estava consciente daquilo. Estava expectante, admirada, diante da paisagem em minha frente.

— Elizabeth! Não pare — Kimball me disse. Seu cavalo estava junto ao meu. Eu nem havia me dado conta de sua presença a meu lado.

Não o olhei. Atravessamos as águas do lago passando por uma passagem de pedras.

Chegamos até uma grande porta que se abriu diante de nossa chegada.

O pátio era amplo. Vários homens vieram ao nosso encontro. Eu não estava muito à vontade entre tantos homens brutos e com maneiras toscas. Kimball deu um salto e desceu de seu animal. Em seguida agarrou o menino e o deixou a seu lado.

— Espere aqui, Eamon. — Escutei-o dizer. — Pretende ficar aí? Pode-se saber o que lhe acontece? — Ele perguntou para mim.

Não lhe respondi. Aquele homem me tirava do sério. Eu não suportava o que ele me obrigara a fazer, e, tampouco, aguentava que sempre queria fazer sua santa vontade. Meu silêncio por resposta fez com que Kimball me agarrasse pela cintura e me descesse do cavalo à força.

— O que está fazendo? Sei descer sozinha.

— Cuido de minhas posses. E você, agora, é uma delas.

— Eu não sou posse de ninguém! E muito menos sua!

— Por enquanto, sim.

Dizendo isto, me deu um tapa nas minhas nádegas. O que ele estava pensando?

Virei-me como uma mola. Não consentiria que aquele bárbaro me tratasse dessa forma.

— Não volte a colocar a mão em cima de mim!

— Recordo-a que agora é minha esposa e tenho direito a isso, e a muito mais.

Nesse momento uma bonita jovem ruiva de olhos verdes se interpôs entre os dois, e rodeou, com seus braços, o pescoço dele.

— Kimball! — Deu-lhe um beijo na bochecha.

Eu estava raivosa. Seria ciúmes? Negava-me a reconhecê-lo. Mas senti uma grande raiva da jovem. Meus olhos não se separavam dos fortes braços de Kimball, que seguravam, firmemente, a cintura da jovem aproximando seu corpo magro para ele. Eu estava furiosa e não entendia o porquê ou não queria entender.

— Eleanor! Está linda.

— E você tão bonito como sempre.

— Irmã, uma dama não diz essas coisas a um homem e ainda mais, se ele está casado — disse o conde.

— Casado?

— Sim — eu respondi. — E eu sou sua esposa.

Kimball me olhou surpreso. Um sorriso se desenhou em seu rosto. Surpreendi a mim mesma, por ter respondido assim.

A moça se aproximou de mim.

— Meu nome é Eleanor.

— Encantada — eu respondi.

Kimball continuou com as apresentações.

— Esta é Elizabeth.

— Eleanor, se pode ser amável, por favor acompanhe o menino e a dama a seus aposentos — seu irmão pediu.

Kimball nos observava, enquanto nos afastávamos. David se colocou ao lado dele e vi como lhe dava uma cotovelada na costela e começaram a rir.

— Então é a esposa dele. Tem muita sorte.

— Eu não tenho muita certeza.

— Por que diz isso?

— Não, por nada. Ele é um guerreiro.

— Os homens sempre estão pensando em ir à guerra.

Guiou-me por algumas escadas em caracol. Entramos em uma galeria, larga e escura.

— Este é o quarto do menino. O do lado é o seu e de Kimball.

— Não!, não... Eu tenho que dormir com o menino. — A expressão dela mudou.

Nesse momento recordei que eu não devia levantar suspeitas de que nosso matrimônio não se consumara, já que o capitão seguia nossos passos. — Ele pode ter medo.

— Não se preocupe. Há uma porta no interior, que comunica os dois quartos. Agora, vou mandar a donzela para que lhes traga lenha para as lareiras dos quartos.

Dizendo isto, ela partiu. Eamon me olhava.

— Tranquilize-se, céu. Ao menos hoje você dormirá quentinho e comerá em condições. — O menino sorriu.

Tirou suas pedras da bolsa e ficou de joelhos.

— Obrigado — ele escreveu.

Durante meus estudos de enfermagem eu aprendi a linguagem de sinais e decidi ensinar ao Eamon.

— Eamon, vou lhe ensinar a falar comigo através das mãos, assim não precisará tirar as pedras, cada vez que queira se comunicar. O que acha?

O menino assentiu entusiasmado e batia palmas de alegria.

— “Obrigado” se diz assim com as mãos. — Comecei a fazer movimentos até que ele o aprendeu.

Levei-o ao quarto, para que ele descansasse. Nesse momento a donzela entrou, para acender as duas lareiras

Gostaria de tomar um banho. A jovem leu meu pensamento.

— Senhora, vou trazer água quente para que possa assear-se.

— Muito obrigada, preciso muito.

Em pouco tempo, veio acompanhada de outra moça. Prepararam-me uma espécie de banheira que estava em uma pequena peça, contígua e depositaram sobre a cama, um vestido branco, simples, de mangas longas, ajustado até a cintura e que depois, caía até os pés.

— A senhora Eleanor mandou-lhe este vestido, enquanto lavamos suas roupas e as do menino.

— Muito obrigada.

— Banharemos o menino agora.

— Melhor depois, agora ele está descansando. Obrigada.

Deixaram-me uma pilha de tecidos brancos, para me secar. Entrei naquela banheira feita de madeira, pouco confortável, mas, que naquele momento, me parecia o paraíso. Coloquei os pés para fora, deixando descoberto, até um pouco mais de meus joelhos e afundei, completamente. Quanto eu precisava daquilo! Não me dei conta de que alguém entrou no quarto. Fechei os olhos.

Escutei um ruído. Decidi sair daquele habitáculo. Enrolei o tecido para me secar ao redor do corpo. Era bastante usado. Deixava à vista até metade da coxa. Com o outro tecido, rodeei meu cabelo molhado e saí do pequeno recinto, para chegar ao quarto e colocar o vestido que Eleonor me emprestara. Não me dei conta de sua presença.

— Ora! Se eu soubesse que você é tão bonita, não teria feito a promessa de desfazer nosso matrimônio.

Dei a volta rapidamente. Ele estava apoiado sobre a parede, com o torso descoberto e os braços cruzados sobre seu peito. O cabelo revoltado. Olhava-me atentamente. Nesse momento tomei consciência de meu aspecto. Para aquela época, estava quase nua. Fiquei nervosa.

— O que faz aqui? Por favor, parta!

— Esquece-se, preciosa, que este também é meu quarto.

— Preciso me vestir.

— Muito bem. Pois vista-se!

— Sabe muito bem que não vou me vestir enquanto você estiver aqui.

Ele sorria. Aproximou-se até onde eu estava. Retrocedi. Tropecei na cama.

Ele ficou muito perto de mim. Era um homem muito atraente e alto. Possuía uns peitorais fortes e musculosos, igual a seus braços. Observei, dissimuladamente, algumas cicatrizes de guerra sobre seu tórax. Ele pousou suas mãos sobre meus ombros.

Seu contato me fazia estremecer: era algo que jamais havia me acontecido. Meu corpo tremia mediante sua proximidade. Senti um grande calafrio percorrer todo meu corpo. Ruborizei-me. Segurei com força o tecido que cobria meu corpo nu. Minha respiração se acelerara em segundos. Ele elevou uma de suas mãos e desenrolou a toalha que cobria meu cabelo. Os cabelos caíram e cobriram minhas costas e meus ombros nus.

— Como você é bonita, Elizabeth! — Seu rosto se aproximou do meu. Nossos lábios estavam muito perto. Por um instante pensei que ele me beijaria; eu desejei. Ele se deteve. — Vou lhe dar alguns minutos, depois entrarei. — Ele sorriu. Seus olhos verdes estavam fixos nos meus.

Pegou sua camisa branca, vestiu-a e saiu do quarto.

“Uff!”, suspirei. Sentei-me sobre a cama. Eu estava tremendo por causa de sua presença.

O que estava me acontecendo por causa deste homem? Eu estava com sentimentos desencontrados: por um lado, odiava-o, chateava-me seu comportamento; mas por outro..., sentia uma grande atração por ele. Quanto mais o olhava,

mais desejava que me rodeasse com seus braços e me beijasse.

Só me deu alguns minutos. Eu precisava sair daquele quarto, antes que ele entrasse novamente. Coloquei o vestido, penteei o cabelo molhado e o recolhi em uma trança.

Bati à porta de Eamon, ele não abria. Entrei em seu quarto. Havia uma donzela.

— Desculpe. E o menino?

— Saiu com seu pai.

— Seu pai?

— Sim.

Seu pai? Desci as escadas e saí para O pátio. Dei várias voltas e me encontrei com David.

— Senhorita? Precisa de algo?

— Procuro o menino. Viu-o?

— Sim, está com Kimball. Nas quadras. Acompanho você.

Eles não se deram conta de que estávamos observando-os. Kimball ensinava o menino a lutar com a espada. Eamon ria, pois ele fazia palhaçadas para que o menino se divertisse. Kimball acabou perseguindo o menino, pegou-o e o colocou em seus ombros. Eles se divertiam. David e eu sorríamos vendo a situação.

— Kimball é assim. Está acostumado a mostrar uma imagem dura, fria, de homem sem escrúpulos, mas tem um grande coração.

— Deixe que eu duvide.

— Por que você diz isso?

— Forçou-me a casar com ele.
— Sim, mas ele fez isto para protegê-la.
— Eu não preciso deste tipo de amparo. Sei cuidar de mim mesma.

— Ha, ha, ha! Agora entendo meu amigo.
— O que precisava entender? — Eu perguntei-lhe.
— Ha, ha, ha! Nos veremos no jantar.

Ele afastou-se. Kimball me viu. Deixou Eamon no chão. Sussurrou-lhe algo ao ouvido.

O menino sorriu e se afastou para um extremo do pátio me saudando com sua mãozinha.

Kimball se aproximou de mim.

— Eu gostei mais com o outro traje. — Ele zombou.

— Eu gosto mais deste.

— Pegue-a! — Deu-me uma espada.

— Mas... Para que me dá isto? Eu não sei...

— Não precisa que me diga, sei que não sabe usá-la. Vejo-me na obrigação de ensiná-la. Deve saber se defender, preciosa. — Ele sorriu.

Nesse momento ficou atrás de mim. Notava seu corpo próximo a mim; sentia sua respiração sobre meu pescoço. Agarrou minha mão e colocou a espada.

— Esta é a posição que deve ter. Seus braços marcavam a postura correta.

Os batimentos de meu coração se aceleraram.

— Agora, lute. Veja como eu me defendo — ele me sussurrou. — Venha para mim.

Fui direto para onde ele estava, tal e qual ele havia dito que eu agarrasse a espada, sem movê-la.

— Ha, ha, ha!

— Se isto for servir para que ria às minhas custas, é melhor deixá-lo sozinho.

Eamon aplaudia, entusiasmado.

— Alguma vez você relaxa?

— Não! Nunca!

Aproveitando que ele estava distraído, coloquei a ponta do aço no queixo dele.

— Mas sei utilizar minhas estratégias. Nunca confie em uma mulher que lhe diz que não sabe utilizar uma arma. Poderia se surpreender.

— Nisso, bela dama, tem toda a razão.

Então ele foi se aproximando de mim. Devagar. Minhas pupilas não podiam se afastar das dele. Seus olhos verdes estavam fixos nos meus. Sentia-me hipnotizada por esse homem. Sem me dar conta, agarrou-me os pulsos, a espada voou pelos ares até cair no chão. Cruzou minhas mãos por trás das costas, presas, com suas duas mãos, me atraindo até ele.

— Tampouco confie em um guerreiro que diante de si tenha uma mulher o ameaçando com a ponta de sua espada. Procurará sempre a parte mais vulnerável dela, para ser o vencedor da batalha.

Nossos rostos estavam muito próximos um do outro. Seu olhar estava fixo em meus lábios e eu desejava que ele me beijasse. Ele se afastou.

— Vamos! — Com a ponta de sua espada levantou a minha do chão e voltou a me entregar.

Chegou outro espectador, David, que estava ao lado de Eamon.

Kimball me mostrava os passos que eu devia fazer para me esquivar do oponente e como brandir a espada. No início, fui a diversão dos ali presentes, mas meu amor próprio e meu orgulho não permitiam que aquilo continuasse, até que ao final, consegui fazê-lo bem e ganhei a admiração de David e de Eamon. Kimball foi mais resistente a me dar os parabéns por ter conseguido.

— Precisa estar mais atenta ao olhar de seu oponente. Os olhos sempre delatam o guerreiro, em suas ações; nunca perca seu olhar.

Guardou sua espada.

— Esta aí é sua. Quero que a tenha até quando for dormir.

Agarrou uma de madeira que havia no chão e olhou para Eamon. O menino veio para nós, correndo. Kimball abriu seus braços para receber o pequeno. Agarrou-o e entregou, a ele, com carinho.

— E esta, pequeno guerreiro, é para você. — Revolveu-lhe o cabelo. Ambos riram.

O menino estava gostando muito do carinho dele.

David se aproximava de mim, me aplaudindo.

— Em alguns dias ela o vencerá, Kimball — disse David.

— Para isso precisa de muito treinamento.

— Não duvide que eu ganharei — eu disse desafiando-o. Ele sorriu.

Eleanor saiu para o pátio e nos convidou a entrar. Brevemente o jantar estaria preparado.

Kimball se ausentou alguns segundos. Eamon, David e eu permanecemos na sala de espera do grande salão, onde teria lugar o jantar. Os homens falavam em um canto. Eamon brincava, com sua espada, a meu lado. Eleanor me observava e se aproximou de onde eu estava.

— Não consigo entender como Kimball se casou com você. Desculpe, mas ele é um homem que sempre fugiu de qualquer tipo de enlace. Por isso sempre estive lutando. E assim, de repente... Não sei. Há algo mais que o tenha obrigado a tomar essa decisão? — Ela me perguntou.

Aqueles comentários me enfureceram, mas tratei de evitar que ela notasse.

— Nenhum. Nos apaixonamos, nada mais. — Nesse momento Eamon me olhou. Estava atento à conversa enquanto brincava.

— Conheço Kimball e me acredite, que ele não é daqueles que se apaixonam. Possivelmente se sentiu atraído por você, mas daí a apaixonar-se...

Kimball entrou nesse momento na sala. Estava muito bonito. Colocou roupa limpa que seu amigo lhe deixou. Sua camisa branca e sua jaqueta negra o faziam ainda mais atraente. Que homem!, se estivesse em minha época o rifariam. Eleanor foi direto para ele, que, nesse momento, só possuía olhos para ela. A verdade que ela era muito bonita.

Senti ciúmes. Que tola eu era! Como consegui pensar que aquele homem podia sentir algo por mim?

— Querido — disse Eleanor, — vamos entrar.

Peguei o pequeno pela mão e entrei com ele no salão. Em minha frente foram Robert e Kimball, ao lado dele, estava Eleanor. David ia atrás de nós.

Em ambos os extremos da mesa se sentaram Robert e Eleanor, ao lado direito desta estava David e no outro Eamon. Eu estava ao lado de Eamon e Kimball, em frente a mim.

Ele me olhava com intensidade. Colocaram duas grandes travessas com carne, no centro da mesa. Não havia talheres, mas, sim, alguns pratos de madeira. Somente ao ver a carne pouco cozida, com sangue visível, me dava vontade de vomitar. Não poderia comer aquilo. David e os outros dois homens pegaram partes de carne, com a mão, e começaram a comer, sem utilizar talher algum. Eu notava o olhar de Eleanor.

— Não tem apetite? — Ela me perguntou.

— Não muito, na verdade — respondi.

— É uma descortesia não provar um bocado, quando a gente é convidado. Considera-se como uma ofensa — ela me disse.

Desejei desaparecer. Aquela juvenzinha começava a me tirar do sério. Fez-se um silêncio. Todos me olhavam.

— Eleanor! — disse Robert — Pode se saber o que está fazendo? Essa não é a forma de tratar a uma convidada.

— Tem razão, irmão. Desculpe meu comentário, Elizabeth.

— Encontra-se mal? — perguntou Kimball.

— Cansada e sem apetite.

— Deveria comer. Ainda resta muito caminho até à ilha Maree. Hoje precisa repor forças — disse Robert.

— Elizabeth, coma! Senão cairá doente durante o caminho — ordenou Kimball.

Sabia que tinham razão. Todos me observavam. Estendi a mão e escolhi a parte menor da carne. Outros começaram a falar. Observei aquela parte; somente de vê-la sentia ânsias. Parti uma parte pequena com os dedos e levei à boca, comecei a mastigar. Senti uma ânsia seguida de outra. Eu ia vomitar. Agarrei o tecido branco que usavam de guardanapo.

— Desculpem. — Tapei-me a boca com o trapo e saí correndo em direção ao pátio exterior. Precisava de ar.

Tossi várias vezes e cuspi aquela carne. Minha testa estava úmida.

— Está bem? — disse Kimball.

— Agora sim.

Colocou suas mãos em meus ombros.

— Ontem aconteceu o mesmo com a comida.

— Não posso comê-la tão crua. Dá-me asco.

— Ah! É isso! Não conheci ninguém que não goste.

— Pois já conhece uma.

— Pois se esse é o problema solucionaremos agora. Quero-a forte.

— Obrigada, mas, de verdade, não tenho apetite. Subirei ao quarto. — antes de ir, virei e fiquei em frente a ele. — Obrigada.

Subi pelas escadas de caracol e fui direto para o quarto.

Transcorreram alguns minutos. Tocaram à porta. Era Kimball seguido de Eamon. Levava uma bandeja de madeira e, sobre esta, um prato com a carne bem cozida.

— Agora, suplico a você que coma. — Colocou o prato em uma mesa, aproximou-me uma cadeira, e sentou-se em outra, na minha frente.

Comecei a comer.

— Você me deixa intrigado, Elizabeth. Não é como as demais damas, nem sequer, como o resto das pessoas. É diferente. Tenho a sensação de que há algo que você esconde e deve ser grave, porque sei, e não pergunte porquê, que você está preocupada.

Olhei-o. Eamon ficou a meu lado.

— Não posso lhe contar isso Kimball. Não entenderia.

— Experimente para ver. Quero ajudá-la, mas se eu não souber de tudo não poderei protegê-la.

— Não posso, sinto muito.



Não escutei Kimball entrar no quarto, para dormir. Depois de me fazer comer a carne, ele partiu com a bandeja e o prato. Eamon se meteu comigo na cama, ele estava com medo. Adormeci abraçada ao menino.

— Não! — Eu gritei.

Eamon se assustou e se endireitou. Eu estava suando, com lágrimas nos olhos.

Kimball se sobressaltou. Estava dormindo no chão. Veio à cama, até mim.

Eu estava assustada.

— O que houve? — Ele perguntou.

Eu não conseguia falar, só tremia. Outra vez aquele sonho. Desde que minha vida mudara, sem explicação, nem sentido, e eu aparecera em outra época, não voltei a sonhar com aquela mulher. Desta vez, o sonho fora mais real: o rosto da mulher estava coberto por um capuz negro, somente via seus olhos azuis, brilhantes, e sua boca. Usava uma capa negra e nas mãos levava uma taça com sangue. Olhava-me e me dizia: “Precisa decifrar a mensagem. A morte está perto de você”. Então olhei minhas mãos e estavam cheias de sangue, minha roupa também, e tudo estava coberto de vermelho.

Kimball me envolveu com seus braços e me atraiu para seu peito. Eu sentia medo, estava tiritando. O que estava me acontecendo! Não entendia nada! Ele acariciava meu cabelo. Não queria me afastar dele: em seus braços me sentia segura.

— Fique tranquila, foi somente um pesadelo. Já passou. Vou lhe trazer água.

Saiu do quarto. A mãozinha de Eamon acariciou minha bochecha. Olhei-o.

— Eamon, não sei o que faço aqui. Não pertenço a este lugar, nem a esta época.

O menino saiu da cama. Agarrou suas pedras.

— Eu sei. — Ele me olhou.

XVI

O que acontecia com ela? Ele sabia que havia algo que a preocupava. Aquele grito havia sido aterrorizante. Ela estava tremendo quando a envolvi com meus braços. Seus olhos carregavam uma expressão de pânico. Desci à cozinha para pegar um copo de água. Voltei a subir as escadas de caracol com grandes passadas. Ela continuava ali, pálida. Ofereci-lhe o copo de água e me sentei junto a ela, na cama.

— Obrigada.

— O que acontece com você, Beth?

— Tive um pesadelo.

— Já passou.

Acomodei-me na cama junto a ela, abracei-a, mas ela continuava tremendo.

— Comigo não precisa temer nada. Estou aqui para proteger a ambos.

Ela me olhou com suas pupilas negras. Nelas não vi a rebeldia e segurança que havia observado em outras ocasiões, havia medo.

— Não conseguirá. Há algo que escapa de suas mãos, algo que é impossível de controlar.

— A que se refere?

— Nem eu entendo, será difícil para que você possa compreender. Estou afetada ainda.

— Entre meus braços ninguém se atreveria a machucá-la, acredite em mim. — Eu sorri, queria tranquilizá-la.

— Não se vá, Kimball.

— Não o farei. Prometo-lhe isso.

Eamon nos olhava, assustado.

— Menino, durma. Tudo já passou.

A jovem se aconchegou sobre meu peito. Suas mãos seguravam as minhas. Eu gostava daquela sensação. Mas, de fato, era algo novo para mim. Apesar de meu empenho em negar e evitar que surgisse qualquer sentimento por ela, era inevitável me apaixonar pela jovem. O coração mandava e pulsava a grande velocidade quando eu estava a seu lado. Já não era um dever protegê-la; havia passado a ser uma prioridade.

Sabia que precisávamos partir o quanto antes; precisava levar Beth às terras de seu avô e colocá-la a salvo de Alexander. Além disso, eu havia dado minha palavra ao conde, que partiria com suas tropas para resgatar o rei. Ainda me lembrava das palavras de meu anfitrião: “Um trovador francês chamado Blondel o encontrou. Ele percorreu todos os cárceres e fortalezas cantando a canção que o próprio rei Ricardo compôs, e foi em Durnstein, que o rei respondeu, cantando uma das estrofes. Precisamos partir. O duque Leopoldo V, que o mantém preso, o matará se não formos logo para libertá-lo”.

Quando eu retornasse procuraria Elizabeth e o menino, e os levaria para Essex. Eu não a deixaria escapar. Sabia que

estava começando a sentir algo forte por aquela mulher, um sentimento, até esse momento, desconhecido para mim.

Despertei. Escutei ruídos no pátio. Levantei-me muito devagar para não despertar o menino, nem a jovem. Fui observar pelo balcão.

Robert falava com um de seus homens. Decidi me assear e descer para ver o que acontecia. Observei o menino e Beth. Peguei minhas botas e saí do quarto.



— Kimball!

— Robert! Aconteceu algo?

— Apareceu um cervo morto em minhas terras.

— Ladrões?

— Não. O que me preocupa é a forma como o mataram.

Não é normal. Devo ir vê-lo.

— Acompanho você. — Ele assentiu.

Montamos nossos cavalos. Atravessamos o bosque até chegar a um lugar próximo ao rio Witham. Nesse lugar havia muitos carvalhos. Paramos perto de uma dessas árvores. Descemos dos cavalos, e ali estava o cervo. Uma adaga atravessara seu coração. Havia sangue a seu redor. Seus órgãos não estavam no interior do animal, fora aberto em linha reta e era como se tivessem comido as vísceras, pois havia restos ao redor. Tudo apontava a um ritual onde o visco era o protagonista: estava espalhado por toda parte. No

tronco do carvalho estava desenhado um símbolo: um ovo de serpente.

— Meu Deus! O que é isto? — Eu disse.

O camponês que havia alertado Robert me olhou.

— Foram eles, senhor.

— Quem? — Eu perguntei.

— Judeus — disse o camponês, com medo. — Quando se mata um animal lhe cravando uma adaga no peito é sinal de que se deseja a morte de alguém.

— Em Nottingham apareceu um menino morto. Acusaram os judeus do assassinato. Mas não acredito que essa pobre gente seja a causadora destas crueldades — eu disse.

— Existe muito ódio em cima destas pessoas. O rei João deve favores para eles, frente ao povo inglês. Eles lhe dão grandes tributos e ele, em troca, lhes dá muitos privilégios. Ricardo não os queria em nossas terras — disse o camponês.

— Esses homens e mulheres tentam sobreviver. O rei Ricardo os oprime. Muitos inocentes morreram. Não se pode atribuir as desgraças de um país, a pessoas que somente tentam viver em paz, segundo seus costumes — eu respondi.

— Agora, você defende mais os judeus do que a seu rei?
— Disse-me Robert enquanto me olhava com atenção.

— Já sabe que sou fiel somente a meus princípios. Nunca defenderei uma perseguição injustificada, nem mortes, nem acusações, a pessoas inocentes.

Ricardo é meu rei, mas meus valores e princípios estão acima dele. Nunca estive de acordo em sua fixação contra o povo judeu.

— Ha, ha, ha! Por isso eu o admiro e confio em você, Kimball. É um homem de honra, de valores. — Virou-se para dar ordens ao camponês. — Enterrem o animal e façam desaparecer os restos de sangue. Não quero que se corra a voz entre os camponeses. Senão, o pânico e as superstições se apoderarão de minha gente e isso somente traz consequências negativas. Quando parte, amigo?

— Hoje mesmo. Ainda resta muito percurso.

— Acompanharei vocês até York. Preciso ver Humphrey Stafford. Necessito de seu apoio para resgatar Ricardo e destronar João.

— Virá bem sua companhia, se por acaso se apresentarem bárbaros e ladrões pelo caminho.

— Ha, ha, ha! Assim teremos mais tempo para que me conte o motivo de suas bodas. Não me engana, conheço você e sei que esconde alguma coisa. — Ele me olhava com intensidade. — Embora tenha que reconhecer que a jovem é muito bonita, até eu teria me casado com ela.

Ambos rimos. Não queria continuar com aquela conversação.

Eleanor saiu a nosso encontro.

— Onde estavam?

— Montando a cavalo. Kimball parte hoje.

— Hoje? Não! Não pode ir.

Sorri. Agradava-me o interesse da jovem.

— Sinto muito, Eleanor, mas não tenho mais remédio.

— É pela mulher e pelo menino, verdade?

— Sim...

— Kimball precisa levá-los ao castelo do avô da jovem.

Alguns de meus homens e eu mesmo, os acompanharemos até York.

— Eu também irei — disse a jovem.

— Não! — respondeu seu irmão. — Não pode vir conosco.

— Sim, eu irei. Faz tempo que a tia Alice quer que eu passe uma temporada com ela. Eu não aguentaria outra vez sozinha entre estes muros. Será bom trocar de ares.

— Eleanor!

— Não há mais nada a falar.

— É uma viagem dura.

— Recorde-se, irmão, que estou acostumada. Além disso, não é a primeira vez que viajo até York. Aguentarei alguns dias dormindo no interior de uma tenda. Sandra, minha donzela, virá comigo.

Olhei a meu redor. Eamon e Beth não estavam por ali. Fui para dentro e subi as escadas rapidamente. Abri o quarto. Elizabeth estava ensinando o menino a comunicar-se através das mãos. Aquela mulher me surpreendia a cada dia.

Onde teria aprendido aquilo? O menino, ao ver-me, levantou-se de um salto e veio correndo para mim. Abracei-o e o peguei em braços.

— Eu também quero aprender essa linguagem — eu disse. Eamon se abraçou a meu pescoço.

Elizabeth se levantou, entusiasmada.

— Olá, Kimball — Ela fez gestos com as mãos enquanto falava e aproximou-se de onde estávamos.

— Estão preparados? Partiremos já. — Desci o menino, que foi correndo ao quarto contíguo para recolher suas coisas.

Olhei-a sem piscar. Ela baixou o olhar.

— Obrigada por ontem à noite — ela disse tímida.

Aproximei-me mais a ela.

— Não precisa me agradecer nada. Mas acredito que há algo que deve me contar.

Suas pupilas estavam fixas nas minhas.

— Não insista...

Não a deixei continuar.

— Sabe que sim. Beth, estou acostumado a lutar com prisioneiros e batalhas onde tem que averiguar as estratégias do inimigo. Desenvolvi um sexto sentido que me permite perceber quando alguém oculta alguma coisa, e sei que você esconde algo.

Deixou-se cair. Sentou-se sobre a cama, abatida. Seus olhos estavam brilhantes, a ponto de chorar. Sentei a seu lado e envolvi suas delicadas mãos, com as minhas.

Olhou-me.

— Pode confiar em mim — eu lhe disse.

— Preciso descobrir o que aconteceu com minha mãe.

— E?

— E nada mais.

— Mente, Beth.

Ela se levantou-se de um salto.

— Não minto, Kimball. O que quero é chegar o quanto antes a meu lar.

Desejava beijá-la. Ela analisava cada um de meus movimentos enquanto continuava falando de uma maneira entrecortada.

— Precisamos... nos colocar... em marcha, já...

Não consegui evitar, ela era minha, pertencia a mim, era minha esposa. Envolvi sua cintura com uma de minhas mãos e a atraí para mim. Com a outra mão acariciei sua bochecha, meus olhos pousaram em seus lábios. Precisava senti-los sob os meus.

Meus lábios roçaram os seus, suaves, carnudos; retive-os entre os meus. Aproximei-a mais de mim, precisava sentir seu corpo. Notava sua respiração acelerada, igual à minha. Uma onda de prazer percorreu todo meu corpo. Queria fazê-la minha, nesse momento. Ela afastou seu rosto e nos olhávamos em silêncio, acariciei sua bochecha. Nesse momento o menino entrou e Beth se afastou de mim, com brutalidade.

Seu rosto estava aceso. Eu estava consciente de que o que eu sentira ao beijá-la jamais experimentara com nenhuma outra mulher. Não podia afastar meu olhar dela. Eamon nos observava, sem compreender o que acontecia.

XVII

Enfim chegamos a York. Um dia, a mais, dormindo na intempérie teria acabado comigo. Sentia-me suja. O pó do caminho estava metido por todo o corpo. Estava cansada, faminta e ciumenta de Eleanor. Seus flertes com Kimball chegaram a me incomodar; além disso, o inglês continuava seu jogo, e isso era, o que na realidade, eu não suportava. Às vezes eu tinha a sensação de que ele fazia de propósito, para me chatear. Aquele beijo me fizera sentir algo que eu jamais imaginara. Estava me apaixonando por ele, mas não estava disposta a que esse homem me utilizasse como um troféu e, depois de conseguir o que queria, me abandonasse. Por isso, talvez eu tivesse fugido durante toda a viagem.

Mostrei-me distante com ele; queria evitar que voltasse a acontecer, já que sabia que, se voltasse a ocorrer, seria impossível não me abandonar em seus braços. Aqueles olhos verdes me enfeitiçaram.

— Nós desviamos aqui — disse Robert para Kimball.

Ao longe se viam as muralhas de York. Eles precisavam mudar o rumo, antes de entrar na cidade.

— Amigo, vejo você nas terras germanicas — disse Kimball.

— Não me falte. O rei Ricardo precisa de nós.

Nesse momento Eleanor se adiantou, com seu cavalo, e ficou ao lado de meu cavaleiro.

— Virá para me ver no castelo de minha tia?

— Isso será depois de que resgatemos o Rei — disse Robert.

Kimball sorriu, aproximou seu cavalo do da jovem, segurou-lhe a mão e a beijou, enquanto a presenteava com um de seus belos sorrisos.

O ciúme me consumia por dentro, mas eu dissimulei. Depois da despedida os vimos se afastar. Reatamos a marcha.

David e Kimball, com o menino, foram à minha frente. Sentia-me esgotada e com fortes agulhadas no traseiro. Eu havia montado, a cavalo, somente duas vezes, em Segovia — mais concretamente, em Riaza, — com um grupo de amigos. A experiência não havia sido muito boa, e por isso, eu tinha medo dos cavalos. Em mais de uma ocasião Kimball precisou segurar as rédeas do meu cavalo, para controlar ao animal, já que me era impossível. Nesses momentos me olhava com desaprovação. Ele não entendia como uma dama, na minha posição, montava tão mal a cavalo, então me fazia saber disso. Se ele soubesse! Teria desmaiado. Sorri ante esse pensamento.

A cidade era cercada por muros. Recordava-me que a havia visto em fotografias e me prometera ir lá, mas jamais imaginei que estaria frente a frente com esta cidade fortaleza, tal e qual era na Idade Média. A muralha possuía quatro

portas. Concentrei-me na porta pela qual chegaríamos ao interior da cidade.

Observei as elevações no muro. Atravessamos a ponte levadiça, passamos a sala dos guardas, de onde dois homens nos observavam com grande descaramento.

Atrás de nós, vinham vários camponeses com cestas repletas de lã. Supus que seria para vender no interior da cidade. Elevei minha vista para cima, assombrada pela majestosidade da torre de vigilância.

Havia muito rebuliço na cidade. Kimball olhou para David. Ambos detiveram seus animais e me fizeram um sinal para que os imitasse. Desceram de um salto, e Kimball ajudou Eamon. Meu pé se enredou com o vestido, Kimball me olhou. Não queria que ele me ajudasse; meu orgulho não permitia que um homem precisasse me ajudar, em algo que me via capaz de fazer. Ele aproximou-se de mim e sem mediar palavra me rodeou a cintura e me colocou no chão.

— Conseguiria sozinha, mas obrigada.

Ele sorriu ante meu comentário. Observei a meu redor: havia muita gente alvoroçada.

— O que está acontecendo? — Eu perguntei.

— Intuo que algo bem grave. As pessoas estão alteradas. Os jovens levam paus e armas, vão em grupos. Eu não gosto disso. — Guardou silêncio enquanto analisava o panorama. — Vamos procurar um lugar para dormir esta noite.

Nos dirigimos até uma estalagem. Deixamos os cavalos no estábulo. Kimball, junto com o David, foi falar com o hospedeiro.

— Beth, siga a mulher — disse ele. — Dormirá com o menino em um quarto. Não saia de lá até que eu vá buscá-los. Prometa-me isso.

— Prometo, mas... por quê?

— Essa curiosidade não é própria de uma dama. — Tocou com seu dedo indicador a ponta de meu nariz. Sorriu e partiu com o David para o exterior.

Eamon me olhava.

— Agora venha — eu lhe disse, enquanto movia as mãos para me comunicar com ele. Ele avançara muito.

A jovem dona da pousada nos deixou na porta do que seria nosso quarto.

Havia uma única cama, uma bacia e ao lado uma espécie de jarra de madeira.

Olhei, e em seu interior havia água. “Está fria”, eu pensei. Queria me assear e lavar o menino. Aquela gente não se banhava? Esse era o asseio que faziam, precisava sair, ou se virar com uma espécie de urinol. Fiquei olhando atentamente aquele penico de ferro que estava junto à bacia. “Meu Deus, me devolva já à minha época!!”, disse a mim mesma.

— Carinho, me espere aqui. Vou pedir que nos tragam água quente para nos lavarmos.

Eu não estava disposta a me lavar com água fria. Desci as escadas. Cavaleiros ocupavam as mesas, bêbados. Preferi não olhar para nenhum deles. Fui direto ao hospedeiro.

— Desculpe, senhor. Podem nos mandar água quente?

Olhou-me. Sua expressão era séria e sem expressividade alguma.

— Aqui não esquentamos água.

— Mas...

— Não esquentamos água!

Seus olhos negros se cravavam em minhas pupilas. Não podia entender como não faziam algo tão básico. “Obrigado meu Deus por não ter nascido nesta época”, pensei. Enquanto me virava para subir as escadas notei o olhar de um homem que estava vestido de negro, seu cabelo era loiro e estava sujo. Carregava uma jarra cujo conteúdo, eu imaginava, era cerveja. Subi rapidamente as escadas. Sabia que o capitão Alexander oferecera uma recompensa para quem nos encontrasse.

Não entendia porque todo mundo bebia cerveja e não água, até o Eamon tomava esta bebida; claro que não continha os graus de álcool das que eu costumava beber em Londres.

Olhei o menino.

— Não há água quente, querido. Precisamos nos conformar com a água fria que temos nesta jarra.

Ele me respondeu fazendo gestos com as mãos. Era um menino muito inteligente e logo aprendeu a utilizar a linguagem dos sinais.

Kimball, apesar de estranhar tudo aquilo e não entender onde eu aprendi essa linguagem, também quis utilizá-la. Era muito mais cômodo para comunicar-se com o menino.

— Não tem problema. Eu sempre me lavei com água fria.

Sorri ante sua resposta.

— Pode me dizer porque todo mundo bebe cerveja e não água? Eu preciso de água.

Seu rosto refletia assombro diante da minha pergunta.

— Porque a água traz a peste.

Entendi, era verdade. Não era tratada e a água dos rios era lugar de despejo, onde os ratos agiam à vontade.

— Eamon, no castelo de Robert você me disse que sabia que eu não pertencço a este lugar? — O menino assentiu. — Preciso saber por que estou aqui. Entende, não é verdade? Você pode me dizer algo?

— Você é a escolhida.

— Escolhida, para quê?

— Só você pode me guiar até o Santo Graal, o mesmo que José de Arimatéia escondeu na colina de Glastonbury. E eu sou o único que deve guardá-lo de todo mal e ambição.

— Eu? Mas se não sei do que se trata; e mais, jamais escutei nada sobre esse assunto. Isto é um sonho, não é verdade? — O menino moveu a cabeça negando. Assinalou uma pequena cruz de madeira que eu tinha pendurada em meu pescoço. Estava em um cordão de couro. — A cruz? O que tem a ver a minha cruz? É um presente de nascimento de minha avó.

— Tem a cruz de David, a mesma que eu tenho tatuada.

Era verdade. Eu sempre gostara daquela cruz. Sempre tive muito carinho por ela.

— Mas isso não tem nada a ver. É casualidade, Eamon.

— A lenda fala sobre isso. Uma mulher de dois mundos diferentes, aparecerá do nada, com a cruz de David. Ela será a escolhida para guiar o guardião até o Santo Graal.

— São tolices! Uma lenda, como você disse. Ai, Meu Deus, me ajude a retornar para meu mundo!

Eamon me olhava, sem entender minha reação.

— Carinho, eu não sou essa pessoa que você procura. Você me ajudará a encontrar a maneira de retornar a minha época?

O menino encolheu os ombros.

— Você precisará escolher a qual mundo quer pertencer. Uma vez que tudo começou, nada poderá deter o tempo. Não será tão fácil. Você tem uma missão, e até que não decifre a mensagem, e acabe sua tarefa, não pertencerá a nenhum lugar. Então, e só então, é que deverá escolher onde quer estar.

— Que mensagem, Eamon?

— Quando José de Arimatéia chegou ao solo inglês com a taça sagrada, subiu a montanha de Glanstonbury. No topo fincou seu cajado e dele nasceu um arbusto espinhoso que cresce somente ali. Justamente naquele lugar, depois desse milagre, ele soube que precisa construir uma pequena igreja, destinada a albergar o Santo Graal. Mas, muitos são os que acreditam que quem tenha o Santo Graal teria o poder e domínio de tudo. Grupos contrários a Jesus Cristo quiseram possuí-lo. José foi avisado de maneira espiritual e escondeu a taça sagrada em um lugar do monte ou da igreja. É um mistério.

— Como sabe de tudo isso, Eamon?

— Meu pai me contou isso. Mataram ele e por isso, agora me procuram. Os primogênitos são os únicos que, destituídos de toda ambição e ânsia de poder, podem guardar o Santo Graal, onde deve estar e onde sempre deveria ter estado. Eles saberão que é ele, no momento em que tenham o Santo Graal em suas mãos. Mas somente a escolhida poderá encontrar e decifrar a sagrada taça.

— E esse grupo que o procura?

Ele encolheu os ombros.

— São muitos, dispersos, homens de muito poder. Malvados.

— Alexander é um deles?

O menino assentiu.

— Carinho, o mais importante é que esse homem não nos encontre. Não diga a ninguém o que sabe. É nosso segredo.

Eamon voltou a assentir.

Era muito tarde. Não escutara a voz de Kimball, nem de David. O menino adormecera sobre a cama. Escutei o ruído de passadas que subiam rapidamente as escadas. Bateram com brutalidade à porta.

— Abra, rápido!

Era a dona da pousada. Estava pálida.

— Senhorita, precisa fugir.

— Como? Não posso, preciso esperar meu... — Não conseguia dizer meu marido. — Os homens que vieram comigo.

— Não!, deve fugir, ouça-me, parta agora. Há alguns cavaleiros lá em baixo que vão subir por você. Os ânimos estão muito crispados. Além disso, querem você e o menino. Um capitão, Alexander, esse era seu nome, esteve aqui, ontem, e nos perguntou se tínhamos visto uma mulher com suas características, com um menino como ele. — Apontou para Eamon. — Um de seus homens estava bebendo hoje, quando a viu descer. Se deu conta de que era você. Além disso, há um incêndio.

— Por que me ajuda? Como sei que posso confiar em você?

Ela levou a mão até seu pescoço, tirou um cordãozinho com uma cruz onde estava a estrela de David.

— A vi ao entrar na estalagem. Deve ocultá-la. Não sei porque a procuram, mas me vejo na obrigação de ajudá-los. O povo incendiou a torre do castelo. E também a ferraria. Lá se esconderam os judeus. Querem matar a todos. Não vá para o centro da vila, fuja pela porta norte e saia da cidade, antes de que fechem os quatro acessos. Vamos! Correm perigo.

Despertei Eamon, agarramos nossas coisas e seguimos a jovem, que nos levou a uma pequena porta no final do corredor. Abriu-a; dava em uma estreita gruta, escura, com escadas de madeira, que levava à parte de trás da estalagem.

XVIII

Subi as escadas da estalagem. Temia por eles. David me seguia. Toquei várias vezes à porta. Não abriam. Dava um chute com força. Não estavam.

Onde teriam se metido? David me olhava.

— Não se encontram aqui? — Ele me disse.

Sem responder a meu amigo, desci rapidamente as escadas. Ali estava o hospedeiro.

— Viu a mulher e o menino que vieram comigo?

Nesse momento entrou a filha dele. Olhava-me e escutava a conversação.

— É minha mulher e meu filho! Eles desapareceram! Não estão em seus aposentos.

— Eu não os vi, senhor. De toda maneira, com tudo o que está acontecendo, é difícil prestar atenção em outra coisa, que não seja o incêndio e a revolta.

O hospedeiro partiu para o exterior. A jovem me olhava.

— Você disse que são sua mulher e seu filho?

— Sim. Viu-os?

— Sim, eu mesma os ajudei a escapar — ela sussurrou.

— Escapar? Por quê?

— Alguns homens, depois de terem visto ela descer para pedir água quente, começaram a falar de uma recompensa.

Iriam capturá-los. Eu não gostei daqueles homens. Fui até seu quarto e os ajudei a escapar.

— Onde estão?

— Não sei, senhor. Dei-lhes um cavalo e disse que fossem em direção à porta norte, longe da torre, onde está acontecendo a revolta.

— Faz muito tempo que se foram?

— Não, senhor. Se for rápido os alcançará.

David estava atrás de mim. Olhei-o.

— Vamos! Não há tempo a perder — disse meu amigo.

Saímos. No exterior a multidão estava acesa de ódio. Queriam vingança. Havia incendiado a torre do castelo onde os judeus se refugiaram. Queriam matá-los. Quando David e eu saímos e vimos o que acontecia, assustamo-nos ao perceber o olhar cheio de ódio dos habitantes direcionado àquele grupo de pessoas. Em nosso caminho encontramos cadáveres de meninos e de mulheres. Havia visto muitas mortes, mas o que tinha acontecido era um massacre contra aquelas pessoas. Lembrei-me do assassinato daquele menino em Nottingham, e a morte violenta daquele animal nas terras de Robert. Tudo apontava para ritos de magia negra.

Subimos nos cavalo e nos dirigimos para a porta norte.

— Iremos encontrá-los — disse David.

— Preocupa-me o que disse aquela jovem, de que alguns homens os reconheceram e falavam da recompensa. Alexander está muito interessado em capturá-los.

— Tem razão. Esse homem não cessará até que os encontre. Por ela posso até entender, mas e o menino? Que interesse tem nele?

— Não sei. Devo deixá-los a salvo nas Terras Altas. Enquanto não saíamos daqui, eles correrão perigo.

Galopávamos a grande velocidade. Quase não se via com clareza. O incêndio da cidade tingia tudo de uma fumaça negra, espessa, que enchia de aroma de morte, todos os cantos do lugar. Eu não conseguia entender aquele ódio.

— Olhe! — David apontou na distância.

Parecia a imagem de Elizabeth e do menino, mas não estavam sozinhos, estavam cercados por vários homens.

— Eu não gosto disto — ele me disse.

— Nem eu, tampouco.

Ambos desmontamos de nossos respectivos cavalos. Aproximamo-nos com cautela, nos camuflando entre a escuridão da muralha. Estávamos muito perto.

— Então você é a famosa jovem que procuram — disse um dos homens que estava com eles. Parecia o chefe.

— O que quer? — Ela enfrentou-o.

— Por que não se cala? — Eu sussurrei. — David me olhou.

Fiz um gesto para meu amigo. Fui me posicionar atrás do líder, e David, atrás dos dois homens que o acompanhavam.

— Além de bonita tem coragem, eu gosto disto. Acredito que antes de a entregar, eu vou gostar de me divertir um pouco com você — disse o que parecia o chefe.

— Não permitirei! Homens como você me dão asco. —
Cuspiu.

Arqueei as sobrancelhas. Era valente e, embora nesse momento, eu a tivesse admoestado por seu atrevimento, tenho que reconhecer que gostei do que ela fizera. O homem se aproximou de Beth e elevou a mão. Ele a esbofetearia.

— Nem se atreva! — Eu disse já fincando a ponta de minha espada em suas costas. — Se fizer qualquer coisa o atravesso com meu aço.

David também ameaçava com sua espada aos dois homens que observavam a cena divertidos.

— Solte sua espada! — eu lhe ordenei.

— Muito bem, soltarei.

Mas não soltou, deu meia volta e começou a lutar comigo. Os outros dois homens fizeram o mesmo com David, mas não sabiam quem enfrentavam. David sempre fora e era um bom lutador.

Os fios das espadas se chocavam e isto transmitia um som metálico. Feri-o no quadril, e ele me feriu no braço, isto provocou o rompimento da malha que o cobria.

— Elizabeth, afaste-se ! — Eu gritei.

David havia ferido um dos homens, em ambas as pernas, o que o deixou inutilizado para continuar lutando com o outro competidor, que resistia a se render.

Elizabeth afastou o menino e o cavalo. Não me dei por conta de que ela havia pego algo do chão e se aproximava da luta.

O líder estava com a ponta de sua espada sobre meu estômago. Com rapidez segurei a ponta dela e puxei, lançando-a pelos ares. Introduzi meu aço no seu quadril, o homem caiu ao chão. Não morreria, mas estaria fora de combate, durante muito tempo. Olhei para onde David estava; aquele homem o encurralara. Meu amigo estava no chão e o outro a ponto de lhe cravar sua espada.

Dirigi-me rapidamente para lá, mas antes que eu chegasse, Elizabeth batera nele, com um pau, em suas costas, o que fez com que ele se dobrasse de dor e desse tempo para David a reagir. Meu amigo pegou o cordão de sua túnica de lã, e lhe amarrou as mãos.

Ambos olhamos a jovem, surpresos. Admirava-a cada vez mais. Sabia que eu estava apaixonado por ela.

— Vamos sair daqui!

Todos retornamos a nossos cavalos e, sem comentar aquele sucesso, começamos a cavalgar. Meu único desejo era me afastar dali, daquela cidade.

Não via o momento de olhar para trás e não ver aquela fumaça que saía da torre. Vinham-me as imagens daquela pobre gente que havia morrido em consequência do fogo. Seja quem quer que fosse, que avivava aquele sentimento contra os judeus, os acusava de serem os causadores de todas aquelas mortes, que pareciam pertencer a um ritual, assim como da peste negra, da fome e de todas as desgraças que assolavam a raça humana.

— Obrigado por ter salvo a minha vida — disse David para Elizabeth.

— De nada.

— Foi uma imprudente! Poderiam tê-la matado! — Eu lhe disse.

— Não o escute. Levou muito a sério o fato de ser seu marido — disse David à moça enquanto piscava um olho.

— Porque eu não acredito muito nisso. — Ambos riram. Suas risadas aumentavam minha ira.

Detive meu animal, virei-o e me coloquei em frente a eles.

— Estiveram a ponto de capturar você e o menino. Se não tivéssemos chegado a encontrá-los nesse momento, quem sabe o que teriam feito com os dois. E tudo por me desobedecer. Disse-me que não sairia do quarto! E ainda leva na brincadeira, como se não tivesse acontecido nada. — Dirigia-me a ela enquanto falava.

— Kimball!, fique calmo, está muito nervoso — disse David.

Dei meia volta com o cavalo, sabia que se não fizesse assim, explodiria de raiva. Estava zangado pela imprudência da jovem. Ela me desobedecera! Será que não se dava conta do quanto era perigosa sua situação?

Mas... porque me afetava tanto? Estava apaixonado por ela: eu sabia. Eu queria aquela moça. Se acontecesse alguma coisa a algum deles... Preferi não pensar.

Adiantei-me a todos eles; precisava me afastar e cavalgar solitário. Precisava me acalmar. Sabia que era o medo de perdê-los, o que me fizera reagir assim, mas, não estava disposto a deixar que aquela mulher fizesse o que lhe

desse vontade, sem ver as consequências que seus atos podiam trazer.

Não sei quanto tempo ficamos cavalgando. David se colocou a meu lado.

— Posso saber o que houve? — perguntou-me.

— Ela é uma teimosa! Faz o que lhe dá vontade. Note o que aconteceu como consequência de sua ideia! A quem ocorre pedir água quente! De onde ela saiu?

— Ha, ha, ha! Pois em muitas facetas ela me lembra de alguém...

— Que está insinuando?

— Você o que acredita? Vocês são muito iguais, amigo. Ela é orgulhosa, teimosa, valente e não admite ordens de nenhum tipo. De quem se recorda?

— Ela é uma mulher! Não pode atuar como um homem!
— eu disse. Assim eu pensava, o comportamento dela, não era o de uma dama.

— Bom, ela é uma mulher diferente e é sua esposa, se mal não recordo. — Ele gargalhou.

— Por pouco tempo — eu respondi.

— Sabe que não. Não me engana. Você gosta dessa mulher e, conhecendo-o como eu conheço, não vai deixá-la escapar.

Meu amigo me observava.

— Temos que parar, estão cansados. Sobretudo, o menino — ele disse.

Olhei para trás. Ele estava com razão. Estava tão zangado que não havia pensado neles. Eu estava acostumado

a grandes jornadas, mas eles não; além disso, precisava liberar Beth do menino. Devia tê-lo levado comigo. Estivemos cavalgando por muitas horas. Nesse momento, foi quando me dei conta da dificuldade que supunha para os dois. Ambos estavam com olheiras. Precisavam dormir e descansar. Eu tinha sido um bruto e um inconsciente por não ter me lembrado de que levava um menino e uma mulher. Paramos.

Fui pegar Eamon para colocá-lo no chão. Suas mãozinhas estavam geladas.

Depois ajudei Beth, que desta vez não resistiu. Agarrei-a pela cintura; tiritava.

Ela estava com pouca roupa. Suas mãos também estavam frias. Precisava fazer um fogo, rapidamente. David se adiantou. Trazia ramos para colocar na fogueira.

Tirei a pele de animal que cobria meu corpo e a coloquei em Beth. Depois tapei o menino com outra, que estava amarrada em meu cavalo. Eles se sentaram em umas rochas. Coloquei-me de joelhos para fazer o fogo. Este resistia, já que a erva estava úmida e aquilo dificultava o acendimento da fogueira. Todos se aproximaram do calor das chamas. Reparti o pão que levava no alforje. Observei-os enquanto comiam. Nesse momento decidi que iríamos para o castelo de minha tia Lorraine — a irmã de minha mãe. — Entraríamos por um vale coberto de arbustos até chegar lá. Fazia muitos anos que não a visitava. Meu pai se incompatibilizou com ela, já que era uma mulher valente, viúva, sem filhos, que herdara terras e um castelo, depois da morte de seu marido. Apesar de que não sabia o recebimento que teria, devia tentar. O menino e

Elizabeth não conseguiriam aguentar a viagem às Terras Altas, sem vários dias de descanso para repor forças. O caminho que restava era difícil e, possivelmente, o mais duro.

Beth me olhou.

— Obrigada — ela me disse.

— Por quê? — eu perguntei.

— Por ter me dado seu casaco.

David foi em direção ao rio e Eamon o acompanhou.

— Perdoe-me... por meu comportamento de antes.

— Na verdade teve razão. Não devia ter descido para perguntar à dona da pousada pela água quente. Coloquei Eamon em perigo.

— E você também se colocou em perigo. — Olhei-a com interesse, em seus bonitos olhos negros. Ela baixou o rosto.

— Tem razão, não sei no que pensava.

— Ora!, por fim vejo em você uma dama humilde, capaz de reconhecer suas faltas. — Sorri.

— Não se acostume muito, estou cansada, fraca e com poucos reflexos.

Entramos pelo caminho de arbustos de cor púrpura e marrom, no fundo se escutavam as águas do rio Rye e a suave música que a brisa roçando as folhas das árvores provocava.

Contemplei o castelo com suas quatro torres. Os homens já haviam nos visto. Três saíram a nosso encontro.

— Quem são? — perguntou um deles.

— Diga à senhora do castelo que sou seu sobrinho, Kimball.

XIX

Eu estava inquieta. Kimball entrara sozinho no interior do castelo. Levava muito tempo lá dentro. David não parava de caminhar, de um lado para outro. Eamon e eu o olhávamos; não entendíamos o que acontecia.

— Pode-se saber o que acontece? — perguntei ao David.

Ele me olhou.

— Kimball tem muitos assuntos para esclarecer com sua tia. Não está certo que possamos ficar aqui.

Sua resposta foi como um jarro de água fria, eu já imaginara que dormiria em uma cama. Estava esgotada. Não havíamos descansado nada na noite anterior. Precisava me deitar, me banhar ou, ao menos, me assear; comer algo diferente, que não fosse pão ou queijo. Como sentia falta de uma omelete de batatas! A rica refeição dos domingos e as suculentas pizzas, e inclusive, os hambúrgueres cheios de graxa. Somente de pensar neles me dava água na boca.

Enfim o vi aparecer. Aquele guerreiro, tão bruto, grande e muito atraente estava roubando meu coração. Desejava que ele me abraçasse e queria sentir seu corpo, seu olhar e sobretudo seus beijos, embora não quisesse que ele notasse. Precisava tratar de ocultar meus sentimentos a todo custo, já que ele era do tipo de homem que não se comprometia com uma mulher, a não ser, com uma causa, com uma guerra por

honra e princípios. O amor era secundário. Era uma sociedade muito machista, algo que me aborrecia. Embora eu adorasse seu afã em me proteger, apesar de que em muitas ocasiões me incomodasse.

Acompanhava-o uma mulher alta e forte. Usava um vestido sóbrio que a tapava até o pescoço, de lã, cor negra, comprido; para mim, bastante incômodo. Seu cabelo cinza estava recolhido e abafado com um capuz da mesma cor, que não a favorecia em nada. Observei Kimball. Estava chateado.

— É ela? — disse a mulher.

— Sim, ela é Elizabeth, minha esposa — respondeu Kimball.

Ela ficou em minha frente.

— Tem um aspecto deplorável, Kimball. Impróprio de uma dama e muito menos da esposa do conde de Essex.

Seus comentários estavam me deixando zangada. Estava fazendo verdadeiros esforços para morder minha língua e não responder. Devia controlar meus impulsos.

— Já lhe disse que nos dirigimos às Terras Altas, onde vive a família de Elizabeth. No percurso tivemos um contratempo — respondeu Kimball.

— Muito bem, podem ficar. — Olhou-me de cima abaixo.
— Ordenarei que preparem um banho de água quente e algumas roupas limpas. — deu meia volta e se afastou.

— Amigo, que tia você tem! — David gargalhou diante da visão de Lorraine.

— Sim, é muito especial, mas, ao menos, vai nos deixar ficar alguns dias. Precisamos.

Eu já não escutava; somente pensava naquele banho e em dormir em uma cama.

Eamon me agarrou com força pela mão.

— Ficaremos? — perguntou-me o menino mediante gestos.

— Sim pequenino, ficaremos — disse Kimball enquanto lhe dava de presente um bonito sorriso, o pegava no colo e o colocava sobre seus ombros. Vamos para dentro. — Olhou-me.

Ali estava uma donzela com uma vestimenta tão sóbria quanto a de sua ama.

— Por favor, me acompanhem — disse a jovem.

Foi mostrando a cada um, seu quarto. Os últimos foram Kimball e eu.

— Este é o quarto de vocês. — Abriu a porta e partiu.

Fiquei petrificada. Dormiria com aquele homem!

— E meu quarto? — Eu perguntei.

— É este. — Cruzou seus braços sobre seu peito e se apoiou sobre a parede, sorrindo com a situação. — É minha esposa, querida. Minha tia não entende que durmamos em quartos separados.

— Pois seja! — resmunguei enquanto entrava no aposento.

Era sinistro, como a proprietária. As cortinas grossas e de cor negra. A cama pequena, em minha opinião, para que dormissem duas pessoas e uma delas forte e bastante alta como Kimball. A banheira de madeira estava no próprio quarto, em um canto.

— Precisa partir, Kimball. Não pensará que vou me banhar com você no quarto.

— Ha, ha, ha! — Pois não seria nada mal, recorda-se que é minha esposa.

— Sim, mas logo deixarei de sê-lo. Foi um trato. Recorda-se?

Ele se aproximou de mim me fazendo retroceder, até que topei com a parede. Meu Deus, que bonito ele era! Seus bonitos olhos verdes estavam fixos em minhas pupilas.

Olhando-me daquela forma, eu sentia que todo meu corpo e meus sentidos se dobravam ante ele. Aproximou seu rosto do meu. Seu olhar se centrou em minha boca.

Sentia como minhas pulsações se aceleravam.

Segurou meu rosto, suavemente, com suas mãos e me beijou. Seus lábios acariciavam os meus, enquanto os retinha entre os seus, lentamente. Todo meu corpo reclamava essas sensações. Então ele parou e sorriu. Eu havia ficado sem fôlego. Ninguém me fizera sentir tanto, com um beijo, quanto aquele homem que estava diante de mim. Minha respiração era agitada; eu não articulava palavra alguma.

— Sim, um trato. Lembro-me perfeitamente — disse com uma odiosa careta que não se retirava de seu rosto. — Deixo você tranquila para que tome esse banho.

Afastou-se e me deixou ali, sem poder me mover, nem reagir. Queria odiá-lo por ter esse poder sobre mim, mas a única coisa que eu desejava, era estar entre seus braços e lhe dizer que eu estava me apaixonando perdidamente por ele.

Introduzi-me nas águas temperadas daquela banheira rudimentar, mas que, nesse momento, para mim supunha um autêntico luxo. Tocaram à porta. Era a donzela que nos guiara até o quarto.

— Desculpe. A senhora me ordenou que recolha sua roupa e entregue estas.

— Minha roupa? Para quê?

— Estão muito sujas, senhorita. As lavaremos.

Olhei aquele vestido negro. Somente de vê-lo, sentia vontade de cortá-lo para que ficasse mais decotado. Mas ela tinha razão, meu vestido estava sujo.

— Ajudarei você a se banhar.

— Não obrigada... Qual é seu nome?

— Babette.

— Babette, não preciso de ajuda, obrigada.

A jovem pegou meu vestido. Fez uma pequena reverência. Partiu.

Minhas pantorrilhas ficavam de fora, mas não me importava. Não me sentia incômoda; era um luxo total. Coloquei minhas pernas para fora, para poder colocar a cabeça, por completo, sob a água e molhar meu cabelo. Peguei o sabão que estava depositado ao lado da banheira, em uma pequena mesa redonda. Era de cor de canela. Ao tocá-lo, ele escorria das mãos. Acostumada ao aroma dos sabonetes que eu utilizava, aquele não cheirava bem, mas não era momento de andar remoendo. Esfreguei meu cabelo com ele, até fazer espuma, depois em todo meu corpo. Encontrava-me na glória. Fechei os olhos. Não sei quanto

tempo passou. Escutei alguns passos ligeiros pelo corredor, até pararem em frente a minha porta. Tocaram com acanhamento e esta se abriu.

Era Babette.

— Desculpe, senhorita. O senhor me pediu para que lhe diga que em breve subirá ao quarto.

— Muito obrigada. — Esperava que a jovem partisse, mas ela permaneceu. — Pode partir.

Voltou a se inclinar. Aquilo era engraçado. Quando eu despertaria? Eamon me falara que eu era a escolhida para ajudá-lo com a taça que José da Arimatéia escondeu, e que a chave estava na minha cruz. Observei-a. Minha avó havia me colocado a cruz quando nasci, e eu sempre a usara. Ela jamais havia comentado nada a respeito, com exceção de uma ocasião. “É verdade!”, eu disse em voz alta. Como pude ter esquecido? Teria quinze anos. Como todos os verões, tínhamos ido à casa que minha avó possuía em Comillas, em frente ao mar. Meus pais estavam viajando. Fomos passear pela praia. Estávamos descalças. Houve algo que nunca entendi. Recordava-me que ela me perguntara o que eu queria ser quando fosse maior. Eu já deixava muito claro, sempre quisera ser enfermeira e assim eu disse. Ela ficara me olhando sem pestanejar.

— Carinho, a vida lhe proporcionará uma importante prova, que terá que superar. Ainda tem um longo caminho, mas esse dia chegará, e quando for o momento... — Nesse instante uma amiga de minha avó nos interrompera.

Ela se aproximou do lugar onde nós estávamos, não a deixara terminar. — Prometa que sempre confiará em você e na cruz que usa. Nela encontrará a resposta.

Naquele momento, aquela conversaço me deixara intrigada, eu não sabia o que minha avó quis me dizer. Naquele verão não voltei a estar a sós com ela, e poucos meses, depois, ela havia falecido.

Possivelmente, por algum motivo que não consegui entender, ela teve alguma visão. Eu enlouqueceria. Até pouco tempo eu estava em Londres. Depois avistei alguém na calçada da frente. Fui atropelada por um carro e, quando abri os olhos e despertei, me encontrava em outra época, onde era perseguida por um homem odioso, estava casada, me disseram que eu era a escolhida, para o quê, eu não sabia e, o pior de tudo, era que eu estava apaixonada por um rude saxão feudal.

O vestido estava entre minhas mãos. Ficava enorme. Peguei uma corda que usei como cinturão e envolvi a minha cintura. Estava horrenda. Fiz uma trança. Entrou a donzela.

— Precisa de minha ajuda, senhorita?

— Sim, por favor, feche os botões.

Virei-me, e ela se aproximou.

— Agora eu termino Babette. Diga a minha tia que logo desceremos para comer — disse Kimball.

Eu não o escutara entrar. Não me virei; esperei. Sabia que meu rosto e a expressão de meus olhos me delatariam. Ele conheceria meus sentimentos.

Escutei como que era fechada a porta do quarto. Sentia-o muito próximo.

Notava sua respiração e sua presença. Suas mãos começaram a me abotoar o vestido, devagar, com grande mestria. Sentia a suave ponta de seus dedos roçando minha carne. Esse simples contato provocou um calafrio que percorreu todo meu corpo.

Chegou até a metade das costas e aí se deteve. Senti como suas mãos acariciavam suave e devagar, cada uma de minhas omoplatas. “Meu Deus, que ele não continue!”, pensei. Eu não consegui articular nenhuma palavra. A resposta para suas carícias foi um estremecimento de prazer, algo que ele deve ter notado. Reagi, aquilo não devia acontecer.

— Por favor, Kimball, pare já!

— Acredite que eu tento, mas a tentação é muito mais forte.

Virou-me, estreitou-me entre seus braços e me beijou. Fui incapaz de me conter, correspondia a cada um deles, da mesma maneira que ele. Tocaram à porta, afastei-o. Era Eamon. O menino entrou e observou.

— Não volte a fazer isso — eu sussurrei.

— Está desejando isto, bela dama. — Ele sorriu. Terminou de me prender o vestido, me dando um beijo no pescoço. Dei a volta e lancei de presente, um olhar de desaprovação, o que provocou uma gargalhada nele.

Eamon nos olhava. O menino não entendia nada.

— O que aconteceu? — perguntou-me com gestos.

— Nossa querida Beth se esforça em reprimir seus sentimentos, isso é o que acontece. Ha, ha, ha! — disse Kimball.

— Não lhe dê atenção. Vamos deixar este bárbaro sozinho! — Aquele comentário provocou outra grande gargalhada dele.

Kimball partiu, com um sorriso desenhado em seu rosto.

Quando descí, estavam todos me esperando à mesa. Kimball ao ver-me se levantou, retirou a cadeira em que eu me sentaria e se posicionou em frente a mim.

Eamon estava a meu lado, e David, ao lado de Kimball. Presidindo a mesa estava sua tia Lorraine, que nos olhava séria, sem pestanejar. Meu cavaleiro não tirava o olho de mim.

— Se perdeu, querida? Demorou muito para descer — disse sua tia.

— Não, não me perdi, porém se eu soubesse que estavam sem comer por minha culpa, acredite que eu teria descido antes. — Apesar de eu não conhecê-la, aquela mulher me irritava.

— Acredito que seria algo bem claro — respondeu.

— Pois para mim, acredite, que não existe nada claro.

Nesse momento Kimball gargalhou, depois foi seguido por David. Sua tia os fulminou com o olhar.

— Não sei o que é tão engraçado, sobrinho. Sua esposa tem muito para aprender sobre o comportamento de uma dama.

Mordi a língua; desejava lhe responder. Bem sabia Deus o esforço que eu fazia para não enfrentá-la, mas eu sabia que não devia fazê-lo. Kimball respondeu por mim.

— Eu gosto que ela seja assim — ele disse, enquanto cravava suas pupilas nas minhas.

Sorriu e eu lhe respondi com outro sorriso.

— Pois depois não se queixe, sobrinho.

— Não acredito que eu me queixe, Lorraine — respondeu ele.

A conversa mudou e se centrou no rei Ricardo.

— Depois de levar minha esposa, preciso partir para libertar meu rei — disse Kimball.

Aquilo me entristeceu. Devia me sentir aliviada se ele se afastasse de meu lado, mas não era assim, estava apaixonada por aquele homem e não queria nem pensar na ideia de me separar dele.

Depois daquele comentário eu o olhei. Deve ter notado a angústia em meus olhos.

— Preciso ir; devo a meu rei. — Foi mais uma resposta para mim, do que para o resto dos comensais.

— E eu o acompanharei, amigo — respondeu David.

Foi como um jarro de água fria. Mortificava-me o fato de não mais voltar a ver esse homem. Devia me centrar mais em meu objetivo do que nos sentimentos que ele despertava em mim, tentar dar respostas a tudo o que estava me acontecendo. Precisava seguir meu caminho, ir à ilha Maree e descobrir se naquele lugar estava a chave para retornar a meu mundo. “Meu Deus, me ajude!”, pensei.

— Amanhã é o dia de são Jorge, cheio de festejos. Alegra-me que o passem comigo — disse sua tia.

— Mas... Devemos continuar com nosso caminho! — eu disse olhando para Kimball.

— Nós vamos ficar mais um dia — ele respondeu.

— Preciso chegar quanto antes a casa de meu avô, você sabe. — Estava zangada. Não havia consultado essa decisão comigo.

— E todos precisamos descansar. Senão cairemos doentes, começando por Eamon e depois por você.

— Por mim me preocupo eu; não preciso que ninguém mais se preocupe. — Fui um pouco brusca em minha resposta. Ele me olhou com fúria, estava se contendo.

— Disse que não vamos! A decisão já está tomada, não há mais nada a falar.

David e Eamon nos olhavam atônitos. Sua tia continuava comendo como se não houvesse uma discussão.

— É bom saber que não vai levar em conta mais opiniões do que a sua.

Eu não aceitava situações tão machistas, entendia que estava em outra época, mas não conseguia suportar aquilo; era superior a mim. Sempre me defendera de homens assim, já que apesar da época em que eu vivia, continuava havendo expressões e comportamentos machistas tanto em homens quanto em mulheres.

— Querida, sempre é o marido que toma as decisões por nós, e a mulher deve aceitá-las, sem protestar — disse Lorraine.

Aquele comentário foi a gota de água para que toda minha ira explodisse. Era muito visceral e não conseguia controlar.

— Eu sou diferente ao resto das mulheres deste lugar. Seus costumes são diferentes dos meus. E minha opinião vale tanto como a de um homem. Agora se me desculparem.
— Levantei-me e parti para o quarto.

— Kimball, sua mulher merece um castigo. Nenhum homem permitiria que sua esposa lhe falasse assim. Isto pode lhe trazer problemas. Precisa castigá-la — disse sua tia.

Essa última frase da sua tia foi a gota que encheu o copo. “Era o que me faltava para ouvir”, eu pensei.

Subi rapidamente as escadas, entrei no quarto e fechei a porta. Meus olhos pousaram na cama. Esse homem... não pensaria em se deitar na mesma cama? Eu não permitiria. Escutei como subiam as escadas a grandes passadas, com pisadas bem fortes. A porta se abriu com brutalidade: era Kimball, que a fechou com uma batida. Seu rosto refletia ira. Estava muito zangado, mas eu não estava disposta a me acovardar; defenderia minha condição de mulher, e o respeito que eu merecia. Olhou-me com raiva. Tirou sua jaqueta e a deixou sobre a cadeira que havia próxima à porta.

— O que acontece com você, mulher? — Ele gritou. — Não entendo aquela reação. Não volte a me contrariar em público!

— Farei sempre que pensar de maneira diferente — eu lhe disse certa.

Kimball se aproximou de mim. Eu fui retrocedendo até bater na parede.

Estava encurralada. Ele se encontrava muito próximo a mim, com seu rosto aceso pela irritação.

— Não!, você é minha mulher e eu não permito isso!

— Não me permite? Não me conhece bem. Não se confunda: nem sou sua mulher, já que como você muito bem disse, isso é um trato que terminará quando me deixar com meu avô, nem tenho medo de suas ameaças.

— Uma mulher não se comporta assim.

— Vai me castigar por isso? — disse-lhe zangada. — Nem se atreva, advirto-lhe isso!

Aproximou seu rosto do meu.

— Sim, possivelmente é o que você merece — ele me disse cravando suas pupilas sobre as minhas.

— Nem pense — eu o desafiei com o olhar.

Nesse momento, ele agarrou meu rosto com suas duas mãos e me beijou. Tentei afastá-lo, mas uma de suas mãos se moveu para imobilizar meus braços, que segurava atrás de minhas costas, e com a outra mão, me aproximou de seu corpo, enquanto me beijava com paixão. Eu tentava me defender, mas era uma batalha perdida; além disso, meu coração não queria resistir mais; meu corpo reclamava, cada vez mais, suas carícias. Seus beijos me embriagavam completamente. Retinha meus lábios entre os seus em um jogo incomparável. Ele levantou o rosto e me olhou.

— Acredito que é hora de que eu assuma a função de marido e tome o que é meu e me pertence.

— Se o fizer, eu o matarei — eu lhe disse, mas, na realidade era o que mais desejava, estar entre seus braços.

Não queria me afastar dele, nem que ele parasse. Ninguém me beijara como aquele homem, nem, eu nunca senti o que sentia ao roçar seus lábios com meus. Sem dar importância ao que eu acabava de dizer, segurou-me nos braços e deitou-me sobre a cama. Não me deu nem tempo de fugir, já que quando eu quis reagir ele estava sobre mim, me beijando e acariciando o contorno de meu corpo com suas mãos. Abandonei-me entre seus braços e seus beijos. Respondia a cada sua carícia, com a mesma paixão que ele o fazia. Suas mãos começaram a me desabotoar o vestido até que conseguiu me desprender dele completamente, atirando-o ao chão. Ele tirou sua roupa com grande agilidade. Baixou seu rosto e antes de me beijar sussurrou:

— Então... vai me matar?

— Sim, eu o matarei — ante minha resposta, ele sorriu.

Sem deixar que eu continuasse falando me silenciou com um beijo. Desejava-o, suas mãos acariciavam meus seios e continuavam, deleitando-se com minhas coxas. O desejo e a paixão eram irrefreáveis. Correspondia-o e desejava sentir cada carícia e roçar com sua pele. Não queria que ele parasse. Uma onda de prazer convulsionou meu corpo, deixou-me sem fala. Unimo-nos um ao outro, uma necessidade que ambos reclamávamos com desejo. O prazer embriagou todo meu corpo me deixando uma sensação de paz e bem-estar. Ele se deitou a meu lado e me abraçou, enquanto seus lábios roçavam minha bochecha.

— Vai me enlouquecer, Beth — ele sussurrou.

Fiquei adormecida entre seus braços.

XX

Observava-a enquanto ela dormia. Que bela era! O que eu faria? Havia me apaixonado por essa mulher. Não estava disposto a renunciar a que fosse minha esposa.

Sentia-me culpado por me deixar levar por meu desejo de possuí-la. Não podia me perdoar por tê-la levado a se entregar a mim. Eu, que sempre castigara aos que forçavam as mulheres, acabava de fazê-lo, com ela, a mulher que roubara meu coração. Como podia ter agido assim? A raiva, possivelmente.

Não conseguia dormir. Levantei-me e me vesti. Contemplei-a nua na cama: era linda. Tapei-a. Dei-lhe um beijo em seus doces lábios e fui à torre. Subi ali algumas vezes quando pequeno, quando visitava minha tia. Precisava pensar com clareza.

Surpreendi-me ao ver David. Sentei-me a seu lado e respirei, profundamente.

— Tampouco conseguiu dormir? — disse-me sem me olhar.

— Não.

— Essa mulher roubou seu coração. Equivoco-me? — Ele me olhou.

— Não se equivoca. Estou apaixonado por ela; não entendo como aconteceu.

— Kimball! Não se pode controlar o amor.

— Ela não sente o mesmo por mim; além disso, duvido que possa sentir alguma vez. Tive um comportamento de um bruto autoritário.

— Ha, ha, ha! Pois ela não fica atrás. São iguais, amigo. Você precisa controlar esta mulher. De onde ela veio?

— Não sei, na verdade. — Gargalhamos — Mas estou perdido por aqueles olhos, aquela boca...

— Ela também sente o mesmo, sei disso, amigo; conheço muito bem as mulheres.

— Isso eu não duvido, mas nesta ocasião você se engana.

— Que cego você está!

Permanecemos em silêncio.

— Quando os deixarmos a salvo nas terras de sua família, para onde iremos?

— Às terras germanicas, em Durnstein. Lá, nos uniremos aos homens de Robert. Ele já partiu. Estou convencido que seu irmão João, depois de saber de seu cativo, escreveu a Enrique VI para que o mantenha retido, a ambos interessa que seja assim.

— Sim, João mantém assegurado seu reinado, e Enrique está mais interessado em lutar com João, porque consegue manipulá-lo melhor.

Tapei o rosto com ambas as mãos.

— O que está acontecendo com você, Kimball? Nunca o vi assim, tão preocupado. É pela mulher?

Olhei-o.

— É por tudo. Quando partimos, Bejira me disse que eu a precisava proteger com minha vida, a ela e ao menino. Não me disse nada mais. Mas... como Bejira sabia dela?

Estava intranquila. Disse que eu saberia tudo no momento certo. Depois vem ela, apaixonei-me por aquela mulher.

— Ha, ha, ha! Quem pensaria nisto: Kimball, apaixonado!

— Sim, não posso negar, há algo nela que me faz sentir diferente. Estou disposto a morrer, se fosse necessário, por essa mulher e pelo menino. Daria minha vida por eles. E ainda tem o menino, sei que ele é importante para Alexander, mas não sei porquê. Tantas incógnitas me fazem sentir vulnerável, preciso saber porque os perseguem, o que querem deles. Se soubesse seria mais fácil protegê-los, mas ela não confia em mim, e agora, muito menos. Deve me ver como um bárbaro.

— Sua ferazinha precisa de um bárbaro como você. — Ele sorriu. — Nunca é tarde para emendá-lo, amigo.



Eamon estava acordado desde muito cedo. Envolvi-o entre meus braços e lhe fiz algumas cócegas enquanto lhe revolia o cabelo.

— Continuaremos com nossas aulas de luta? — O menino assentiu.

Estive lhe ensinando como utilizar a espada, era importante que o menino começasse a se defender. Queria fazer dele um guerreiro, era ágil e rápido. Na distância vi Elizabeth. Antes de que ela nos visse eu queria ir ao jardim para cortar uma das rosas vermelhas que minha tia cultivava. Eamon e eu escapulimos. Precisava ser a flor mais bonita. O menino e eu escolhemos uma e a cortei. Saímos do jardim. Ela estava falando com David.

— Eamon, precisa me fazer um favor. — O menino assentiu. — Leve esta flor para nossa dama. Hoje ela precisa colocá-la, é dia de são Jorge.

O menino partiu. Entregou-lhe a rosa e ela o beijou e lhe acariciou o cabelo. Então o menino apontou para mim, ela ficou me olhando e veio até onde eu estava, enquanto David levava Eamon às quadras para ir aos festejos do dia de são Jorge. Ficou bem em frente a mim. Eu desejava envolvê-la com meus braços e beijá-la.

— Obrigada, Kimball, é muito bonita — ela me disse.

— Como a mulher que a leva. — Segurei suas mãos e puxei-a para meu peito. Ontem... me comportei como um bárbaro.

— A verdade é que sim, foi um autêntico bruto. — Nesse momento se soltou de minhas mãos e desembainhou minha espada. — E prometi matá-lo. — Seus olhos brilhavam enquanto apontava a espada para meu estômago. — Mas não

vou fazer porque, apesar de ser um bárbaro e um bruto, você não merece morrer.

Tirei a espada dela e guardei. Puxei-a para mim e a envolvi com meus braços.

— E eu posso saber o que a fez mudar de ideia?

— Isso você precisará descobrir. — Revolveu-me o cabelo com seus dedos. Aquele gesto descarado me surpreendeu e eu gostei.

— Divertem-me as provocações; eu descobrirei. — Beije-a; desejava-a, precisava tê-la junto a mim, sentir a suavidade de seus lábios.

Afastei-me e a olhei com intensidade nos olhos. Ela acariciou minha bochecha.

— Não me levaria a uma festa? — Ela perguntou.

— Sim, mas agora não gostaria mais de ir.

Ela me puxou. Eu a observava enquanto ela caminhava.

— Nunca montaste um cavalo, não é verdade? — interpelei-a.

— Por que pergunta?

— Só olhando como você anda, sei que é porque dói...

— Tudo bem, tudo bem, não continue. Você tem razão.

— É um mistério, minha preciosa dama. Quem é você, Beth?

— Não entendo o que quer dizer.

Relatei-lhe o que Bejira me dissera sobre ela e o menino. Não podia esperar mais; eu precisava saber. Ela ficou surpreendida.

— O que acontece, Beth? Acredito que lhe demonstrei que pode confiar em mim.

— Não é isso, Kimball, claro que confio em você. O que ocorre é que nem eu mesma sei. Esta cruz... tem gravada a estrela de David e é a chave de algo que desconheço e não entendo.

— E o menino? — perguntei-lhe.

— Ele representa algo que todos querem. É o guardião do Santo Graal e, segundo ele, eu sou a escolhida para descobrir onde ele está escondido.

Parei o cavalo.

— Sabe o que está dizendo? O santo Graal é procurado desde tempos antigos. Dizem que quem o possua terá o poder absoluto sobre nosso território.

— O menino me disse que por isso está em uma gruta em Glastonbury. O próprio José de Arimatéia o escondeu lá.

— E por que quer ir às Terras Altas?

— Devo ir lá antes. Sei que até que não me reencontre com meu passado não saberei o que faço aqui.

Eamon e David nos esperavam nas quadras junto com Lorraine.

— O menino vem comigo — disse David

— Vamos chegar tarde à celebração religiosa — disse minha tia. Ela também esperava, impaciente, desejando o momento de partir para o lugar onde os festejos teriam lugar.

— Celebração religiosa? Para onde vamos? — disse Beth estranhando.

Olhei-a surpreso diante daquele comentário.

— Para Strenoeshalh — disse.

— Tome este véu. — Minha tia o entregou. Beth o olhou e o colocou em seu colo.

— Precisa ir a meu lado, atrás dos homens — minha tia disse.

O que acontecia com ela? Era como se estivesse disposta a desagradar minha tia, com sua atitude de desobediência.

David me observava. Ele sorria.

— Do que está rindo?

— De nada, de nada. Quem o viu e quem o vê? Uma rosa, Kimball?

Agarrei as rédeas de meu cavalo e comecei a cavalgar.

— Kimball! — chamou meu amigo.

— Menos conversa, David, assim não vamos chegar à celebração.

Aproximávamo-nos da abadia. Sua arquitetura era inconfundível. O forte vento nos impedia de avançar mais rápido. Estava situada sobre as escarpas do mar do Norte. Deixamos os cavalos bem amarrados a umas árvores. Elizabeth olhava a construção, hipnotizada.

— Impressiona! Não é verdade? — disse-lhe.

— É linda!

Está em um lugar estratégico. Por isto, sim, suporta as fortes correntes de ar como consequência por ser um observatório do horizonte do mar do Norte. Por isso seus grandes contrafortes.

— Que ordem vive aqui?

— São beneditinos. Hoje o bispo oficia a missa.

— Querida, coloque o véu e vamos pela porta da esquerda, as mulheres entram por ali.

Beth me olhou. Às vezes eu tinha a sensação de que tudo era novo e desconcertante para ela. Agarrei Eamon pela mãozinha e fomos os três pela porta da direita. Escutava-se a força com a que as ondas rompiam sobre a rocha do escarpado.

No interior estava a estátua de são Jorge, em uma lateral do altar. A seus pés, havia muitas rosas vermelhas. Posicionamo-nos nos primeiros bancos da direita. Beth estava ao lado de minha tia. Com aquela roupa estava irreconhecível. Não se parecia com a mulher que eu tivera entre meus braços na noite anterior.

Começaram a entrar os camponeses e ocuparam os últimos bancos.

O bispo entrou no altar, posicionou-se de costas para nós, baixou seu rosto e beijou o altar. Começou a cerimônia em latim.

XXI

Eu não parava de observar as altas colunas e os contrafortes. Aquela arquitetura era impressionante. O interior escuro e frio estava iluminado com tochas, e perfumado com o aroma das rosas que estavam em, quase, todo o lugar.

Estava entusiasmada de poder viver aquela experiência. Observei com curiosidade atrás de mim. Ali estavam os camponeses, surpreendi-me, já que me pareceu ver entre as mulheres, Adila, a jovem judia que nos acompanhara desde Sherwood, com o padre John e seu marido Abir, que haviam desaparecido, sem deixar rastro. Aquilo me inquietou, teria jurado que era ela, mas não consegui me certificar. Lorraine me deu uma cotovelada para que eu ficasse quieta. Eu não suportava aquela mulher.

— Descarada! Como uma dama de sua categoria, esposa do conde de Essex, olha para trás? Não deveria observar os camponeses. Sempre o olhar para frente, com o queixo bem alto — ela sussurrou.

Procurei Kimball e me encontrei com seu olhar, ele sorriu e depois olhou à frente. Amava aquele homem, igual àquele que aparecia em meu sonho. O que sentia por ele era o mesmo que eu sentia por Kimball. O roçar com sua mão, seu olhar com penetrantes olhos verdes, sua presença. Tudo

nele me acelerava o pulso. Eamon também me olhou. Levantei a mão a modo de saudação.

— Por favor!, comporte-se, está chamando a atenção.

Preferi não responder, nem sequer lhe dar de presente um olhar.

A cerimônia religiosa durou mais de uma hora, acreditei que adormeceria. Era toda em latim.

Concentrei-me para ver se via Adila e confirmar que era ela, mas não a encontrei.

Possivelmente eu havia imaginado isso. À saída da abadia se organizou uma grande celebração na colina, no caminho, até à praia.

Jogos, música, tiro ao arco e comidas, todas elas muito apetecíveis. Os camponeses organizavam sua própria festa na praia. Havia uma grande fogueira. Os homens estavam separados das mulheres.

A música começou a soar. Os cavaleiros, todos homens rudes, de olhar duro e rostos curtidos, selecionavam sua dama e dançavam uma dança, com passos repetitivos. Vi que Kimball me observava. David falava com ele, mas ele não afastava seu olhar de mim. Disse algo no ouvido ao Eamon, o menino começou a aplaudir. Kimball se endireitou, aproximou-se até onde eu estava. Somente de pensar na ideia de que ele me tiraria para dançar, me fazia tremer.

— Permite-me, Beth — disse oferecendo sua mão.

— Não — eu disse. Ele ficou sério sem entender minha resposta. — Sabe que não sei dançar.

— Ah, é isso! — Ele sorriu. — E você já sabe que eu sou seu professor. Estou acostumado a seus pisões. — Piscou-me um olho.

Segurou minha mão e nos posicionamos, ao lado de outro casal. formou-se uma fila: os homens em frente às mulheres. A música era insípida, muito diferente da que se escutava na praia. Kimball me guiava. Um passo para frente, outro para atrás e meia volta. Assim várias vezes.

— Eu gosto onde você colocou minha rosa.

Eu optei por colocá-la atrás da orelha. Observei a meu redor e me surpreendi ao comprovar que o resto das mulheres a levavam na mão.

— Sou diferente.

— Isso eu já notei. — Ela achou engraçada a minha resposta.

A música finalizou, uma peça muito breve. Rodeou-me a cintura com seu braço direito e me atraiu para ele.

— Roubou o meu coração — ele me sussurrou ao ouvido. Dito isto, afastou-se para a área dos homens.

Eu teria gostado de beijá-lo depois de ouvir essas palavras, mas não me deu tempo.

Por que não podia ir junto a ele? Não queria estar separada daquele homem.

Observava-o evitando que ele se desse conta de meu descaramento, embora ele também o fazia. Nossos olhares coincidiam, e sentia como suas pupilas se cravavam nas minhas.

— O que está fazendo aqui, juvenzinha? Precisa vir com as damas, chegou o momento — me disse Lorraine.

— O momento? Do quê? — perguntei-lhe.

— É uma tradição: tapam-se os olhos dos homens casadoiros e recém casados e igualmente, a seus pares. Aqueles que levarem menos tempo para se encontrar são os ganhadores. Eles vão a cavalo e precisam agarrar a mulher pela cintura e colocá-la no lombo de seu animal. Se coincidir com sua esposa ou prometida, o casal ganha.

— Mas... é perigoso! Que brincadeira!

— Fique tranquila, com meu sobrinho você não precisa temer, ele é um perito. Treina estas artes desde que era um menino.

— Não entendo nada! Eu não gosto de ser o centro das atenções. Isto não faz sentido.

— Querida, não resta mais remédio.

— Não vou fazer. Não se dá conta de que pode me pisotear com o cavalo e matar!

— Não, digo que não, pois ele não permitirá. Vê-se a léguas que está apaixonado por você e, na verdade, não sei como aconteceu, porque, sem intenção de feri-la, preciso lhe confessar que me parece uma mulher muito estranha, poderia até dizer que parece uma farsante. Não possui maneiras de uma dama, nem conhece nossos costumes.

Começa por onde colocou a rosa!

— Pois seu sobrinho deve gostar que eu seja assim.

Aquela mulher conseguia me ferir e me zangar. Várias moças me encurralaram. Procurei Kimball com o olhar, seus

olhos estavam fixos nos meus, ele moveu os lábios. Repeti o que ele dizia: “Confie em mim”. Mas não consegui sorrir.

Não é que não confiasse nele, é que me parecia um jogo selvagem. Kimball se aproximou a pé até onde eu estava, segurava as rédeas do cavalo.

— Tem medo?

— Sim, estou assustada. Este jogo é perigoso.

— É uma representação. São Jorge salvou a princesa do dragão. Tapam-nos os olhos como símbolo da escuridão e do medo de morrer.

— O que é bem divertido!

— Confia em mim? — Voltou a me perguntar, enquanto cravava seus bonitos olhos verdes nos meus.

— Sim, confio em você.

Sorriu-me, atraiu-me para ele e me beijou.

— Não se mova. — Ele me piscou um olho.

Meu coração pulsava célere. Aquele beijo me deixara, ainda, mais nervosa.

Cobriram-me os olhos, igualmente às outras duas jovens. Puseram-nos separadas umas das outras. Escutei o repicar de tambores, os gritos e aos cavalos trotando. Permaneci quieta, embora tivesse a tentação de tirar aquela faixa e fugir daquele lugar. Enquanto pensava naquilo e o pânico se apoderava de mim, notei como seguravam com força minha cintura e me elevavam com precisão, até me posicionar no lombo do cavalo, era ele. Comecei a escutar aclamações.

Kimball parou seu animal e me afastou o lenço dos olhos. Eu estava tremendo.

— Está bem?

— Eu, estou bem? Estou assustada, tremendo.

— Ha, ha, ha! Disse a você que confiasse em mim: sou um perito.

— Ora! Dedicar-se a agarrar a damas dessa forma a maior parte de seu tempo, com os olhos tapados. Boa diversão a sua! — eu disse magoada.

Ele gargalhou.

— Ganhamos — Ele disse.

— E o que significa isso ? — perguntei.

Kimball desceu do cavalo com um salto. Depois, sem me dar tempo a reagir, rodeou-me a cintura e me posicionou a seu lado. Puseram-nos alguns colares de grinaldas de flores. Kimball me olhou, agarrou-me o rosto entre suas mãos, ficou alguns segundos me olhando e me beijou com ternura. Depois nos afastaram e nos obrigaram a que dançássemos uma dança nos entrecruzando uns com os outros.

Menos mal que a dança era fácil! Eu estava enjoada. Queria estar com ele, mas no momento que ficávamos juntos, nos separavam, até que, enfim, aquela dança terminou. Para Kimball deram cerveja para beber. Aproximou-se de mim.

— Agora nós precisamos nos aproximar do bispo, junto à imagem de São Jorge, ele nos benzerá.

— Que divertido! — Eu disse com ironia.

— Não proteste tanto — ele respondeu enquanto me rodeava com força a cintura e me beijava o pescoço.

Chegamos ao lugar onde estava o bispo. Era gordo, calvo, com nariz aquilino e olhar frio.

— Levantem as mãos! — ordenou.

Kimball obedeceu, ele agarrava com força a minha mão. O bispo colocou sua mão sobre as nossas e disse uma oração em latim. Kimball as baixou. Escutei que a música soava outra vez. Íamos dar meia volta quando o sacerdote me deteve, nos interrompendo o caminho. Pegou minha cruz entre seus dedos.

Pela força daquele jogo absurdo havia saído do interior do vestido. Ele ficou olhando a parte de trás, olhou a cruz de David, e depois me olhou.

— Como se chama? — Ele me perguntou.

Kimball respondeu por mim.

— É minha esposa, Elizabeth, agora condessa de Essex.

Ele me olhou atentamente e se afastou. Senti um calafrio diante daquele olhar.

— Como é que usa essa estrela atrás da cruz? — Perguntou-me Kimball, sério.

— É um presente... de nascimento. — Não podia lhe dizer que me minha avó me deu isso.

— Sabe o que isso significa?

— Não muito, na verdade.

— A estrela de David identifica o povo judeu. Mas usar a estrela atrás da cruz de Cristo é uma ofensa para a Igreja católica. Estão havendo muitos assassinatos de animais e de pessoas. Fazem rituais com seus corpos; alguns apareceram sem coração e alguns de seus órgãos foram extraídos. Isso é

um sacrilégio; abrir um corpo é bruxaria; além disso, em alguns deles estava desenhada a cruz de David. Por isso existem tantas perseguições aos judeus, além de culpá-los por todas as epidemias e enfermidades que assolam o país.

— Você não acreditará nisso?

— Não!, mas pouco importa o que eu pense. A inquisição persegue a todo homem e mulher que suspeitem que faz bruxaria. E o bispo se fixou em sua cruz e perguntou seu nome. Devemos partir o quanto antes possível daqui. Hoje, de madrugada, partiremos.

— Mas... por quê?

— Por quê? Pergunta-me por quê? Beth, em que mundo você vive?

— Se eu lhe contasse... — eu sussurrei.

— Como? — Ele arqueou as sobrancelhas. — Se não formos hoje de madrugada, o mais provável é que manhã tenha muitos homens da inquisição assediando o castelo, para detê-la, por considerarem que é uma bruxa. Guarde essa cruz!

Cuide que não volte a ficar visível. Agora precisará disfarçar.

Nesse momento, tanto ele quanto eu nos demos conta de que víamos o padre John e o judeu Abir, que usava um hábito de monge.

— Me espere aqui e não se mova. — Foi direto falar com aquele padre.

Eamon me agarrou com a mãozinha. Acabava de ficar a meu lado. Apenas prestando atenção. Sorri e me abaixei.

— Olá, carinho. Vamos logo ao castelo; amanhã, de madrugada, partiremos. — Ele assentiu. Dei um beijo na bochecha dele. — Vamos para os cavalos!

Dirigimo-nos ao lugar onde deixamos os animais. Eamon ficou brincando com sua espada. Um ruído captou minha atenção; vinha de entre as árvores.

Olhei para lá: era Adila. Eu sabia eu que a havia visto! Fui direto a ela. Não se deu conta de minha presença, já que observava na distância, o padre, seu marido e Kimball.

— Adila!

Ela me olhou, seu rosto ficou tenso e fez um gesto para que eu baixasse a voz.

— Por que se foram? — Eu sussurrei.

— Fale baixo, senhorita. Ele não me pode ver.

— Quem?

Ela assinalou o bispo.

— Perseguem-nos. Devíamos chegar o quanto antes a esta abadia, mas a Inquisição sabia e nos esperavam.

— Não a entendo, Adila.

— Acusam-nos de praticar a bruxaria. O irmão John ajuda muitos judeus a embarcar em direção a França. Hoje, de noite, está chegando um navio até aqui para nos recolher. Precisamos partir, mas ninguém pode suspeitar de nós. Não podem me ver, eu não tenho disfarce. Aquele bispo... — Seu olhar era de súplica. — Afaste-se, senhorita! Sua presença junto a mim me coloca em perigo.

— Sorte, Adila. — Agarrei-a pela mão e a apertei.

Eu ia partir, quando observei que, na distância, o bispo olhava para onde eu me encontrava. Não conseguiu ver Adila, tentei me convencer. Afastei-me. Voltei a olhar para ver aquele bispo se estava atento a meus movimentos, mas algo me surpreendeu mais: a seu lado, acreditei ver o capitão Alexander. Pareceu-me que aquele homem, no momento em que o avistara, voltou-se e me dera as costas para que eu não o reconhecesse.

Seria ele? Voltei a olhar, mas ele já não estava lá. Devia ter imaginado aquilo. Ele não pode estar aqui, não conhece nossa rota. Decidi não comentar nada com Kimball, não queria preocupá-lo, sem necessidade.

Eamon estava desenhando, com um raminho no chão, um dragão que morria atravessado por uma espada, uma rosa, e ao lado a taça Santa. Olhou-me. Fez gestos com as mãos.

— Este é o dragão que são Jorge matou com sua espada; este é o sangue que sai de seu coração, e esta a rosa que aparece de seu sangue. E este é o Santo Graal. — Eu sorri para ele. Observei que o bispo continuava me analisando a distância.

— Eamon, apague! Se o bispo se aproximar conseguirá ver.

O menino obedeceu. Vi Kimball se aproximar, com David.

— Vamos! — disse Kimball. Eu o sentia preocupado.

— Eram o sacerdote e o judeu? — Perguntei para Kimball.

— Sim, fugirão ao anoitecer para a França. Estão perseguindo-os.

— Eamon, venha comigo — disse David agarrando o menino nos braços e posicionando-o no lombo do animal.

— E você acredita?

— Vamos, Beth! Agora não faça perguntas. Suba em seu cavalo! — ordenou.

Ele estava intranquilo, e eu obedeci.

XXII

— Hoje você também não conseguiu dormir? — Disse David sentando-se a meu lado.

— Não, parece que a torre é nosso lugar de encontro noturno.

— Ha, ha, ha! — Riu David. — Não entendo o que faz aqui, sabendo que há uma mulher bonita em sua cama.

— Precisamente por isso.

— Não o compreendo. Você nunca teve cuidados em se tratando do sexo feminino, e agora... olhe-se, amigo! — gargalhou diante daquela situação.

— É diferente. — Fiz uma pausa. — Ontem a forcei, estava zangado, magoado com ela e me deixei levar pela paixão que sentia, sem frear meus desejos de possuí-la. Não pode voltar a acontecer. Esta mulher é importante para mim e não quero que ela me odeie toda sua vida.

— Odiar? Por favor, Kimball! Ela está apaixonada. Corresponde seu amor e você sabe.

— Eu não o vejo tão claro. Sei que se for para o quarto, a farei minha outra vez. Não consigo evitar, a amo, a desejo...

— Amigo, você está apaixonado. — Ele riu.

— Além disso, estou preocupado com ela. Preciso pensar.

— Sim, o padre me disse que o bispo é perigoso.

— Sei que olhou a cruz de Beth. Estou convencido que ele virá procurá-la. E aquele símbolo de sua cruz...mais de uma moça foi apontada bruxa por levar a estrela de David e as queimaram na fogueira. Além disso, esteve observando-a.

— Sim, sei, observei também. O que não entendo é como o padre e os judeus se arriscaram a estar ali neste dia tão movimentado.

— Bom, entre tanta gente passariam despercebidos. Isto foi dito pelo padre, ele ajuda muitos judeus perseguidos pelo Santo Ofício a embarcar em Whitby, com direção à França, mas precisaram mudar seus planos.

— Por quê? Além disso, qual foi o motivo que os fez desaparecer sem dizer nada?

— Na noite escutaram um ruído e temeram que fossem membros da Inquisição. Pensaram: se ficassem conosco, colocar-nos-iam em perigo se os encontrassem ali. Além disso, pensaram que se fossem somente os três, seria mais fácil se camuflar, se esconder e passar despercebidos. Nosso grupo é muito chamativo, David. Beth que não segue nenhuma norma e age segundo seus impulsos; Eamon, um menino mudo que fala com suas mãos, algo incomum; e você e eu, dois guerreiros que os protegem. Não passamos sem que alguém note, não é?

— Ha, ha, ha! Não, na verdade não.

— Por esse motivo eles decidiram se afastar sem atrasar sua partida e não dar nenhum tipo de explicação. — Olhei-o. Fazia tempo que eu não perguntava coisas dele. Parecia-me estranho que tampouco ele, pudesse dormir. — E a você, o

que acontece? Por que tantas noites sem conseguir conciliar o sono? — Ele baixou o rosto. — É aquela mulher, não é verdade? Conte-me, amigo!

— Já sabe, é um amor impossível. — Tapou seu rosto com suas mãos. — Não consigo arrancá-la de meu coração.

— Ela corresponde?

— Sim, sei que me ama.

— David! Lute por essa mulher.

Ele me olhou.

— Diz como se fosse tão fácil! Não posso raptá-la. Aquele homem tem muito poder; além disso, o rei João deseja o matrimônio.

— Quando se celebram as bodas?

— Em alguns meses.

— Então o rei Ricardo já estará conosco, falarei sobre seu caso.

Pode ser que ele faça algo. — Dei um toque em suas costas. David me sorriu. — Restam somente algumas horas para partirmos. Devemos descansar, amigo.



Estava adormecida, observei-a. Era uma mulher valente, segura de si mesma, porém aconchegada entre os lençóis da cama a via muito frágil. Aproximei-me e a beijei na bochecha. Deitei a seu lado, ela se voltou, colocou sua cabeça sobre

meu peito e me envolveu com seus braços. Eu não estava acostumado a tantas amostras de carinho, e me surpreendi.

Logo conciliei o sono. Estava intranquilo, com a certeza de que a qualquer momento, o Santo Ofício entraria.

Minha tia retornara logo após nossa chegada, com sua donzela. Sabia que ela se zangaria, mas não podia lhe contar meus planos de fuga e tampouco, avisá-la.

Era melhor desaparecer, se por acaso depois lhe perguntassem. Retirei devagar a cabeça de Elizabeth e me levantei.

— Beth, precisamos partir — eu sussurrei.

Ela se moveu e se virou para o outro lado.

— Ainda não é dia, Ricardo — ela disse.

— Ricardo? Quem é Ricardo? — Elevei o tom. Por que ela o mencionara?

Estava claro que estava sonhando com ele. Seria um amor do passado? Estava ciumento e mal-humorado pela menção daquele nome. Ela abriu os olhos, endireitou-se.

— Está na hora?

— Quem é Ricardo? — Eu exigi uma resposta.

Ela, ainda estava com sono.

— O quê?

— Acaba de mencionar um tal Ricardo. Posso saber quem é?

— Um amigo. Mas porque tanta exigência?

— Para saber se preciso brigar com alguém mais.

— Como com alguém mais? O que você insinua?

— Quem é, Beth? — Coloquei-me de pé, em frente a ela, reclamando uma explicação.

— É um amigo e não penso em dar mais explicações. Você não pode me exigir nada.

— Claro que sim, sou seu marido.

— Por pouco tempo, ou... já não se lembra?

— Por pouco, ou muito, agora mesmo estamos casados e tenho plenos direitos sobre você.

Ela se levantou, zangada, e ficou em frente a mim, me desafiando.

— Ninguém, nem sequer você, tem direitos sobre mim. Sou uma mulher livre.

Estava contendo minha fúria e ciúmes.

— Depois falaremos disto — disse zangado. — Agora vista-se! Precisamos ir. Vou buscar Eamon, esperamos você nas baías. Não se demore!

Eu sai do quarto.

Um amigo! E ficava tão tranquila ao me dizer aquilo. Depois eu falaria com ela, ela me devia uma explicação.

Eamon estava adormecido. Beije-o na testa.

— Precisamos ir — eu sussurrei.

O menino abriu os olhos. Deitou-se vestido. Assentiu e sem preguiça ficou em pé. Agarrou sua bolsinha e seus pertences. Segurei-o pela mãozinha e fomos às quadras. Puxou minha mão e com gestos perguntou pela Beth.

— Agora venha. — Meu tom foi seco e o menino captou meu estado de ânimo.

— Está zangado com ela? — Ele perguntou.

— Sim, ela me desconcerta, menino.

— É boa, somente não sabe porque está aqui.

— O que quer dizer? — Eu perguntei. Possivelmente se referia ao golpe que afetara sua cabeça.

— Tem um passado que precisa descobrir. E melhor, quando o fizer vai conseguir responder a todas as perguntas que a inquietam.

— Um passado? Eamon, não entendo nada. Se houver algo que eu deva saber precisa me dizer.

O menino baixou o rosto e já não quis continuar com a conversação. A manhã seria complicada. Incógnitas. Estava claro que aqueles dois escondiam algo, e ele sabia mais dela do que eu, igualmente ela, sobre aquele menino. Havia muita cumplicidade entre eles. Eu havia observando-os. Aquele menino ganhou meu carinho, e a mulher me roubara o coração.

Subi Eamon ao lombo do animal. David já estava nos esperando, e Beth desceu logo. Não me olhou e subiu em seu cavalo. Começamos a marcha, sigilosos.

Todos sabíamos que a jornada seria dura, precisávamos avançar, fugir dali. Estava desejando chegar às Terras Altas, já que sabia que naquele lugar, ela estaria a salvo.

Atravessamos bosques com rios. A umidade nos invadia por toda parte. A névoa era espessa. Havia mais chuva e mais névoa do que em minha terra. Eamon estava apoiado em meu regaço, estava adormecido. Elizabeth ia atrás de nós. David se aproximou de mim.

— Kimball! Levamos muito tempo de viagem, olhe para ela, está esgotada.

Precisamos parar.

— É forte, vai resistir. Além disso, já fizemos uma breve parada para repor forças. — Eu ainda estava chateado com Beth.

— O que está pensando? Ela não é um guerreiro. — Olhei-o.

— Acredite em mim, pois às vezes eu duvido.

— O que houve, amigo? Você não é assim.

— Não podemos parar, precisamos avançar. — Observei-o. — Acaso você também está cansado?

— Sabe que não.

Afastou-se de mim e foi se colocar ao lado de Beth. Escutei-os falar.

— Está cansada?

— Não, sou uma guerreira como vocês. Posso aguentar.

Ela nos escutara. Um meio sorriso se desenhara em meu rosto.

— Sabe que não, Elizabeth.

— Diga ao bruto de seu amigo que aguentarei, até que ele esteja esgotado.

Continuava me desafiando, não sabia de onde saíra esta jovem, mas eu adorava sua forma de ser.

— Uff! — suspirou David — São igualmente teimosos e cabeçudos. Já não volto a abrir a boca. O que acontece com vocês? Não os entendo!

David se posicionou atrás de Beth.

Eu estava disposto a não parar. Se ela dizia que podia aguentar, é porque conseguia; além disso, era a única forma de avançar e poder me assegurar de que ela estava a salvo daquele bispo.

Encontramo-nos com o curso de um rio, era largo, a água corria com muita força, devíamos atravessá-lo. Desci do animal. Meti-me no rio. Era profundo. Chegava-me pelo joelho, mas eu era bastante alto. Primeiro David passaria com seu cavalo, depois eu com Eamon preso em meus braços, depois passaria meu cavalo e o de Elizabeth e por último, ela. Sentia-a nervosa. Olhei-a dissimuladamente: estava com olheiras. Sabia que me excedera, mas estava com ciúmes, magoado, raivoso e preocupado. Era orgulhoso: jamais permitira que uma mulher risse de mim, enganasse-me ou me tomasse por um imbecil. E ela me desafiava e em público, sempre colocava em evidência a autoridade que como marido, eu possuía sobre ela. Eu gostava dessa forma de ser mas, ao mesmo tempo, ela me enfurecia. Sim, ela merecia um castigo; se ela havia dito que podia é que podia, e se quisesse descansar só precisava dizer, então faríamos o descanso, mas até que ela não fizesse, continuaríamos nosso caminho.

— David! Atravesse você primeiro com seu cavalo, depois eu atravessarei com Eamon. — Virei-me para me dirigir a Elizabeth. — Você será a última. Ajudarei você. Há profundidade e a água flui com muita força. — Desta vez ela não replicou.

David o atravessou com dificuldade, sobretudo porque o cavalo perdia a estabilidade. Depois era a vez de Eamon.

— Nossa vez, pequenino, agarre-se forte a meu pescoço.

— E ela? — Ele disse com gestos.

— Não se preocupe, eu vou depois — disse Beth antes de que eu respondesse.

Agarrei-o em meus braços e atravessamos o rio. Depois foi a vez de meu cavalo e depois dele, eu retornaria para levar o de Elizabeth. Notava-a nervosa.

— O que houve? Sinto que você está inquieta?

— Escutei ruídos, estou ouvindo desde que saímos.

— Será algum animal, tranquila, por aqui não há ninguém. — Olhei a nosso redor; estávamos rodeados de carvalhos, arbustos e coníferas. — Em seguida estarei com você. — Sorri para tranquilizá-la.

Cruzei devagar, o animal estava inquieto, e a água muito fria. Quando saímos escutei o grito de Elizabeth.

— Meu Deus! — exclamou David.

Olhei, assustado, temendo o que poderia encontrar. De repente eu o vi. Meu coração explodiria. Era Alexander e seus homens. Mas... Como nos encontraram? Eu não conseguia entender. Beth dissera que escutara ruídos desde que saímos do castelo de minha tia. Ele segurava Beth com força e estava tapando sua boca, com um trapo, para evitar que ela gritasse.

— Kimball! — Escutei-a gritar meu nome.

— Alexander! — Eu gritei. — Solte-a, ela me pertence: é minha esposa!

— Sinto muito, conde de Essex! Esse matrimônio não tem nenhum valor para mim. Ha, ha, ha! Se a quiser vai lutar pela vida, ou morte, com Durham.

Vi como ele se afastava pelo bosque levando-a com ele sem que eu pudesse fazer nada. Acreditei morrer. Eu havia falhado: prometido que a protegeria. Se lhe acontecesse algo, jamais me perdoaria.

XXIII

Eu sabia que não eram ruídos de animais; havia escutado desde que saímos do castelo de Lorraine. E era ele quem eu vira em Whitby. Não imaginei isso. Possivelmente, se naquele momento, eu tivesse falado para Kimball...

Enquanto meu saxão cruzava o rio, escutei o relinchar de cavalos: estavam atrás de mim e aquele homem a meu lado, com seu sorriso repulsivo. Colheu-me com violência até me machucar, gritei. Mas Kimball não podia vir me buscar, a corrente e a largura do rio não lhe permitiram estar, nesse instante, na outra borda.

Eu nem sequer pude lhe explicar quem era Ricardo, para mim, já que seu ataque de ciúmes, e meu orgulho, não permitiram isso; nesse momento me arrependia; possivelmente eu não voltaria vê-lo. As lágrimas rolavam por meu rosto.

Aquele homem me levava segura diante dele; resultava-me repulsivo. Eu estava com medo. Aonde me levava? Quando acabaria este pesadelo?

— Não esperava isso, não é? — Ele me disse entre risadas.

— Como nos encontrou? — Perguntei.

— Foi muito fácil, querida. Alguns ciganos nos deram a orientação. Ela, a velha, não queria falar; a deixamos fugir,

mas o jovem, ambicioso e temeroso por sua vida, em seguida nos disse para onde vocês se dirigiam. No momento que lhe cortamos o primeiro dedo, ele chorou como uma mulher e começou a falar. Resultou muito fácil. Depois meus homens o mataram. Era fraco, e nesta terra não queremos homens assim. — Gargalhou.

— E você é cruel e um bárbaro! Um assassino!

— Cuide de suas palavras, mulher!. — Em York cometeu um grave engano. Deixou-se ver. Tenho homens fiéis a minhas recompensas por toda parte, Ha, ha, ha!

E depois de saber que estavam lá, intuí que seu conde iria às terras da irmã de sua mãe. É um bom lugar para descansar e se esconder. Mas seu cavaleiro não sabia que o falecido marido de sua tia e eu, fomos bons amigos.

Arrisquei-me, segui minha intuição e acertei. Chegamos justamente no dia de são Jorge, quando apareci com meus homens no castelo para reclamar o que me pertencia. — Fez uma pausa roçando seus lábios em meu pescoço. Dei um chute.

— Não me toque! — Eu gritei.

— Ha, ha, ha! O moço das baías nos disse onde vocês estavam, foi muito fácil, e fomos até lá. Você me viu, o bispo de Durham me tem em muito boa estima, ele dará seu consentimento para nosso matrimônio. Ha, ha, ha! Além disso, se seu conde a quiser o suficiente, para colocar em perigo sua própria vida, virá a Durham, e acredite que ali eu o matarei. Quem acredita que acompanhou a tia de seu conde até o castelo? Estávamos esperando-os para segui-los e

encontrar o momento certo para atacar e trazer você comigo. Má decisão de seu conde, a de que fosse você a última a atravessar aquele rio. Ha, ha, ha!

Esse homem o mataria! Precisava impedi-lo, devia fugir, escapar, encontrar a maneira de fazê-lo. Sabia que Kimball me buscaria. Era orgulhoso, um homem de honra, e o faria. Além disso, ele mencionara o bispo.

Eu estava perdida! Esse religioso acreditava que eu era uma bruxa ou algo semelhante. Sua forma de me olhar e observar cada movimento, me confirmavam isso. Ainda tinha presente seu olhar penetrante, frio, acusador, que sentenciara, somente de ver minha cruz; Kimball se dera conta imediatamente. Meu cavaleiro..., amava-o, não queria perdê-lo. Como podia acontecer aquilo? Não entendia o que estava acontecendo com minha vida, estava enlouquecendo.

— Quero que saiba que quando eu o atravessar com minha espada o coração, a farei minha. Jamais deveria ter escapado. Desafiou-me, humilhou-me e me envergonhou, mas isto, querida, fez que eu já não tenha nenhum tipo de respeito por você. Me dará um herdeiro e suas terras serão minhas.

— Isso é a única coisa que lhe interessa? — Eu perguntei com asco.

— Preciso reconhecer que você é muito bela e me excita ao máximo. Mas sim, as riquezas de sua família me atraem muito mais. Ha, ha, ha!

Decidi não lhe responder. Aquele homem parecia estar louco. Sabia que ele era capaz de tudo. Pensei na pobre

Samara e em Jaim. Rezei para que ela estivesse viva e pela alma do jovem.

Sentia-me esgotada, devíamos estar a horas pelo caminho. Toda uma jornada sem parar. Estava desfalecida. Não havia comido, nem bebido nada; além disso, minhas nádegas me doíam horrores, e todos os meus ossos estavam intumescidos. Sentia-me enojada de estar diante daquele homem no cavalo, que se empenhava em esfregar seu corpo contra o meu. Sentia verdadeira repulsa por ele.

Depois de mais um longo caminho percorrido, paramos. Fizemos uma fogueira, e dormiríamos à intempérie. Fazia muito frio e se levantou uma espessa névoa. Aproximei-me da fogueira mas, apesar do calor, eu estava tiritando.

Os pés, as mãos e as orelhas, assim como a ponta do nariz, estavam geladas.

Na fogueira estavam assando um javali que seus homens haviam caçado. Somente de pensar que precisava comer aquilo me dava náuseas, mas sabia que se quisesse escapar precisava estar forte e bem alimentada.

Alexander se aproximou para me dar bebida. Não era água, mas sim, vinho quente. Eu o provara em Londres, mas nunca gostei, e aquele era pior ainda.

Bebi um gole, estava muito ruim, mas eu estava com sede. Era a única maneira de continuar sobrevivendo: me adaptando a cada situação.

— Coma! — ordenou o capitão, que se sentou frente a mim, me observando.

Ele e seus homens não paravam de beber vinho. Seus olhos brilhavam e temia que o álcool fizesse com que se comportassem com mais agressividade.

Analisei a peça de carne que ele me oferecia com suas mãos sujas e suas unhas negras. A carne não estava muito assada. O sangue do animal morto manchava meus dedos. Senti que vomitaria. Tentei respirar e observei que um lado daquela carne estava mais assada. Parti-o com os dedos e levei a boca.

Alexander sorriu ao ver como eu comia; ele, igual a seus homens, devorava o alimento a dentadas. Restos de carne e de sangue ficavam impregnadas em suas barbas. Depois, com seu antebraço se limpavam. Que nojo!

— Você não gosta? — Ele perguntou.

— Não — Eu respondi.

— Comerá melhor quando estiver em meu castelo.

Aproximou-se de mim, abaixou-se e inclinou seu rosto até ficar muito próximo ao meu. Seu fôlego cheirava a vinho. Segurou minha mandíbula com uma de suas mãos, me forçando a olhá-lo. Estava me machucando.

— Estou desejando fazê-la minha dama.

— Jamais! — Eu lhe disse.

— Muito em breve.

— Antes morta.

Sorriu ante minha resposta e me beijou nos lábios com violência. Senti nojo.

Soltou minha mandíbula e gargalhou. Levantei minha mão para esbofeteá-lo, mas ele a capturou imediatamente.

— Nem o tente. Eu não sou um cavaleiro como seu conde.

— Nem eu uma dama como as que você costuma tratar.

— Por isso cada vez eu gosto mais. — Ele se afastou.

Odiava-o. Disse algo a um de seus homens. Ele se aproximou de mim, obrigou-me a me levantar e me levou até uma árvore que estava ao lado de uma das fogueiras.

Forçou-me a me sentar junto a uma árvore e me amarrou os pulsos com uma corda; depois me colocou uma pele de animal em cima, para me abrigar do frio e da umidade.

— Não confio em você, querida Elizabeth. Já escapou uma vez, agora não voltará a se repetir.

Olhei-o com raiva. Assim, nessa postura e sem poder me mover, era impossível conciliar o sono embora, estivesse tão esgotada e me sentia tão fraca, que o sono se apoderava de mim.

Despertei com os gritos e as risadas daqueles bárbaros. Era dia; devia ser muito cedo. A névoa continuava. Estava tiritando. Um homem, seguindo as ordens de Alexander, tirou as cordas que prendiam meus pulsos. Doíam-me todos os ossos e os músculos. Quase não conseguia me mover; apenas sentia minhas mãos e dedos dos pés porque ficaram enregelados pelo frio.

Alexander se aproximou.

— Beba!

— Não posso tomar outra vez essa mistura. — Era vinho quente.

— Eu lhe disse que beba! Seu corpo precisa ser aquecido. Claro que, se não quiser que seja desta maneira, eu tenho outras ideias para fazê-lo. — Sorriu.

Não queria saber a quais ideias ele se referia, assim peguei o vinho e tomei um bom gole. Mal não me fez, o calor me vinha bem e, se de passagem me embebedasse, ao menos esqueceria, por um momento, quão desventurada era e a tristeza que eu sentia.

Estávamos chegando em Durham. A jornada fora tão dura quanto o dia anterior. Estava somente com o vinho quente, da manhã, em meu estômago. Estávamos em frente à fortaleza, localizada em um penhasco alto, rodeada pelo rio Wear.

Atravessamos uma estreita ponte de pedra para chegar à porta principal de onde se acessava o interior da vila. Divisavam-se as quatro grandes torres do castelo que se encontrava na parte mais alta e, junto a este, a catedral, impressionava ao vê-la.

— Já chegamos, querida — Sussurrou Alexander em meu ouvido.

Sempre me considerei uma mulher corajosa e decidida, mas naquele momento, senti medo e tremia.

XXIV

Durham! O bispo! Aquele homem planejava muito bem sua estratégia.

Sabia qual era sua intenção. Queria um combate até a morte. Lutaria por ela, jamais me perdoaria que ele a tivesse capturado. Ela escutara ruídos e eu não me importei. Se lhe acontecesse algo... Preferi não pensar nisso. Devia colocar o menino a salvo. Eu precisava ir sozinho para Durham. Eamon devia ir para meu castelo em Essex. Deixaria ele sob o amparo de David, de meus homens e aos cuidados de minha irmã. Ela ficaria encantada de cuidar dele. Necessitava, com urgência, falar com Bejira. Ela precisava me dizer o que estava acontecendo. Eu devia saber exatamente o que enfrentava para poder salvar a vida da mulher a quem eu amava. O tempo ia em direção contrária. Não podíamos parar, somente o necessário. Eu sentia pelo menino, mas ele era forte, poderia aguentar. Demoraria mais de uma semana para chegar a Durham, mas sabia que o capitão esperaria até que eu aparecesse naquele cenário. Ele queria me matar.

— Kimball, já avisto o castelo — disse David.

— Sim, finalmente!

— Mas deve descansar alguns dias. Não pode viajar outra vez.

Meus homens nos viram chegar, a ponte levadiça desceu e o restelo começou a subir.

— Devo fazê-lo. Eu a amo. Se lhe acontecer algo, jamais me perdoaria.

Entramos. Deixei o animal nos estábulos e desmontei Eamon de seu cavalo. Coloquei-me de joelhos. Olhei o menino nos olhos.

— Precisa ficar aqui, entende, não é verdade?

O menino assentiu.

— Vai procurá-la?

— Sim — Eu disse.

— Esperarei vocês — ele disse com sinais. — Salve-a.

— Retornará para junto de você. Prometo-lhe isso.

Os olhos do menino estavam cheios de lágrimas. Amava-a e havia sofrido muito quando a viu ser levada por aquele homem. Envolvi-o com meus braços e o embalei em meu colo.

— Fique tranquilo, eu a trarei de volta. Para mim, ela também significa muito. Não permitirei que lhe aconteça nada. — Revolvi seu cabelo com minha mão. O menino me beijou na bochecha.

Mildred apareceu no pátio, ela nos vira chegar.

— Kimball! — Correu para mim e me rodeou com seus braços. Abracei-a e lhe dei um beijo na bochecha. Sorria, mas em seguida se deu conta de meu semblante sério e preocupado.

— O que houve, irmão?

— Mildred, agora não tenho muito tempo para lhe explicar tudo, David se ocupará disso — Ambos se olharam.

Algo me escapava naquela cruzada de olhares. — Como está nossa mãe?

— Muito melhor — Ela respondeu.

— Quero vê-la antes de partir. E nosso pai?

— Está com ela, em seu quarto. E este menino?

— Chama-se Eamon. Quero que cuide dele, irmã. Cuide dele, significa muito para mim. David lhe contará tudo o que precisa saber.

— Mas... não pode partir outra vez. Sinto tanto sua falta.

— Eu também de você, mas me vejo na obrigação de fazê-lo.

Ela assentiu.

— Prometa que se cuidará e retornará logo.

— Prometo-lhe isso. — Dei outro beijo em sua bochecha.

Deixei-a com David. Até esse momento não havia me dado conta de como se olhavam. Minhas suspeitas estavam certas, Mildred era a mulher que havia roubado o coração de meu amigo.

Subi as escadas até o quarto de minha mãe. Surpreendeu-me ver que os grossos cortinados não tampavam a pequena janela pela qual entrava a luz do dia. Meu pai, ao ver-me, endireitou-se, uma expressão de satisfação se desenhou em seu rosto.

— Filho! — disse minha mãe. — Você voltou!

Aproximei-me, coloquei-me de joelhos ao lado de sua cama e beijei sua mão. Ela continuava com o rosto pálido, mas estava com um melhor aspecto do que a última vez que a vira.

— Mãe! Como se encontra? — Meu pai me observava.

— Muito melhor, graças aos cuidados de seu pai e a alguns remédios que Mildred me deu. Bejira os mandou. — Olhava-me, intensamente, sem soltar minha mão. — Não irá outra vez?

— Sim, preciso partir; de fato, partirei hoje mesmo.

Apertou a minha mão. Seu olhar era de súplica.

— Mas filho! Depois de estar dois anos nas cruzadas vem e apenas o vejo, e agora que retorna, volta a partir.

— Sei e sinto mãe, mas acredite em mim, que se o faço é porque não tenho mais remédio. É uma questão de honra.

— Filho!

— Ele sabe o que precisa fazer, mulher — disse meu pai. Agradei-lhe que falasse em meu favor.

— Voltará logo?

— Voltarei — eu respondi.

— E ficará mais tempo junto a mim?

— Ficarei, mãe.

Saí com meu pai do quarto. Ela se esgotava e precisava descansar. Fui com meu patriarca à biblioteca. Ele me olhava com preocupação.

— O que houve, Kimball?

— Agora não posso contar-lhe pai. Preciso que confie em mim.

— Não deixe que o matem.

— Não permitirei. Preciso de um favor.

— Qual?

— Precisa cuidar de um menino até minha volta.

— Um menino? Seu filho? Um bastardo?

— Não, não é meu filho. Mas ele precisa do meu amparo e agora não posso dar-lhe.

Baixou seu rosto. Meu pai não era homem de perguntas. Quando ele via que alguém não podia lhe contar algo, limitava-se a esperar, escutar e nunca fazia mais perguntas do que as que devia.

— Kimball! — suspirou — Quando se ocupará de nossas terras? Suas terras!

— Sou um guerreiro, pai.

— Um guerreiro! E sua família? Nosso sobrenome precisa de um herdeiro, tem obrigações e responsabilidades.

— Pai, quando retornar falaremos desse assunto. Agora preciso que me prometa que cuidará do menino até que eu retorne, como se fosse meu filho, seu neto.

Olhou-me, moveu a cabeça para ambos os lados.

— Prometo.

— Obrigado, pai.

Eu partiria. Estava nervoso; sabia que o tempo passava e a vida de Elizabeth estava em perigo nas mãos daquele bárbaro.

— Filho! — Parei sem olhar. Notei sua mão sobre meu ombro. — Cuide-se! — Sabia que era sua forma de me dizer que me amava.

Sem olhá-lo pousei minha mão sobre a sua.

— Cuidarei, pai.

Parti. Ver minha mãe assim me doía no coração, mas não podia me deter por mais tempo. Desci ao pátio. Eamon

me rodeou com seus frágeis braços sem permitir que eu pudesse avançar. Agarrei-o pelos braços.

— Eamon, preciso partir. Nossa Beth corre perigo. — Ele assentiu. — Entende, não é verdade?

— Sim — ele disse com suas mãozinhas. — Amo você.

— E eu a você, pirralho.

Aquelas amostras de carinho me emocionavam. Eu me apegara demais a ele, mas tampouco podia levá-lo comigo.

— David o ensinará melhor que eu, a utilizar a espada. Prometa que seguirá todas as suas instruções.

— Prometo — ele respondeu.

— Assim que eu gosto. Eu a trarei.

Mildred veio para onde eu estava e segurou Eamon nos braços.

— Cuide-se, irmão. Amo você.

— E eu a você, irmã. Cuide de nossos pais, em especial de nossa mãe.

Fui até David.

— Amigo, já sabe o que precisa fazer. — Entendíamos somente com o olhar. Ele sabia ao que eu me referia. Confiava em meu amigo.

— Cuide-se, Kimball.

Abraçamo-nos e parti. Precisa ver Bejira; não podia me deter por mais tempo. Conforme me aproximava, cheirava os pães que ela preparava. Deixei meu cavalo, entrei na cabana sem chamar, como sempre fazia. Ali estava ela, de costas à porta, junto à luz.

— Estava esperando você, Kimball — ela me disse.

— Como sabia que era eu?

— Sua forma de caminhar, de abrir a porta... É inconfundível, moço!

Além disso, sabia que cedo ou tarde viria para me ver.

— Bejira, preciso saber mais. Ela corre perigo.

— E o menino?

— Ele está a salvo, no castelo.

— Sente-se, moço!

Obedeci-a. Ela se colocou em frente a mim.

— O que quer saber? — Ela me perguntou.

— Tudo.

— Ela é a escolhida. Faz muito tempo José de Arimatéia chegou a Inglaterra, mas trouxe algo de muito valor escondido em sua túnica: o Santo Graal, a última taça. Subiu a grande colina e lá construiu uma capela. Muitos foram os que quiseram obter o Santo Graal para destruí-lo, profaná-lo ou pelo poder, já que, depois da morte de Jesus Cristo, queriam destruir qualquer rastro que tivesse a ver com o Senhor. José de Arimatéia, temeroso de que conseguissem o mais sagrado, a última taça, escondeu-a em algum lugar daquela colina. Somente seu discípulo sabia o segredo, e o transmitiria a seu primogênito, assim de geração após geração. São chamados de: os guardiães. Mas o elo dessa cadeia se rompeu: o último guardião se apaixonou por quem não devia, e teve uma filha. A mulher foi assassinada, mas antes, escondeu sua filha em um lugar que jamais ninguém soube. Nunca encontraram a primogênita. Ela desapareceu.

O seguinte elo dessa cadeia, era o filho do outro irmão, mas todos foram mortos.

— Mas... Não entendo nada! O que tem a ver tudo isso com Elizabeth?

— Existe a lenda de que a mulher do segundo irmão, antes de cair nas mãos desse grupo sectário, fugiu e entrou no bosque. Teve um filho que deixou aos cuidados de pessoas humildes e que lhe prometeram que cuidariam dele. Ele era o herdeiro varão, o guardião. A menina do primeiro irmão é a escolhida, e esse menino é o guardião.

— Não entendo nada, Bejira.

— Essa menina é Elizabeth. Ela é a escolhida, a única que pode decifrar o grande segredo, a única que pode encontrar o Santo Graal; e ele, é Eamon, o último guardião, o seguinte elo da cadeia de varões destinados a proteger o grande segredo.

— Meu Deus! Vou enlouquecer. Eu não acredito nestas coisas, Bejira.

Não acreditava em tudo o que estava escutando, não podia acreditar no que ela me contava; não entendia nada. Bejira me observava em silêncio.

— Kimball, ela tem uma grande missão, mas não tem consciência disso. Ainda precisa descobrir sobre seu passado.

— Ela agora faz parte de minha vida.

— Sei que não entende o que eu estou dizendo, mas chegará o dia em que compreenderá.

— E eu o que faço aqui?

— Sua vida está ligada à dessa jovem. Ambos estão destinados a estar juntos.

Tapei meu rosto com ambas as mãos.

— Eu a amo, Bejira!

— Sei. O tempo lhe dará as chaves. Agora deve ir procurá-la e ajudá-la para que cumpra sua missão.

As palavras de Bejira não saíram da minha mente. Não queria me deter; devia chegar o quanto antes possível.

Apesar de todas as dúvidas, começava a entender o interesse de Alexander por ela e pelo menino. Se ele sabia o que eu acabava de descobrir, ele, sedento de poder, faria tudo o que fosse possível para ter, a ambos. Com eles teria o grande segredo tão desejado ao longo de todos os tempos.

XXV

Eu estava presa na torre daquela fortaleza. Estava há vários dias ali enclausurada, sem saber o que o destino me proporcionaria. Apenas entrava luz pela janela estreita. A umidade do lugar transpassava todos os meus ossos.

Pelas paredes se infiltravam as gotas de água provenientes do exterior, já que, desde que chegamos a esse lugar não parara de chover. Tocava as paredes e colhia, com meus dedos, as pequenas gotas de água que percorriam os muros de pedra para levar à boca. Precisava beber água, ao menos a água da chuva que não trazia tantas enfermidades como as dos rios e poços. Estendi minhas mãos e lavei meu rosto. “Meu Deus, não posso mais! É uma prova, Senhor? Preciso de sua ajuda!”, pensei. Sentia-me abatida, onde ficara minha vida?

Ansiava meu mundo e todas as comodidades que ele oferecia. Não podia entender o que estava acontecendo e tentava me convencer de que tudo era um sonho, do qual não conseguia despertar, embora ele não fosse um sonho, nem seus beijos, nem a atração que eu sentia por ele. Amava-o e dele não queria me separar. Jamais havia sentido algo tão forte, tão intenso e verdadeiro como o que eu sentia por ele. Kimball! Onde ele estava? Escutei o ruído da fechadura da

porta. Era o bispo, que fazia ele ali? Atrás dele estava Alexander, seu rosto era sério. Olhava-me.

— Ora, Ora! A quem temos aqui? Este homem — disse o bispo assinalando o capitão — veio a mim para me pedir que anule seu matrimônio com o conde de Essex. Alega que você foi sua prometida e, apesar disso, quebrou o acordo para se casar com aquele homem. O que diz a respeito?

— Eu estou casada com o conde de Essex. Jamais pensei em me casar com o capitão Alexander.

— Ela me pertence.

— Você me sequestrou! — Joguei em sua cara.

— Cale-se, mulher! Você não deve pensar, nem opinar — ordenou-me o bispo com olhar severo. — Uma fêmea não pode responder assim ao homem! — Olhou o capitão. — Esta mulher o enfeitiçou, enfeitiçou a dois homens e vai levá-los a um enfrentamento.

— Isso não é verdade! — Eu gritei.

O bispo se voltou para mim e levantou a mão com a intenção de me esbofetear, mas se conteve.

— Como se atreve a responder a um bispo da Igreja? — Aquela conversação estava dando uma volta que eu não gostava. — Faremos um julgamento, irmão, esta mulher será submetida a um tribunal;   uma herege.

— Não sou nenhuma herege!

— Não se d  conta? Responde como se estivesse possuída.

O bispo me deu as costas e se dirigiu   porta. Alexander me olhou sério, cabisbaixo, e o seguiu. Não podia ser! Sentei-

me sobre a cama. Sentia vontade de chorar; precisava fazê-lo, não conseguia mais. Tapei meu rosto com ambas as mãos.

Um julgamento! Eu estava perdida. Agora sim, eu morreria de verdade.

Anoitecera e escutei que a porta era aberta. Era Alexander. Observava-me. Estava sujo. Tinha o cabelo gordurento. Seu aspecto era sujo.

— Precisa declarar que se arrepende de ter praticado magia contra a Igreja.

Não acreditei no que estava escutando.

— Está louco? Jamais o farei! Nunca!

— Se não o fizer, a acusarão de herege e a queimarão na fogueira.

— Prefiro morrer a dizer algo que não é verdade.

— Teimosa! Não se dá conta de que o bispo já a sentenciou?

— Sim, graças a você. É a você a quem devo tudo.

— Não pensei que isto seria assim. Ele me disse que a levasse a Durham, onde ele é bispo, e que ali, anularia seu enlace matrimonial.

— Pois ele mentiu. Ele já havia me julgado em Whitby. Ditou a sentença lá. Ele usou você.

— Pense; é a única forma de se salvar.

— Ele não tem provas.

— E se as tiver. Você possui um colar com a cruz de seis pontas. Ele me disse isso. Você sabe que é essa cruz? Foi encontrada desenhada em vários assassinatos de animais e

pessoas que estão tendo lugar nestas terras. É utilizada para a magia negra, para bruxaria.

Eu não entendia o que ele dizia.

— É a estrela de David, significa o pacto selado entre Deus e Abraão, a união entre o céu e a terra.

— É o símbolo que usam muitos judeus e o mesmo símbolo que se encontra desenhado em rituais satânicos, com mortes e sacrilégios.

Recordei que, na Idade Média, a cruz de David era relacionada com a magia e o esoterismo, mas não era verdade. Eu usava a cruz que minha avó me deu de presente, uma cruz que ela havia trazido de Jerusalém, ou isso é o que sempre acreditei.

— Precisa se desfazer desse colar, se arrepender diante deles dos atos de bruxaria que cometeu e se submeter a suas ordens.

— Já lhe disse que eu jamais farei isso!

— Sabe que se não fizer não poderei defendê-la. Jamais poderei me colocar a seu lado.

— Você foi quem me trouxe aqui; você deveria me libertar.

— Não posso! Além disso, eu pensei que seria de outra forma, ele me disse isso.

— Por favor, deixe-me sozinha.

Ele se aproximou de mim, pegou-me com força por ambos os braços e tentou me beijar. Evitei-o. Aquele homem me dava nojo.

— Possivelmente o bispo tenha razão e você seja uma bruxa que me enfeitiçou. Merece que a julguem e será justa a sentença.

Dizendo isto, partiu.

Ajoelhei-me e rezei. Era minha única esperança.

Despertei sobressaltada. Fazia muito tempo que não voltava a sonhar com aquela anciã. Nesta ocasião ela me olhava, séria, sem dizer nada, e assinalava algo que eu não via bem, parecia uma parede com um peixe desenhado. Desta vez ela não falou, mas indicou com o dedo aquele desenho.

Eu estava suando. Levantei-me. A claridade já entrava por aquela estreita janela.

Logo viriam me buscar. Eu precisava estar preparada para o julgamento. Não sei quanto tempo transcorreu. Abriram a porta, e dois carcereiros me obrigaram a colocar em pé. As pessoas iam um diante de mim e o outro atrás de mim. Saí do recinto do castelo; levavam-me para uma espécie de cárcere, que estava perto da catedral. As pessoas me deixavam passar: alguns me olhavam com pena, outros se afastavam ante minha presença e outros diziam palavras grosseiras e acusatórias, como se eu fosse uma bruxa. Como era possível que eu estivesse vivenciando isto?

Levaram-me para uma grande sala. Havia uma série de bancos para as pessoas que queriam ver aquele espetáculo. Puseram-me no centro da sala. Ao redor, sentados, membros da igreja, com batinas negras, e no centro o bispo de Durham. Junto a ele, estava o capitão Alexander. Todos me olhavam, sérios, me escrutinando como se fosse um animal

de feira. Minhas mãos estavam amarradas, sentia-me bastante mal ali, sendo o centro de todos os olhares. Que sensação mais horrível eu sentia, muito medo; mas apesar do mal-estar, o pior era ser a única mulher na sala. Mantinha meu rosto bem alto, sem sentir vergonha de nada e desafiando a cada um dos ali presentes. Não estava disposta a me deixar amedrontar por nenhum deles. Me defenderia com o que Deus me dera: a palavra.

De uma porta, localizada em uma lateral, saiu um homem com batina e se posicionou no centro da sala. Meus carcereiros se foram, e aquele homem me observava, a certa distância, enquanto andava de um lado para outro. Então começou a falar em um tom elevado.

— Esta mulher que temos aqui hoje, é acusada de heresia! — Houve um murmúrio entre os assistentes. — Ela enfrentou um membro da Igreja, nada mais e nada menos, que o nosso bispo de Durham. Ela enfeitiçou um de nossos homens, mais leais, até o ponto de fazer loucuras por ela e, além disso, dedica-se a práticas de magia negra e bruxaria.

Ficou em frente a mim e me olhou com interesse bem nos olhos.

— Tem algo que dizer, bruxa? — Ele me perguntou.

— É claro que tenho muito o que dizer!

— Estão vendo! Enfrenta-nos com a coragem que o mal concede a estas pessoas que praticam a magia. Fale!

— Não sou nenhuma bruxa, nem enfeitei a nenhum homem, nem pratico a magia negra, nem nada parecido. Esse homem me sequestrou, trouxe-me até este lugar à força.

Aquele homem se dirigiu para o capitão Alexander.

— Não é verdade, capitão, que esta mulher o obrigou a levar a cabo essa loucura do sequestro? Algo que você nem imaginava.

Alexander ficou em pé. Não me olhava.

— Sim, senti-me atraído por ela desde o primeiro momento, não sei se foi um feitiço, mas, o que sim tenho claro é que jamais tive essa necessidade e atração por ninguém.

— Acaso, você, jamais quis sequestrá-la, mas se viu obrigado a isso?

— Sim, jamais sequestraria uma mulher. Agi contra minha vontade. Como se uma força desconhecida me empurrasse a isso.

O que era que dizia esse homem? Acaso o motivo daquele sequestro era acabar com minha vida? Mas que sentido fazia? Eu não entendia nada.

— Está mentindo! — Eu gritei.

Aquela minha reação provocou que todo mundo se calasse e centrassem seus olhares sobre minha pessoa. O monge que falava se virou e me olhou. Levantou seu dedo acusatório para mim.

— Ouviram? Uma mulher ousa dizer que nosso capitão, que lutou nas cruzadas para defender nossa Igreja, mente! Uma mulher levanta a voz e clama uma mentira. Você mesma se sentenciou! Seu comportamento é o de uma herege.

O bispo me olhava com seu rosto ensandecido. Estava adorando aquela cena.

— Precisa morrer na fogueira — disse o bispo. Todos os ali presentes apoiaram aquela sentença entre gritos de assentimento.

Alexander me observava. Ficou em frente ao bispo.

— Excelência, meu reverendo! Esta mulher, apesar das acusações recebidas, merece a oportunidade de que, se ela aceitar, possa escolher a forma de morrer: na fogueira, ou que alguém que acredite em sua inocência possa se apresentar para lutar em um combate de morte. Se seu cavaleiro morrer, ela também morre, mas ao menos, rogo-vos que lhe dê essa oportunidade.

O bispo o olhou.

— Não entendo como você, que é a grande vítima desta bruxa, queira lhe dar essa oportunidade.

— Desculpe meu atrevimento, excelência, mas lhe concedam essa oportunidade. Deixemos nas mãos de Deus seu destino.

O bispo o observou e depois me olhou. Levantou-se. Seu corpo obeso se dirigia até mim, enquanto o monge e Alexander seguiam seus passos. Olhou-me de cima abaixo. Senti seu desprezo. Em nenhum momento baixei o olhar ante a presença daquele homem.

— Está bem. Deixaremos a Deus que escolha seu destino, bruxa. Reze para que o Senhor tenha piedade de você. Amanhã precisará apresentar um cavaleiro para defendê-la da fogueira, se não houver ninguém que queira morrer por você, arderá nas chamas; e se tiver sorte e alguém se oferecer para lutar por sua inocência, então haverá um

combate até à morte, com um cavaleiro, membro de nossa ordem. Se seu defensor vencer, você poderá ir, mas, se não sair vitorioso, arderá no inferno.

Senti pânico diante das palavras que ele pronunciava. No dia seguinte eu morreria.

Quem se apresentaria para lutar por mim? Meu Deus, me ajude!

Voltaram a me levar à torre em que estava encerrada. Em meu caminho muitos me cuspiam na face. Agradei chegar a minha cela, aquele quarto úmido e escuro. Empurraram-me para dentro e fecharam a porta. Caí no chão de joelhos, abatida, sem fôlego, tiritando de medo, pálida. Não conseguia parar de chorar.

Passaram-se alguns minutos quando a porta voltou a ser aberta; era Alexander.

— Ninguém se apresentará por você amanhã. Escolha a mim, ninguém vai querer me enfrentar e você se salvará.

— Em troca do quê? Não! Se tiver que morrer, morrerei, mas jamais o escolheria a você, o causador da desgraça que estou vivendo. Vá embora, me deixe em paz!

— Pensa; é a única oportunidade que lhe resta.

Dizendo isto, foi.

Ajoelhei-me e rezei, o Senhor era minha única esperança.

XXVI

Eu estava ali, dentro daquela sala, camuflado com minha capa e o capuz.

Desde que tinha chegado na cidade, todo mundo falava da jovem encarcerada na torre, que seria julgada. Em seguida, eu soube que se tratava de Elizabeth. Somente de pensar que pudessem machucá-la e nas coisas ruins que estariam acontecendo, me enchia de raiva e ódio, direcionados àqueles que planejaram tudo aquilo.

Permaneci em um canto, durante um bom tempo, sentado, já que minha grande estatura poderia me delatar, observando cada movimento e analisando as chances que eu possuía para tirar Beth dali, com vida. Ao vê-la, acreditei morrer. Ela estava muito pálida, com olheiras e machucada. “Mataria Alexander por fazê-la passar por aquilo!”. Embora eu devesse agradecê-lo porque fez aquela sugestão ao bispo, e este aceitasse. Seria eu quem lutaria pela mulher que amava. Estava desejando tê-la entre meus braços, abraçá-la e lhe dizer o muito que a amava.

Logo que consegui conciliar o sono na hospedaria, sua imagem e as palavras acusatórias para ela, vinham à minha mente. Precisava me concentrar. Saí da hospedaria e fui a uma pequena capela que havia em uma lateral, perto de um dos muros da fortaleza. Precisava rezar e me encomendar ao

Senhor, antes da batalha. Entrei. Somente o altar estava iluminado, com duas velas em ambos os lados, no centro uma cruz de madeira. Ajoelhei-me, coloquei minha espada cravada no chão e minhas mãos apoiadas sobre o cabo desta, reclinei a cabeça e rezei, precisava me conciliar com Deus. Precisava sentir sua força para a batalha que travaria em breve. Minha vida não me importava, mas a dela sim. Amava aquela mulher.

Os pequenos raios de luz começavam a se infiltrar pela fresta estreita e diminuta das duas janelas, que havia nas laterais daquele lugar. Era a hora. Benzi-me, inclinei meu rosto e parti.

Havia muito movimento; as pessoas queriam morte, já que depois dos últimos assassinatos, nos quais apareceram animais e pessoas esquartejadas, desejavam que houvesse um acusado para culparem das atrocidades. Os camponeses e nobres estavam com medo e as superstições levavam a acreditar na existência de bruxas e nas práticas de magia negra por parte dos judeus e toda mulher ou homem que se atravessasse.

Observei que quatro soldados da guarda do bispo levavam Elizabeth.

Estava vestida com uma espécie de camisola branca, seu cabelo estava solto e as mãos amarradas às costas. Empurravam-na violentamente. Senti desejos de dar um murro em cada um deles. Levaram-na até o pátio aberto que havia na entrada do cárcere. Amarram-na a um pau.

Lá pude divisar o bispo, sentado junto a vários membros da igreja, e também, o monge que a condenara. Junto deles, Alexander, que observava Beth. Senti ódio por ele. Abri caminho, enquanto assistia. Precisava estar perto.

O monge se levantou.

— Deus hoje escolherá se esta mulher vive ou morre. Mas antes devemos saber se existe alguém aqui presente, disposto a lutar para defender esta bruxa.

Existe alguém? — Ele gritou.

Adiantei-me. Sabia que Alexander ficaria furioso ao me ver.

— Eu lutarei por ela!

O monge se aproximou.

— E se pode saber o motivo pelo qual dará sua vida por esta bruxa? — Olhei-o, sem pestanejar.

— Ela não é nenhuma bruxa! É minha esposa! E esse homem roubou-a de mim.

Escutei o murmúrio que meu comentário havia provocado entre os presentes. O bispo me olhava sério, sem nenhum tipo de expressividade em seu rosto. Reconheceu-me. Alexander se levantou. O bispo tocou em sua mão lhe indicando tranquilidade.

— Muito bem — disse o bispo. — Então você lutará pela mulher, e o capitão será seu competidor.

— Sim! É claro! Esta mulher me enfeitiçou e isso é o que me levou a cometer tantas loucuras.

Olhei-o com ódio. Como conseguia dizer aquela mentira? Observei Beth. Ela não afastava seu olhar de mim.

— Muito bem. É um combate até a morte. O ganhador decide se perdoa a vida a seu competidor, ou o mata. Se o defensor da herege morrer, a bruxa morrerá entre as chamas.

Ao escutar aquelas palavras senti doer meu coração. Era como se uma adaga se cravasse em minha alma.

— Preciso falar com ela antes de que comece o combate.

O bispo assentiu. Aproximei-me de Beth.

— Kimball, não o faça, ele matará você!

— Não, não matará. Não permitirei. Se eu morrer, me prometa que pedirá perdão e se arrependerá. É o único jeito de se salvar.

— Não, não posso prometer isso. Não quero pensar que ele o matará.

— Prometa-me isso Beth! Senão, não poderei ficar tranquilo.

Vi como suas lágrimas rolavam por seu rosto. Não podia vê-la chorar. Queria terminar com aquele sofrimento o quanto antes.

— Prometo.

Limpei suas lágrimas com a ponta de meus dedos.

— Lutarei por você.

— Kimball! — Eu me virei. — Não permita que ele o mate.

— Sorri e lhe pisquei um olho.

— Confie em mim. Não vai se libertar facilmente deste bruto guerreiro.

A luta foi iniciada, ambos levantamos as espadas e começamos a girar, em círculos, avançando um para o outro. Nossos aços se chocaram fazendo soar aquele ruído metálico

ao qual eu estava tão acostumado. A luta era violenta, nossas espadas se chocavam com força, feri Alexander no braço e ele me fez um arranhão nas costelas. Eu era muito melhor que ele: machuquei sua perna e ele caiu no chão, apontei com minha espada para seu pescoço e a retirei. Não o mataria; era bastante humilhação eu tê-lo vencido. Afastei minha espada; a dele estava no chão, e a lancei longe com o pé. Ele se endireitou.

— Desta vez eu pouparei sua vida — eu lhe disse.

Nesse momento me lançou aos olhos a areia que havia pego no chão enquanto estava deitado, alcançou sua espada, com grande agilidade e me cravou na lateral do corpo. Senti como afundava o fio dela em meu interior. A dor foi tão intensa que me fez dobrar, situação que ele aproveitou para me dar um chute no estômago. O passo seguinte era cravar a espada em meu coração.

Minha arma fora jogada longe, então, peguei, disfarçadamente, a adaga que levava sempre camuflada, dentro de minhas botas. Esperei que ele se aproximasse mais de mim, virei-me com rapidez e a cravei com força em seu estômago. Ele caiu. Suas mãos pousaram no cabo de minha adaga, seu sangue saía fluente.

— Maldito! — Escutei-o dizer.

Vi como o bispo se levantava, rapidamente, de seu assento. Ele esperava que fosse eu quem iria morrer. Endireitei-me, como pude, já que a dor no corpo era cada vez mais intensa. Olhei-o.

— Agora precisa cumprir sua palavra — eu lhe disse.

— Soltem eles! Partam hoje mesmo da cidade!

Inclinei a cabeça e me virei para ver Elizabeth. Fui para ela disfarçando minha dor; não queria que ela notasse o quanto eu estava ferido. Sabia que se ela soubesse daquilo, ela não queria que abandonássemos a cidade e precisávamos sair o quanto antes possível: sua vida corria risco. Avancei, ela me abraçou, seu vestido se tingiu de sangue.

— Meu Deus, Kimball! Está sangrando!

— Vamos! Rápido! — sussurrei para ela.

Puxei-a pela mão. Queria sair daquele cenário antes que o bispo se arrependesse de sua decisão.

XXVII

Eu estava angustiada. Sabia que ele sangrava. Precisava ver aquela ferida. Ela podia infectar. Acabávamos de cruzar os muros daquela cidade. Notava que sua força diminuía. Eu não estava tão presa pela cintura como estava acostumada e ele, tampouco, agarrava as rédeas do cavalo com a força e o brio com que sempre o fazia.

— Kimball, pare o cavalo! Quero ver essa ferida.

— Não!, ainda não está a salvo. Precisa se afastar mais deste lugar. Fique tranquila, sou forte, estou acostumado a estes arranhões.

— Arranhões? Tem todo o corpo manchado de sangue. Preciso parar a hemorragia.

— Não é nada, Beth.

— Teimoso!

— Ora! Então se preocupa comigo. Isso é bom sinal, possivelmente seja porque está começando a me apreciar.

— Não estou para brincadeiras, bruto!

Ele não me respondeu. Eu não queria esgotá-lo com tanta conversa.

Não sei quanto tempo estivemos cavalgando, em silêncio. Cada vez mais, sentia o peso de seu corpo sobre minhas costas. De repente o animal parou e Kimball desabou e caiu no chão.

— Kimball! — Eu gritei.

Estávamos no meio de um bosque, rodeado de árvores e vegetação. Desci do cavalo, com um salto. Sentei-me ao lado de sua cabeça, levantei-a e a apoiei sobre meu colo.

— Kimball! Meu amor, acorde! — Ele não abria os olhos. As lágrimas começaram a percorrer meu rosto. Não podia perdê-lo.

Agarrou-me a mão, sem força, voltou a soltá-la; perdera a consciência. Fui observar a ferida, a malha estava cheia de sangue; ele havia perdido muito.

— Kimball!, não morra, resista, abra os olhos! — Eu precisava fazer algo.

Escutei um ruído.

— Há alguém aí? — Eu gritei. — Preciso de ajuda!

Entre a vegetação apareceu um camponês, a seu lado havia um cão branco, sujo do pó. Um homem, alto, forte, de idade avançada, olhava-nos, sério.

Levava uma cesta com mantimentos nas mãos.

— Por favor, me ajude, ele está muito ferido.

Sem dizer nada o levantou como conseguiu. Kimball era forte e alto, mas aquele homem, também era corpulento. Ajudei-o como pude, embora pouco podia fazer.

Colocou-o no cavalo e me indicou que o seguisse, por gestos. Eu não perguntei para onde ele nos levava.

Atravessamos o bosque, de repente senti o aroma de salitre e a brisa do mar. Em uma ladeira, próxima à costa, havia uma pequena cabana com um estábulo. Saía fumaça da chaminé. Uma mulher, gordinha, de pele pálida e cabelo

branco, recolhido em um coque, ficou nos olhando. O homem se virou para me analisar.

— Espere aqui — ele ordenou.

Estávamos a certa distância. Vi o camponês avançar até a mulher. Assinalava-nos e nos olhava; a mulher movia a cabeça. Depois se meteu no interior da cabana. O homem deixou sua cesta na porta desta, virou-se e veio para onde nós estávamos.

— Venha! — Levou-nos até o estábulo. — Poderão ficar aqui, até que ele se recupere.

Em seguida coloquei as peles, que Kimball usava no cavalo, sobre a palha.

O homem tirou o inglês do animal e o colocou sobre estas.

— Muito obrigada — eu lhe disse.

Ele partiu. Olhei ao meu redor. Suspirei. Aquele lugar era tudo, menos um lugar limpo, com higiene, para cuidar de um doente. Ao menos estaríamos cobertos.

Fiz uma espécie de travesseiro com a palha, peguei sua espada, a retirei do cinturão, assim como a faca que ele carregava na bota. Tirei, como pude, a malha e depois a camiseta justa que ele usava. Seu torso forte estava ensanguentado.

Continuava saindo sangue. Precisava limpar a ferida e fechá-la. Alguém entrou no estábulo: era a mulher. Olhou-me e depois desviou ao olhar para ele.

— Trouxe-lhes mais peles para que se tapem, quando anoitecer. — fixou-se na ferida de Kimball. — Meu Deus! Tem uma má aparência.

— Poderia ferver água?

— É claro? Do que mais precisa?

— Tem lavanda?

— Sim

— E mel?

— Sim, tenho as duas.

— Por favor, poderia fazer o favor de ferver a lavanda em água? Trazer um pouco de mel e vários tecidos limpos para poder fazer uma bandagem.

— Agora mesmo.

— Ah! E preciso que seu marido venha. Preciso cauterizar a ferida e necessito que segurem ele.

— Cauterizar?

— Queimar — Eu respondi. Utilizei a linguagem que usávamos em enfermagem.

Toquei-lhe a testa. Ele estava ardendo.

A mulher demorou bastante, mas, ambos vieram com a água fervida, a lavanda e o mel, assim como muitos trapos. O homem fez uma pequena fogueira no interior. Molhei um dos trapos na água fervida e limpei, com muito cuidado, a ferida, ante o contato, Kimball, inconscientemente, se movia. O camponês e a mulher o seguravam com força. Depois molhei outro trapo com água de lavanda, para desinfetar. Todos estes remédios eu havia estudado nas práticas de minha carreira. Olhei o camponês.

— Tenho que queimar sua ferida para evitar que continue saindo tanto sangue, ele já perdeu muito. Vou colocar a ponta da adaga no fogo e, depois, precisam segurá-lo bem, porque vou colocá-la sobre a pele machucada.

Ambos assentiram. Doía-me precisar fazer isso, sabia que era doloroso, mas se quisesse salvar sua vida, não havia mais remédio. Coloquei a ponta de sua adaga sobre o fogo e quando estava quente fui selando a ferida. O aroma de carne queimada era horroroso. Kimball, apesar de não estar consciente, sentia a dor e se retorcia, durou alguns segundos, mas foram momentos intensos. Deixou de se mover. Em seguida fui comprovar se respirava e se seu coração pulsava. Olhei os camponeses.

— Obrigada — eu lhes disse.

— Precisa de alguma coisa a mais. Quer mais água fervida?

— Sim, por favor.

— Farei também, um caldo para que você coma e quando ele despertar possa lhe dar.

— Eu agradeço muito.

— Meu nome é Jane e ele é James. — Eu sorri.

— Eu sou Elizabeth e ele Kimball, meu marido.

Sorriram e se afastaram.

Toquei-lhe o rosto. Estava com muita febre. Pequei o mel e lubrifiquei a ferida, depois o endireitei para lhe colocar a bandagem. “Meu Deus, por favor, que não morra. Amo-o. Não o afaste de meu lado!”. Apesar de não saber o que estava acontecendo em minha vida e qual era o limite entre o real e

o que não o era, sabia que esse homem que jazia naquela palha, era tudo para mim; sentia que eu o conhecia por toda a vida e que sempre estive procurando-o; por isso, nunca encaixava com nenhum dos meninos de minha idade. Jamais tive uma relação: minha alma procurava a outra alma gêmea, ansiava encontrar o elo perdido, e esse elo era ele. Aparecia em meus sonhos e eu sempre tentara dar um significado a estes. Nunca havia entendido porque ele aparecia em minhas noites e o que provocava que ele despertasse esses sentimentos, tão profundos, em mim, algo que eu jamais imaginara sentir por alguém. Não possuía uma resposta. Nem sequer possuía a certeza de que o que eu estava vivendo era real ou fictício, ou, se estava sonhando. Muitas dúvidas e nenhuma resposta. Mas o amor que eu professava era real.

Passou tempo até que chegou a camponesa, seu marido a acompanhava. Deixaram-me caldo, pão, uma parte de queijo, cerveja, água fervida e mais trapos. O homem partiu e ela ficou ali.

— Nestas terras anoitece cedo. A noite será fria. Não deixe que se apague a fogueira. Se precisar de alguma coisa vá à cabana; estaremos lá.

— Muito obrigada. — Sorri e ela me respondeu com o mesmo gesto.

Toquei sua testa, ele continuava com febre. Coloquei um trapo molhado sobre sua testa e deixei parte de seu torso descoberto, para que baixasse a temperatura. Beije-o na bochecha. O sono me venceu e adormeci a seu lado.

Senti que agarravam minha mão, despertei alterada. Estava amanhecendo. Era a mão de Kimball. Olhei-o; estava com os olhos abertos, ainda continuava muito pálido. Toquei-lhe a testa. Estava frio. Havia baixado a temperatura. A fogueira se apagou e fazia frio. Tapei-o com as peles. Obrigou-me a fixar meu olhar em seus bonitos olhos verdes. Sorria fraco.

— Como se encontra? — Eu perguntei enquanto lhe acariciava a bochecha.

— Agora mesmo muito bem. — Levou minha mão a seus lábios e a beijou. Estava muito fraco

— Precisa me ajudar. Eu preciso trocar essa bandagem.

Ele se endireitou lentamente, tirei o tecido com supremo cuidado e limpei sua ferida. Ela estava com boa aparência. Coloquei mel sobre um dos tecidos limpos que Jane me deixara na noite anterior e comecei a lhe fazer a bandagem.

— Você me intriga. Também tem conhecimentos de medicina?

— O básico para curar essa ferida. E não fale tanto, assim vai perder as poucas forças que tem.

— Ha, ha, ha! Onde estamos?

— Você desmaiou e caiu do cavalo. Nesse momento passou um camponês que me ajudou sem perguntar e nos deixou ficar nos estábulos. Sua esposa e ele estiveram muitos preocupados com seu estado.

Olhava-me atentamente, suas pupilas brilhavam.

— Obrigado — ele me disse.

— Não precisa me agradecer nada; e mais, sou eu quem precisa agradecer por ter salvo minha vida. Quase perde a sua por lutar por mim.

— Não teria me importado de morrer por você. — Aquelas palavras me impactaram.

— Sim, mas a mim teria importado — eu lhe respondi.

— Dê-me sua mão — ele pediu enquanto estendia a sua.

Dei minha mão para ele, pegou-a, delicadamente, e a levou até seu coração.

— Sente — ele me perguntou.

Seus batimentos palpitavam com força. Assenti.

— Pulsa por você.

Jamais me disseram nada tão bonito; os jovens de minha época se envergonhavam de dizer essas coisas. Mas aquele homem forte, varonil, um guerreiro, valente, não se importava de falar seus sentimentos, algo que saía do mais profundo de seu coração. Fiquei olhando-o. Ele levou sua mão a minha face. Nesse instante Jane entrou. Olhou-nos.

— Desculpem, não é o melhor momento.

— Não, Jane, ele já está muito melhor. Kimball, esta é a mulher da qual lhe falei.

Kimball a olhou e um sorriso débil se desenhou em seu rosto.

— Obrigado.

— Não precisa me agradecer nada. Trouxe-lhes leite quente e pão acabado de fazer. Aqui faz frio. Direi a James que acenda uma fogueira.

A mulher voltou a nos deixar sozinhos. Peguei o leite e o pão e o obriguei a comer.

Ele me olhava.

— Pensei que havia perdido você, que jamais voltaria a vê-la com vida. Quando vi que aquele homem a agarrava e levava com ele, acreditei morrer.

— Quer parar de falar!

— Eamon está em meu castelo. Lá está protegido e ninguém pode lhe fazer mal. O menino precisa de você.

— Sei, e eu dele, mas antes devo chegar à ilha Maree, às terras de meu avô. É de vital importância para mim.

— Assim que eu possa montar a cavalo empreenderemos caminho para lá. Além disso, continuamos correndo perigo, o bispo não vai ficar de braços cruzados, vai nos seguir até pegar você, tem fixação por você. O colar que você usa tem algo que provocou sua obsessão.

— Mas ele me deixou partir; esse foi o trato!

— Sim, daquele lugar, mas fora dali ele pode fazer o que quiser. Que ingênua você é, Beth!

— Bem agora descanse, você está muito fraco.

XXVIII

Encontrava-me muito melhor, apesar de que Elizabeth continuava empenhando-se em limpar a ferida todos os dias e enfaixar. Sentia-me forte; pareciam-me desnecessários tantos cuidados. Não estava acostumado a tantos mimos. Ela insistia em que eu a obedecesse em tudo, e não é que fosse um homem que acatava esse tipo de ordens, mas se viesse dela, para agradá-la, e com o intuito de sentir a suave pele de suas mãos roçando minha pele, sua presença cada vez que me enfaixava a ferida, era capaz de suportar aquela situação. Essa manhã eu havia decidido me levantar; além disso, era a primeira vez que não tinha visto Beth ao despertar. Endireitei-me, coloquei uma camisa branca do camponês, que me deixaram, mas ao levantar o braço ainda sentia dor. Apareci no exterior, fazia um dia ensolarado. Na distância vi Beth falar com Jane. Depois ela se afastou.

Aonde ela iria? Decidi segui-la. Jane já entrara na cabana e não havia rastro de James.

Havia um silêncio. Eu escutava o trilar das gaivotas. Respirei, senti uma grande paz. Vi como ela agarrava o vestido deixando descobertas suas coxas e se metia no mar, pouco a pouco; a água devia estar fria. Sorri ao vê-la.

Retrocedeu, começou a tirar o vestido e ficou com a roupa interior. Não sabia se eu conseguiria aguentar vê-la

assim sem ir para seu lado e beijá-la. Depois da última vez em que a forcei a fazer amor comigo, não queria que ela sentisse o mesmo, mas era difícil conter meus desejos. Ela deixou seu vestido sobre a areia e se meteu na água, afundou-se molhando todo seu cabelo e começou a nadar. Sabia nadar? Estranhei, era algo que muitos homens nem sabiam fazer e ela nadava perfeitamente. Eu também sabia: meu pai havia me ensinado, desde bem pequeno, mas eu era consciente de que não era habitual. Aproximei-me onde ela deixara sua roupa, tirei a regata, as botas, e me meti na água. Ela se assustou, não me vira chegar.

— Posso saber o que você faz aqui? Não pode fazer esforços.

Fui até ela, mas Beth se afastava nadando.

— É uma ingênua se acredita que vai conseguir se afastar de mim; vou alcançá-la.

— Kimball! Está louco!

— Sim, louco por você.

Ela nadava em direção contrária, até que a alcancei, agarrei-a pelo braço e a atraí com força para meu peito. Rodeei-a com meus braços e a beijei. Precisava dela. Cada dia que ela tinha me cuidado eu havia desejado saborear a doçura do roçar em seus lábios. Ela rodeou meu pescoço com seus braços e eu a apertei contra meu peito. Amava-a. Não queria voltar a me separar dela, não queria deixar de beijá-la, de sentir seu rosto molhado sobre minha pele. Ela se afastou, acariciou meu rosto e depois ficou séria.

— Kimball! Não se dá conta de que precisa tomar cuidado! A ferida pode se abrir e corre o risco de se infectar!

— Por que fala tanto! — Sorri e voltei a puxá-la para voltar a aproximá-la do meu peito — Por que não me deixa querer você? — Eu sorri.

Meus lábios roçaram os seus, retinha-os entre os meus. Afastei-a para fixar meu olhar nos seus olhos.

— Devemos retornar — ela me disse afastando-se.

— Por que me rejeita? Sei que me deseja tanto como eu.

— Você não sabe o que diz. Isto é uma loucura. Não posso e não devo. Tenho muitas coisas a resolver em minha vida. A primeira delas é ir à ilha Maree.

— Muito bem, amanhã partimos.

— Mas você ainda não está curado dessa ferida.

— Já está decidido. Estou perfeito.

Não a entendia. Por que me afastava? Sabia que sentia o mesmo que eu e não compreendia porque ela dizia que não podia e não devia. “Loucura? — pensei. — Desde quando estar apaixonado e poder estar com a pessoa que se quer era uma loucura?”. Eu estava zangado, então seria como ela queria, não a forçaria a algo que ela não desejava, mas tampouco me rebaixaria mais, até que ela não se entregasse para mim.

Ela saiu. Observava-a. Sua roupa molhada grudava em seu corpo. Que bonita ela era! Afundei minha cabeça na água, necessitava um mergulho de cabeça para não ir atrás dela e fazê-la minha. Fiquei um tempo na água. Quando ela saiu tirou sua roupa interior molhada e colocou seu vestido. Eu

estava com as calças encharcadas. Sentei-me sobre a areia e me deitei. Queria me secar ao sol.

Elizabeth partira em direção à cabana, deixou-me sozinho. O que eu faria quando tudo aquilo terminasse? Não estava disposto a renunciar à mulher que amava, assim, a levaria para Essex com Eamon, e ali ambos me esperariam, até que eu retornasse de minha partida às terras germanicas em busca do rei Ricardo. Possivelmente, depois que ela solucionasse tudo na ilha Maree e descobrisse seu verdadeiro destino, como disse Bejira, tudo mudasse entre nós e já fosse possível nosso amor.

Coloquei a camisa e me dispunha a partir em direção à cabana quando, de repente, a vi correndo para mim, estava assustada.

— Kimball! Aquele padre, que me julgou, está na cabana fazendo perguntas para James e Jane. Tenho medo, Kimball, não está sozinho. Veio com homens armados.

— Fique tranquila, tenho certeza que estão perguntando se nos viram. Os camponeses não dirão nada. Mas precisamos partir esta noite. — Ela assentiu. — Vamos ver o que está acontecendo.

O padre estava em cima de seu cavalo com o guarda eclesiástico. Olhava para todos os lados. Sabia que isto terminaria ocorrendo. O bispo não deixaria que ela partisse, queria sangue e justificar as matanças que estavam havendo, e Beth era sua vingança particular. Finalmente se foram dali. James segurava a mão de sua esposa. Avançamos, precisávamos nos afastar desse lugar o quanto antes.

Jane nos olhava igual a James.

— Senhor, eles vão voltar. Viram seu cavalo e não acreditaram que era nosso. Camponeses como nós não possuem dois cavalos.

— Fique tranquila Jane — disse Beth, — partiremos ao anoitecer. Estamos muito agradecidos por tudo o que têm feito por nós, mas não queremos colocá-los em perigo. Nunca perguntaram o que aconteceu, mesmo assim, ajudaram-nos com tudo o que precisamos.

— Senhora, leve um pote de mel para a ferida do cavaleiro, embora ele já esteja muito melhor. Também lhe darei trapos limpos para que possa enfaixá-lo.

— Obrigado, mas já não preciso mais faixas e unguentos. Está curada.

— Não o escute, Jane, levarei isso. Muito obrigada. — Ele me olhou severo. — Pois está claro que precisa! A ferida está muito recente e não cicatrizou totalmente, precisa evitar que fique infectada e deve continuar com os cuidados.

— Recolheremos nossas coisas e partiremos. Permaneçam em sua cabana e não saiam, até o dia seguinte.

XXIX

Observava-o, a malha metálica marcava seus fortes antebraços, ele pegava água do rio e lavava o rosto. Minha mãe, como era bonito! Nesse instante quando ele não me via, eu podia observá-lo. Sua ferida estava cicatrizada, e já não usava a bandagem.

Era forte, um sobrevivente nato. Eu evitava sua proximidade e contato. Ele também evitava. Era como se já não sentisse atração por mim; depois de que eu o afastara no mar, ele mudara de atitude. Sabia que era orgulhoso e sua dignidade frente a minha recusa, fora anulada naquele instante, mas eu não queria, eu não sabia o que estava acontecendo e estava apaixonada por ele.

Não queria despertar, mas sabia que, apesar daquela situação, da qual eu não encontrava nenhuma explicação, cedo ou tarde retornaria para o lugar ao qual eu pertencia. precisava evitar os sentimentos tão fortes que ele despertava em mim, mas sabia que já era tarde. Ele sempre estaria em meu coração e jamais poderia me afastar dele. Não podia me afastar de meus pensamentos: seus beijos, as carícias daquele dia que, em que pese a que a razão me dizendo que não voltaria a acontecer, meu coração ansiava estar novamente entre seus fortes braços, beijando-o e sentindo cada roçar e a entrega do amor dele, para mim. Olhou-me, e

nesse momento disfarcei; concentrei a vista em outro lugar. Tenho certeza de que ele se deu conta de que eu estava observando-o.

Haviam transcorrido muitos dias desde que nós partimos da cabana e já estávamos nas proximidades do lago Maree; ali estava a ilha.

Anoitecia; essa noite a passaríamos mais uma vez à intempérie. Eu não aguentaria mais.

Precisava me deitar em uma cama, me assear e descansar. Jamais imaginei que seria capaz de suportar aquilo. Eu, uma mulher que nunca tinha gostado de dormir em uma tenda de campanha, que sentia verdadeiro pânico de determinados insetos, que gostava do campo somente para fazer passeios, mas, depois retornar para casa, ali estava, em condições desumanas: passando frio, suja, com fome e sede de água, afinal só bebi cerveja. Essa cerveja não era igual à que eu estava acostumada a tomar, era muito mais amarga e com um sabor diferente.

Kimball acendera a fogueira. Ele não demonstrava tanto cansaço quanto eu.

Estava acostumado, era um guerreiro que havia lutado vários anos nas cruzadas e gostava de estar nos campos de batalha; de fato, sua vida se centrava na guerra.

Observava-o. Ele se movia com agilidade: agarrava os galhos e os levava para a fogueira recém acesa. Em todos esses movimentos os músculos de seus braços deixavam entrever sua força. Meu coração pulsava, e morreria de tristeza só de pensar que, em algum momento, sem saber

quando ocorreria, ele desapareceria de minha vida, e eu da sua. Retornaria à minha vida anterior; antes era o que eu desejava, porém já não estava com tanta certeza de querer voltar para aquela vida. Era curioso, mas estando com ele, pouco me importavam todas as comodidades e benefícios que possuía em Londres.

Se pudesse escolher, escolheria a ele, sem sombra de dúvidas e, se para estar com ele, precisasse viver nessa época de bárbaros e perigos, eu ficaria.

— No que pensa? Não deixou de me observar desde que paramos — ele me disse sorrindo. Depositou os galhos sobre a fogueira e me olhou com suas bonitas pupilas verdes.

— Ora, então me descobriu! Sou muito pouco dissimulada.

— Ha, ha, ha! Sim, muito pouco.

— Em minha vida — eu lhe disse.

— Em sua vida... — ele repetiu.

Olhei-o.

— Chegará o dia em que já não esteja comigo. — Diante deste comentário ele fixou seu olhar em mim. — Chegando esse momento, jamais voltarei a vê-lo.

— Isso ocorrerá se você quiser que aconteça.

— Não, isso acontecerá, porque tem que acontecer. Eu não pertenço a esta vida, nem a este lugar, Kimball. Você nunca entenderia.

— Tente, talvez eu a surpreenda. Não sou tão bruto como você acredita.

— Não me refiro a isso. Sei que é um homem inteligente, capaz de compreender, embora, às vezes, um pouco bruto... Mas isto ultrapassa os limites do entendimento; nem eu compreendo.

Ele deixou de fazer o que estava fazendo e ficou em frente a mim, de cócoras, segurou-me as mãos. Seu olhar se centrou nelas, acariciava-as com ternura. Eu me arrepiava somente com seu contato.

— Minha preciosa Beth, há muitas coisas que já sei sobre você. Sei que é a escolhida. E que há muito tempo esperavam uma mulher, e essa é você.

— Sim, parece que todo mundo sabe quem sou eu, salvo eu mesma, que não faço nem ideia a que se referem.

— Eu não sei muito bem como é esta história, mas a única coisa que tenho certeza é que você saberá. Se essa lenda for verdade e você for essa mulher, irá descobrindo qual é sua missão. Não se aflija, mas não me afaste de sua vida. — Olhou-me com interesse.

— Kimball, o nosso amor não pode existir. Pertencemos a dois mundos diferentes.

Ele me olhou sem compreender minhas palavras. Não podia lhe dizer nada, pensaria que eu estava louca ou, que realmente eu era uma bruxa.

— Você é meu mundo, Beth. E se você quiser, o seu também pode ser o meu.

Baixei o rosto. Eu o amava e sabia que ele sentia algo forte por mim, mas não queria que esses sentimentos se transformassem em amor. Devia evitar machucá-lo.

— O nosso amor não pode existir, Kimball. Deu-me sua palavra de que quando me levasse à casa de meu avô, partiria e anularia o matrimônio.

Notei a dor em suas pupilas; dano provocado por minhas palavras. Ao vê-lo tão abatido desejei abraçá-lo e beijá-lo, mas não podia fazê-lo, não podia ser tão egoísta. Ele devia encontrar a felicidade longe de mim. Eu somente lhe provocaria tristezas.

— Sim, dei minha palavra e sou um homem que sempre cumpre o que diz. — Levantou-se e se virou, deu-me as costas. — Acompanharei você ao castelo de seu familiar.

— Sim, de acordo — eu lhe disse.

— Depois desaparecerei e anularei nosso matrimônio. Mandarei David para que leve Eamon ao castelo de seu avô. — Eu assenti.

Afastou-se para o rio até que desapareceu de minha vista.

— Obrigada! — Eu sussurrei.

As lágrimas rolaram por minhas bochechas. Sentia uma dor imensa. Amava-o.

O que faria com minha vida? O que seria de mim? Ele demorou para retornar. Aproximou-se da fogueira. Trazia alguns peixes para comer, cravou-os em um pau e os colocou sobre as chamas. Estava muito calado, sério, como habitual nele. Observava-o. Eu adorava fazê-lo na noite, com o resplendor das chamas em suas pupilas. Parecia um guerreiro, o que na realidade era.

— Por que não se casou, Kimball? — Olhou-me e sorriu com meu comentário.

— De verdade se interessa?

— Sim, interessa-me. — Eu pisquei os olhos.

— Nunca entrou em meus planos. Preferi partir para lutar por alguns ideais. Sou um homem que ama a liberdade. A excitação no campo de batalha me dá a vida.

— Entendo. — Sua resposta não me agradou muito.

Olhou-me de esguelha.

— Possivelmente não encontrei a mulher com a qual não me importe passar o resto de minha vida. — Fixou suas pupilas em mim.

— Tenho certeza que mais de uma tenha desejado se casar com você.

— Não vou negar isso, um homem sabe quando uma mulher quer algo mais.

— De verdade? — Eu ri.

Olhou-me.

— E você? Como é que não se casou?

— Bem, recorda-se que eu estava comprometida.

— Sim, mas você já deveria estar casada.

— O que está insinuando? Que sou velha?

— As jovens se casam muito joventzinhas, e você já passou dessa idade.

— Muito obrigada, Kimball, é um cavalheiro.

— Eu me alegro de que não tenha sido assim. — Ele me piscou um olho.

— Eu também. — Baixei o olhar.

Esticou o braço e me entregou o peixe. Menos mal que desta vez não estava cru.

Estávamos um em frente ao outro, separados pelas chamas da fogueira.

— Não respondeu à minha pergunta. Por que não se casou?

— Não entrava em meus planos. Eu também amo minha liberdade. — Sorri.

— Ha, ha, ha!

Permanecemos em silêncio.

— Por que precisa ir em busca do rei Ricardo?

— Ele fez muito por mim. É meu rei. Devo-lhe minha honra e minha vida.

— Estaria disposto a morrer por ele?

— Sim, se fosse necessário. Foi sequestrado. Tudo é uma artimanha de seu irmão João que anseia o poder. Sem Ricardo na Inglaterra, ele assume a coroa.

Sempre o invejou. Não é que eu seja a favor de muitas das decisões do rei Ricardo, mas seu irmão não olha pela Inglaterra, olha por ele e por obter, cada vez, mais poder à custa de impor altos impostos aos camponeses, enquanto ele esbanja com mulheres e festas. Eu sou um cavaleiro de Ricardo. Eu lhe jurei lealdade, mas não a quem quis roubar seu trono. Partirei assim que você esteja a salvo e me reunirei com Robert e suas tropas.

— Ora. É mais importante essa lealdade, que suas terras ou qualquer outra coisa.

Olhou-me com interesse.

— Sim, é um juramento que fiz. Minha honra e lealdade são primeiro para meu rei.

O resto é secundário.

— Ora... — Baixei o olhar.

— O tempo vai ao contrário, por isso não devo adiar mais minha partida.

Assim que chegemos esperarei alguns dias para comprovar que tudo está em ordem e partirei.

— Entendo-o. Amanhã já estaremos lá.

Kimball colocou uma das peles sobre o chão; recostei-me nela, deixei-lhe um espaço e me tapei com a outra pele. A noite era muito fria e úmida, não parava de tiritar apesar da fogueira. Fiquei de lado. Notei que Kimball se deitava, tapava-se com sua pele. Nesse momento senti a presença de seu corpo contra o meu, rodeou-me com seus braços e me apertou contra seu peito.

— Fique tranquila, que não vou tentar nada. Assim não terá frio. É a melhor maneira, acredite em mim.

Não respondi, aconcheguei-me em seu peito. Seus braços fortes me envolviam e eu me sentia feliz e segura ao estar entre eles. Por que isto precisava acabar? Adormeci.

Gritei e abri os olhos; estava suando e chorando. Kimball me olhava enquanto me rodeava com seus braços.

— Já passou, Beth. Teve um pesadelo outra vez.

Meu coração pulsava com celeridade. Desta vez fora diferente, mais intenso.

Aparecia aquela mulher, anciã, vestida totalmente de negro. Seus olhos azuis se cravavam nos meus. Não falava,

mas assinalava para um ponto. Virava-me para olhá-lo: ali estava Eamon, que levava uma taça dourada entre suas mãos. O menino me olhava. Aproximei-me dele. Nesse momento, da taça começou a emanar sangue. Assustei-me. Tapei o rosto com ambas as mãos. Quando tirei minhas mãos, Eamon já não estava, era Kimball quem estava com todo seu corpo coberto de sangue. Fui correndo para onde ele estava. Não me olhava. Ele levava alguém em seus braços. Olhei: era eu. Estava como morta e o sangue de seu corpo era o meu. Emanava sangue de meu coração. Kimball chorava. Assim despertei. Tinha sido muito real.

Ele limpava minhas lágrimas com sua mão. Eu estava muito assustada.

— Mais tranquila? — Ele me perguntou.

— Passará. Desta vez foi muito real.

— Ainda não amanheceu. A meu lado não vai acontecer nada. Prometo-lhe.

Deitei-me. Ele ficou ao meu lado e me rodeou com seus braços. Virei-me e passei meus braços em seu tórax.

— Tenho medo, Kimball.

— Não permitirei que ninguém lha faça mal.

Fiquei ali, quieta.

XXX

Não era a primeira vez que a via despertar de um pesadelo. Começava a me preocupar. O que lhe tirava o sono? O que a obcecava? Não me deixava entrar em sua vida. Ela levantara um muro entre nós dois. E eu estava decidido a rompê-lo. Sabia que, apesar de sua negativa de não querer se entregar completamente a mim, ela me amava. Era algo que um homem notava. Jamais renunciaria a ela.

Bem distante se via o castelo, que se levantava na ilha Maree, localizado em um fio de terra, estreito, e, em ambos, os lados a água do grande lago.

Atravessamos bosques de carvalhos e pinheiros. Conforme avançávamos eu contei cinco ilhas, maravilhosas, mas sem lugar a dúvidas a mais bela era a ilha Maree. Entramos naquela faixa estreita de terra. Antes de chegar ao castelo passamos por uma pequena capela. Perto desta me surpreendi ao ver um poço. Junto a este, uma árvore. Pareceu-me curioso.

Parei antes de continuar avançando.

— Aquele é o castelo do seu avô! Lá poderá resolver todas suas dúvidas e descobrir quem realmente é.

— Sim, enfim! Obrigada, Kimball, devo isso a você.

Avançamos. O castelo parecia que saia daquelas águas. possuía quatro torres e muros fortes e cinzas. Viram-nos chegar à distância.

A ponte levadiça foi baixada e pudemos entrar nele. No interior, toda a guarda nos cercava, ameaçadora. Descemos dos cavalos. Avançou para nós um homem mais velho, alto, forte, de aspecto desalinhado.

— O que fazem em minhas terras, em meu castelo? Perguntou com voz grave.

— Quero ver o conde Agnew — disse Beth adiantando-se.

O homem se aproximou dela. Observava-a.

— Sou eu. O que quer de mim?

— Sou a filha de Ceridwen.

Mudou sua expressão para a surpresa. Aproximou-se mais dela. Coloquei minha mão no cabo de minha espada, já não confiava em ninguém e temia que tivesse uma reação imprópria que a colocasse em perigo.

— Parece muito com ela — ele disse com a voz trêmula.

— Ela me deixou uma carta e me pediu que lhe dissesse que sou a filha dela.

Beth extraiu um papel enrugado e o estendeu. O homem começou a ler.

Estava de costas para nós. Dobrou cuidadosamente o papel e se virou para olhar Beth.

— Esta é minha neta! — Ele gritou aproximando-se de Beth e abraçando-a. — Venham.

Guiou-nos até o interior da fortaleza. Começou a dar ordens a seus serventes e todos se mobilizaram. Depois se virou para me olhar.

— Quem é ele? — perguntou-lhe.

— É... meu marido — eu respondi. Surpreendi a mim mesma, ao escutar de meus próprios lábios.

Sorri para mim mesma.

— Seu marido?

— Sim, sou o conde de Essex, marido de sua neta.

Olhou a ambos.

— Muito bem. Dana! Guie-os até seus aposentos e acendam a lareira — Olhou para Beth. — Agora descansem, o jantar é às sete, depois teremos tempo para falar.

Subimos escadas estreitas, de pedra, e chegamos até uma galeria escura e fria. Dana parou em uma porta de madeira e a abriu. Beth entrou. A donzela me olhou.

— Trarei água quente se por acaso quiserem tomar um banho. E roupa limpa. O senhor me disse que lave sua roupa. A você, cavalheiro, trarei roupa do senhor e à senhora, as de sua... mãe.

Entrei no quarto e fechei a porta. Apoiei-me nesta.

— Kimball, temos um problema — disse-me Beth.

— Ah! Sim. E qual é esta vez?

— A banheira está dentro do quarto.

— E...? — Sorri, eu sabia a que ela se referia.

— Porque você precisa sair até que eu tome banho.

Aproximei-me dela lentamente. Minha dama retrocedia até que deu com a parede.

Coloquei minhas mãos sobre ela, nossos rostos estavam muito próximos um do outro.

— Não se recorda que já a vi nua... — Ela ficou ruborizada.

— Kimball! — Ela escapuliu. Sua reação foi engraçada.

— Muito bem, partirei, mas retornarei logo.

A verdade é que eu não gostava nada de sair daquele quarto. Desejava beijá-la e retê-la entre meus braços. Desci as escadas e fui até o exterior. Ali estava o avô de Beth. Ele me olhou.

— Minha neta já o expulsou do dormitório?

— Sua neta é uma mulher com coragem. — Ele gargalhou ante minha resposta.

— Então saiu a sua mãe e a sua avó. Eram valentes — ele disse com certa tristeza. — Você a ama?

Fiquei perplexo diante daquela pergunta.

— Sim, a amo.

— Por que noto certa tristeza em sua resposta?

— Estou convencido de que Elizabeth também me ama, mas há algo nela que não a permite ser feliz, nem se entregar a mim.

O conde baixou seu rosto.

— Deve ser a maldição que persegue as mulheres desta família. Quebrei as normas, e o mal tingiu meu sobrenome e a todos os que tenham que ver com ele.

— A que se refere?

— Minha mulher, a avó de Elizabeth, era filha de uma camponesa a que muitos consideravam uma sacerdotisa.

Apaixonei-me por ela. A filha de uma camponesa, e ainda mais se era sacerdotisa, não podia se apaixonar por ninguém e muito menos, de um conde e ficar grávida deste. Amávamos, mas eles a mataram e depois precisavam acabar com nossa filha e a filha de minha filha. A minha filha conseguiram assassinar, mas minha neta... eu a dava por morta, desapareceu, e ninguém soube o que houve com ela. Alguns, disseram que morreu ao nascer e outros, diziam que a haviam matado...

— Eles?

— Membros da Igreja, com muito poder, camponeses que espionam para eles...

— Entendo — eu respondi.

— Se descobrirem que Beth é a filha perdida, eles a matarão.

— Por que Beth?

— Ela é a... escolhida.

— Escolhida para quê?

— Para encontrar o Santo Graal que foi escondido por José de Arimatéia. Minha mulher possuía um dom especial, dom que transmitiu a minha filha e esta, para Beth. Um sexto sentido: elas conseguem ver mais à frente. Esse grupo de poder deseja encontrar o Santo Graal para seu próprio benefício, para obter poder. Se descobrirem que Beth é a escolhida, a utilizarão para encontrar o Santo Graal e depois a matarão. Acreditam que a mulher que possui esse dom é uma feiticeira.

Recordei o bispo de Durham, estremei somente ao pensar que ele pudesse saber.

— Beth tem um colar com a cruz de David.

O homem me olhou com interesse.

— Alguém mais o viu?

— Sim — eu lhe contei tudo.

— Então ele já sabe quem é ela. Não cessará até encontrá-la.

Eu estava preocupado. A vida de minha dama nesse instante, sim, corria um grave perigo.

Havia dado tempo suficiente para que ela se banhasse e estivesse preparada. Nesse momento era minha vez. Aquela conversação com seu avô me inquietara, ainda mais. Nunca me apaixonara por nenhuma mulher, mas havia conhecido uma jovem que me fizera perder a cabeça, resultava que era uma enigmática dama, que escondia um passado e um futuro inquietante e cheio de perigos. Eu estava intranquilo.

Abri a porta e ali estava Beth com um vestido vermelho que a favorecia muito.

Seu cabelo solto e úmido. Meu Deus, que bela estava! Como podia me controlar com a mulher que eu amava bem frente a mim? Fechei a porta e fiquei contemplando-a, em silêncio. Ela ruborizou-se.

— O que houve? — perguntou sem querer me olhar aos olhos.

— Está linda!

— Não é para tanto. Espero você lá embaixo.

Ela avançou para a porta, mas eu não me afastei do lugar.

— Kimball! Deixe-me sair?

— Pois não quero. A verdade é que neste momento travo uma luta interna. Uma parte de mim diz que envolva você com meus braços e a beije; a outra, que me comporte como um cavalheiro.

— Pois então, se comporte como um cavalheiro — ela me olhou ruborizada.

Aproximei-me dela, agarrei-a pela cintura e a atraí para mim.

— De verdade, é isso o que quer?

— Sim, é isso que eu quero.

Gargalhei. Retive-a entre meus braços e a beijei na cabeça.

— Muito bem, desta vez serei um cavalheiro. — Eu sorri.

Deixei-a partir.

Beth e seu avô estavam me esperando para tomar assento. Ambos eram muito parecidos.

— Ai está seu marido. Podemos tomar assento.

Retirei a cadeira para que Beth se sentasse. Eu me coloquei em frente a ela, e seu avô presidia à mesa. Começaram a trazer as travessas. Todas apetecíveis. A carne estava um pouco crua, como eu gostava, mas sabia que minha linda esposa passaria mal na hora de comer; embora depois das dificuldades que ela sofrera durante a viagem, isto poderia parecer a glória. Observei-a, ela olhou a carne, levantou o olhar e se encontrou com a meu. Arqueei as

sobrançelas, ela compreendeu o que eu queria dizer, suspirou e começamos a comer. Eu sorri.

— Você gosta da carne, querida? — Perguntou seu avô.

— Sim...

Olhei-a. Sabia que ela mentia. Olhou-me e levantou os ombros; ambos sorrimos.

— Elizabeth, por que você veio?

Ela o olhou.

— Leu a carta meu avô? Não sei quem sou, nem a que lugar pertença. Minha mãe me disse que aqui eu descobriria.

Eu a observei.

— Sim... Eu já contei a história de sua mãe e sua avó, também a seu marido. Mas não posso lhe dizer nada. O quarto de sua mãe está igual como ela o deixou. Jamais consegui entrar lá e nem quis mover nada do lugar. Era como se, dessa forma, ela continuasse viva.

O jantar terminou e seu avô se retirou. Beth me olhou, não disse nada e saiu para uma espécie de balcão, que havia naquela sala. Segui-a. A noite estava fria. Coloquei-me a seu lado e a observei.

— O que houve, Beth?

Ela me olhou.

— Não sei quem sou.

— A verdade é que não acho estranho. De repente descobre que sua mãe não é a pessoa que você acreditava que era, e se dá conta de que possui a chave para descobrir onde está o Santo Graal, relíquia procurada e ansiada por muitos. Além disso, sua vida corre perigo, porque alguns

representantes da igreja, que fazem parte de um grupo secreto, que ninguém sabe quem são e onde se reúnem, querem conseguir essa taça Santa. Para completar, descobriram que você é a escolhida, sobre a qual uma lenda do passado falava e que eles acreditavam morta. — Olhei-a. — Eu acredito que o que acontece com você é normal; e mais, qualquer outra mulher em sua situação, tremeria de medo, Ha, ha, ha!

— Olhe para o céu, as nuvens não deixam ver a luz que a lua projeta.

Abracei-a e ela se aconchegou em meu peito. Olhou-me.

— Tenho medo, Kimball, estou muito assustada.

— Não tem nada para temer; eu não permitirei que lhe aconteça alguma coisa.

— Não sei o que é esperado de mim.

— Beth, não precisa fazer nada se não quiser. É minha esposa; eu cuidarei de você em meu castelo. Lá ninguém a perseguirá e não precisará fazer, nem descobrir, o que esperam de você. Terá a mim para protegê-la e fazê-la feliz. Desejo acabar com essa preocupação que não permite que você fique em paz.

— Não é tão fácil, Kimball.

— Sim, é. O fácil ou difícil depende de nós mesmos.

Ele se afastou para me observar. Nos olhamos em silêncio.

Fiz um movimento e a ferida, ainda, em recuperação, doeu. Ela deve ter notado pela expressão de meu rosto.

— O que houve? É a ferida? Estive tão preocupada com meus assuntos que não voltei a vê-la.

— Não é nada, Beth. Está perfeita. Não preciso de mais curativos, nem supervisão.

— Kimball, subamos ao quarto. Preciso analisá-la.

XXXI

Ele estava sentado sobre uma cadeira de madeira. Uma tênue luz de velas iluminava o quarto.

— Por favor, tire a camisa — eu lhe disse.

Eu estava atrás dele. Kimball foi tirando a peça de roupa. Custava-lhe mover o braço do lado da ferida. Seus ombros fortes ficaram descobertos. Aquele homem me fascinava. Eu, hipnotizada por sua pele suave e dourada, fui ajudá-lo a se desfazer da roupa. Sem pensar, movida por um impulso, minhas mãos acariciaram a suave pele de seus ombros que desciam para o começo de seus bíceps, ajudei-o a retirar a camisa e ele se desfez dela.

Respirei; precisava ser forte. Não devia permitir que meus sentimentos me traíssem, Precisava pensar com a cabeça e não com o coração. Coloquei-me diante dele para observar a ferida. Cicatrizara muito bem e não estava infectada.

— Tem boa aparência. Deve evitar fazer esforços. — Custava-me não me distrair diante de seu tórax nu, em frente a mim.

Levantei-me e me afastei dele. Se o olhasse, descobriria meus verdadeiros sentimentos. Me renderia para aqueles olhos verdes. Ele se levantou e ficou em frente a mim. Avançava, lentamente, sério, suas pupilas estavam fixas

sobre as minhas. Segurou-me com suavidade pelos ombros e me atraiu para ele. Seu olhar se fixou em minha boca, baixou seu rosto até que seus lábios acariciaram os meus, com suavidade. Beijava-me com ternura. Levantou o olhar, agarrou-me nos braços e me levou até a cama. Não pude recusá-lo: desejava-o e o amava. Os sentimentos que ele despertava em mim eram tão fortes, que não podia, nem queria afastá-lo de minha vida. Foi me despindo pouco a pouco. Seus lábios retinham meu desejo e suas mãos percorriam meu corpo, despertando, a cada roçar, uma onda de prazer. Desejava-o; e sabia que todo meu ser já lhe pertencia.

Envolveu-me com seus braços e beijou minha bochecha, atraiu-me até seu peito.

— Kimball.

— Sim?

— Ainda continua com a ideia de partir e anular nosso matrimônio? — eu perguntei.

Ele gargalhou.

— Jamais pensei em fazê-lo!

— Nenhuma vez? — Perguntei-lhe surpresa.

— Nunca! — Ele me virou, para que meu rosto estivesse de frente para o dele. — Estou apaixonado por você, jamais pensei que isto pudesse me acontecer, mas não sei como, nem por que aconteceu. Amo você, minha preciosa Beth. — Seus lábios pousaram nos meus.

Acariciei-lhe a bochecha.

— Eu também amo você, Kimball.

— Ora, enfim reconhece! — Ele sorriu.

Respondi com outro sorriso.

— Não se atreva a me machucar se esquecendo de mim!

— Ameacei-o.

Ele gargalhou.

— Asseguro a você que isso não entra nos meus planos.

— Atraiu-me para seu peito e me beijou.

Um sorriso se desenhou em meu rosto, os raios de luz se infiltravam pela janela do quarto. Sem querer abrir os olhos, recordei suas carícias e a paixão da noite anterior. Toquei com minha mão o lado da cama onde seu corpo repousava, ele não estava ali. Nesse momento me assustei. Teria voltado para a realidade? Não!, era o que menos queria. Abri os olhos de repente, tranquilizei-me ao observar que estava naquele quarto, do castelo de meu avô. Onde ele teria se metido?

Olhei o anel que ele me dera desde que o padre nos casara. Levei-o a meus lábios e o beijei. Sentia-me feliz, muito feliz.

Vesti-me rapidamente e desci as escadas. Entrei na sala que supunha ser o refeitório, mas não havia ninguém. Então voltei a sair e quase bati com a donzela da noite anterior.

— Senhorita!

— Perdoe-me, sabe onde está meu marido?

— Partiu com seu avô muito cedo. Deseja tomar o café da manhã?

O jantar da noite anterior não havia me sentado muito bem.

— Não, obrigada.

— Deseja algo?

— Não..., bem, sim. Onde é o quarto de minha mãe?

Ela olhou-me surpreendida por minha pergunta. Seus olhos me escrutinavam, deu-me a sensação de que ela sentia medo.

— Siga-me.

Guiou-me até o último piso. Aquele corredor era escuro, frio e parecia que fazia muito tempo que ninguém pisava ali. Senti um calafrio que me percorreu todo o corpo.

O quarto estava no final do corredor. Dana me olhou, pálida.

— Senhorita, você pode abrir a porta, por favor?

— Sim, não se preocupe.

Observei como ela saía correndo daquele lugar. Fiquei no corredor. Tive a sensação de que havia mais alguém ali, observei todos os lados, mas me encontrava sozinha. Entrei no quarto, estava às escuras. Um grande cortinado tapava a pouca luz que entrava pela estreita janela; abri-a. Analisei tudo o que estava a meu redor. Ceridwen deixara tudo exatamente assim, quando fugira.

Era um quarto que apesar da sobriedade da época, não dava a sensação de estar vazio; era como se sua alma estivesse viva ali. Sentei-me na cama e senti uma rajada de frio. Toquei a roupa de cama e me sobressaltei, ao comprovar que ela estava quente, como se acabasse de ter alguém deitado ali. Levantei-me por inércia e comecei a observar todo o quarto. Era pequeno e ali não havia ninguém. Abaixei-me e

observei debaixo da cama, mas também não vi ninguém. Tentei me tranquilizar. Algo captou minha atenção: um dos pés da mesa, era mais curto do que os outros. Abaixei-me para olhá-la. Comecei a tocar a mesa, perdi o equilíbrio e apoiei a mão na madeira do chão. Ao fazer força, esta se moveu. Era uma parte de madeira, oca, levantei-a, ali havia algo escondido. Coloquei a mão com supremo cuidado, já que morria de medo de aranhas e insetos. Toquei alguns papéis enrolados. Desenrolei um. Estava nervosa. Sentei-me. Estava escrito com tinta negra. A letra era bonita.

Sinto-me feliz. Mamãe me disse que a festa da noite da terceira lua será amanhã. Estou emocionada. Já escolhi o vestido que me vou colocar.

É a primeira vez que estarei lá. Sou maior de idade. O festejo começa ao anoitecer, estou desejando que chegue.

...Meu coração pulsava rapidamente. Lendo o que escrevi anteriormente, sinto vontade de chorar, tantas ilusões em uma noite que resultou fatídica. A lua brilhava e seus raios resplandeciam sobre as águas escuras do lago Maree. Eu estava contente. Meu pai e minha mãe estavam satisfeitos de me ver alegre; mas então, ali, junto daquele poço, que tanto temor causa em mim, vi aquela figura escura. Não sei se era um homem ou uma mulher, já que usava uma capa negra e o capuz colocado; apesar de não poder distinguir bem a figura, sabia que estava me observando, tanto a mim quanto a minha mãe. Impressionou-me. Virei o rosto para outro lado e depois voltei meu olhar para o poço, mas a figura tinha desaparecido. De repente, um grito alertou a todos. Era um camponês que

havia encontrado entre as árvores sagradas, próximas à capela, o cadáver de uma jovem. Tinham tirado seu coração. Minha atenção se concentrou naquela jovem a quem reconheci, em seguida: era a filha de Emili e Rum, camponeses que trabalham nas terras de meus pais; Alice, sua filha, fazia dois dias que havia desaparecido. Ninguém dava a vista e os rumores diziam que havia partido com um moço, com o qual alguém a vira, no dia anterior, perto do lago. Meu pai suspendeu a festa e retornamos rapidamente ao castelo.

Escutei um ruído no corredor...

Aqui acabava a primeira folha. Dobrei-a. Minha intenção era continuar com as outras folhas, mas, nesse momento, eu também escutei passos perto da porta do quarto de minha mãe. Alguém estava atrás da porta. Vi como o trinco foi movido.

— Quem anda aí? — Eu gritei.

Alguns passos ligeiros se afastavam rapidamente pelo corredor. Guardei os cilindros no mesmo lugar que os tinha encontrado. Coloquei tudo tal como estava. Fui abrir a porta, mas ao fazê-lo já não havia ninguém. Quem seria? Olhei outra vez o quarto antes de fechá-lo. “Amanhã voltarei aqui, mamãe”, eu disse.

Desci as escadas. Aquela galeria era tétrica. Desejava sair dali o quanto antes possível. Estava com a sensação de que me observavam e senti medo.

Saí para o exterior. Parecia que eu escutara a voz de Kimball. Fui direto às baías, mas não havia ninguém ali. Observei, mas ele não estava ali.

— Quer montar a cavalo, senhorita? — Perguntou o moço das baias.

— Eu estava procurando o cavaleiro e meu avô.

— Seu avô foi descansar. O jovem retornou com seu avô, porém depois voltou a partir.

— Ele disse aonde ia?

— Não, mas escutei que dizia ao senhor que precisava cavalgar um momento.

— Obrigada. Dá-me um cavalo, dos mais mansos.

Montei-me no lombo do animal. Eu o fazia ainda com medo. Onde estaria Kimball?

Queria ver o poço e a capela da qual minha mãe fazia referência em seu escrito. A paisagem era espetacular. Desci pela colina. divisavam-se as águas azuis do lago. Ia me aproximando da capela e do poço. Amarrei o cavalo ao tronco de uma árvore. Por que aquele poço causava tanto medo a ela? Observei-o, não havia nada nele que inspirasse temor. Fui me aproximando devagar. Era feito de pedra e possuía uma grande circunferência. Olhei para dentro, com certo temor, mas tudo aquilo estava escuro. Atirei uma pedra, não havia água, ao menos não escutei o ruído quando a pedra caiu. Retirei-me. Imaginei o que ela teria sentido, ao ver aquela figura ao lado daquele poço. Abaixei-me. Chamou minha atenção um símbolo sobre a rocha: era um anel com forma de hélice. Escutei um ruído atrás de mim. Levantei-me e olhei a meu redor, não vi ninguém, então, pensei que, possivelmente, seria algum pássaro ou animal.

Estava com a estranha sensação, de que me observavam. A capela estava muito próxima daquele lugar. Fui andando até lá. Era pequena, estava justamente na porção de terra onde começava a água do lago. Era de pedra e somente filtrava a luz, por uma estreita janela. Entrei, alguém acabara de estar naquele lugar; já que a luz das velas acabava de ser apagada, mas não havia ninguém ali. Fazia frio no interior. Havia um altar pequeno. A cruz de Cristo estava sobre a mesa. Ajoelhei-me em frente a ela:

“Senhor, já sei que me afastei de ti, e que não quis saber nada de ti, durante anos, mas neste momento eu preciso de ti. Não sei o que está acontecendo, nem o que significa isto. Se é que sou a escolhida para esta missão, sou a menos indicada.

Apaixonei-me por um homem que não pertence a meu mundo. Perseguem-me por algo que desconheço, e pressinto que a morte me espreita em todo momento.

Ajude-me!”

Outra vez voltei a escutar o mesmo ruído, igual a vez anterior. Desta vez havia sido mais claro. Soou bem atrás da porta da capela. Dirigi-me, silenciosamente, para lá e a abri de repente. Olhei em todas as direções; foi então que vi que algo ou alguém, se escapuliu entre os arbustos e decidi segui-lo. Entrei naquele arvoredo, observei que era uma pessoa, usava uma capa negra com capuz que lhe ocultava o rosto. Não estava me dando conta de que seguindo-a, eu estava entrando em um bosque que desconhecia. O encapuzado corria, com grande velocidade, perdi-o e, de repente, deixei de

vê-lo. Eu seguia, com a ideia de que estaria mais à frente; tropecei. Algo no chão me fez cair sobre umas rochas, senti dor em meus joelhos e em meu tornozelo direito. Intuí que não estava sozinha, virei-me e ali estava aquele personagem, com seu rosto oculto. Apenas se vislumbravam os lábios finos e pálidos. Avançava para mim, lentamente. Suas mãos, que até esse momento estavam escondidas na capa, apareciam, devagar. Vi que em uma delas ele levava uma corda, grossa, que ia enrolando pouco a pouco. O que pretendia?

— Quem é você? O que quer?

Não respondia; avançava. Prestei atenção que no queixo havia uma cicatriz em forma de z. Um ruído o alertou, mas, apesar disso, ele continuava avançando. O som era mais intenso. Ele parou, guardou a corda e se afastou correndo. Nesse momento apareceu um camponês e outro homem que, pelos traços de seu rosto, sua fisionomia e forma de andar, devia ter alguma deficiência. Ele estava agitado.

Apontou para mim. O camponês se aproximou de mim.

— Está bem, senhorita?

— Sim, obrigada. — Tentei me levantar, mas o tornozelo me doía.

O homem, com a deficiência, me deu sua mão e me sorriu. O camponês me ajudou a endireitar.

— Senhorita, está sangrando!

Minhas mãos e meus braços estavam feridos pela queda.

— Não é nada, não se preocupem.

— O que lhe aconteceu?

Olhei para ele.

— Entrei no bosque e tropecei. — Eu não quis contar toda a verdade.

— Allan — disse o camponês — ficou muito nervoso e quis me guiar até aqui. Ele tem um sexto sentido, desde muito pequeno, intui quando alguém está em perigo. Lembra-se que há muito tempo uma jovem apareceu morta. Ele esteve chorando durante todo o dia anterior, porque dizia que a morte estava nos lagos.

Aquelas palavras chamaram minha atenção. De repente recordei o que minha mãe havia escrito sobre a morte da camponesa. Tentei indagar mais.

— E já faz muito tempo?

O camponês me olhou.

— Sim, faz bastante.

Notava-se que ele não queria falar.

Sáímos do bosque e nesse momento vi Kimball. Viu-nos e se aproximou de nós com o rosto desfigurado.

— O que houve? — Ele perguntou.

— Senhor — disse o camponês, — encontramos a jovem dama no bosque, ferida.

Kimball fixou seu olhar em mim; era inquisitivo. Sabia que ele estava zangado comigo.

— Muito obrigado, senhores. Agora me encarrego da jovem — Ele disse para o camponês e para Allan.

Ambos se despediram, mas antes que partissem Allan se aproximou de mim.

— Tenha muito cuidado, senhorita.

— Fique tranquilo, Allan, terei — eu lhe respondi.

Uma vez que se afastaram, Kimball me olhou com os braços cruzados.

— Pode-se saber o que você fazia nesse bosque?

— Simples curiosidade.

— Não acredito — ele respondeu. — Está ferida, está mancando.

Olhei-o e comecei a caminhar; eu mancava, mas não queria lhe dar nenhuma explicação, isso faria com que sua preocupação por mim aumentasse. Agarrei-me com força em seu braço, ele me puxou, caí sobre seu peito e ele me segurou nos braços.

Era bonito até zangado! Rodeei seu pescoço.

— Vim procurá-lo. O moço das baías me disse que você havia saído em direção dos lagos. Queria vê-lo.

Subiu no lombo do meu cavalo, o seu estava ao lado.

— Não volte a fazer! Não se dá conta de que corre perigo. Pode imaginar o que senti quando vi seu cavalo e não a vi? Pensei no pior.

— Pois estou sã e salva.

— Com feridas e machucou o tornozelo.

— São somente alguns arranhões.

Kimball montou em seu cavalo e nos afastamos daquele lugar.

Quando chegamos ao castelo, meu avô continuava descansando. Kimball me agarrou pela cintura e me deixou no chão. Deixou os cavalos com o moço, que me olhava,

surpreso com meu aspecto. Kimball voltou a me segurar nos braços.

— Estou pensando que vou me perder mais vezes. — Ele me olhou. — Sim, não me olhe assim, eu adoro que você me pegue nos braços.

Sua expressão mudou por causa de meu comentário.

— Enfim arranquei um sorriso!

— Sabe que não precisa se perder para que eu queira tê-la entre meus braços.

Subiu as escadas e abriu, com a ponta do pé, a porta do quarto. Fechou-a da mesma maneira. Deixou-me sobre a cama.

Abaixou-se. Sem dizer uma palavra tirou minha bota e observou meu tornozelo.

— Não está quebrado.

— Isso eu já sei. Foi o golpe da queda; de fato, já não me dói tanto.

Olhou-me, levantou-se e pegou a bacia com água. Aproximou-a até onde eu estava, colocou-a no chão, pegou alguns tecidos que havia junto dela, molhou-os e limpou a ferida. Era algo com o que eu estava muito familiarizada, mas eu adorava ver com que delicadeza e carinho ele ia limpando o sangue de minhas mãos e pulsos.

— Bem, já está pronto — ele me disse beijando ambas as mãos.

— Obrigada, Kimball.

Suas pupilas estavam fixas nas minhas. Levantou-se e segurou minha mão, forçando-me que eu fizesse o mesmo.

Levantou meu queixo, com suas mãos, e seu olhar se centrou em meus lábios, para depois me beijar. Quanto desejava sentir outra vez a suavidade de seus lábios sobre meus! Ele se afastou.

— Assustei-me. Somente pensava que se acontecesse alguma coisa com você, meu mundo acabaria.

— Kimball... — as palavras dele me emocionaram. Ver um homem rude, forte, um guerreiro, o homem pelo qual eu havia me apaixonado, me dizer aquelas coisas tão bonitas, me enchia de felicidade. Um sorriso se desenhcou em seu rosto.

— Agora deve descansar. Esse tornozelo necessita de repouso. Direi à donzela que traga a comida para seu quarto. Esta noite haverá uma festa.

— Uma festa? — Eu perguntei.

— Sim, seu avô me mostrou nesta manhã, todas as suas terras e me comentou que hoje é o grande dia que todos os aldeões estão esperando. Cada ano, na noite da terceira lua, celebra-se a aparição das primeiras flores e a colheita dos frutos.

Ele se aproximou, rodeou-me a cintura e me atraiu para seu peito, beijou-me, reteve meus lábios entre os seus, brevemente, mas intenso. Deixou-me sem fôlego, cheia de sensações e partiu.

A noite da terceira lua! Era o mesmo dia sobre o qual ela escrevera.

Precisava ir até o quarto e entender seus escritos. Esperei ter certeza de que Kimball se afastara dali. Saí do

quarto e subi ao piso superior. Tive as mesmas sensações que a primeira vez. Acelerei o passo até chegar ao quarto, abri a porta e fechei. Suspirei. Procurei a mesa, agachei-me e peguei os escritos. Em seguida me dei conta de que havia uma folha faltando, eu contara seis e só havia cinco. Desta vez sim escutei, claramente, um ruído bem atrás da porta. O trinco começou a se mover. O pânico me emudeceu, não conseguia articular nenhuma palavra, de repente parou e passos ligeiros se afastaram dali.

XXXII

Ela estava linda com aquele vestido azul de sua mãe. Observava-a junto de seu avô, descendo as escadas. Já não mancava. Adiantei-me e segurei sua mão. Inclinei-me para beijá-la.

— Está muito bonita, Beth — seus olhos negros brilhavam.

— Como se parece com sua mãe. É seu vivo retrato. O vê-la aí, com o mesmo vestido que ela usava, é como se minha filha estivesse nessas escadas.

Agarrei suas mãos e as envolvi entre as minhas. Seu avô foi na frente. Fomos em direção às baías. A noite estava limpa, o céu estrelado e uma grande lua cheia iluminava aquelas terras, na escuridão.

— Hoje você vem em meu cavalo — eu lhe disse.

— Pois eu agradeço isso, já sabe que não sei montar bem a cavalo.

— Ha, ha, ha! Não me agradeça isso. Faço-o por egoísmo: quero tê-la esta noite muito perto de mim; além disso, tenho uma surpresa para você.

— Uma surpresa? O que é?

— Se eu dissesse, já não seria surpresa, não pergunte tanto, curiosa.

Agarrei-a pela cintura e a montei sobre o lombo do animal. Dei um salto e montei atrás dela.

Rodeei sua cintura com meu braço e com o outro segurei as rédeas do cavalo. Eu adorava tê-la perto, cheirar seu cabelo e notar o calor de seu corpo junto ao meu. Apesar de tudo, sentia-a ausente. Sabia que algo lhe rondava pela cabeça.

Desde seu acidente, no bosque, suspeitava que ela me ocultava algo.

Chegamos até a área da capela. Havia muita gente ao redor de algumas fogueiras. A música das gaitas de foles soavam, e as pessoas bebiam, riam e desfrutavam da noite. Paramos os cavalos, desmontamos e os amarramos ao tronco de uma árvore. Agarrei Elizabeth pela cintura e a retive alguns instantes junto a mim. Nesse momento seu avô veio até nós.

— Agora divirta-se. — Ele se aproximou de sua neta. — Beth, estou muito feliz que esteja comigo. — Aproximou-se dela e lhe deu um beijo na bochecha.

A música soava. O vinho e a cerveja passavam de um para o outro. Beth tomou um gole de vinho. Surpreendi-me ao vê-la. De fato achei engraçado, uma dama de sua condição não beberia vinho dessa forma, tão pouco comedida. Dançava e se divertia, e eu não conseguia deixar de observá-la.

Vi aquele homem: Allan, assim se chamava. Veio acompanhado do camponês. Fixei-me nele. Possuía um olhar fugidio e observava temeroso por toda parte. Fixou-se em Beth. Porque ele disse para ela que tomasse cuidado? Eu

precisava descobrir. Olhei para Elizabeth, que se dirigia para o poço. Por que ela ia para lá? Vi que havia um homem com uma capa escura. O que estava acontecendo? Segui-a. Ela avançava lentamente. O encapuzado olhou para a jovem, mas quando a viu, desapareceu. Ela se aproximou do poço.

— Beth! Quem era aquele homem? — Ela se surpreendeu ao ver-me.

— Não sei.

— Eu não acredito.

— Digo a verdade, não sei. Talvez um camponês. — Ela sorriu. — Bem, estou esperando meu presente.

Continuaria com aquela conversa mais tarde; nesse momento estava desejando levá-la até a cascata de fogo.

— Ande, venha aqui! — Agarrei-a pela mão, puxei-a e dei uma palmada carinhosa em seu traseiro.

— Kimball! — ela grunhiu. Eu lhe pisquei um olho. Dei meia volta para que ela me olhasse. — Espere, preciso tapar seus olhos.

— Que intrigante!

— Posso?

— Sabe que sim?

Ocultei seus olhos com uma fita de cor azul. Peguei-a no colo.

— Isto eu adoro. — Ela me revolveu o cabelo com seus dedos.

— Não pode ficar nem um segundo em silêncio, não é verdade?

— Como você me conhece!

— Ha, ha, ha!

Montei-a em meu cavalo. Desci a ladeira até chegar ao lago. Ali havia um pequeno barco que servia para cruzar até o outro lado do lago. Desci-a, sentei-a dentro do barco e comecei a remar.

— Estou intrigada! Estou em um barco?

— Já verá, impaciente! — Achei engraçado sua incerteza e sua curiosidade.

Ali estava. Aproximei o barco o máximo que pude até estar em frente à grande cascata de fogo. Assim, pude averiguar, chamavam-na assim porque quando o sol aparecia no horizonte, nas águas da cascata se refletia a luz do astro, que ficava de uma cor avermelhada. Ela caía com força.

— Preparada?

— Sim, faz tempo.

Tirei-lhe a fita e me fixei na expressão de seu rosto ao contemplar aquilo.

Nem pestanejava, estive alguns segundos observando como a água caía com força, de uma grande altura. Algumas gotas molhavam nossos rostos. Ela me olhou.

— Obrigada! Jamais imaginei que alguém pudesse me dar um presente tão incrível.

— Não me agradeça, é minha forma de lhe dizer que a amo. Se por acaso restar alguma dúvida.

Segurei sua mão e a levei até o peito para que ela sentisse os batimentos do meu coração.

— Sente? — Ela assentiu. — Pulsa por você.

Ela elevou sua outra mão até minha bochecha e me acariciou.

— Amo você, sabe disso? — Ela me disse.

Não consegui aguentar mais. Depois de suas palavras desejava tê-la junto a mim, precisava dela. Eu a atrai para meu peito, segurei seu rosto entre minhas mãos e a beijei.

Levantei meus olhos para observá-la. Suas pupilas estavam fixas nas minhas. Ela teve um calafrio.

— Sente frio?

— Um pouco — respondeu.

Envolvi-a com meus braços.

— Precisamos retornar.

— Não, ainda não. Há muito tempo eu não sentia a paz que este lugar me transmite. O paraíso deve ser assim.

— Ha, ha, ha! Vamos voltar. Não quero que você adoça por minha culpa.

Voltei a beijá-la. Agarrei os remos e fui à borda. Ajudei-a a sair, acariciei seus ombros, estava desejando tê-la, outra vez, entre meus braços e fazê-la minha. Montei no cavalo e subi atrás dela. Retornamos lentamente pelo mesmo caminho que fomos. Estávamos muito perto do lugar onde estava sendo celebrada a festa; no bosque escutamos um ruído, parei o animal.

À nossa frente Allan apareceu, estava assustado, agitado. Desci de um salto.

— O que houve? — Eu perguntei.

Ele movia os braços rapidamente, mas não conseguia articular nenhuma palavra. Coloquei a mão em seu ombro.

— Acalme-se, Allan, respire.

Respirou. E me olhou.

— Vieram por ela! — apontou para Beth. Assustei-me.

— Quem? — Eu perguntei.

— O homem do anel. Um homem da igreja. — Em seguida pensei no bispo de Durham. — Precisam fugir!

Olhei para Beth.

— Vá para o lago onde estivemos e me espere lá, junto ao barco. — Ela assentiu. — Allan, você me acompanha e pareça tranquilo, senão o bispo suspeitará que ocultamos alguma coisa. — Ele assentiu. Dirigi-me para Beth. — Espere-me lá e não se mova, aconteça o que acontecer!

Eu a vi se afastar. Estava com um pressentimento ruim. Eu não gostava daquilo.

XXXIII

Eu estava assustada, quando Allan disse que o homem usava um anel, em seguida veio à minha mente, a imagem daquele bispo. Eu havia chegado à beira do lago. Sentei-me olhando o lago. Ao longe via a cascata. Entristeci-me de pensar que fazia somente alguns minutos que aquilo me parecera mágico, nesse instante se converteu justamente no contrário. O que acontecia em minha vida? Devia estar enlouquecendo ou, em um coma profundo, do qual logo despertaria. Levei a mão ao amplo vestido e toquei os papéis escritos, os quais se supunha que eram de minha mãe. Não tive tempo de deixá-los no quarto. Sabia que havia desaparecido uma. Estava certa de que havia seis folhas, no dia anterior.

Meu olhar estava fixo naquelas águas escuras. Algo chamou minha atenção: pequenas luzes flutuavam sobre a água. Possuíam forma de pequenas chamas; cada vez havia mais. Fiquei pasma, olhando-as. Fogos fátuos? Eu havia lido muito sobre aquilo. Acreditava-se que eram as almas dos mortos, mas jamais acreditei que pudesse ser verdade. Eram luzes pequenas. Parecia que dançavam sobre a água. Aproximavam-se de mim. Por um momento pensei que eram as almas de minha mãe e de minha avó que vinham para me levar com elas. Assustei-me, levantei-me e comecei a correr

na direção contrária de onde estava a festa. Em meu afã por fugir, tropecei e, outra vez, machuquei meu tornozelo. Senti uma grande dor por todo o corpo, igual quando havia sido atropelada. Virei-me, com grande dificuldade. Estava rodeada daquelas luzes brancas. Tapei o rosto. “Não, agora não! Não quero me separar dele!”, eu gritei. Agora via somente uma intensa luz branca.

XXXIV

Ali estava ele. Era o bispo, acompanhado de vários de seus homens e aquele padre que a julgara. O bispo me reconheceu.

— Ora, ora... Mas não é o cavaleiro que defendeu a herege.

— Acredito que já ficou claro que ela não é nenhuma herege. Lutei por ela e venci. Se ganhasse, a deixariam em paz.

— Sim, assim é. Mas resulta que alguém a acusou de praticar artes. Não temos mais remédio do que levá-la conosco novamente.

— Quem a acusou? — Eu perguntei.

— Tragam-na!

Diante de meus olhos apareceu a cigana que havíamos encontrado no caminho, quando a sequestraram, a mesma que nos dissera para onde nos dirigirmos para encontrá-la. Sua face estava cheia de hematomas e um dos olhos, inchado. Estava machucada; Tinham-na torturado e maltratado. A mulher levantou o rosto, olhou-me com tristeza e voltou a baixar seu olhar.

— Foi ela quem nos disse! Diga-lhe o que me contou, mulher!

— Sinto muito, senhor! Eu não queria... Eles me obrigaram e me torturaram até que eu lhes disse o que eles queriam ouvir no início, mas é tudo mentira. Ouça-me!, é mentira! — ela disse olhando para o bispo. Sua voz tremia.

O bispo lhe deu um chute em suas nádegas.

— Saia de minha vista se não quiser que a mate! — Ele lhe disse.

A cigana fez menção de correr, mas um dos homens que acompanhava o bispo lhe deu uma paulada na cabeça. Ela caiu ao chão, morta.

— Agora ela descansará em paz — disse o bispo zombando.

— Você a matou! Assassino! — Eu tive a intenção de golpeá-lo, mas o avô de Beth me deteve a tempo.

— Que insinua, jovem? — Aproximou-se de mim, com sua proeminente barriga e seus olhos frios e inexpressivos.

O avô dela ficou em frente ao religioso.

— Minha neta não está conosco, ela partiu e desconhecemos para onde tenha ido.

O bispo centrou seu olhar no conde Agnew.

— Então, não se importará que meus homens deem uma volta pelos arredores.

— Podem ir.

Nesse momento, aquele padre se aproximou de mim e fixou suas pupilas nas minhas.

— Sei que ela está aqui, posso cheirá-la. Cheiro todas as bruxas.

— Então tem muito olfato ruim, porque aqui não há nenhuma.

Estiveram, por bastante tempo, dando voltas até que se convenceram de que não havia ninguém ali. Depois, Allan se assegurou de que se afastassem o suficiente daquele lugar. A festa foi suspensa.

— Allan, não se preocupe, vou procurá-la. Parte tranquilo.

O jovem estava inquieto, nervoso. Afastou-se com o camponês.

Fui correndo pelo bosque até chegar ao lago, mas ela não estava. Procurei-a, gritei seu nome, mas ela desaparecera sem deixar rastro. Explorei cada canto. Ela se foi; afastou-se de mim.

XXXV

— Kimball! — Eu gritei.

Endireitei-me da cama, suando. As lágrimas percorriam pelo meu rosto. Fazia dois anos que eu havia voltado para minha realidade. A primeira coisa que eu vi naquele momento foi Ann, minha amiga — Agora, eu despertava em minha casa, com minha filha.

— Mami!

Levantei-me. Ela voltara a despertar. Fui ao quarto de Emma. Ela estava de pé, em seu berço. Faltavam dois dias para que completasse dois aninhos. Eu sorri.

— Olá, minha menina. Despertou outra vez?

Emma me olhava com seus grandes olhos verdes. Herdara os mesmos olhos de seu pai. “Kimball!”, suspirei. Recordava-me muito a ele. Foi o presente que tive depois de me afastar dele e retornar a meu mundo. A prova de que tudo foi real.

Não dava nenhum tipo de explicação a ninguém. Sabia que se tivesse dado, teriam pensado que eu estava louca. Minha mãe levou as mãos à cabeça quando os médicos a informaram que eu havia saído do coma e que o feto não sofrera nenhum dano. Ainda me lembro da conversa que tive com ela, no hospital. Insistia em saber quem era o pai. Precisei mentir e lhe dizer que era um inglês que partiu do

país e do qual eu nunca mais saberia nada. De certa maneira era verdade. Ann respeitou meu silêncio.

Meu pai moveu seus contatos para que encontrassem um trabalho de enfermeira em Londres para mim, e assim foi que comecei a trabalhar no Royal London Hospital. Graças a isso, pude arcar com os gastos de cuidar de uma menina. Meus pais partiram, e eu fiquei ali, grávida, com as lembranças e alguns papéis de minha suposta mãe, que trouxera comigo daquela época.

Não entendia nada. Suspirei. Peguei Emma em braços, e ela me olhou, elevou sua mãozinha gordinha e agarrou meu cabelo com seus dedinhos, enquanto sorria.

— Sabe, Emma? Seu papai estaria muito orgulhoso de você e se sentiria muito feliz de tê-la entre seus braços.

— Papai — ela disse.

— Sim, seu papai. Era muito bonito, como você, minha princesa.

Balancei-a. Seus olhinhos foram se fechando até ficar adormecida. Voltei a deixá-la no berço e a cobri.

Fui ao quarto e abri a gaveta de minha mesinha, ali estavam enrolados os papéis de Ceridwen. Abri e voltei a relê-los.

... Todo mundo está alterado pela morte de Alice. Hoje fui ver seus pais. Olharam-me com ódio. Rum se levantou e me disse que a culpa é minha e de minha mãe, que trouxemos a desgraça a esse lugar. Minha mãe me olhou nesse momento, e me fez um gesto, indicando que precisávamos ir. Não entendo porque as pessoas nos odeiam tanto. Hoje, depois desse

acontecimento, ela me desvelou o segredo da família. Estava em meu quarto, entrou devagar e se sentou na cama. Disse-me que precisava me contar algo. Depois me olhou com interesse e me disse que ela era filha de druidas. Explicou-me que eles adoram a natureza e tem certas visões sobre o futuro e o que vai acontecer. Também me contou, que os druidas jamais podem se casar com alguém que não seja de seu grupo. Continuou me explicando que ela se apaixonou por meu pai apenas ao vê-lo, os druidas não o aceitaram e a culparam dizendo que ela os levara à desgraça. Meu pai a trouxe para seu castelo e os aldeões do lugar pensaram que ela o havia enfeitiçado. “Tampouco o aceitam, o veem como uma ameaça”, disse-me.

Perguntei-lhe se Rum dissera estas palavras e sua resposta foi afirmativa

Depois, ela me disse que devia tomar cuidado, que chegaria um momento no que perseguiriam a mim e minha filha. Minha mãe tinha visões de futuro, nunca as revelava, e por isso, nesta ocasião, surpreendi-me de que fosse assim. Continuou me dizendo que ambas correríamos um grande perigo, que ninguém devia saber que ela era minha filha. Insistiu em que deveria encontrar as barreiras do tempo para colocá-la a salvo. Chegado esse ponto, ela teria que renunciar a muitas coisas para salvar sua vida.

Eu não entendia nada, ela intuiu meu desconcerto ante suas palavras, daí me disse que eu compreenderia, ao seu devido tempo. “Tome”. Estendeu sua mão e me deu um cordão com uma cruz de David esculpida em madeira.

Seis pontas, com seis direções e um núcleo central. “Em algum momento te ajudará a escolher... o caminho correto”.

Depois da conversa com minha mãe, como de costume, fui passear até a capela. Muito perto estava o poço e me dei conta de que havia um moço, bastante alto, assustado. Ele possuía uma deficiência. Eu o vira em algumas ocasiões me observando. Aproximei-me dele e sentei a seu lado. Parei de chorar.

Disse-lhe meu nome e ele me respondeu que se chamava Allan. Perguntou-me porque estava chorando e a seguir me disse que ele era mau. Perguntei-lhe quem era ele, e respondeu que era: “O cavaleiro escuro”

Então me lembrei da figura que eu vira junto ao poço: aquele homem que me dera um calafrio somente ao vê-lo.

Depois eu lhe perguntei por que ele era mau e ele me respondeu que ele o judiava e se envergonhava dele. Que aquele homem lhe dizia que não merecia viver.

Apertava, com força, algo que segurava em uma de suas mãos. Perguntei-lhe o que era. Abriu-a. Era uma parte de madeira na qual estava esculpido um símbolo. O formato de hélice dentro de um círculo. Perguntei-lhe pelo significado daquele desenho e ele respondeu que era “invisibilidade”. Depois partiu rapidamente.

Dobrei a carta, fiquei surpresa. Havia lido muitas vezes aquela parte, mas não entendera, até esse momento. Aquele símbolo era o mesmo que eu vi gravado na pedra do poço. Escutei a campainha e fui rapidamente ver quem era, já que não queria que ela voltasse a despertar Emma. Era Ann.

— Ainda está de pijama?

— Sim, hoje é sábado. Dormi mal, e Emma está descansando. Não tenho pressa.

— Não se lembra de que ficamos de levar a menina ao festival de Glastonbury.

— Pois eu me esqueci. De toda a maneira, não acredito que seja um lugar apropriado para ela. Vai haver muita gente.

— Vamos, Beth! Já conversamos. Armaram um circo e vão muitas crianças. Vai ser divertido. Precisa se distrair.

Fui até meu quarto. Ann me seguia. Eu precisava esconder os papéis antes de que ela os visse e conseguisse lê-los, mas foi tarde, agarrou-os e começou a ler.

— Me dê isso, Ann!

— O que significa isto, Beth? Sabe que nunca lhe perguntei o que é que aconteceu, mas isto..., um papel antigo, uma letra estranha...

Sentei-me na cama. Ela tinha razão. Sempre estivera junto a mim, inclusive nos piores momentos.

— Está bem, contarei tudo, mas me prometa que não pensará que estou louca.

— Eu não posso prometer isso. Você é uma louca, amiga! Ha, ha, ha!

Sorri diante de sua resposta. Olhei-a e comecei a lhe contar tudo o que me acontecera.

— Uff!

— Não acredita? — Eu perguntei.

— Claro que acredito, mas é difícil para alguém com limitações como eu, compreender.

— Ann, não é brincadeira!

— Eu sei. Pois agora possuo um motivo maior para ir até Glastonbury. Deve encontrar respostas.

— Não sei como.

— Vista-se! Eu despertarei Emma. Hans está esperando no carro. — Fiquei olhando-a. A verdade é que eu gostei de ter compartilhado aquilo com ela, já que a considerava como uma irmã. — Vamos! Se apressa!

Tomei banho, coloquei jeans e uma camiseta de manga curta. Peguei minha jaqueta de couro. Era meados de junho, sabia que ao entardecer podia refrescar. Calcei as sapatilhas, preendi o cabelo em um rabo de cavalo e estava preparada. Enfim, já fazia dois anos, e eu sentia a mesma vitalidade de antes que acontecesse toda aquela aventura.

Ann já vestira Emma. Peguei seu casaquinho, coloquei-o e fomos à rua onde Hans, o amigo íntimo de Ann, esperava dentro do carro.

Desde que eu retornara a minha vida real, não quis ir ver os lugares nos quais estive com Kimball. Meu Kimball! Amava-o. Somente de pensar que não voltaria a vê-lo... Se não fosse pela Emma, teria desejado morrer.

A brisa que se infiltrava pela janela do veículo balançava meu cabelo. Fechei os olhos, lembrei dele: alto, forte, com seus bonitos olhos me olhando. Podia sentir suas carícias e recordar seus beijos. Senti um calafrio. A mãozinha de Emma

se apoiou sobre meu braço. Sorri e levei sua mão a meus lábios.

— Minha linda princesa — eu lhe disse. Emma me acariciou a bochecha. Até suas expressões e gestos eram como os dele.

Ann me observava através do espelho.

— Não entendo como não me disse isso antes.

— O quê? — perguntou Hans.

— Ann! — Não queria que ninguém mais soubesse.

— Beth, ele precisa saber. É meu namorado!

— Ah, sim? Desde quando?

Ambos começaram a rir.

— Desde ontem — respondeu minha amiga.

— Pode-se saber o que aconteceu? — Ele voltou a perguntar.

Ann explicou.

— Uff! Muito para meus neurônios.

— Como ele era? — Perguntou minha amiga.

— Tem os mesmos olhos de Emma, seu mesmo rosto.

— Então devia ser muito bonito, porque minha menina é muito bonita.

— Sim, era. Um cavaleiro, com armadura, espada, forte, valente e com honra.

— Um brega — disse Hans rindo. Ann lhe deu uma cotovelada.

— E no resto...? — perguntou Ann em um tom malicioso.

— No resto..., repetiria mil vezes com ele.

— Então é o homem perfeito. — Ann riu.

Na realidade, assim pensava eu: era o homem perfeito. Esteve junto de mim. De fato eu usava seu anel, que retornara comigo e nunca o havia tirado. Olhei o anel que levava o emblema de sua família e o levei a meus lábios.

Glastonbury estava abarrotado de gente, e foi complicado estacionar. Havia crianças, adolescentes, mais velhos e jovens. Escutava-se a música. Observei aquele vale e a colina, onde no alto estava a capela destruída, uma capela que eu vi em seu maior esplendor. Era curioso perceber como, com o passar do tempo, as coisas adquiriram outra forma. Essas terras nas quais eu estivera com ele, a capela onde Eamon me disse que devia estar escondido o santo Graal...

Uff!, muitas lembranças. As sensações eram desconstruídas, era como se eu revivesse todas as sensações que havia experimentado anteriormente.

— O que houve?

— Ann!, importa-se de cuidar um pouco da Emma? Preciso subir aquela colina até à capela.

— É claro que não, depois me conte.

Fui para lá e comecei a subir a colina. Fazia calor. Cheguei à colina, e lá divisava todo o vale. Respirei. José de Arimatéia mandou construir a capela, em honra à virgem Maria. Eram somente ruínas e não era mais a capela pequena que eu me recordava. Os restos que estavam em frente a mim, eram o resultado de posteriores reconstruções depois de incêndios e saques. Senti-me triste porque eu sabia que não podia dar resposta a nada do que me acontecera. Sabia que

ali estava escondido o Santo Graal e que eu era a escolhida para encontrá-lo.

Percorria as ruínas enquanto a tristeza me consumia. As lágrimas rolavam por minhas bochechas. Sentia falta de Kimball, amava-o. Não consegui afastá-lo de minha mente. Toda noite sonhava com ele. Antes de me deitar fechava os olhos, para que sua imagem não saísse nunca de minha mente: seus olhos, seu sorriso, suas carícias, seus beijos, sua voz. “Meu Deus, quero retornar para junto dele!”, eu pensei. Não podia mais. Meu coração estava oprimido. Sentei-me na grama, olhando o grande vale de onde se via a festa.

Concentrei meu olhar nos entulhos de uma coluna que havia junto a mim, destoava do resto, mas algo gravado naquela pedra chamou minha atenção. A estrela de David, o sol sobre ela, e seis raios de luz que apontavam para o Santo Graal. E, nesse mesmo instante, senti sua presença, como se ele estivesse bem ali, atrás de mim. Virei-me, nervosa, tremia, pressentia-o, mas estava sozinha.

“Kimball!”, eu gritei. Mas sabia que era somente desejo e necessidade de retornar para seu lado.

XXXVI

Eu havia deixado meu cavalo amarrado perto da capela, subi e me sentei. Respirei fundo.

Um sopro de ar revolveu meu cabelo e uma sensação estranha invadiu todo meu ser.

Senti-a, conseguia notar sua presença. Era como se ela estivesse ali.

— Beth! — Eu sussurrei.

Virei-me desejando encontrá-la. Seria capaz de perdoar que tivesse me abandonado todo esse tempo. Estava contando cada dia, esperando que ela retornasse para meu lado, mas esse momento, nunca chegou.

Depois daquele dia na ilha Maree, no qual não vimos nem rastro de Beth, retornei para meu lar. Procurei-a, sem descanso, durante dias. Enfrentando meu desconsolo e tristeza, decidi partir para procurar o rei Ricardo, indo ao encontro das tropas de Robert. Precisava me afastar dali. David me acompanhara, mas como ele imaginava, em meus pensamentos existia somente ela. Sonhava com ela e em cada mulher que encontrava, a via. Robert notara isso, sabia que eu não estava concentrado na batalha e no combate, mas nunca me perguntou, algo que eu agradeci.

Um trovador foi quem nos deu a pista de que o rei fora sequestrado pelo duque da Áustria, que pedia uma grande

soma de dinheiro em troca de sua liberdade. Havíamos reunido a quantidade solicitada e Ricardo foi libertado e, assim, retornou a nosso país. Aqueles acontecimentos foram celebrados com vinho.

Todos estavam felizes, todos... menos eu. Robert insistira para que eu me unisse a suas tropas e acompanhássemos o rei, em sua seguinte façanha, mas eu não era o mesmo de antes, e queria retornar a meu lar. Ele, depois do compromisso de sua irmã, Eleonor, com um nobre saxão, voltara a se reunir, junto com seus homens, às tropas do rei Ricardo para apoiá-lo no conflito com Felipe II, da França.

Recordei aquele dia em que entrara com David em minhas terras. Minha intuição me dizia que algo não ia bem e não me equivocara. Minha irmã já havia contraído matrimônio com o conde Oton, eu chegara tarde, e minha Beth continuava desaparecida. Essa esperança que albergava com a minha volta foi dissipada em questão de segundos.

No princípio desejei encontrá-la para lhe exigir explicações e lhe fazer saber todo o dano que me causara, mas, depois, somente desejei localizá-la para lhe dizer o muito que a amava e precisava dela. Desejava fazê-la ver que depois de sua partida, meu coração havia morrido, igual a meus sentimentos.

Nesse momento Grace estava outra vez em minha vida, ficou viúva e sua companhia me ajudou a superar meu desconsolo; além disso, sabia que necessitava uma mulher a meu lado e precisava de um herdeiro. A única coisa que eu

não gostava dela era de seu tio, o conde Oton. Também me preocupava com Eamon. Queria-o como a um filho e o adotara como meu desde que Elizabeth nos abandonara. Eamon tampouco fora o mesmo desde o desaparecimento dela: não parava de me explicar que ela não nos abandonara, mas que não conseguia retornar para junto de nós. Eu não acreditava nele.

Tapei o rosto com ambas as mãos. Fazia tempo que não retornava a esse lugar. Ele me recordava dela, e nesse dia, eu tinha a sensação de que minha dama estava junto de mim, sentia-a. Estava enlouquecendo! Prometera a mim mesmo, esquecer de Beth.

Estava comprometido com Grace e marcaria as bodas, justamente, para esse fim de semana. Minha irmã tivera sua segunda filha e o conde organizara uma grande festa, com um torneio, baile e muita bebida, algo que eu precisava. Grace estava convidada, assim como eu. David não quisera vir. Eu sabia que ele estava apaixonado por minha irmã e seu matrimônio o destroçara. Ele ficara com Eamon e meu pai, que desde a morte de minha mãe se encerrou em seu quarto e se negou a sair dele; somente Eamon conseguia tirá-lo, de vez em quando. Aquele menino possuía algo especial.

As lágrimas rolaram por minhas bochechas. Limpei com ambas as mãos. “Já não chorarei mais por você, Beth. Começo uma nova vida”, eu disse. Agarrei meu cavalo e cavalguei até o castelo. Tinha vontade de ver minha irmã. Intuí que ela não era feliz.

Entrei no pátio de armas. Um soldado do conde se aproximou de mim.

— O conde de Essex? — Ele me perguntou.

— Sim.

— Senhor, a senhora o espera em seus aposentos.

Sabia onde estavam. Minha irmã e seu marido dormiam em habitações separadas. Subi rapidamente as escadas, dei dois golpes à porta e a abri, sem esperar que ninguém me desse permissão.

Ali estava Mildred, com um bebê em seus braços e outro de quase dois anos no berço, dormindo.

— Não faça ruído, Kimball. Diana está dormindo e Leonor está quase adormecida.

Aproximei-me dela e lhe dei um beijo na bochecha. Depois o dei em minhas sobrinhas.

— Acreditei que não viria.

Sentei-me em uma cadeira que havia em frente a ela.

— Como pensou isso? Sabe que não suporto seu marido, mas te amo tanto, irmã, que jamais faltaria à festa em honra a Diana.

— Obrigada, Kimball. Eu também o amo muito.

— O que houve? Não é habitual em você me dizer palavras tão bonitas.

— Nada, não quero aborrecê-lo com minhas tristezas.

— Não me aborrece, e mais, quero saber.

— Temo que agora que já não estou grávida, o conde volte a vir a meu quarto. Está obcecado por ter um filho varão; deseja um herdeiro.

— É normal — eu lhe respondi.

— Sim, mas somente de pensar que terei que fazer... com ele... — Não era clara, porém eu sabia o que ela queria dizer.

— É seu marido, Mildred. Tem plenos direitos sobre você.

— Sim, mas me dá nojo. Tenho medo. Não sei porque quer um herdeiro se tem um monte de varões bastardos.

— Mas não são legítimos. Pense que quanto antes voltar a engravidar, antes ele voltará a deixá-la em paz.

— Sei.

— Bateu em você? Porque se for assim eu o matarei.

— Não, isso não, mas às vezes me dá medo. — Centrou seu olhar em mim. — E você que tal está, irmão? Sei que ronda uma dama.

— Sim, Grace.

— Ora, ora... Grace. E...enfim haverá bodas?

— Haverá. Pedirei sua mão.

— Quanto me alegro! — Esboçou um sorriso. — Mas não o vejo muito feliz.

— A felicidade não é o mais importante. Agora devo dar um herdeiro a meu sobrenome, e Grace é uma boa candidata para isso; além disso, eu gosto de sua aparência e me divirto com ela.

— Mas você não é daqueles que se casem porque gostam de uma mulher fisicamente. Continua pensando nela, não é verdade?

Baixei o rosto.

— Sim, antes carregava a esperança de que algum dia a encontraria, mas passaram dois anos e não há rastro dela. Abandonou-me, partiu sem me dizer nada, mentiu para mim.

— Você tampouco sabe o que aconteceu. E se a capturaram ou...

— Não, essa opção não está em questão.

— Kimball, não seja tão duro.

— Mildred, por favor. Não quero inventar mais hipóteses. Não quero falar mais dela. Preciso esquecê-la.

— Mas você não ama Grace!

— Isso não importa. Aprenderei a amá-la.

— Sinto muito, irmão, mas acredito que é muito difícil aprender a amar. Poderá ter carinho, mas uma parte do seu coração, ansiará esse amor não correspondido.

— Bem, irmãzinha, não haverá um torneio?

— Sim, está a ponto de começar.

— Vejo você logo. Amo você — Eu lhe disse me aproximando e lhe dando um beijo na bochecha.

Desci as escadas. Queria encontrar Grace. Ela estava sentada, esperando que o espetáculo iniciasse. As damas se sentavam em frente aos homens. Aproximei-me dela.

— Kimball! — ela disse ao ver-me.

— Está muito bonita, Grace!

— Surpreende-me, cavalheiro, não me disse algo assim, por muito tempo.

— Ha, ha, ha!

— Está contente! Aconteceu algo que eu deva saber?

— Sim, mas logo saberá, no baile. Vai ser a primeira a saber.

— Eu não gosto de esperar.

— Pois terá que esperar. — Segurei sua mão e a beijei.

Afastei-me e me coloquei atrás dela. Os cavaleiros que iam lutar já estavam se preparando. Minha irmã se sentou. Não vi o conde Oton junto a ela. Busquei-o com o olhar; não estava ali. Os tambores repicavam, iniciava-se o torneio; nesse momento o vi aparecer; estava nervoso. Observei a frieza com que tratava Mildred. Senti desejo de matá-lo. Jamais deveria ter casado com ele. Chamou-me a atenção um cavaleiro vestido de negro. Levava um emblema gravado em seu escudo, uma espécie de hélice dentro de um círculo. O conde o olhava atentamente.

Os combatentes começaram a lutar, o homem do traje negro estava vencendo.

O público o aclamava. Este, pouco a pouco, ia eliminando todos os oponentes. Foi o vencedor do jogo e o público se levantou de seus assentos para aplaudi-lo. Ele, montado em seu cavalo, virou-se mantendo sua lança levantada. Depois foi direto ao conde e a apontou para ele. Havia algo que não se encaixava, ninguém ousaria apontar com sua lança para o organizador do evento e, muito menos, para o conde. Este último estava assustado. Levantou-se de seu assento e afastou a lança, o homem vestido de escuro o olhou alguns segundos, depois lhe deu as costas e foi cavalgando, até sair do recinto do combate.

Decidi segui-lo. Precisava averiguar o que havia entre o marido de minha irmã e aquele cavaleiro. Fui direto às baías. Ali não havia rastro daquele homem. Decidi olhar pelos arredores. Foi então que os encontrei. Estavam discutindo, mas não consegui escutar o que diziam.

O cavaleiro desembainhou sua espada e colocou a ponta desta no pescoço do conde; depois a retirou. A face daquele homem era muito peculiar. Notei que havia uma cicatriz chamativa em seu queixo. O cavaleiro se afastou deixando o conde nervoso e preocupado.

Fui para meu quarto. Precisava descansar para o baile.

Haviam transcorrido várias horas. Desci à sala onde estava sendo celebrada a festa. Mildred estava muito bonita. Aproximei-me dela. Grace, assim que me viu entrar, aproximou-se de mim.

— Querida — disse Grace à minha irmã —, importa-se se eu levar este cavalheiro?

— É todo seu — respondeu Mildred.

Afastamo-nos.

— Deixou-me intrigada e abandonada; desde o torneio que não o vi.

— Eu precisava descansar.

Saímos para o jardim; a noite era morna.

— Agora ... Poderia me dizer o que é tão importante que tem para me dizer?

— Ha, ha, ha! Impaciente. — Grace me agarrou a mão e me convidou para que sentasse em um banco de pedra a seu lado.

— Não se demore — ela insistia. Sorri ante sua impaciência.

— Querida Grace, conhecemo-nos há muito tempo, eu gosto de você e você sabe.

— Kimball! O que quer me dizer?

— Preciso de uma esposa e quero que você seja a mulher com a qual compartilhar minha vida. Quando retornar a Essex, irei ver seu pai para lhe pedir sua mão.

Grace sorriu ante minha proposta, acariciou-me a bochecha e me beijou.

— Kimball! Pensei que jamais me pediria isso. Mas... você já não está casado?

— Na realidade não. Aquela mulher desapareceu, não há herdeiro, nem rastro dela.

Mandarei uma carta ao rei Ricardo para que me ajude na anulação do casamento e, assim, poderemos nos casar.

Olhou-me sorridente. Beije-a, embora em meu coração e minha mente só existisse Beth. Tinha a sensação de que a estava traindo, e ela me traindo.

XXXVII

Essa noite eu precisava trabalhar no hospital. Ann ficaria com a Emma.

Havíamos voltado de Glastonbury há algumas horas e eu acabava de mandar um whatsapp para minha amiga, para ver como estava minha pequenina.

Vesti o jaleco e as calças brancas.

— Elizabeth! Se atrasou — disse minha companheira e amiga Rose.

— Sim, estive no festival de Glastonbury. Ficamos até tarde.

— Ficamos? Foi acompanhada? — Ela me disse, me olhando maliciosa.

— Não fui com nenhum homem, se for o que insinua.

— Pois já é hora que comece a procurar um par. Você é muito jovem e bonita. É uma pena que desperdice sua vida, pensando em um idiota que a abandonou justamente quando estava grávida.

— Ele não sabia que eu estava; além disso, não me abandonou. Fui eu que sai de seu lado.

— Bom, bom..., vamos começar. — Pegou o soro para o quarto 212. — Tome, eu já não consigo com a anciã, por favor vá você e lhe ponha o soro.

A doente, do quarto 212, era uma anciã de 84 anos. Costumava ser muito mal humorada, com todas as minhas companheiras, exceto comigo.

Bati na porta e entrei. Ela estava acordada.

— Boa noite, Adelyn. — Ela me olhou. — preciso trocar seu frasco de soro. Faço-o rápido e a deixo descansar.

— Precisa ir buscá-lo, ela disse. Aquela frase me surpreendeu. — Ele está há muito tempo chorando sua ausência.

— A quem se refere, Adelyn?

— Você sabe a quem. Querida, tenho um dom há muito tempo, um dom que me martirizou e com o qual sofri muitas humilhações. Vejo a vida das pessoas, não me diga como, mas sei muitas coisas das pessoas que me rodeiam.

Sentei-me na cama, acabada, sem saber o que dizer, nem o que fazer.

— Mas...

— Nada de mas, você resiste a voltar. Precisa tomar uma decisão, querida, ou uma vida com ele, ou sem ele.

Minhas companheiras haviam me falado dela, cochichavam que às vezes ela surtava, mas eu não acreditava que fosse assim; de fato, agradava-me conversar com ela. Ela continuou falando.

— Logo será o solstício do verão, 21 de junho. Dizem que neste dia ocorrem coisas mágicas. Você não sabe que os antigos gregos definiam este acontecimento como uma porta de entrada para outra dimensão? A porta dos homens: assim a chamavam. O sol representa o princípio de uma vida.

Durante esse momento no qual o grande astro resiste a se ocultar, abre-se uma porta invisível, através da qual somente os escolhidos, se desejarem, poderão atravessar, para começar uma nova vida longe da sua e de sua época. Nesse dia deve estar em Stonehenge. É nesse lugar se abrirá a porta do tempo, a entrada invisível para outra dimensão. — Ela me olhou. Eu estava assombrada com o que eu escutava. — Sua mãe, Ceridwen, assim se chamava, não é verdade?

— Como sabe disso? — Não acreditava no que a anciã estava me contando.

— Já lhe disse que nasci com um dom. Vejo almas que perambulam entre os vivos, almas de outras épocas, que ficaram com algo para resolver de sua vida anterior e, até que o que as preocupa não resolva, elas não podem descansar em paz. — Observava-me. — Sua mãe, antes de morrer, conseguiu que sua alma transpassasse essa dimensão, essa porta. Seu espírito vagou pela linha do tempo até que encontrou a época e o lugar adequados para que desenvolvesse sua vida, até o momento que alcançasse a idade certa de retornar ao lugar e época à qual pertence. Deve averiguar o que ocorreu com sua mãe e com sua avó. Até que não desvende, suas almas não poderão encontrar a paz. Além disso, querida, seu destino está junto dele. Ele é seu.

Suas palavras me emocionaram. Saltavam-me as lágrimas.

— E o que eu preciso fazer, Adelyn?

— Desejar, somente desejar.

— Como? — Eu perguntei.

— Ama-o?

— Sim.

— Pense nele com todas as suas forças.

— Somente isso bastará?

— Sim, querida, somente isso. — Sempre me tomaram por louca, mas você sabe que não estou, porque você viveu algo inexplicável para a mente humana. — Esticou suas mãos. Aproximei a minha, e ela a apertou. — Você é quem decide que caminho tomar em sua vida: estar com ele e resolver o que aconteceu com sua mãe e com sua avó, ou ficar em Londres, mas a decisão que tiver será a definitiva. A vida não vai dar mais oportunidades.

— Farei. Obrigada, Adelyn — dei-lhe um beijo na bochecha.

— Não me agradeça. É meu dever lhe dizer isso. Você estava perdida.

Nesse momento entrou outra enfermeira. Ela levantou a mão e eu me despedi.

— Boa viagem, Elizabeth! — Gritou a anciã.

Aquelas palavras me deram um fôlego de esperança. Precisava estar com meu cavaleiro saxão, queria-o em minha vida; além disso, havia deixado muitas coisas pendentes.

Já estava amanhecendo quando retornei a casa. Ann estava dormindo no quarto de Emma. Entrei para ver minha menina, dormia em seu bercinho. Dei-lhe um beijo na bochecha e fechei a porta. Coloquei o pijama, e tirei o papel de Ceridwen.

Allan me esperava no poço. Hoje ele não estava tão triste, mas eu o sentia temeroso, inquieto.

— Olá, Allan!

— Olá.

— Está melhor hoje?

— Você e sua mãe estão em perigo.

— Por quê?

— Ele acredita que são más e trouxeram a desgraça à nossa terra.

— Quem é ele, Allan?

— O cavaleiro escuro.

— Não compreendo, Allan.

— Ele é o mal, volta-se invisível e assassina.

— E por que o faz?

— Não posso dizer. Ele me mataria.

Começou a ficar nervoso. Levantou-se, baixou o rosto e não me olhava nos olhos.

— Parta, senhorita! Corre perigo.

Eu o vi se afastar, temeroso, olhando por todos os lados. Não entendia o que ele quisera me dizer. Assustei-me. Retornei ao castelo. Estive encerrada todo o dia até que chegou a noite. Apenas conseguia distinguir a lua por causa da quantidade de nuvens que havia. Escutei que alguém descia as escadas. Abri a porta com sigilo. Era minha mãe. Para onde iria?

Coloquei a capa, decidi segui-la. Ela entrou no bosque, ia em direção ao poço e à capela...”

Haviam arrancado a folha que continuava. Recordei que quando retornei para pegar os papéis havia um a menos de

quando eu contara no princípio. Depois saltava diretamente à última folha:

“Meu pai está muito triste. As roupas de minha mãe apareceram cheias de sangue. Seu corpo não foi encontrado, somente seu dedo com o anel de meu pai. Dizem que foi comida por um animal selvagem, mas eu sei que não foi assim. Estou muito assustada. Esta mesma noite devo partir, disse isso para meu pai e ele me apoiou. Quero-o muito, mas sei que é o melhor para ele, e para mim. Aqui corro perigo. Allan, enquanto estávamos na capela escutando a missa que o sacerdote rezava, pela morte de minha mãe não parava de me olhar e me esperou na saída da capela. Aproximei-me dele.

— Eu lhe disse! — Ele sussurrou-me. — Você é a seguinte. Precisa fugir.

— Ele saiu correndo”.

Dobrei os papéis e os guardei em minha mesinha. Allan! Eu também o recordava assustadíssimo. Foi ele quem me salvou quando aquele homem oculto em sua capa negra e com uma cicatriz em seu queixo tentava me matar. Seria o mesmo homem?

Quem pegara a folha que faltava? Eu havia escutado um ruído; e mais, tentaram abrir o trinco da porta.

Sentia falta de Eamon. Ele me dissera que era o guardião e eu a escolhida para encontrar o Santo Graal. Tapei meu rosto com minhas mãos. Todo aquilo me sufocava. Recordei a imagem das seis pontas da cruz de David

desenhados sobre a pedra da capela destruída. Estava ficando louca!

Havia transcorrido uma semana; era sábado, 21 de junho, e eu trocara o turno com minha companheira. Ann sabia tudo o que aquela mulher havia me falado.

Hans veio para nos buscar; nos levaria até Stonehenge. Ali se celebrava o solstício de verão, que era um espetáculo. Hans estava emocionado para assistir. Demoraríamos para chegar, cerca de duas horas. Eu levava mantas para Emma e para mim; já que no momento em que o sol comesse a se ocultar seguramente faria frio. Usava meu vestido comprido, de cor azul, com mangas largas até o cotovelo. Ann estava muito séria. Encontramos engarrafamento, porém, transcorridas as duas horas chegamos àquela esplanada. Estacionamos, com dificuldade, na zona habilitada para isso. Escutava-se a música.

Em frente a nós estava aquele monumento pré-histórico de enormes pedras, dispostas em círculos concêntricos que, depois de milhares de anos, mantinham-se em pé. Sentamo-nos na pradaria, colocamos uma manta e tiramos nossa comida. Emma se divertia brincando de correr em nossa volta. Eu havia metido os papéis de Ceridwen no bolso de meu vestido. Queria dar a Ann os que lhe faltavam para, ler em algum momento do dia quando Hans se afastasse de nós.

Recordava as palavras de Adelyn e, embora não duvidasse de seu testemunho, resistia em acreditar que pudesse viajar à época dele outra vez. Tentei me esquecer de suas palavras. Queria me divertir e desfrutar daquele

acontecimento, decidira que aquele dia seria decisivo para mim: começaria de novo e tentaria refazer minha vida. Não podia desperdiçar minha juventude com algo impossível e inexplicável.

Comemos, bebemos e rimos. Emma dançava ao som das gaitas de fole. Assim transcorreu o dia. Começava a se aproximar o momento no qual o sol se ocultaria. Segurei Emma e a sentei em meu colo; tapei-a com a manta, começava a refrescar. O grande astro começava a se ocultar e seus raios iluminaram as enormes rochas formando um espetáculo solar. Todos os raios foram enfocados em um único ponto no solo, onde se contemplava o sol e o grande reflexo dele, ao se esconder, seu resplendor formava um arco que envolvia aquele círculo mágico.

Nesse momento eu senti sua presença. Olhei a meu redor, nervosa. Era uma sensação muito forte e inexplicável, a mesma que eu tive em Glastonbury. Meu coração pulsava com força. Comecei a ficar enjoada, abracei Emma e fechei os olhos. Perdi a consciência.

XXXVIII

Rodearam Grace e a mim; e com uma fita foram nos enlaçando. Apesar de que naquela noite era o solstício do verão, nosso anunciado enlace para dentro de poucos dias, provocara o entusiasmo dos ali presentes. Aquela noite seria de festejos. Havia várias fogueiras com carne de porco assando para o grande banquete. David, Eamon e Bejira observavam, com curiosidade, a celebração que era feita naquele lugar mágico, rodeado daquelas pedras de enormes dimensões, colocadas formando um círculo perfeito. Os únicos que faltavam eram minha irmã e meu pai. Ele não queria sair de seu quarto, como vinha sendo habitual desde a morte de minha mãe.

Afastei-me dali, e David se aproximou de mim.

— Tem certeza do que vai fazer? — Ele me perguntou.

— Claro que sim! Por que me pergunta isso?

— Você ama outra mulher.

— Essa mulher partiu. Abandonou-me. Já desperdicei dois anos de minha vida procurando-a. Tampouco quero escutar seu nome, nem pensar mais dela.

Ele me olhou e colocou uma mão em meu ombro.

— Muito bem, mas depois não venha se lamentar quando sentir que cometeu um grande engano.

— Fique tranquilo, que não o farei. O que acontece, amigo? Hoje está muito sério — eu lhe perguntei.

— Penso em sua irmã. Esse homem com o qual está casada é um assassino.

— Sei, eu também estou preocupado.

Eamon se aproximou de onde estávamos. Comunicava-se comigo movendo suas mãos.

— Sim, Eamon, agora o sol se esconderá, mas o mais impressionante será seu resplendor atrás dos escarpados.

— Elizabeth me prometeu que estaria comigo.

— Ela fez muitas promessas que não cumpriu.

Nossos olhares permaneceram fixos naquele espetáculo de cor. O sol iluminava todo o horizonte. Pouco a pouco foi desaparecendo e escondendo-se nas águas do oceano, as quais eram tingidas por um tom avermelhado.

As risadas de uma menina chamaram minha atenção. Virei meu rosto para encontrar a pequena. Teria dois anos, de cabelo loiro, encaracolado. Ria sem parar. Então, uma mulher a pegou nos braços. Meu coração começou a pulsar apressadamente. Era ela!, minha Beth. A jovem no princípio não me viu, mas depois, suas pupilas se fixaram nas minhas e sorriu. Eu não conseguia me mover, nem responder a sua expressão de alegria. Nesse momento uma inusitada alegria e um rancor se debatiam em todo meu ser. Não vi Grace se aproximar, nem colocar sua mão sobre meu ombro. Virei-me para olhá-la. Ela se elevou ficando nas pontas dos pés e me deu um beijo. Sentia o olhar fixo de Elizabeth observando como Grace me beijava.

— Dança comigo? — Ela perguntou.

— Vá você, depois eu a sigo.

Sorriu e quando ela se afastou voltei a dirigir meu olhar para onde eu vira Beth. Minha adorada e amada Beth. Busquei-a e, então, a vi. Estava longe de mim, junto a Bejira e Eamon, que estava agarrado em sua mão, feliz por estar junto a ela. Que ela fazia aqui? Eu não entendia nada. Tanto tempo procurando-a, para que ela aparecesse nesse momento em que começava a refazer minha vida. No fundo estava feliz, embora tivesse muitas perguntas para ela. Estava aborrecido e com meu orgulho ferido. Gostaria de ir atrás dela, envolvê-la com meus braços e beijá-la. Dois anos procurando aquela mulher, com noites de insônia pensando nela. David estava com a mesma cara de assombro que eu.

— Kimball! Aquela mulher é...

— Sim, Beth.

— Mas... De onde saiu?

— Não faço nem ideia.

— E a menina?

— Não sei.

— Ha, ha, ha!

— Do que está rindo? — Eu perguntei.

— De nada, amigo. Isto promete ser divertido. — Dizendo isto, afastou-se para beber e dançar com moças bonitas.

Grace veio para onde eu estava. Anoitecia. Eu precisava ir a casa de Bejira nesse mesmo instante, não podia esperar mais, precisava estar junto dela.

Grace não me deixa sozinho, nem um momento.

— Meu querido Kimball, noto você muito longe de mim esta noite. Não está prestando atenção em mim. — Ela disse enquanto enredava meu cabelo entre seus dedos.

— Tenho um assunto pendente que, até que não seja solucionado, não poderei ficar tranquilo. — Segurei sua mão e a beijei. — Preciso me ausentar. Direi ao David que a leve ao castelo.

— Mas... aonde vai?

— Ver Bejira. Em seguida retorno ao castelo.

— Bejira, aquela judia!

— Aquela judia, como você diz, é como se fosse minha segunda mãe, e a amo como tal.

— Perdoe-me, não quis ofendê-lo.

— Querida, se você for minha esposa terá que respeitá-la.

— Respeitarei. Não demore muito! Estarei esperando você acordada. — Me piscou um olho.

Procurei meu amigo. Ele me olhou, e levantei a mão para que ele se aproximasse.

David deixou a jovem com a qual conversava e se aproximou.

— Amigo, pode levar Grace para o castelo?

— É claro, agora mesmo.

— Obrigada, David.

— De nada. — Piscou-me um olho.

Vi-os se afastarem. Peguei meu cavalo. Estava desejando vê-la; devia uma explicação para mim.

A porta da casa de Bejira estava aberta, amarrei o animal ao tronco de uma árvore. Lá dentro estava Bejira e ao lado, em um pequeno quarto contíguo, estavam Eamon e a pequena, dormindo juntos. Olhei a menina, teria uns dois anos. Era muito bonita. Bejira me observava. Ela levou seu dedo indicador a seus lábios para que eu não falasse. Convidou-me para que me sentasse, mas não o fiz.

— Onde ela está? — Perguntei-lhe sério e impaciente.

— Lá fora, precisava respirar.

Dei a volta para sair e procurá-la.

— Kimball! — disse Bejira. — Não a julgue, escute-a com o coração e não com a cabeça.

Não lhe respondi. Saí para procurá-la. Em seguida a vi: estava sentada sobre uma pedra, contemplando o céu. Usava uma roupa estranha, igual à da menina. De onde as teria tirado? Contemplei-a. Não podia acreditar que ela estava ali. Que linda ela era! Quantas noites quis recordar seu perfil, seus olhos... Amava-a, apesar de acreditar que começava a superar, não era verdade, amava-a. Coloquei-me trás ela. Ela escutou o ruído de alguns passos e se virou.

— Kimball! — Ela disse, enquanto ficava de pé, em frente a mim.

— Abandonou-me!

— Não, eu não quis...

— Fez! Estive procurando-a durante estes dois anos, desesperado, albergando a esperança de encontrá-la, e você não deixou nem rastro. Prometeu que me esperaria. — Descarreguei toda minha raiva contida nela.

— Não, não foi assim. — Ela se aproximou-se de mim, agarrou-me pelo braço e eu a afastei. Estava ferido e sabia que qualquer contato com ela me faria vulnerável.

Diante da minha reação ela se afastou, seus olhos brilhavam. Por um momento tive a sensação de que choraria.

— Deve acreditar em mim, quando lhe digo que eu não queria desaparecer.

— Então, o que aconteceu? Me dê uma explicação que me responda a todas as perguntas que eu fiz durante estes dois anos.

Ela baixou seu rosto.

— Não posso. Você não acreditaria.

— E essa menina? — Eu perguntei.

Levantou seu rosto, olhou-me.

— É sua filha, Kimball.

Aquilo me deixou sem palavras. Minha filha! Eu tinha uma filha! Um sentimento de alegria invadiu todo meu ser, mas não o exteriorizei.

— Minha filha?

— Sim.

— Como pode desaparecer durante dois anos, sabendo que essa menina era minha filha? Afastou-me dela, de vê-la crescer durante todo este tempo.

— Não foi minha intenção.

— Como ela se chama?

— Emma.

— Emma! Como minha mãe.

— Sim, pensei que você gostaria que ela tivesse o nome dela.

Ela se aproximou e colocou sua mão sobre meu braço.

— Vou me casar, Beth. A mulher com quem me viu antes, vai ser minha futura esposa.

— Mas... É meu marido!

— Nosso matrimônio em breve vai estar anulado. Você é livre, e eu também, para fazermos o que quisermos com nossas vidas.

Suas pupilas, brilhantes, estavam fixas sobre as minhas.

— Já não me ama?

— Não, deixei de amá-la faz muito tempo — eu menti.

Arrependi-me ao pronunciar aquelas palavras, mas meu orgulho ferido impedia que eu agisse de outra maneira. Morria por abraçá-la e beijá-la. Amava-a, claro que a amava!, e sabia que jamais poderia sentir por outra mulher o que sentia por ela.

Deu-me as costas.

— Quando se casa?

— Dentro de três semanas.

— Desejo que seja muito feliz. Boa noite.

Começou a caminhar em direção à casa de Bejira. Agarrei-a pelo braço e a forcei a parar.

— Quero ver minha filha amanhã.

— Muito bem, Bejira e Eamon a levarão amanhã ao castelo. Agora, por favor, deixe-me ir. Estou cansada.

Soltei-a e vi como se afastava.

Quando retornei ao castelo eu sabia que Grace estava me esperando em seu quarto.

Não fui ao seu encontro; desejava ficar sozinho, pensar. Subi à torre. David estava lá.

— Também não conseguiu dormir? — Perguntei-lhe.

— Não, e pelo que vejo não sou o único. Ha, ha, ha! Sentei a seu lado.

— O que aconteceu? — perguntou-me David.

— A menina é minha filha.

— Sua filha? — Eu assenti. — Ora que surpresa! As coisas se complicaram, amigo. Ha, ha, ha!

— Não vejo a graça, David.

— E ela... Onde esteve todo este tempo?

— Não me disse. Somente se limitou a repetir que não queria me abandonar, que não era sua intenção, mas não me deu mais explicações.

— Ele me olhou. Guardou silêncio. — Comentei que me vou casar com Grace, e... que não a amo.

— Kimball! É um orgulhoso, teimoso! Como lhe disse isso! Nem sequer a escutou.

— Ela desapareceu. Esteve dois anos longe de mim, sem saber nada dela, mesmo ela sabendo que aquela menina é minha filha. Isso não perdoarei.

— Não entendo você ! Ama aquela mulher. Esqueça-se de tudo, vá até ela e deixe para trás seu maldito orgulho. Esteve dois anos chorando por ela, desejando encontrá-la e, agora que a tem perto de você, que retornou, afasta-a de sua

vida e lhe diz uma mentira da qual se vai lamentar: Que não a ama!

Não lhe respondi. Sabia que ele tinha razão, morria por ela.

Não consegui conciliar o sono. Assim que começou a amanhecer me vesti e decidi descer e tomar o café da manhã. Não queria me encontrar com ninguém e muito menos com Grace.

Entrei no refeitório. Lá estava meu pai, surpreendi-me ao vê-lo.

— Pai! Como se encontra?

— Kimball! — Sentei-me em frente a ele. — Você sabe que desde que morreu sua mãe não tenho muita vontade de continuar lutando.

— Mas precisa continuar. Preciso de você para administrar as terras e a aos camponeses que trabalham nelas.

— Filho, já não precisa de mim. Na realidade, ninguém precisa.

— Não diga isso, pai.

Olhou-me, seus olhos estavam apagados, sem luz.

— Sua mãe jamais me perdoou que compromettesse a sua irmã com o conde. Ela morreu com essa angústia.

— Eu tampouco o entenderei, pai. Por que com ele? Esse homem é cruel.

— Não podia me negar.

— Mas... por quê? O que temia?

— Muito, filho, muito. Ele conhece um grande segredo.

— Que segredo, pai! Mildred me disse algo sobre uma carta.

Baixou o rosto. Abriram a porta, era a donzela.

— Senhor, vieram procurá-lo.

Levantei-me e saí ao exterior. Ali estavam Bejira e Eamon, que segurava Emma pela mão. Eamon veio correndo para onde eu estava, ajoelhei-me e o abracei.

— Ela veio! Elizabeth está conosco — ele me disse entusiasmado enquanto movia as mãos para se comunicar comigo.

— Sei, eu fui vê-la — eu lhe respondi da mesma maneira.

— Ela me disse que não veio conosco porque você não quer vê-la.

— Depois falamos, Eamon.

Bejira me olhava séria, igual a pequena que segurava com força seu dedo indicador.

— Então você é Emma.

Surpreendeu-me comprovar como era parecida comigo, a cor de meus olhos, o mesmo cabelo, embora a boca era como a de Beth. Aproximei-me dela e a menina se escondeu atrás da saia de Bejira. Esta se abaixou.

— Emma, ele é seu papai.

— Papai! — repetiu a menina.

— Sim, seu papai.

Nesse momento mostrou sua carinha entre a saia de Bejira e me sorriu. Coloquei-me em frente a ela, de cócoras.

— Papai! — ela voltou a repetir.

Sabia que aquela menina me cativaria muito em breve. Já a sentia minha e só a vendo me olhar assim, eu já sabia que a amava.

— Sim, papai — eu lhe disse.

Ela afastou-se de Bejira e veio andando para mim, abraçou-me as pernas. Eu não esperava isso. Envolvi seu pequeno corpinho com meus braços, endireitei-me com a pequena nos braços e dei um beijo em sua cabecinha. Eamon, ao ver aquela imagem, fez um gesto satisfeito. O menino foi procurar David; apreciava-o muito.

— Onde está ela?

— Ficou na cabana. Não quer vê-lo. O que disse para ela? Retornou chorando e não quis me contar nada.

— Que não a amava, foi isso o que eu disse.

— Mas isso é mentira, Kimball!

— Abandonou-me; senti-me doído. Depois de dois anos sem saber nada dela, ela não pode aparecer e pretender que tudo fosse como antes.

— Kimball! Ela não se foi porque quis — ela titubeou. — Ela havia esquecido tudo. Passou o tempo necessário para que ela se recordasse do lugar ao qual pertence e qual é seu destino. Não lhe deu tempo para que se explicasse; julgou-a, você já tinha uma sentença somente ao vê-la.

— Ela me machucou muito. Perdi toda minha confiança nela; além disso, vou me casar com Grace.

— Kimball, aos outros você pode enganar, mas a mim não, eu sei que quem você ama é Elizabeth, estão destinados um para o outro; ela também o ama. Se casar com Grace,

saiba que cometerá um grande engano. Filho, não se deixe levar pelo orgulho ferido. Escute-a, se dê uma oportunidade para ser feliz. Não feche essa porta.

Nesse momento Emma deu um grito de alegria e me rodeou o pescoço com seus bracinhos.

— Papai — ela voltou a dizer.

— Parece com você — disse Bejira.

— É muito mais bonita porque também parece com sua mãe, que é linda.

Ouvindo meu comentário Bejira sorriu.

— Kimball, depois levará menina até a cabana?

— Sim, eu a levarei ao entardecer.

XXXIX

Entardecia. Eu havia decidido ir até os escarpados. Bejira retornou logo do castelo, sorriu e relatou como Emma reagira ao descobrir quem era seu pai. Ela conquistava o carinho de qualquer um. Sentei-me na grama verde olhando o horizonte. Eu estava triste. As palavras de Kimball me martirizavam. Ele dissera que não me amava. Acreditei morrer quando o escutei.

Recordava o beijo que aquela mulher lhe dera e senti desejo de gritar quando o vi abraçá-la: aquela imagem ficava presente. Por quê? Não o entendia. Sentia-me traída. Eu o amei durante aqueles dois anos. Era Emma a única coisa que me levantava a cada dia, mas ele estivera todos os dias em meu coração, em minhas lembranças, e até em meus sonhos. Enxuguei os olhos; as lágrimas rolavam por minhas bochechas. Não sabia como conseguiria superar aquilo. Levei a mão ao bolso e toquei os papéis de minha mãe. Sim, faria isso. Retornaria às terras de meu avô, descobriria o que havia acontecido; além disso, minha mãe, em sua carta, me dizia que lá eu estaria a salvo, embora as últimas lembranças não fossem muito boas.

Preocupava-me com minha menina, sabia que a viagem seria longa, dura e perigoso para ela, precisava deixá-la com Bejira. Tampouco seria por muito tempo, e ali ela ficaria

muito bem; além disso, o castelo de Kimball estava próximo à cabana. Ele não permitiria que acontecesse nada a sua filha. Falaria com Bejira.

Observei o horizonte. O reflexo dos últimos raios do sol iluminavam as escuras águas do mar do Norte. Escutei algumas pisadas atrás de mim, e levantei-me assustada. Virei-me, era Kimball, somente de vê-lo meu coração começou a pulsar com grande velocidade. Não queria que ele me visse tão abatida. Que bonito ele estava! Olhava-me com intensidade, e aproximou-se. Estava sério, mas eu não estava disposta a que ele visse uma ponta de tristeza em mim.

— A menina está com Bejira.

— Obrigada, amanhã, se quiser, pode voltar a vê-la.

— Quem é Hans?

— Hans?

— Sim, a menina não parou que falar nele.

— Não acredito que eu precise lhe dar explicações.

— Pois eu acredito que sim. Precisa me explicar muitas coisas, não acredita? — Agarrou-me o braço.

— Não, é claro que não. Você já não é meu marido, assim não tenho que te dar nenhum tipo de explicação. — Ele me olhava surpreso. Não acreditado na forma como eu lhe respondia. Eu entendia que não era habitual que uma mulher enfrentasse um homem, naquela época, mas eu era diferente. — Por favor, me solte. Está me machucando.

Ele retirou sua mão. Levantei-me. Queria retornar à cabana.

— Beth! — Não parei. — Beth! — Eu continuava não lhe dando atenção. Se colocou em minha frente, impediu-me o passo. — Você partiu; fui buscá-la e não a vi, senti uma angústia tremenda pensando em que havia acontecido algo, que você poderia ter morrido. Aquele bispo fez muitas perguntas. Não acreditou que você não estivesse nas terras de seu avô. Eu sabia que ele não pararia de procurá-la até encontrá-la. Fui correndo a seu encontro para partir dali. Estive por semanas, percorrendo os arredores, mas não havia rastro de você. Parti para resgatar o rei Ricardo acreditando, iludido, que a luta faria com que esquecesse de você, mas não foi assim. Não houve noite, nem dia, que eu não chorasse sua ausência. Retornei e continuei procurando você, mas fracassei. E justamente neste momento se apresenta sem mais nem menos, com uma menina que resulta ser minha filha e diz que não vai me explicar nada.

— Você não quis me escutar. Mas, já não acredito que minhas explicações tenham importância. Você vai se casar e começará uma nova vida.

— Pois sim que tem importância, para mim tem.

— Para você sim... mas somente pelo fato de seu orgulho. O que não suporta é não saber porque eu o abandonei.

Ele se aproximou de mim, agarrou-me pelos ombros e me aproximou de seu peito, seus olhos se fixaram em minhas pupilas e depois em meus lábios, desejei que me beijasse.

Quanto ansiava que o fizesse! Mas ele voltou a me olhar nos olhos.

— Preciso de respostas para tantas perguntas que tenho feito durante todo este tempo.

— Não sabia onde eu estava. Perdi a consciência de tudo. Afastei-me e fui parar em outro lugar ao qual não quero retornar. Assim estive dois anos, até que me lembrei e soube o que queria em minha vida. — Decidi dizer aquilo. Ele jamais entenderia a verdade.

— Em que lugar esteve?

— Não me lembro, Kimball. Tenho algumas lacunas desde que levei um golpe na cabeça, recorda-se? Mas já estou bem, já sei o que quero.

— O que quer, Beth?

— Quando retornei a este lugar queria você. Agora, já não sei o que quero.

— Venha amanhã ao castelo. Eu gostaria que trouxesse a menina e que viesse você e Bejira. Minha irmã veio para ver-me e vou dar um baile, quero que você esteja na festa.

— Não, Kimball. Eu já não faço parte daquilo.

— Eu gostaria que viesse. Eu disse a Bejira. Sou capaz de vir buscá-la e levá-la à força.

— Não. Além disso, não tenho nada para vestir.

— Minha irmã te deixará um vestido. A festa começa ao entardecer. Dois de meus homens virão buscá-la.

— Mas...

— Elizabeth! Vá.

Vi-o se afastar e me aproximei da cabana de Bejira. Estava na fogueira com Emma que ao me ver, levantou-se e veio correndo me abraçar. Agarrei-a nos braços e a beijei.

Quando deitei a menina aproximei-me de Bejira. Olhei-a. Ela me observava.

— O que houve? — Ela me perguntou.

— Você sabe quem sou?

Olhou-me.

— Sim, sei quem você é. Sei de onde vem e sei quem era sua mãe. Eu a vi morrer.

Fui testemunha de como transpassou o portal do tempo. Todos estes anos estive em seus sonhos.

— Era você a mulher que aparecia neles todas as noites?

— Ela assentiu.

Comecei a chorar ao escutar suas palavras. A tristeza pelo afastamento de Kimball e perder a ilusão que me trouxera até ali, fizeram com que as lágrimas rolassem por meu rosto. Ela me abraçou.

— Eu não pertencço a este mundo.

— Sei, sei... Tenho meus contatos com o futuro. — Ela sorriu — vejo o passado das pessoas, assim, como também sou testemunha da presença das almas... nasci com esse dom. Estou nos sonhos das pessoas. Estive nos seus, agora já sabe. — Ela me olhava. — Sua mãe me disse que a vida de sua filha corria perigo. Antes que ela morresse, me fez prometer que procuraria você. Ela sabia que você era a escolhida, a portadora do colar com a cruz de Cristo e a marca da estrela de David. Os que a assassinaram também sabiam deste grande segredo.

— Não sei quem sou, nem porque eu sou a escolhida, nem como descobrir o segredo melhor guardado de todos os tempos.

— Saberá a seu devido momento.

Olhei-a, eu duvidava.

— Só sei que retornei para cá, pelo homem que amo e agora ... preciso dizer a verdade, quem sou.

— Elizabeth, não pode dizer para Kimball. Ele não o entenderia e chegaria a pensar que está louca. Você já escolheu e não voltará a transpassar a porta invisível.

— Bejira! Ele não me quer. Vai se casar com outra mulher.

Ela riu.

— Ele a ama, mas é muito orgulhoso e teimoso como uma mula. Jamais se casará com aquela mulher.

— Vi-os. Vi ele beijando-a.

— É um homem, filha; um homem, que nesse momento passou dois anos procurando a mulher que amava e, depois de tanto sofrimento ao não encontrá-la, fixou-se em outra. Mas isso não quer dizer nada. Kimball tem suas necessidades como qualquer homem. Guardou fidelidade durante dois anos.

— Pois se me amava não deveria estar com outra e menos ainda, comprometer-se com ela. Eu não o fiz.

— São os dois iguais, uns orgulhosos. — Olhava-me com interesse. — Há algo mais que a preocupa, não é verdade?

— Vou lhe pedir um favor. Preciso fazer uma viagem até as terras de meu avô, já que preciso descobrir o que

aconteceu com minha mãe e a minha avó, algo do qual depende, em parte, minha paz interior. Poderia ficar com a Emma e cuidar dela até minha volta? Não quero colocá-la em perigo.

— É claro, mas... porque não pede a ele? Kimball é seu pai.

— Eu sei que ele cuidará dela, mas se eu pedir ele não permitirá que eu vá, e preciso ir. Um dos motivos pelo qual retornei é porque preciso dar respostas para muitas perguntas.

— Farei. Fique tranquila. Mas quando Kimball me perguntar por você, e ele o fará, direi a verdade. — Eu assenti.

— Até então eu já estarei longe daqui.

Eu decidira: não iria ao baile.

— Não irá à festa?

— Não, quero partir muito cedo.

— Sem cavalo, endoidou... Não, Elizabeth, cairia nas mãos de bandidos e sabe-se lá o que fariam com você. Acredito que sei o que vamos fazer.

— O quê?

— Esta noite, e de fato estará quase chegando, virá uma monja a quem tenho feito muitos favores. Ela precisou ir à França, mas retornou e agora viaja, junto com outras irmãs de sua mesma ordem, até Whitby, onde pegarão um navio que as levará às Terras Altas. Você irá com elas. Acredito que são três monjas, certamente tem um traje para você. É mais seguro viajar com algumas religiosas.

— Muito obrigada, Bejira! — abracei-a.

— Pare menina, faço com muito prazer. Além disso, é algo que prometi a sua mãe: velar por você.

XL

Emma veio correndo assim que me viu. Grace nos observava. Eu precisava falar com ela. Até esse momento não dissera nada a ela, mas sabia que precisa lhe explicar o que acontecia. Rodeou-me as pernas com seus bracinhos.

— Papai! — Segurei-a nos braços e beijei sua bochecha rosada. Essa menina me roubara o coração desde o primeiro momento.

— Papai? — Perguntou Grace me olhando muito séria.

— Sim, é minha filha.

— Sua filha? Kimball! Não me disse que tinha uma menina tão crescidinha. É filha daquela mulher que se afastou de você?

— Sim.

— Ora!

— Grace! Mais tarde falarei com você sobre este assunto.

— Dei por resolvida aquela conversação.

Grace partiu mal-humorada. Compreendia que o fizesse. Observei como se afastava. Emma colocou suas duas mãozinhas em ambos os lados de minha face me obrigando a fixar o olhar nela. Sorri. Fixei-me em Bejira. Beth não viera com elas.

— Se procura Elizabeth não vai encontrá-la. Ela partiu.

— Partiu? Quando? — Perguntei magoado. Aquilo me caiu como um jarro de água fria.

— Ela precisava resolver um assunto que tem pendente. Deixou a menina aos meus cuidados.

— Que assunto? — Nesse momento Eamon se aproximou, e captou minha atenção.

— Onde está Beth? — Ele me perguntou.

— Não veio. Ela voltou a partir. — Eamon mudou sua expressão, entristeceu. — Eamon, brinque um momento com Emma. Preciso falar com Bejira. — O menino assentiu e pegou a mãozinha da menina.

Esperei que se afastassem. Depois virei meu rosto para Bejira. Eu estava muito zangado.

— Posso saber que assunto pendente ela tem? Por favor, Bejira, me diga onde ela foi.

— Viaja com algumas monjas até a abadia de Whitby. Lá pegará um navio que a levará até as Terras Altas, ao lar de sua mãe.

— Teimosa! Não entendo porque não me disse isto! Eu a teria acompanhado. Não pode ir sozinha. Se a reconhecerem, a matarão.

— Você está comprometido. Disse que não a ama, como pretende que ela queira que você a acompanhe? Kimball, desde que ela chegou você a afastou e que se diga, não foi muito compreensivo.

— Mesmo assim, deveria ter me dito. Vou procurá-la. Quando ela partiu?

— Esta madrugada.

Eu estava muito zangado. Se lhe acontecesse algo... não queria nem pensar. Precisava partir o quanto antes.

— Querido, não mostre seu aborrecimento para a mulher com a qual está comprometido. Senão, vai suspeitar que sente algo forte por Elizabeth. — Bejira riu e se afastou para onde estavam os meninos.

Precisava partir naquela noite, eu precisava ganhar tempo. Minha irmã acabava de chegar. Eu explicaria.

Mildred estava com Diana na biblioteca. Fechei a porta. Sorriu ao me ver entrar e observou meu semblante sério.

— Sente-se em frente a mim — ela me disse.

Obedeci. Meu olhar era triste, estava magoado, angustiado. Ela notou isso em seguida.

— O que acontece, irmão?

— Ela voltou a partir.

— Quem?

— Beth. Foi outra vez e eu não pude impedir. — Tapei meu rosto com ambas as mãos.

— Nunca soube muito bem o que aconteceu com essa mulher. Sei que se casou com ela e que depois desapareceu e não a voltou a encontrar.

— Faz alguns dias que ela apareceu do nada. Retornou com uma menina: Emma, minha filha.

— Sua filha?

— Sim. Ela insiste de que não foi sua intenção se afastar de mim, mas perdeu a memória... Não entendo nada!

— Não acredita nela?

— Quero acreditar, mas me custa muito. Abandonou-me e me feriu.

— Kimball!, Você a ama?

Olhei-a. Claro que a amava, com loucura.

— Sim.

— Então não pense mais. Se lhe pediu que confie nela e lhe deu essa explicação, não pense mais nisso. Permita-se ser feliz.

— Preciso de tempo.

— Irmão, esqueça seu orgulho e se deixe amar.

— Não posso, Mildred.

Olhou-me, séria, enquanto a pequena fechava os olhinhos.

— E Grace?

— Grace! Não posso negar que é uma mulher bonita, mas não a amo.

— Kimball, você tem um problema.

— Eu sei, como também sei que não posso enganar Grace e continuar com esta farsa desde que Beth apareceu. Não posso me casar com ela.

— E o que está esperando para ir em busca de Elizabeth?

— Esta noite partirei em sua busca, mas antes, preciso falar com Grace. Mildred, preciso pedir um favor. Minha filha estará com Bejira. Cuide dela e de Eamon durante minha ausência. Não acredito que seu marido retorne antes que eu, sempre está fora por longas temporadas.

— Sim, nisso você tem razão. Fique tranquilo, que esperarei a sua volta. Mas não se demore muito para voltar e se cuide.

— Obrigado. — Levantei-me e me aproximei dela. — Já lhe disse que a amo?

— Sorri e lhe dei um beijo na bochecha.

— Ande!, vá já, e não espere a noite, para saber se vou me arrepender.

Grace ficará aqui? O que vai dizer a papai?

— Isso eu deixo para você. — Pisquei-lhe um olho.

Fui procurar Grace. No caminho me encontrei com Bejira.

— Procura sua futura esposa?

— Sim.

— A encontrará nos escarpados. Eu a vi pegar um cavalo e partir naquela direção. O que vai fazer?

— Vou procurar Beth.

— Uma decisão acertada — disse Bejira enquanto sorria.

— Cuide da Emma.

— Não se preocupe, comigo não lhe acontecerá nada.

— Kimball! — Era David — O que aconteceu? Vi Grace partir muito alterada.

— David, Beth voltou às Terras Altas, preciso ir atrás dela, protegê-la. Tenho medo de perdê-la para sempre. Prometa que cuidará de Mildred e de todos, inclusive de Bejira, Eamon e da minha pequena.

— Sabe que o farei, amigo.

— Obrigado, irmão. — Considerava-o como tal.

Acompanhou-me até os estábulos, onde estava Eamon com Emma. Olhei o menino.

— Parto em busca de nossa Beth.

— Não quero que você vá — ele disse triste.

— Sei, mas devo trazê-la para nós. — Ele assentiu. — Voltarei logo.

— Promete?

— Dou minha palavra. — Eamon me abraçou, e eu o envolvi com meus braços. Emma se uniu ao abraço sorrindo. Peguei-a nos braços e a beijei.

Peguei o cavalo e parti para procurar Grace.

Andei até o beira do escarpado, de onde se observava a praia. Vi Grace falando com um homem que estava vestido de negro com o rosto abafado com um capuz da mesma cor. Pareceu-me que era o mesmo cavaleiro que lutara no torneio, e com quem eu vira falando o conde Otón. Estranhei.

Parecia que estavam discutindo. Ele a agarrou pelo braço enquanto discutiam, depois ele deu as costas e começou a correr, até desaparecer entre as rochas.

Não queria que ela me visse, embora estivesse disposto a lhe perguntar sobre aquele homem.

Ela estava pálida. Não me vira. Ia direto para o cavalo.

— Quem era aquele homem?

Ao escutar minha voz se virou. Titubeou.

— Quem?

— Com quem estava na praia. Vi ele agarrá-la pelo braço.

— Ah! Aquele, era... um caminhante. Queria umas moedas.

Aproximei-me dela.

— Tem certeza? Não parecia.

— Pois então, dúvida de minha palavra?

— Não, a única coisa é que me pareceu que eu o conhecia.

— Pois se equivocou; além disso, quem precisa dar explicações de alguma coisa é você.

— Tem razão, por isso vim. Grace, vou me ausentar do castelo, durante uma temporada, não muito longa.

— Como? Por quê?

— A mulher com quem me casei, retornou com a menina que viu hoje, minha filha. Ela... empreendeu uma viagem não muito segura e me vejo na obrigação de acompanhá-la.

— Você já não lhe deve nada. Ela o abandonou.

— Sim, mas é a mãe de minha filha; preciso ajudá-la. Acompanho você ao castelo e depois partirei, sem demora.

— Não o entendo Kimball, a não ser que ainda sinta algo por aquela mulher.

Não lhe respondi. Não podia mentir para ela, nem mentir a mim mesmo.

XLI

Jamais imaginei me ver vestida de monja. Ria para mim mesma, somente de pensar. Surpreendia-me estar metida naquele traje, sóbrio e incômodo. O véu eu não suportava, mas precisava aguentá-lo e disfarçar.

Aquela monja amiga de Bejira, Vitória, já me falara isso.

— Ninguém deve suspeitar que não é uma de nós.

Fomos quatro monjas, contando comigo. Nenhuma falava. O carroção ia em grande velocidade por aqueles caminhos. A noite era fria. Sentia-me muito cansada.

Observei pela janela. Lembrava-me de minha menina, sentia saudades, ela era parte de mim. Depois veio Kimball a minha mente: amava aquele homem, mas ele não confiava em mim. Eu o ferira. Recordei nossa conversa quando ele me dissera que já não me amava. Fechei os olhos e lembrei de seus beijos.

Quanto precisava dele a meu lado! Um comentário de Vitória me fez retornar à realidade.

— Irmãs, vamos parar no mosteiro de Aldeby. Lá poderemos descansar. Deveremos madrugar e amanhã devemos chegar em Whitby ao entardecer.

O carroção parou, a monja desceu e nós a seguimos. Dirigiu-se ao cocheiro e lhe disse algumas palavras que não consegui escutar. Aquele lugar me dava medo.

Andamos até uma porta de madeira. Demoraram em nos deixar entrar. Um monge, com túnica negra, capuz da mesma cor e um cordão branco ao redor de seus quadris, nos abriu a porta. Seu nariz aquilino e seus pequenos olhos negros lhe davam um aspecto sinistro. Sua tez era muito pálida e era calvo. Era muito alto e forte, jovem. Analisou-nos.

— Estávamos esperando-as. Demoraram muito — disse o monge.

— Os caminhos impedem de avançar mais rápido.

— Sigam-me! — disse o monge.

Levava uma vela em suas mãos, que iluminava pouco o caminho pelo qual íamos passando. Pareceu-me escutar lamentos de um ser humano. Que lugar seria este? Guiou-nos até uma galeria escura. Parou e nos olhou.

— Estas são suas celas. Dentro tem algo para comerem. Não saiam de seus quartos sob nenhuma hipótese.

— Tenha certeza de que não o faremos — disse Vitória.

As outras duas irmãs se meteram nos recintos diminutos. Vitória me olhou, séria.

— Já ouviu, não saia sob nenhum pretexto.

— Desculpe, não o farei. Mas... porque não podemos sair?

— Querida, acostume-se a não perguntar, pois alguém pode suspeitar que você não é uma verdadeira monja.

— Perdoe. Não voltarei a fazer.

— Muito bem, coma algo e descanse; amanhã precisamos partir muito cedo.

Meti-me em meu cubículo e suspirei. Sentei-me de repente sobre a cama e logo me deitei tirando, antes, aquele véu incômodo. “Meu Deus, me ajude!”. Por um lado, esta era a época no qual eu queria estar, mas era para estar junto de Kimball. Sem ele nada fazia sentido. “Kimball!”, eu suspirei.

Endireitei-me, peguei um pedaço de pão e queijo, voltei a me deitar sobre a cama e adormeci.

Alguns gritos me despertaram. Eram de um homem. O que era aquilo? Sabia que haviam me dito que não saísse da cela, mas não podia ficar impassível diante daqueles lamentos. Além disso, a curiosidade para saber o que era que acontecia não me permitia ficar encerrada. Abri a porta silenciosamente. O corredor estava escuro, apenas divisava sombras. Dirigi-me até o final dele, de onde provinham aqueles gritos. Abri a única porta que havia ali. Encontrei-me em frente de uma galeria estreita, fria. Os gritos vinham da última cela. Avancei devagar. Não podia ver ninguém. A porta estava entreaberta, espiei com prudência.

Havia um homem de joelhos, de costas, estava se flagelando com uma vara. Suas costas estavam ensanguentadas. A seu lado um padre, o mesmo que nos havia recebido, encontrava-se de pé, observando-o.

- É para seu bem, Paul. Não fez o certo.
- Fiz mal e ele me descobriu.
- Sei, mas não devia fazer. Ele era inocente.
- Aquela filha do mal complicou tudo.

Sem querer fiz ruído com os pés. Ambos o escutaram. Comecei a correr a grande velocidade pelo corredor e não

parei até chegar a minha cela. Não sabia se aquele padre me reconheceria. Despi-me e me meti na cama, estava com medo de que descobrissem que havia sido eu. Escutei passos pelo corredor onde estavam nossas celas, bateram à porta de Vitória. Ela falou com alguém. Nesse momento minha porta se abriu de repente.

— Elizabeth! — Era a monja.

Fiz de conta que despertava.

— Sim?

— Perdoe-me, acreditei que estava acordada. — Fechou a porta atrás de si.

Meu coração pulsava rapidamente. Depois daquilo, não pude conciliar o sono.

Era muito cedo quando partimos para a abadia de Whitby. Mais alguém somou-se a nós. Ia sentado ao lado do cocheiro. Usava uma capa negra e eu apenas lhe distinguia o rosto. Eu o vi de passagem, já que quando fomos subir ao carroção ele já estava sentado. A monja não parava de me observar. Tentei disfarçar, mas ela estava me deixando nervosa. Olhei-a.

— Descansou? Você tem olheiras — ela me disse.

— Dormi bem, obrigada. — Voltei meu rosto para a janela.

A viagem se fez longa e muito pesada. Paramos somente para comer, momento no qual também não pude ver quem se escondia atrás daquela capa. Ele se afastou de nós.

Era tarde e já se vislumbravam as torres da abadia. Aquele lugar me trazia muitas lembranças: boas, ao recordar

Kimball, e más, ao relacionar o lugar com o bispo de Durham. Somente ao pensar nele, me provocou um calafrio. Não queria voltar a vê-lo.

Chegamos à abadia. O carroção parou, e o encapuzado se afastou de nós.

— Esta noite partiremos em um navio até as Terras Altas. Esperaremos no interior da abadia, até que chegue o momento de ir à praia para embarcar.

XLII

Sabia que, se não parasse, eu poderia alcançá-la. Elas foram em um carroção, tal e como me disse Bejira, eu iria a cavalo, e sendo mais rápido, as alcançaria. Estava desejando chegar em Whitby e falar com Beth. Estava furioso. Havia feito outra vez: partiu sem me dizer nada. Como fora capaz? Retornava à minha vida para depois me deixar uma menina, e voltar a abandonar. Desta vez não a perderia, ela retornaria comigo. Era uma inconsciente. Apesar de terem transcorrido dois anos, se o bispo voltasse a vê-la, a reconheceria, imediatamente. Quase não descansei desde que saí do castelo. Divisava as torres da abadia.

Estava anoitecendo, temia não encontrá-la ali e que já tivesse embarcado.

Deixei o cavalo amarrado ao tronco de uma árvore. Dirigi-me com rapidez para o interior daquele lugar. Havia muito pouca luz. Entrei com muito silêncio.

Escutei os cantos gregorianos. Avancei por aquele corredor.

— O que está fazendo, cavaleiro?

Dei a volta. Aquele padre me resultava conhecido. Ele ficou me olhando e se aproximou mais de mim. Reconheci-o. Era John, o padre que havia casado Beth e eu.

— Posso saber o que você faz aqui? — Eu perguntei.

Ele se aproximou de mim sorrindo e abrindo os braços para me dar um grande abraço.

— Moço. Que susto me deu! Esta é minha abadia. O que faz aqui?

— Estou procurando algumas monjas.

— Sim, hoje vieram umas irmãs, mas já foram à praia, vão embarcar para ir às Terras Altas. O que quer delas?

— Uma daquelas monjas é minha esposa.

— Sua esposa? Acredito que sei quem é, com razão seu rosto me resultava conhecido.

Levo você até elas, embora acredito que chega tarde.

— Não pensei em encontrá-lo aqui depois de tanto tempo.

— É verdade. Depois de ajudar aqueles judeus pensei em viajar à França com eles, mas aqui, nestas terras, ainda há pessoas que necessitam de minha ajuda, embora precisei parar minha atividade. Ha, ha, ha! Altos cargos da igreja começaram a suspeitar de mim. Minhas idas e vindas não se encaixavam com a atividade de um padre. Vigiam-me; então, optei por me encerrar na abadia e dissimular, embora continue lutando contra as injustiças. Ha, ha, ha!

Aquele homem me divertia. Sempre tinha um sorriso desenhado em seu rosto.

Descemos por um monte escarpado até chegar à praia. Observei.

— Ali estão! — disse o padre.

Olhei para onde apontava seu dedo indicador. Fui em direção para onde estavam, disposto a tirá-la dali. O padre adivinhou minhas intenções.

— Espere, moço. Ela está camuflada de monja por algum motivo, se a revelar a colocará em perigo. — Ele tinha razão.

— E o que propõe que eu faça? Quero levá-la para meu lar.

— Vá com ela. Direi que as acompanhará até seu destino. Sua esposa... se dirige à ilha de Maree, escutei isso de uma das monjas.

— Farei assim, mas somente para evitar que a descubram e que isso possa colocá-la em perigo.

Andamos até onde estavam, Beth se encontrava sentada na areia da praia. Junto a ela uma monja, que estava em pé.

— Irmã! — O padre se aproximava da monja. — Este homem também vai pegar o navio com vocês, ele as acompanhará até seu destino. Há muitos perigos e, embora vocês usem hábito, os homens, hoje em dia, não respeitam nada.

— Muito obrigada — disse a monja me olhando.

— Meu nome é Kimball, conde de Essex.

Até esse momento Beth mantinha o olhar fixo na fina areia. Ao escutar meu nome me olhou, séria, se endireitou com um salto. O padre foi até ela, sussurrou algumas palavras e se despediu.

— Que tenham uma boa viagem — e se afastou.

Beth me olhava sem dizer nada. O barco se aproximou da praia, a monja que estava junto dela se aproximou do barco, eu a segui, e Elizabeth veio atrás de mim.

Ajudei as monjas a subir no barco. Quando chegou a vez de Beth ela não permitiu que eu a ajudasse, reação que me fez sorrir.

— Irmã — disse para ela, — estarei encantado de acompanhá-las. — Mesmo com meu comentário, ela permanecia séria, sem me olhar.

Chegamos ao navio. A monja se aproximou do capitão da embarcação. Ele comentou que o barco devia retornar à praia, já que havia um homem ao qual deviam recolher. Notei Elizabeth inquieta. Seu olhar estava fixo nas águas. A monja não parava de falar comigo, mas eu observava, atentamente, os movimentos de Beth. Ela se aproximou do corrimão do navio. Notei que estava com medo.

Observava o encapuzado camuflado com uma capa negra, que subia ao navio.

Ele permanecia curvado e se foi rapidamente para um canto do navio. Eu precisava falar com ela. Devia encontrar o momento ideal. O capitão dissera que chegaríamos de madrugada em Santo André, em cujo mosteiro ficariam as três monjas; depois eu seguiria com Beth até o castelo de seu avô.

As monjas se meteram em seus respectivos camarotes, igual ao misterioso encapuzado. Aproximei-me de Beth. Continuava firme, no corrimão do navio, contemplando o

mar. Coloquei-me a seu lado, apoiei minhas mãos sobre o corrimão.

— O que pretende, Beth?

— Isso já não lhe diz respeito.

— Pois me importa e muito. Vou acompanhá-la ao castelo de seu avô queira ou não, e depois, retornarei com você para Essex.

— Não precisa fazer isto, sei cuidar de mim.

— Não o duvido, mas prometi protegê-la e assim o farei.

— Kimball! Isso foi faz dois anos. Agora já passou muito tempo. Além disso, o que dirá sua prometida?

— Ela não dirá nada. Você é a mãe de minha filha e meu dever é levá-la sã e salva.

— Agradeço isso. É um cuidado de sua parte — ela disse com ironia.

Sorri ante seu comentário. Se ela soubesse que morria por beijá-la e tê-la entre meus braços e que eu agia de maneira egoísta, porque queria era tê-la junto a mim, para sempre...

— O que a preocupa? Por que quer voltar lá?

— Quero ver meu avô.

— Sim, mas... Sem a menina? É um pouco estranho que não leve Emma com você.

— É porque não quero colocá-la em perigo.

Olhou-me.

— É uma viagem muita longa para ela, prefiro ver primeiro a meu avô e depois, retornarei com Emma.

Ela mentia. Mas eu sabia que não me contaria seus motivos.

— Ainda não confia em mim? — Ela não respondeu. Seu olhar estava fixo no mar. — O que acontece com esse homem que subiu no navio? Não disfarce. Vi o medo em seus olhos. Tem medo dele.

Ela baixou seu rosto.

— Ontem eu vi algo que me deixa intranquila. Paramos em um mosteiro para dormir. Na metade da noite alguns gritos me despertaram. Fui ver o que acontecia e encontrei um homem de costas flagelando-se e dizendo que se comportou mal. Um sacerdote lhe dizia que havia pecado e que precisava evitar fazer outra vez. Descobriram que havia alguém os observando, mas corri até minha cela, e não acredito que tenham me visto. Aquele homem... acredito que é ele.

— É uma inconsciente, Beth! Sabe que o bispo a perseguiu. Não pode se permitir o luxo de chamar a atenção. Espero que não a tenham visto.

— Tem razão. Acredito que não.

Observei seu bonito perfil enquanto ela contemplava as águas escuras.

— Vou descansar, Kimball.

Ela se afastou de mim.

O capitão nos informara de que já chegávamos em Santo André. No momento em que pisássemos em terra, teríamos que ir a pé. Não tínhamos cavalos.

John prometeu cuidar de meu cavalo até minha volta.

Eu já estava no convés. As monjas começaram a aparecer menos Beth. O encapuzado estava afastado de todos nós. Decidi me aproximar dele. Precisava saber quem se escondia atrás daquele capuz. Me coloquei a seu lado. Ele se virou e me deu as costas.

— Também vai ao mosteiro de Santo André? — perguntei-lhe.

— Não — ele disse com uma voz seca e forte.

— Para onde você se dirige? Talvez possamos ir juntos durante a viagem.

Ele deu a volta para me olhar. Era um homem de tez muito pálida, olhos negros e olhar muito frio, de nariz aquilino e possuía uma cicatriz em seu queixo.

— Eu não gosto de viajar na companhia de ninguém — dizendo isto ele se afastou.

Observei-o. Nesse instante Elizabeth apareceu com uma bolsa sobre seu ombro. Deparou-se com aquele homem, ele a olhou e ela manteve seu olhar fixo nele. Foram alguns segundos, depois, aquele homem se afastou dali. Ela estava me procurando. Aproximei-me de onde ela estava.

— Procurava-me? Por acaso temia que eu tivesse partido sem você? — disse com um meio sorriso no rosto.

— Ora, hoje se levantou engraçadinho.

Soltei uma gargalhada diante de sua resposta, ela sorriu.

Aproximaram-se da praia. Aquele homem ficou no convés; ele iria depois de nós. O mar estava revolto e havia

muito repuxo. As ondas se chocavam contra as rochas dos escarpados, onde se levantava o mosteiro.

— Irmã! — disse uma das monjas para Beth, — este é o final de nossa viagem. Já sabe onde estaremos. Se precisar de algo, venha aqui e pergunte por mim.

— Assim eu farei. Muito obrigada por tudo.

Fixou seu olhar em mim.

— Cavaleiro, agradeço sua companhia durante a curta viagem no navio.

— Foi um prazer, irmã.

— Poderá viajar com a irmã Elizabeth?

— Sim, a irmã tem sorte. Eu também me dirijo às Terras do Norte.

— Então posso ficar tranquila, obrigada.

Devíamos seguir a direção do rio Tummel. Este entrava nas Terras Altas; desta maneira pouparíamos um bom caminho. Entrando por aqueles bosques e aquela natureza, nos afastávamos dos caminhos mais transitados.

Beth me seguia em silêncio. Caminhávamos pela lateral do rio. Devíamos chegar antes do anoitecer em alguma aldeia na metade do vale. Senão, teríamos que dormir à intempérie.

Fiquei ao lado dela. Ela me olhou de esguelha.

— Está me surpreendendo. Jamais imaginei que aguentasse tanto caminhando com essa roupa que usa.

— Andar com um vestido de monja tem sua dificuldade. Estou desejando tirar isso

— Espere que cheguemos ao castelo de seu avô. Não quero encontrar ninguém que possa reconhecê-la, embora

que por aqui, não acredito que encontremos o bispo, nem seus soldados.

— Que aconteceu naquele dia, Kimball?

— O bispo se apresentou no castelo com aquele padre que julgou você.

Seu avô lhes disse que sua neta havia partido, mas ao me verem a mim não acreditaram. Estiveram procurando-a. Sua intenção não era boa.

— Sei, na abadia de Whitby ele viu o pendente com a cruz de David. Foi isso o que fez que ele prestasse atenção em mim.

— Ainda o tem?

— Sim, e não vou tirá-lo.

— Que ninguém volte a vê-lo — Disse Kimball. — Quando o bispo se foi, eu fui correndo para buscá-la, desejava abraçá-la e beijá-la, queria levá-la ao meu castelo na manhã seguinte, mas você já não estava. Desesperei, igual a seu avô, que temia que tivesse acontecido algo e já não nos encontrássemos com você. Você não apareceu. — Eu guardei silêncio recordando os momentos angustiantes que vivera naquele momento. — Depois retornei para Essex e o resto você já sabe...

Embarquei com o David em uma viagem às terras germanas junto com as tropas de Robert. Pensei que me afastar dali faria com que me esquecesse, mas não foi assim. A incerteza de não saber o que havia acontecido me machucava por dentro. Não deixei que procurá-la durante estes dois anos. Cada noite me prometia que no dia seguinte

a encontraria até que me dava conta, de que jamais encontraria você. Decidi dar uma volta em minha vida, e aí foi que Grace apareceu. Pensei que se tentasse pensar em outra mulher talvez conseguisse esquecer você.

— E então eu apareci e estraguei seus planos — ela me interrompeu.

— Sim, e então apareceu você com Emma.

— Ora, pois sinto muito. Se soubesse que o que queria era se esquecer de mim não teria retornado.

— Chorei sua ausência.

— Sei que desapareci sem deixar rastro, mas eu não queria, Kimball. Eu...o amava... me vi forçada a fazê-lo, colocava em perigo a todos e me afastei até um lugar no qual jamais teria me encontrado.

— E então, por que retornou?

— Porque precisava de você. Minha vida não era a mesma sem você.

Precisava escutar essas palavras e, apesar de meu desejo de abraçá-la e beijá-la, não o fiz. Continuei andando e ela me seguiu.

— Não devia ter se afastado de mim, eu jurei protegê-la.

— Sim, mas colocando sua vida em perigo.

— Sou um guerreiro, Beth. Minha vida é entregue com liberdade à causa que eu quiser. Meu braço é forte e até este momento ninguém me venceu. Posso assegurar que foram muitas as batalhas que lutei, mas você... foi meu tesouro mais prezado. — Na realidade, ela continuava sendo meu

tesouro mais prezado; era a mulher que eu amava. — Jamais volte a decidir por mim.

Estivemos em silêncio durante bastante tempo. Paramos para almoçar.

Ficamos junto ao rio. Pescaria algo e faríamos uma fogueira.

— Posso ajudá-lo a pescar?

— Ha, ha, ha! Isso é coisa de homens, Beth.

— Bem, mas você sabe que eu sou diferente ao resto das damas que conhece.

— Sim, sei. Venha!, eu a ensinarei. — Meus pés estavam dentro do rio. Ela puxou a saia escura até os joelhos fazendo um nó com a roupa. Ao ver seus esbeltos joelhos a desejei ainda mais. Ela ficou a meu lado. — Sempre precisa estar contra a corrente. Os peixes, quando fogem, fazem-no águas acima. Nesse momento é quando precisa tentar encurralá-los. Os animais, ao não conseguirem fugir, acovardam-se. Então é quando precisará agarrá-los.

— Uff! Parece muito fácil.

— Sim, ha, ha, ha!

Observava-a. Que linda ele era! Escorregou ao pisar em uma pedra. Elas eram escorregadias.

Segurei-a pelo braço, e ela me olhou.

— Obrigada — ela disse me dando de presente um sorriso.

Analisa-a enquanto via como ela tentava desenvolver-se na água e capturar algum peixe. Esteve a ponto de cair na água. Perdeu o equilíbrio em seu segundo intento e caiu

sobre meu peito. Rodeei-lhe a cintura Ela levantou o rosto rindo e eu me contagiei com sua risada. Fixou suas pupilas nas minhas, afastou-se e voltou a olhar a água. Desta vez agarrou um peixe, e eu a aplaudi.

— Ha, ha, ha! Beth! Cada dia me surpreende mais.

Olhei a nosso redor. Um grupo de homens, com roupa de camponeses, paus nas mãos e com suas espadas, nos rodeavam e ameaçavam com as armas que levavam. Não me dera conta da presença deles até esse momento.

— Esse peixe nos pertence! — disse um deles.

— Nada disso! Eu o peguei — disse Beth zangada.

Coloquei-me diante dela.

— Não responda, deixe — eu lhe sussurrei.

Coloquei minha mão no cabo de minha espada.

— Já ouviram! — Eu respondi.

— Estas terras nos pertencem e tudo o que está nelas, também.

— Mas este peixe foi ela quem pegou, então é nosso.

— Pois veremos — disse um camponês adiantando-se com a intenção de lutar. Desembainhei minha espada.

Nesse momento, um deles, um homem curtido pelo sol, adiantou-se até onde estávamos.

— Alto, Jack! — aproximou-se de nós — É uma monja?

— Sim — Eu respondi.

— Perdoe-nos, irmã. Você pode ajudar uma mulher a dar à luz?

Olhei-a.

— Sim, é claro.

— É que minha esposa entrou em parto. Está muito nervosa, com dores e o bebê ainda não quer sair.

— Leve-me até ela.

Virei-me para olhá-la. Estava surpreso.

— Mas você sabe...?

— Estive em muitos partos, fique tranquilo, Kimball. — Piscou-me um olho.

Deu seu peixe a um daqueles homens, e os seguimos. Atravessamos o bosque até chegar a um vale onde havia algumas casas feitas de tijolo cru. Havia meninos, homens lutando, animais e mulheres trabalhando a terra.

Dark, assim chamavam ao que era o chefe, ele nos guiou até uma cabana.

— É aqui, pode entrar, irmã. — Virou-se para me olhar.
— Você espere aqui.

Eu estava nervoso. Movia-me de um lado para outro como se fosse minha própria esposa que estivesse a ponto de dar a luz. Dark estava sentado, me observando.

— O que faz um cavaleiro como você por estas terras? — Perguntou-me — Estamos de passagem. Dirigimo-nos à ilha de Maree.

— Sem um cavalo? Demorará uma eternidade.

— Sei, mas o meu ficou na abadia de Whitby. Não o vejo muito nervoso. — Eu disse

— Passei por isso quatro vezes. A gente se acostuma.

— Por que estão escondidos aqui?

— O rei João nos exigia o pagamento de muitos impostos por ocupar suas terras e, agora, com o rei Ricardo, não nos

atrevemos a retornar a nossas terras. Não confiamos que ele seja diferente de seu irmão. Aqui estamos bem, trabalhamos para comer e lutamos para estarmos preparados se por acaso tivermos que nos defender.

— O rei Ricardo é diferente. Posso garantir isso. Estive com ele durante anos, nas cruzadas.

— Para você, um cavaleiro com terras, um guerreiro, sim, pode ser diferente, mas para nós, gente pobre e sem terras próprias, não é o mesmo. Ricardo é igual a João. A nós, os pobres, espremem-nos ao máximo.

Eu responderia, mas nesse momento Beth apareceu, sem o véu de monja, com as mangas arregaçadas e as bochechas ruborizadas.

— Preciso de vocês!

— Dos dois? — Eu perguntei.

— Sim!, dos dois. O marido precisa estar ao lado de sua mulher, e você, Kimball, Precisa me ajudar.

— Eu não permitirei que outro homem veja minha esposa nesse estado.

— Dark — disse Beth ficando em frente a ele. — Não é momento de tolices. Se não me ajudarem, ambos, sua esposa e o bebê podem morrer, então vamos! Não há tempo para discutir.

Observava-a com admiração. Entramos. Havia sangue e a mulher estava muito pálida.

— Por favor, fique ao lado de sua esposa, diga-lhe palavras bonitas. Kimball, pressione em cima do abdômen. O bebê está ainda muito acima e precisa ajudá-lo a sair.

Dava-me medo de pressionar. Beth me olhou.

— Kimball! O que espera? Empurre com as mãos.

— Lana, faça força!

A camponesa empurrou. Estava esgotada. Beth tentava ajudar o bebê a sair.

Outra das mulheres presentes na sala empapavam partes de tecido em água para passar pela testa da mulher. A roupa dela estava manchada de sangue.

— Empurre Lana, que já vejo sua cabecinha. Um último esforço.

E nesse momento, as mãos de Beth tiraram um pequenino cheio de sangue.

Elizabeth o segurou entre seus braços. Sorria, estava feliz. Beijou a cabecinha do bebê, e agasalhou-o.

— Já está aqui, precioso — disse estendendo suas mãos e dando-o à sua mãe. Ambos seguiam unidos pelo cordão umbilical. — É um menino, felicidades!

Olhei-a, e ela se surpreendeu ao ver que eu a observava com admiração. Ela sorriu.

— Se não se importarem, esperem um momento lá fora. Dark, em seguida poderá entrar e estar com sua esposa e o bebê.

— É uma sensação maravilhosa. Um varão! É meu primeiro menino. Você tem filhos?

— Sim, uma filha, Emma.

Sentia falta da minha menina. Queria recuperar o tempo perdido. Ela cativara meu coração apesar do pouco tempo que tínhamos passado juntos.

O nascimento do verão contagiara de felicidade a todo o acampamento.

Dark estava entusiasmado.

— Hoje é um dia de festa! — Ele disse.

Começaram a assar carne na fogueira. As gaitas de fole eram ouvidas por todo o acampamento. Os jovens dançavam, e as cervejas e o vinho começaram a passar de um para o outro.

Transcorreu um bom momento até que Beth saiu. Seu cabelo caia pelas costas. Ela se sentou-se a meu lado. Observava a festa que fora organizada. Segurei sua mão. Nesse momento ela me olhou.

— Bom trabalho, Beth. — Eu sorri.

— Obrigada.

— O que fazem que não dançam? — Disse-nos Dark.

— Eu sou uma monja, não faço muito bem.

— Isso não importa, você é quem precisa dançar.

— É verdade! — Puxei-a, agarrei-a pela cintura e começamos a dar voltas.

— Kimball! Já sabe que não sei dançar.

— Fique tranquila, não me importa que me pise, já estou acostumado. — Pisquei-lhe um olho.

— Não foram tantas vezes — eu disse.

— Ha, ha, ha! Muitas, querida, já não se lembra? — Olhava-me com acanhamento. — Senti muita saudade, Beth.

Minhas palavras fizeram com que ela parasse, me olhando.

— Eu também, Kimball. — Guardou silêncio. — Nestes dois anos desejei retornar à beira daquele rio, mas não sabia como fazê-lo, não podia voltar, não me lembrava do caminho.

— Onde esteve?

— Muito perto de você, mas, ao mesmo tempo, muito longe.

— Onde, com quem?

— Não me pergunte, Kimball, jamais entenderia. Somente peço que confie em mim, no que eu lhe disse. Nunca quis me afastar de seu lado, chorei todos estes anos por você. Somente Emma me mantinha com vida. Vê-la era ver você. São muito parecidos. Sei que não posso pedir que esqueça estes dois anos e retomemos as coisas onde deixamos. Sou consciente de que seus sentimentos mudaram e que já ama outra mulher, mas... por favor, quero somente que acredite em minhas palavras, em que jamais quis me afastar de seu lado e, que não retornei para você, porque não sabia como fazer.

Queria acreditar nela, mas tudo me parecia muito misterioso. Por que não podia me dizer o lugar onde estivera? Ambos nos olhávamos. Eu queria esquecer.

— Não posso, Beth, por mais que eu queira, não posso.

Baixou seu rosto. Sua expressão se tornou triste.

— Estou cansada. Vou dormir, Kimball.

— Sim. Amanhã partiremos cedo. Dark vai nos dar dois cavalos.

— Até manhã, Kimball.

Eu a vi se afastar. Sentei-me na grama e contemplei o céu estrelado. Tapei meu rosto com minhas mãos.

— A monja já foi dormir? — Perguntou Dark.

— Sim.

— Podem descansar nos estábulos. Eu disse à irmã.

— Obrigado, acredito que eu também me deitarei.

— Se madrugarem muito amanhã, não poderei me despedir de vocês, mas quero agradecer por sua ajuda, sobretudo à monja.

— Não precisa agradecer nada.

— Moço! O que o preocupa? Tem um olhar triste. Por acaso é uma mulher?

— Sim, uma mulher. A amo, mas... ela desapareceu, abandonou-me durante dois anos e agora retornou.

— Pois então já está junto de você, qual é o problema?

— É que não me dá nenhuma explicação de porque o fez e onde esteve.

— Ha, ha, ha! Pode-se saber para que necessita uma explicação? Jovem, se uma mulher não lhe quer dizer isso não exija, confie em suas palavras. E se a ama o que espera para fazê-la sua?

Ambos rimos.

XLIII

Despertei sobressaltada. A tensão do parto do dia anterior havia me alterado. Tive pesadelos. Levantei-me e saí. Estava amanhecendo.

Kimball estava com os cavalos. Ao ver-me, sorriu. Aproximei-me dele.

— Bom dia, irmã!

— Bom dia.

— Precisamos ir. Coma um pedaço de pão e algumas coisas que as mulheres destes camponeses nos deixaram. Preciso de você forte, hoje será um dia duro.

Enquanto comia um pouco de pão e alguns doces elaborados por aquelas camponesas, não conseguia evitar de observar Kimball. Suas costas largas, assim como seus braços fortes me faziam suspirar. Se Ann o visse, tenho certeza que ficaria sem palavras. Era muito atraente. Fiquei triste ao pensar que jamais voltaria a sentir seus lábios sobre os meus, nem suas mãos acariciando minha pele. Suspirei. O que eu faria com minha vida? Havia retornado por ele. Bem, eu pensaria mais à frente. Odiava-o por ter esquecido seu amor por mim; lamentava que seus sentimentos não fossem tão profundos quanto os meus. Ele rapidamente havia me substituído por outra mulher!

Para cúmulo ele se casaria com ela. Tantas palavras bonitas. Ele dissera que me amava! Eu nunca o esqueci. Ele aproximou-se de mim; baixei a vista para me concentrar no pedaço de pão.

— Está preparada?

— Sim. Poderemos chegar hoje?

— Amanhã. Hoje teremos que dormir em plena natureza. Dark me deu peles para que possamos nos cobrir de noite, e também comida. Amanhã estará com seu avô.

Montei em meu cavalo. Kimball ficou na frente, ereto. Estivemos cavalgando durante toda a manhã, paramos apenas para comer.

Eu estava cansada. Não voltamos a parar até que começou a anoitecer.

Kimball escolheu um lugar resguardado dentro do bosque. Desceu do animal. Minhas nádegas doíam. Desde a última vez que estive ali, não havia montado a cavalo. Com dificuldade, desci do animal. Observei como Kimball me olhava de esquelha. Não queria que ele soubesse disto e disfarcei. Ele aproximou-se de mim.

— O que houve, Beth?

— A mim? Nada.

— Não disfarce, acredita que sou tolo? Algo dói.

— Disse que não tenho nada, Kimball. Fique tranquilo, sou uma mulher forte.

— Isso não duvido. Tínhamos que ter parado antes. Foi uma viagem muita longa para você.

— Kimball, quero chegar o quanto antes às terras de meu avô. Era a única maneira de poder estar lá amanhã.

Ele me olhou sem responder. Colocou uma pele no chão para que pudéssemos sentar, as outras serviriam para nos cobrir, apesar de estar no verão, de noite refrescava. Sentei-me e ele se colocou a meu lado. Comemos aquilo que os camponeses nos deram, em silêncio. Uma vez que terminamos, ele se deitou e colocou suas mãos atrás de sua cabeça, olhando o céu estrelado. Imitei-o.

— Kimball, pensei que quando você se casar, vou viver aqui com a Emma, com meu avô.

— Não! — Ele disse seco. — Nem Emma nem você vão partir de minhas terras. Se não quiser viver em meu castelo, posso construir uma casa perto ou se preferir, pode viver com Bejira.

— Não penso em ficar ali, Kimball. Além disso, não acredito que sua futura esposa goste da situação.

— Pois terá que conformar-se com isso.

— Terá outros filhos...

— Emma e você ficarão lá.

— Não, Kimball. Não poderá me deter. Partirei; está decidido. Você goste ou não.

— Não vou permitir.

— Mas... O que pretende? Não entendo você!

— Emma é minha filha. Você me roubou dois anos com ela. Agora que começo a ter carinho não pode me afastar dela outra vez.

— Não entende que eu não posso ficar lá!

— Por quê?

— Porque... eu continuo amando você, Kimball. Não suportaria vê-lo com outra.

Ele não respondeu no momento. Continuava com seu olhar fixo no céu.

— Pois então, se for assim, parta você, mas não levará Emma.

— Sabe que sem ela eu jamais iria.

Ele não respondeu. Levantou-se e se afastou. As lágrimas rolavam por minhas bochechas.

Não podia suportar a indiferença e frieza dele comigo. Onde ficara aquele amor que ele disse que sentia? Enrolei-me como uma criança, triste e abatida, até que adormeci.

Despertei com a claridade da manhã. Kimball já estava em pé. Endireitei-me. As palavras frias dele ainda estavam presentes. Estava magoada. Não abri a boca. Recolhi as peles, minha bolsa, onde eu levava minha roupa e os papéis de minha mãe. Comi algo e montei no lombo do animal enquanto esperava que ele fizesse o mesmo. Ele observava todos meus movimentos.

— Ora. Já vejo que hoje se levantou com vontade de iniciar a viagem o quanto antes.

— Sim.

— Hoje não está de bom humor.

Não lhe respondi. Olhou-me e depois montou sobre seu animal. Iniciamos a marcha. Ele ia na frente. Pouco a pouco apareceram diante de nossos olhos, os montes escarpados. Atrás deles se escondiam os grandes lagos. Estávamos perto.

Que bonito era aquilo! Respirei. Enquanto cavalgava, fechei os olhos por alguns segundos para me impregnar daquela paz. O rumor da suave brisa, o trilar dos pássaros... Quanta tranquilidade tudo aquilo me transmitia! Recordei a primeira vez que vira essa paisagem. Abri os olhos. Kimball continuava diante de mim.

Estava entardecendo quando chegamos ao castelo. Os soldados de meu avô nos reconheceram em seguida. Deixamos os cavalos nas baias.

— Senhora! — disse Dana, que passava, nesse momento, pelo pátio de armas. O que você faz aqui? Pensávamos que estava ...

— Retornei.

— Quanto me alegro de vê-la! Já verá como seu avô ficará feliz.

Em poucos minutos ele apareceu, sério, sem acreditar no que via.

— É você, Elizabeth? O que faz vestida de monja?

Aproximou-se e me abraçou.

— Uma longa história a deste traje.

Depois olhou para Kimball.

— Alegro-me ao vê-lo, cavaleiro.

— Eu de ver você, também.

Ambos sorriram. Meu avô segurou meu braço e me levou ao interior do castelo. Kimball nos seguiu.

— Desculpe, como imagino que quer falar com sua neta, deixarei vocês sozinhos.

— Acompanhe o cavaleiro até seus aposentos — disse meu avô à donzela.

Vimos Kimball se afastar. Ficamos sozinhos. Meu avô me convidou a tomar assento na biblioteca.

— Filha, o que aconteceu?

— Precisei partir, avô, contra minha vontade, mas precisei ir.

— Aonde?

— Não posso dizer. Fui... longe, muito longe.

— Mas, deveria ter dito a nós. Seu marido estava desesperado, veio me visitar em várias ocasiões. Por que não retornou junto a ele?

— Não podia.

— Mas... por quê?

— Avô, não posso lhe explicar isso, de verdade, não posso.

— Não entendo nada. Bom, o importante é que agora está aqui. Sinto-me feliz de que assim seja.

Alegrava-me de estar com meu avô. Subi a meus aposentos. Recordei o quarto de minha mãe. Precisava entrar em algum momento de minha estadia ali. Devia descobrir mais coisas. Fiquei em meu quarto. Disse a meu avô que não jantaria; não me encontrava bem. Além disso, não queria ver Kimball. Tirei o traje de monja e decidi sair para passear pelos arredores do castelo, que estava localizado sobre alguns escarpados. Escutava uma música de gaitas de fole. Observei, do alto, a praia. Havia camponeses que tinham organizado uma festa. Fechei os olhos e comecei a me mover, ao som da

música. Nesse momento notei que me seguravam a mão. Abri os olhos rapidamente. Era Kimball.

— Permite-me.

— Já sabe que não danço muito bem.

— Eu sei.

Suas pupilas brilhavam na escuridão da noite, sorria. Eu, apesar da dor que sentia pela frieza de seu coração, sentia-me feliz em seus braços.

Permanecemos em silêncio, nos deixando levar por aquela música até que ela parou. Continuamos dançando, apesar de que já não nos acompanhava o som das gaitas de fole. Paramos. Nossos olhares estavam fixos um no outro. Kimball levantou sua mão direita para retirar uma mecha de cabelo que cruzou em meu rosto.

— Eu me senti muito sozinho sem você. Algo me faltava. Meu coração não queria continuar pulsando. Percorri todas estas terras.

— Kimball... — eu o interrompi.

— Deixe-me falar, Beth. Preciso lhe dizer isso como já lhe disse, em mais de uma ocasião, fui me unir às tropas de Robert para resgatar o rei Ricardo pensando que a batalha me devolveria à vida, mas não foi assim, porque a vida, minha vida, pertencia a você, e já não poderia ser feliz se você não estava a meu lado. Soube naquele instante, que somente junto a você eu queria respirar. Retornei, encerrei-me em mim mesmo, até que compreendi que jamais a encontraria, que você havia partido para sempre. Em Grace encontrei a desculpa, perfeita, para refazer minha vida, mas eu sabia que

ela não devolveria minha felicidade, nem a vontade de continuar vivendo. Eu não a amo, Beth, nunca a amei.

— Mas... — Colocou seu dedo indicador sobre meus lábios para silenciá-los.

— Deixe-me terminar, impaciente. — Sorriu. — Ao vê-la, aquele dia, soube que Deus, enfim, me escutara. Você estava ali, depois de eu suplicar, em tantas ocasiões, que Ele a devolvesse para mim. — Acariciou minha bochecha. Meu corpo estremecia com cada toque dele. Não podia acreditar no que eu estava escutando. — Meu orgulho ferido quis machucá-la, mas por dentro, morria de vontade de beijar você, de fazê-la minha outra vez. Não posso e não quero ficar, um segundo a mais, sem dizer que a amo Beth. Sim, amo você!, nunca deixei de amá-la. Vivo por você. Já não quero respirar se você não estiver a meu lado. Não quero continuar me afundando nesta amargura. Continuo apaixonado por você. Poderá perdoar o mal que lhe fiz com minhas palavras e meus atos?

— Pois não sei... — sentia-me muito feliz. — Sim, Kimball, claro que sim. Você sabe que eu amo você.

Ele segurou meu rosto entre suas mãos e aproximou seus lábios dos meus. Meu Deus, quanto tempo eu desejei seus beijos! Um calafrio percorreu todo meu corpo.

Ele notou. Eu precisava dele. Seus lábios acariciavam os meus devagar, sentia o prazer que aquele roçar provocava em mim. Kimball foi baixando suas mãos, até chegar à minha cintura, envolveu-me com seus fortes braços e me atraiu,

para ele, enquanto me beijava. Parou para me olhar. Sorriu, elevou-me em seus braços e girou sobre si mesmo.

— Kimball! Está louco!

— Sim, louco por você, Beth.

Rodeei seu pescoço com meus braços enquanto ele me mantinha no alto. Beije-o; desta vez com o desejo de tê-lo somente para mim. Afastou-se para me observar.

— Como senti sua falta! Não volte a se afastar de meu lado. Sabe que eu a protegeria com minha vida, se fosse necessário.

— Não diga isso, Kimball.

— Mas sabe, não é verdade?

— Sim, mas não quero escutar você dizendo isso.

Deixou-me no chão e me rodeou a cintura. Mantinha-me presa, imobilizada entre seus braços, beijando-me o pescoço, as bochechas, estava desejando que seus lábios voltassem a se apoderar de minha boca. Nesse momento escutei um ruído.

Kimball também o percebeu, pois ambos nos viramos, ao mesmo tempo. Na distância observei uma sombra que fugia.

— Retorne ao castelo, Beth.

— Mas... Kimball!

Ele começou a correr atrás dessa sombra.

— Faça o que eu digo! Retorne ao castelo!

Vi como ele se afastava de mim. Fui correndo para dentro do castelo.

— Beth, é você, querida?

Era meu avô.

— Sim, avô, sou eu.

— Venha!, sente-se a meu lado. Quero lhe contar algo.

Coloquei-me em frente a ele. Eu estava nervosa.

— Posso saber onde você esteve? Tem as bochechas vermelhas.

— Sim? — Levei as mãos a meu rosto, mas preferi não responder — O que quer me dizer, avô?

— Você sabe que eu estou convencido de que sua avó foi assassinada, apesar de que seu cadáver nunca apareceu. Na noite anterior, ela estava intranquila, não falava, o que era pouco habitual. Perguntei o que acontecera e ela me perguntou se alguma vez eu havia visto este símbolo. — Meu avô fez um desenho sobre um pergaminho. Era uma hélice envolta em um círculo, o mesmo símbolo que eu vi no poço. — Eu jamais havia visto. Perguntei-lhe o que era. Ela me disse que na árvore sagrada tinha visto manchas de sangue, com este símbolo sobre o tronco. Na manhã seguinte ela esteve ausente. Foi ver o Allan. Eu me aproximei da árvore e não vi nada. Quando ela retornou eu lhe disse. Eu não conseguia acreditar. Naquela noite ela desapareceu e nunca mais a vi. Mas encontrei isto, escondido entre suas coisas. — Estendeu a mão e me deu um papel no qual havia uma letra, imprecisa, como consequência do passar do tempo. Li. — Leia em voz alta, querida.

Se continuar me procurando, encontrará sua desgraça.

— Era o que dizia a mensagem.

Observei que o símbolo estava no papel. Levantei meu olhar. Estava surpresa. Esse mesmo símbolo..., o mesmo que me recordava das paredes do poço.

— Não voltei a vê-la. Somente encontramos sua roupa com sangue.

— Suspeita de alguém, avô?

— Alguns dias antes, sua avó recebeu uma visita de um sacerdote muito jovem.

Aquele bispo que veio buscá-la aquele dia me lembrou ele, embora claro, o bispo de Durham seja muito mais gordo. Mas aquele dia que ela se encontrou com ele, disse-me que estava com medo. Eu então não a entendi e também não quis escutá-la, coisa que me arrependi, desde o seu desaparecimento. — Ele esfregou os olhos, estava cansado. — Bem filha, é muito tarde, queria somente compartilhar isto com você. Quero que fique com este papel e faça o que quiser com ele. Sinto-me mal cada vez que o vejo.

— Até manhã, avô. Eu também vou descansar.

Subi as escadas, temerosa, acima de tudo pelo que ele me contara. Decidi ir ao quarto de Ceridwen. O corredor que conduzia ao quarto de minha mãe estava muito escuro. A porta do quarto estava aberta.

— Dana! O que faz aqui?

A jovem donzela estava sentada sobre a cama. Ao me ver entrar se assustou e se endireitou de um salto. Estava com um papel na mão.

— Perdoe-me, senhorita.

— Não entendo mais nada, este lugar te dava medo.

— E é verdade. Eu amava a sua mãe. Eu era uma menina quando entrei nesta casa para servir. Meus pais tinham morrido e o senhor me ofereceu um trabalho, teto e comida. Sua mãe... antes de partir me fez prometer que esconderia alguns papéis que ela escreveu, em seu quarto. — Sua voz tremia.

— Continue, Dana. Não tema.

— O dia em que desapareceu eu guardei seus papéis na madeira do chão, que você descobriu. Sua mãe me disse que, se em algum momento alguém descobrisse seus escritos, eu precisava me assegurar de que não lessem uma das folhas. — Mostrou-me o papel que estava em suas mãos. — Quando você se interessou em vir ao quarto, fiquei nervosa se por acaso descobrisse os escritos. Por isso tentei lhe dar medo, fazer ruído no corredor para ver se a assustava, mas você é corajosa, como ela. — Ela me entregou a folha. — Sinto muito, senhorita! Perdoe-me! Eu somente fiz o que prometi.

— Entendo-a, Dana. Agiu como devia.

— Obrigada, senhorita.

Dana partiu. Fixei meu olhar naquele papel. Estava escrito somente uma frase:

“... Como não me dei conta antes, são dois, essa é a chave”.

Fechei a porta de meu quarto. Precisava contar para Kimball. Devia compartilhar com alguém o que meu avô me contara e os escritos de minha mãe. Ele ainda não havia retornado.

Eu estava preocupada, não conseguiria dormir, até não me assegurar de que ele estava são e salvo. Transcorreram várias horas até que escutei suas passadas subindo as escadas, parou em minha porta. Não entrou. Deve ter pensado que estava adormecida. Saí a seu encontro.

— Kimball!

Ele se virou e veio para meu quarto, puxou-me para dentro, atraiu-me para seu peito e me beijou. Afastei-me para olhá-lo nos olhos.

— Alcançou-o?

— Não, escapuliu pelo bosque. Estive procurando, mas nada. Nem rastro. Mas agora não quero pensar nisso — ele disse enquanto me beijava o pescoço.

— Espere, Kimball, preciso lhe contar e lhe mostrar algo.

— Não pode esperar?

— Não. — Eu disse me afastando com força, já que sabia que se ele continuasse me beijando eu perderia a razão e o sentido da realidade e me abandonaria em seus braços.

Ele me olhou com intensidade. Entreguei os papéis que minha mãe escrevera.

Depois lhe contei o que meu avô me disse e o que me aconteceu naquele dia em que fui para o poço.

— Por que não me contou isso, Beth? Precisava ter acreditado em mim. A intenção daquele homem era matar você.

— Sei, mas preferi não preocupá-lo mais do que você já estava.

— Beth, Beth... Não devia ter retornado para cá.

— Preciso saber o que aconteceu, Kimball. Há algo que me persegue e a meus antepassados: uma maldição que repercutirá para sempre em minha vida. Até que não desvende este quebra-cabeças, não poderei ser feliz.

Sentei-me sobre a cama. Kimball se movia nervoso de um extremo a outro do quarto.

— Teríamos que ter ficado em minhas terras. O bispo a deu por morta, igual a todo mundo que a procurava.

— Kimball! Fugir e se esconder não é a solução. Aqui está meu avô, e quero que conheça Emma, e depois minha tia, a quem algum dia precisarei ir ver. Desde que me raptaram ela não soube nada de mim.

— Visitei-a. Pensei que possivelmente você tivesse ido vê-la. Conte-lhe tudo. Ela também pensou que você havia morrido.

— Mas entende que não podemos viver nos escondendo, Kimball.

Ele se aproximou de mim. Sentou-se a meu lado na cama. Segurou-me as mãos.

— Não quero perdê-la e isto é perigoso. Não sabemos quem é o inimigo.

Tenho medo de que lhe aconteça algo, Beth. Eu morreria. Não poderia continuar vivendo.

Acariciei-lhe a bochecha.

— Não vai me acontecer nada.

Ele pegou minha mão e a levou aos lábios. Acariciei seu rosto e o beijei.

— Amo você, meu cavaleiro.

Ele sorriu. Suas mãos deslizaram por meus braços até chegar a minha cintura; envolveu-a suavemente e me aproximou de seu peito. Deitou-me sobre a cama e ficou sobre mim: queria que acontecesse o inevitável. Suas mãos percorreram minhas coxas. Precisava. Excitava-me conforme ele me tocava. Levantou a saia de meu vestido. Seus dedos acariciavam cada milímetro de minha pele, provocando um gemido de prazer com o seu roçar. Meu corpo reclamava a cada movimento. O homem que me aprisionava com seus braços e suas carícias me fazia vibrar com cada um de seus beijos, até me sentir dele. Ambos precisávamos nos amar com urgência.

— Amo você — ele me disse.



Eu não conseguia dormir. Ele estava a meu lado, me abraçando, adormecido. Já tinham surgido os primeiros raios de sol. Estava intranquila por tudo o que tinha descoberto. Precisava ver o Allan. Vesti-me e desci as escadas silenciosamente.

Encontrei o moço das baías, que me olhou surpreso. Era muito cedo.

— Por favor! Se vir o cavaleiro, diga-lhe que fui à cabana do Allan. Ele assentiu.

Saí, desci ladeira abaixo, passando primeiro pela capela, depois por aquele poço. Entrei no bosque. Na distância eu vislumbrava a cabana.

Aproximei-me. Observei, a certa distância, para ver se saía alguém, e aproveitar o momento para entrar na cabana. Vi que Allan saía. Se dirigia ao lago, e o segui. Que ele faria indo lá tão cedo? Notava-o inquieto; ele olhava para todos lados. Chamei-o por seu nome e ele se voltou. Ao ver-me ficou pálido e se aproximou de mim, rapidamente.

— Senhorita!

— Olá, Allan.

— Estive preocupado com você. Pensei...

— Sei. Mas não foi assim. Precisei partir para longe.

— Precisa ir, agora mesmo, daqui!

— Por quê?

— Você corre perigo. Ele... ele está perto, e se ele souber que está aqui, fará o mesmo que fez às outras.

— Quem é ele? O que ele vai fazer?

— Não posso dizer. — Colocou ambas as mãos sobre sua cabeça e caiu ao chão, de joelhos. — Se a descobrir vai matá-la. — Ele chorava.

— Mas... quem? — Eu insisti.

— Não! — Ele gritou.

Senti que tapavam minha boca, pressionando um pano úmido sobre ela.

Umas mãos robustas me imobilizavam. Havia alguma coisa naquele pano. Seu aroma me dava náuseas. Comecei a me sentir enjoada e a visão ficava nublada.

XLIV

Despertei assustado, a primeira coisa que fiz foi ver se ela se encontrava a meu lado. Não estava! Vesti-me rapidamente e desci as escadas. Fui até o refeitório, mas não havia ninguém lá; saí, nem rastro dela em nenhum lugar.

— Senhor! — disse-me o moço que saía das baias naquele momento. — A senhorita me pediu que lhe dissesse que ia até a casa de Allan.

— Lá? Não lhe disse mais nada?

— Não, senhor.

— Faz quanto que partiu?

— Faz tempo, senhor.

— Obrigado.

Meti-me nas baias e peguei um cavalo. Como lhe ocorria sair sem mim, depois de tudo o que me contara na noite anterior? Meu coração batia rápido. Temia que tivesse acontecido algo.

Dirigi-me à casa daquele homem. Amarrei meu cavalo ao tronco de uma árvore e fui andando até aquela cabana. Bati à porta, mas não havia ninguém ali.

Entrei. Somente uma fogueira, mas aquele pequeno recinto estava totalmente solitário; então eu escutei um ruído. Era o ancião que sempre ia com Allan.

— O que você faz aqui? — Ele me perguntou.

— Queria falar com Allan.

— Ele não está.

— Sabe onde posso encontrá-lo

— Por que o procura?

— Acredito que a senhora Elizabeth veio falar com ele, mas como ela não retornou... vim procurá-la.

— A senhorita Elizabeth? Desde quando ela está aqui? A última notícia que tive é de que ela havia desaparecido.

— Veio ver seu avô.

— Pois ele não está. Tenho que reconhecer que estou preocupado. Disse-me que ia ao lago, como todas as manhãs. Sempre vai, mas em seguida retorna.

— Ao lago?

— Sim.

— Vou para lá.

— Acompanho-o.

Guiou-me por um atalho, pelo qual, em seguida, encontramos o lago. Observei a areia, percebi algo estranho que não disse para aquele homem. Havia marcas de pegadas. Em total de quatro, de tamanhos diferentes. Pelo tamanho delas deviam ser de homens. Elas desapareciam justamente em um lado à beira do lago, onde se iniciava a área do bosque.

— Encontrou algo? — Ele me perguntou.

— Não, somente vejo se por acaso encontro alguma pista. — O homem se sentou na areia e colocou suas mãos sobre a testa. Sentei a seu lado.

— Teme pela vida de seu filho?

— Ele não é meu filho, mas o quero como se fosse.

— Eu pensava que sim.

— Não, sua mãe, minha irmã, morreu no parto. — Ele me olhou. — Ela teve gêmeos. O primeiro, Paul, nasceu saudável, sem nenhuma deficiência, mas com Allan tudo se complicou. Demorou para sair do ventre dela; de fato, acreditávamos que ele morreria, mas não, viveu, e minha irmã morreu. Ela perdeu muito sangue.

— Sinto muito — eu lhe disse — E onde está Paul?

— Ele... vem e vai. São muito diferentes. — Ele me olhou. Sabia que ele me ocultava algo e que não queria continuar falando. — Vou retornar à cabana, talvez ele tenha retornado.

— Sim, acompanho você.

Retrocedemos o caminho andado. Ali não havia ninguém. Despedi-me dele. Fui até meu cavalo, com a intenção de aproximá-lo mais do lago. Quando cheguei lá, escutei o relinchar de outro animal. Aproximei-me. Era o cavalo de Beth. Nesse momento sim, eu comecei a sentir medo. Ela não estava e o homem a quem ela fora ver também não. Retornei ao castelo para deixar o cavalo de Beth. Ninguém me viu, algo que facilitou com que eu pudesse partir rapidamente. Voltei novamente à cabana. Não havia ninguém no exterior. Estava a ponto de partir, quando observei que o ancião se aproximava da porta da choça, deteve-se e começou a falar com alguém que estava dentro dela. Não conseguia ouvir o que diziam. Aproximei-me um pouco mais, com muito cuidado para não ser visto.

— Não devia ter voltado!

Só conseguia escutar o ancião.

— O que fez com ele?

Deduzi que se referia ao Allan. Nesse momento ouvi a voz do homem que estava no interior.

— Vá buscá-lo! Chora como uma menina; não o suporto.

O ancião olhou para todos os lados, entrou na cabana e fechou a porta.

Havia algo estranho em tudo aquilo. Esperei um momento, mas ninguém saía dali.

Decidi retornar ao lago. Voltei a ver as pegadas que levavam ao bosque. Entrei, andei um pouco, observei alguns ramos quebrados e segui a pista, até um grande carvalho que havia no meio do arvoredo. Ali perdi o rastro.

Estava nervoso. Intuí que algo ruim acontecera para Beth. Lamentava por não ter despertado quando ela despertara. Retornei para onde estava meu cavalo. A porta da cabana continuava fechada. Precisava voltar para o castelo.

O tempo havia passado muito rápido. Era a hora do almoço, e não queria que seu avô sofresse, outra vez, a perda de sua neta. Inventaria alguma desculpa. À tarde, retornaria à cabana e não partiria dali até averiguar com quem aquele homem falava. Tive a sensação de que ele ocultava algo e sabia mais do que dizia.

XLV

“Que dor de cabeça!”. Sentia-me enjoada. Abri os olhos rapidamente, com medo de que tivesse retornado à minha época. Não, estava em um quarto escuro.

Sentia frio. As paredes eram de pedra e não havia nenhuma fresta pela qual se infiltrasse a luz. Comecei a me curvar. Aquele espaço no qual eu estava era pequeno, com muita umidade. Toquei uma porta. Era de madeira.

— Há alguém aí? — Eu gritei. Minha voz fazia eco. — Tirem-me daqui!

Comecei a me assustar. Onde eu me encontrava? Parecia não ter ninguém.

Comecei a chorar. “Meu Deus, agora não! Ajude-me!”, eu pensei. Estava com frio, fome e sede. Algo roçou minha perna, e vi um animal diminuto correr. Não era um, nem dois, mas muitos roedores. Encostei-me contra a parede e rezei. Era a única esperança.

Não sei quanto tempo transcorreu, eu havia perdido a noção. Escutei um ruído atrás da porta. Ela foi aberta, eu não distinguia quem era a pessoa que estava em frente a mim. Era alto, magro e usava um capuz.

— Ora, ora! A quem temos aqui. — Pela voz eu o reconheci; era aquele padre que me julgou em Durham. Fiquei com medo.

Agarrou-me pelo braço. Sentia-me fraca e com poucas forças para lutar. Machucava-me. Saímos da cela, e ele me levou por um corredor escuro, até chegar a uma sala com mais luz. Empurrou-me para o interior e fechou a porta atrás de mim. A sala não era muito grande. Ao princípio meus olhos custaram a se adaptar à luz.

Depois, comecei a observar o lugar no qual me encontrava sem me dar conta de que eu não estava sozinha; em um canto, sentado, estava o bispo que observava cada movimento meu. Reconheci-o ao vê-lo.

— Enfim encontramos você! Sabia que cedo ou tarde você reapareceria. Claro que por ser uma bruxa sua decisão de ver seu avô foi errada.

— O que quer de mim? — Eu perguntei.

— Ha, ha, ha! Querida, você sabe muito bem! — Ele disse enquanto se levantava e se aproximava devagar. Em um canto da sala estava aquele homem encapuzado que nos acompanhou durante todo o trajeto até Santo André.

— Não sei o que quer de mim! Eu não tenho nada que possa interessá-lo.

— Sim, você tem. É a escolhida, a única que pode encontrar o santo Graal.

— Eu não sou a escolhida e desconheço onde está o Graal.

— Pois se lembre! — Ele gritou. Estava raivoso, agressivo. Respirou, guardou silêncio e controlou sua fúria. — Resulta que, de caminho ao condado de Essex, passei muito perto das terras do homem ao qual você enfeitiçou com sua magia.

Decidi lhe fazer uma visita e ir a seu castelo. E lá, qual foi minha surpresa? Encontrei uma menina, Emma, sim, esse era seu nome. — Ao ouvir o nome de minha filha, meu coração começou a pulsar em pânico. O pânico invadiu todo meu ser — Ora! Você ficou pálida. Pois sim, essa menina é muito parecida com seu cavaleiro, embora também tenha traços de sua mãe.

— O que pretende? O que quer?

— Você já sabe o que quero. Se não me der o santo Graal, muito a meu pesar, não voltará mais a ver sua filha. Uma lástima que isso precise acontecer. Ela é muito simpática.

— Nem lhe ocorra machucá-la! — Eu gritei.

— Depende somente de você.

— Muito bem, levarei você até ele.

— Então se lembrou! Alegro-me de que o tenha feito, pelo bem de Emma. — Ele foi ao canto onde estava aquele homem com a túnica negra e o capuz e lhe sussurrou alguma coisa no ouvido. Depois veio para mim seguido muito de perto por aquele estranho. — Hoje, você descansará em um quarto mais confortável e terá comida para levar à boca. Partiremos amanhã de madrugada para Glastonbury. A viagem é longa e não quero que desmaie. Ele se dirigiu à porta. O encapuzado me agarrou pelo braço e me puxou.

Não via seu rosto, mas sim o queixo, onde pude distinguir aquela cicatriz que eu havia visto naquele homem do bosque que tentou me matar. Era ele!

“Onde você está, Kimball?”, eu pensei. Nunca até então, tive tanto medo quanto nesse momento, a vida de minha filha corria perigo e Kimball não sabia nada do que estava acontecendo. Precisava pensar em algo, mas, nesse instante, minhas ideias não estavam claras.

Empurrou-me para dentro de um quarto, pequeno, mas confortável, com uma cama, iluminada somente pela tênue luz de uma vela.

XLVI

Havia passado um dia desde seu desaparecimento. Eu continuava sem rastro de minha Beth.

Precisei mentir para seu avô e lhe dizer que ela voltou a partir, porém retornaria desta vez.

Sabia que a qualquer momento Allan voltaria para seu lar. Acertei. Encontrei-o sentado no exterior. Fui com grande decisão para ele. Estava raivoso e temeroso pela vida de Beth.

— Onde está Elizabeth? — Fui direto ao ponto.

O homem se assustou, ficou de pé com a intenção de fugir para interior da casa. Agarrei-o pelo pescoço e apertei. Não estava disposto a deixá-lo partir sem me dizer nada.

— Intuo que você sabe de algo. Estou muito nervoso e disposto a tudo. Agora mesmo não raciocino e não controlo meus impulsos; então, ou me diz o que você sabe, ou não respondo por meus atos.

— Não fui eu, não fui eu! — Ele gritava.

O velho saiu da cabana. Foi direto a mim.

— Solte ele agora mesmo! Ele diz a verdade — disse o homem. — Venha comigo!, Contarei tudo.

Baixei minha mão e o segui. Atrás de mim vinha Allan.

— Senta-se!, por favor.

Eu estava impaciente.

— Minha irmã teve dois filhos, ele — assinalou Allan — e Paul. São gêmeos, como eu já lhe disse. Paul nasceu primeiro e ele depois, com tanta má sorte que houve complicações e nasceu assim. Ela morreu no parto e eu fiquei com ambos, cuidei dos dois, igualmente, mas enquanto Allan possui um coração nobre, e bom, Paul cresceu com ódio e rancor. Seu espírito abraçou o mal, desde bem pequeno. Eles são os filhos do bispo de Durham. Ele é o pai deles. Paul foi forçado por seu progenitor a ingressar na Igreja, mas não possuía a verdadeira vocação. Naquele homem mora a ambição e a maldade. É frio e calculista. Se encantou com minha irmã somente ao vê-la e a obrigou a compartilhar leito com ele, ameaçando-a que, se não o fizesse, a acusaria de herege. — Tapou seu rosto com ambas as mãos. — Eu não sabia nada disto. Soube depois, quando já era tarde e ela estava grávida dos gêmeos. O bispo sabia que ela teria os filhos dele e veio a nosso lar, muitas vezes, para ameaçá-la de que nunca dissesse quem era o pai. Também lhe disse que às crianças não faltaria nada; mas quando ambos nasceram, o bispo, ao ver Allan, pensou que ele estava possuído pelo mal. Estava convencido que havia sido um castigo do céu e se afastou de sua vida. Ela morreu, e eu fiquei cuidando deles mas, quando ambos completaram dez anos, o bispo nos fez uma visita. Mas se fixou somente em Paul.

Ocupou-se de sua educação e o afastou de nosso lar durante longas temporadas... Aquele homem convenceu-o que ele provinha do mal, que sua mãe estava impregnada do Maligno e que, portanto, sua alma estava manchada, desde o

momento em que ele nascera. Paul viu nas mulheres a sua desgraça, as causadoras de sua agonia e as causadoras de todas as desditas da humanidade. Matou Alice, a filha de Emili e Rum... e muitas outras. Sempre teve sede de sangue e não matou somente mulheres, mas também, em muitas ocasiões, como um animal selvagem, percorreu a Inglaterra do norte ao sul, semeando sua maldade, matando e esquartejando animais, para fazer rituais com seus órgãos, assassinando crianças... Como o moço que assassinaram perto de Norwich; Paul fez aquilo. O bispo, de certa forma, era beneficiado com sua forma de agir, já que sempre utilizava os crimes como pretexto para acusar os judeus como os causadores de tudo. A avó da senhorita o descobriu, não sei como, mas ela sabia que ele era o assassino. Quis falar com ele, mas Paul é o mal. Sua mente e seu coração estão selados por um pacto escuro. Ele a matou. Confessou o assassinato ao bispo, seu pai, que é conhecedor de todos os crimes de Paul. Ele é um monstro. Age como um animal selvagem. A filha da senhora também soube de tudo isso e precisou fugir, porém a perseguiram. O bispo não podia permitir que seu grande segredo fosse revelado. Além disso, elas usavam a cruz da escolhida e ele sabia. Existe uma lenda que diz que a mulher que usasse esse símbolo seria a única pessoa que poderia encontrar o Santo Graal escondido por José de Arimatéia, antes que ele morresse. O bispo acredita nessa lenda. Uma vez que ambas morreram, sem deixar rastro, nem desvelar o segredo, ele descobriu que Ceridwen dera à luz a uma menina. Sempre a procurou. Encontrá-la significava

poder alcançar o poder que sempre ansiara — Ele me olhou. — A senhorita corre um grande perigo. Allan me disse que a levam para Glastonbury. É a única coisa que conseguiu saber. Ele está muito triste porque gosta de Elizabeth. — Fez uma pausa. — Paul não nos quer. Envergonha-se de seu irmão e de mim. Quando ela mostrar onde está a taça Santa, a matarão. — Baixou seu rosto. — Precisa salvá-la, senhor.

Eu estava atônito, jamais havia sentido tanto medo quanto nesse momento. Não podia permitir que a matassem.

— Ela já não está aqui — disse Allan. — Nesta manhã, de madrugada, eles se foram, senhor.

Eu precisava me colocar em marcha o quanto antes

— Encerraram-na em uma casa oculta no bosque. Ela possui corredores com celas, lugar que Paul e o bispo utilizavam para prender as vítimas e depois enterrá-las ali. Nós sabíamos, mas tínhamos medo de dizer. Ele sempre nos ameaçou e inclusive esteve a ponto de matá-lo. — Apontou para Allan — Entende cavalheiro?

— Sim. Estão somente algumas horas a frente. Eu os encontrarei. Não permitirei que a matem igual a tantas outras. Obrigado.

Nesse momento compreendi a frase que a mãe de Beth escrevera. Ao dizer dois ela se referia a que eram os gêmeos, Allan e Paul.

Parti dali. Não podia perder mais tempo. Em nenhuma das batalhas que eu lutei havia sentido tanto medo quanto nesse instante. Não queria, nem podia perdê-la. Se lhe

acontecesse algo, jamais me perdoaria isso. Iria culpar-me de não ter estado alerta, atento.

Despedi-me do avô de Beth. Intuí que ele não acreditou em tudo o que lhe contara, mas não estava disposto a lhe dar mais detalhes. Não queria que ele sofresse mais do que havia já passado. Beth precisava partir, mas retornaria logo. Foi isso o que eu lhe disse. Justifiquei minha partida explicando que precisa ir às minhas terras, já que minha irmã logo se reuniria com seu marido e devia me despedir dela. Sei que ele não acreditou, mas também não perguntou, algo que agradei.

Precisava chegar a Santo André o quanto antes. Sabia que dali saíam os navios que partiam para a abadia de Whitby. O avô de Beth me dera um corcel. Teria que deixar o animal em liberdade uma vez que chegasse em Santo André. Em Whitby procuraria o padre John. Ele prometera cuidar de meu cavalo.

Eles levavam vantagem, mas eu precisava alcançá-los. Intuí que não se arriscariam a ir em um navio. Evitariam ser vistos com Beth. Avançariam por caminhos secundários e tentariam passar despercebidos, passando a noite nos conventos ou mosteiros, que encontrassem em seu percurso. Eu devia chegar antes deles. Seguia sozinho e era rápido. Estava acostumado a sobreviver sem muito descanso, com pouca comida e bebida. Minha experiência nas batalhas me fizera ter essa vantagem à frente dos que se dedicavam à vida contemplativa.

Sentia ódio e sede de vingança. Aquele bispo, desde o primeiro momento, teve a intenção de capturar Beth e, apesar de eu ter vencido naquela luta, em seus planos nunca existiu a ideia de deixá-la escapar. Caso ele lhe fizesse alguma coisa...

Preferi não pensar. Chegaria antes deles em Glastonbury e os esperaria na capela. Sabia que a primeira coisa que fariam ao chegar à colina seria visitá-la. Ele ambicionava se apoderar do Santo Graal.

XLVII

Transcorreram várias semanas desde que havíamos saído da ilha Maree. O bispo, ardiloso, andara por caminhos pouco transitados, em seu carroção, e eu dentro dele, para que ninguém me visse.

Já estávamos perto de Glastonbury, mas ele se assegurou de não passar por nenhum lugar no qual eu pudesse ser vista pelos homens de Kimball.

O carroção e a pequena comitiva que o acompanhava, parou. Permanecemos toda a tarde em um bosque próximo da grande colina, escondidos até o anoitecer.

Aquele homem com capuz e capa negra estava sempre próximo a mim. Eu notava como ele retorcia a corda que levava sempre em suas mãos. Eu tinha medo.

O bispo não se dirigia a mim, sempre o fazia, aquele padre que me julgou naquela ocasião, lembrando-me de minha promessa de lhes mostrar o lugar onde se encontrava o Santo Graal. Eu estava nervosa. Não parava de pensar no que faria quando estivesse naquela capela. Temia pela vida de minha filha.

Aqueles homens eram capazes de matá-la.

— É a hora — disse o bispo.

O sol se ocultou, e a espessura do bosque tornava tudo mais escuro. Atravessamos. Eu tinha medo. Saímos para a

planície e lá no alto se divisava a capela. Era pequena, uma construção antiga, singela. Levavam-me rapidamente. O homem encapuzado, em um momento no qual o padre e o bispo foram na frente, aproximou-se de mim e me sussurrou:

— Você e sua filha bastarda vão morrer. Uma bruxa e sua filha não merecem viver.

Não respondi, mas aquela voz aguda e fria me impactou. Ele continuava a meu lado, e acelerei o passo.

Subimos até o alto. Havia vento. Eu olhava para todos os lados com a esperança de que alguém pudesse estar ali. Estava tudo solitário.

— Não pense que vai conseguir escapar — ele disse outra vez.

O bispo, seguido do padre, abriu a porta da capela e acenderam algumas velas que havia na entrada. Era frio lá dentro. A tênue luz das velas proporcionava um aspecto muito mais tétrico, refletindo sombras arrepiantes nas paredes. Em frente a mim havia uma singela imagem da Virgem, assim como, também, uma cruz. As paredes pintadas, representavam cenas da crucificação do Senhor. Os três se viraram para me olhar.

— Já estamos aqui. Agora me diga onde está.

— Preciso observar o lugar. — Posicionei-me perto da porta. Estava com a intenção de fugir, sair correndo. Era a única coisa que me ocorria.

Disfarcei. O encapuzado se aproximou de mim; possivelmente pressentia o que eu ia fazer. Era o momento. Comecei a correr colina abaixo, eu era rápida, mas o

encapuzado também era; vinha atrás de mim. Decidi não olhar para trás e avançar. Estava muito assustada. Escutava a respiração muito próxima do homem que me perseguia.

— Beth! — era a voz de Kimball. Parei em seco e olhei para trás, não o via em nenhuma parte.

Nesse momento me agarraram pelo braço. Era aquele homem. O capuz havia caído, estava com uma parte do rosto desfigurado, por causa de uma queimadura e possuía uma grande cicatriz no queixo. Era um ser sinistro de olhar frio. Dei um chute e comecei a correr com tão má sorte que tropecei e rodei monte abaixo. Dei um forte golpe na cabeça. Não conseguia me levantar. Levei minha mão à cabeça: tinha sangue. A visão ficou nublada. A única coisa que vi antes de perder a consciência, foi uma figura masculina que se aproximava de onde eu estava. Eu estava perdida.

Aquele ser sinistro me mataria.

XLVIII

Aquele louco a perseguia. David estava lá dentro, com o bispo e o padre.

Como eu havia calculado, apesar de ter saído mais tarde que eles, eu cheguei com um dia de antecipação. Sabia que se dirigiam para ali, mas eu precisava de ajuda. Fui ao castelo. Ninguém podia me ver, com exceção do David. Assim que me viu ele soube que havia algo grave. Expliquei tudo, e ele não fez perguntas. Isso é o que eu gostava em David, sempre me prestava sua ajuda, incondicionalmente, sem esperar respostas.

Esperamos que se fizesse noite e nos escondemos na colina. Por fim os vimos chegar. Por um momento, pensei que meus cálculos e intuição haviam falhado. Desejei matá-los ao vê-los, mas sabia que isso colocaria a vida de Beth em perigo. Quando a vi correr e, aquele louco atrás dela, fui atrás dele. Assustei-me ao vê-la cair. Ela bateu a cabeça. Aquele homem se aproximou dela, esteve a ponto de matá-la, mas graças a Deus, cheguei a tempo. Afundei minha espada em seu corpo.

Ele deu a volta e me olhou com ódio. Em seguida o reconheci pela cicatriz: era o homem que eu vi com o conde Oton naquele torneio, o último torneio ao qual compareci. Paul levava na mão uma adaga dourada. aproximou-se de

mim e com a outra mão apertava seu abdômen. O sangue saía aos borbotões.

— Sua bruxa não vai viver, vou matar você e depois a ela.

— Não acredito que você viva para fazê-lo.

Aproximei-me dele, dei um chute em sua adaga e ela saiu voando. Afundei meu aço em seu ventre. Ele caiu ao chão.

— Hoje você arderá no inferno — eu lhe disse, enquanto sua vida escapava daquele corpo maligno.

Fui correndo até onde Beth estava. Peguei-a nos braços. Deitei-a na grama, ela estava inconsciente, pálida. Eu precisava voltar para a capela e ajudar meu amigo com o padre e o bispo.

Encontrei o padre morto dentro da capela. Procurei David, não o vi. Nesse momento senti a ponta de uma espada sobre minhas costas.

— Procura seu amigo? Sinto dizer que ele está morto.

Morto! Não podia ser verdade.

— Sim, e muito em breve você vai estar, também, igual a sua preciosa filha. É uma pena que a vida de uma menina termine assim.

Virei-me com ódio. Eu não permitiria aquilo. Daria minha vida por minha filha.

Agi rapidamente: agarrei a ponta do seu aço, e empurrei-a contra ele. Ele resistiu, fez um movimento brusco, impulso que aproveitei para colocar a ponta da espada em seu estômago. O bispo se aproximou com a intenção de se

dar bem com uma faca, mas se deu mal na jogada, já que naquele movimento o aço afundou em seu ventre.

— Maldito! — Eu lhe disse.

David estava nas proximidades da igreja, ferido.

— Não está morto! — Sorri ao vê-lo vivo.

— Não vai se libertar de mim com tanta facilidade, amigo.

— Ha, ha, ha! Pode andar?

— Claro, isto é somente um arranhão.

Endireitou-se e foi caminhando com dificuldade.

— Pode montar a cavalo?

— Amigo, parece mentira que você está me perguntando isto. Você sabe que não é a primeira vez que me ferem.

— Tem razão. Beth está inconsciente.

Deixei David e fui colina abaixo para procurá-la, eu precisava levá-la o quanto antes ao castelo.

XLIX

Os raios de luz me despertaram. Abri os olhos. Não podia ver com clareza, assim, voltei a fechá-los. Por um momento senti medo, a última coisa que eu me lembrava era aquele homem, com o rosto desfigurado, querendo me matar. Tentei me levantar, mas me doía todo o corpo e, sobretudo, a cabeça.

A luz do sol entrava pelo pequeno balcão. Onde eu estava? Estava claro que eu continuava na época em que queria estar. Então me lembrei que o que me fez cair foi escutar a voz de Kimball. Foi real ou um sonho?

Escutei ruído no exterior. Nesse instante uma rajada de vento acariciou minha face. Agradei. Não queria ficar deitada. Levantei-me com muito cuidado.

Vi que estava com uma camisola longa que me cobria os pés. Pisei no chão de pedra, que estava frio. Aproximei-me até o balcão, apareci pela janela e o vi, ali, no pátio, estava treinando Eamon com a espada, enquanto Emma corria de um lado para outro, passando entre eles. Em um desses momentos, Kimball a puxou pela cintura e a agarrou entre seus braços enquanto a beijava e fazia cócegas. Emma se retorcia de risada. Eamon os olhava divertido.

Kimball deixou a menina e depois se aproximou do menino a quem começou a perseguir para também fazer

cócegas. Os três riam e estavam se divertindo. Essa cena me fez sorrir. Aquela faceta eu não vira antes em Kimball. Descobri-la fazia com que confirmasse mais ainda, o amor que eu sentia por ele. Sentia-me feliz, estava em seu castelo. Não sabia o que havia acontecido, mas, desta vez nada, nem ninguém, me separaria dele. Vi uma mulher que me resultou muito familiar se aproximar deles. Era minha tia. Meu Deus!, o que fazia ela aqui! Emma corria para ela e ela a pegava nos braços enquanto lhe dava um beijo na bochecha; jamais imaginei que ela poderia ser tão carinhosa. Achei engraçado ver minha menina com aquela roupa tão pouco cômoda. Kimball disse algo para Eamon. Este último se foi com minha tia e Emma às baías enquanto Kimball levantava seu rosto e fixava seu olhar no balcão. Afastei-me; não queria que ele me visse. Fui à cama. Escutei umas fortes pisadas que subiam a grande velocidade pela escada.

A porta se abriu de repente. Ainda não me dera tempo a chegar à cama.

Olhei-o, sorri, e ele, veio até mim, rodeou-me com seus braços e me beijou.

— Cuidado, carinho, que me dói todo o corpo — eu lhe sussurrei.

— Tem razão. Sou um bruto, mas desejei tanto este momento!, você voltar para mim, viva. — Agarrou-me em braços e me deitou na cama. — Acreditei que morreria, Beth, foi um milagre que saísse desta. Bejira a esteve cuidando e...

— Minha tia? — Eu disse.

— Sim, estive nos espiando?

— Sim. Ha, ha, ha!

— Sua tia veio ao castelo em várias ocasiões depois de seu desaparecimento e, depois de você partir nesta última vez, voltou a nos visitar. Fez amizade com minha irmã, que ainda continua aqui. Ao ver Emma fez muitas perguntas e, ao final, Mildred teve que lhe dizer a verdade. Ela ficou no castelo. Não houve maneira de mandá-la embora. Queria a esperar e de passagem cuidar e desfrutar de sua sobrinha.

Quando me viu aparecer com você nos braços, meio morta, cuidou de você. Apesar de suas diferenças no passado e de sua forma de ser, gosta de você, Beth.

— Imagino.

— Não seja tão dura com ela! Ama Emma, e a menina se afeiçoou muito com ela.

— Tentarei.

— Como se encontra, meu amor? — Ele me perguntou enquanto levava minha mão a seus lábios.

— Agora, estupendamente bem. Kimball aqueles homens...

— Sei de tudo.

Começou a me relatar toda a história. Comecei a compreender por que aquele homem estava na ilha Maree, porque matara minha avó e minha mãe.

— Mas há algo que não encaixa — disse Kimball — e que estou disposto a averiguar.

— O que é? — perguntei.

— Aquele homem, o gêmeo de Allan, Paul, eu o vi falando com o conde Oton e depois com Grace. Reconheci-o pela

cicatriz inconfundível de seu queixo. Disse algo que atemorizou o conde. Preciso saber o que era que aquele homem possuía contra o conde. — Fixou seus grandes olhos verdes nos meus. — Mas agora, o mais importante é que se recupere. Amo você, Beth.

— Eu também, meu adorável cavaleiro.

Nesse momento, Emma entrou no quarto seguida de Eamon e de minha tia.

Os dois vieram correndo para me abraçar. Minha tia ficou a certa distância, observando. Envolvei ambos com meus braços e os beijei. Emma se agarrou a meu pescoço e já não me soltava.

— Eamon — disse Kimball, — vamos deixar Beth a sós com sua tia um momento, depois poderá retornar para ficar com ela. — Emma ficou, resistia a se separar de mim.

— Olá, tia — eu lhe disse.

Ela me olhava severa.

— Não sei porque desapareceu. Não entendo como pode se casar com outro homem, mas vendo esta preciosa menina, seu marido que a ama e o lar que formou, me alegro de que o tenha feito, Beth. — Sorriu e se aproximou de mim.

Segurei suas mãos.

— Obrigada, tia. Alegro-me que esteja aqui. — Se eu pensasse, ela era a única família que eu tinha. Ela se sentou na cama.

— Não agi bem com você. Depois do que aconteceu com seu pai, sua mãe... e toda a desgraça que caiu em nossa família, como consequência daquilo, eu não queria que você

sofresse o que seu pai e eu tínhamos passado. Pensei que o capitão Alexander poderia ser um bom partido para você, mas errei e o sinto. Lamento não ter me apercebido antes, do tipo de homem que ele era, de tudo o que aconteceu por minha culpa e daquela desacertada decisão.

— Muito errada, tia — eu lhe disse.

Baixou seu rosto.

— Sim, muito. Sinto muito Beth, espero que algum dia possa me perdoar.

— Já o fiz. — Sorri.

Ela me abraçou.

— Só quero que entenda que agi por egoísmo, por desamparo e sobretudo por medo. Agora vejo com clareza as consequências de minhas más ações.

Acariciei sua mão magra e branca.

— Tia, tudo está esquecido.



Havia transcorrido um mês, e eu já me encontrava recuperada. Fazia calor, estávamos em pleno verão. Sentia a necessidade de passear pelos escarpados.

Sentei-me na grama e contemplei as ondas que rompiam contra a costa. Eu estranhava. Fazia uma semana que Kimbal foi acompanhar sua irmã às terras do conde Oton. Mildred foi muito triste e abatida, e me preocupava essa viagem depois do que Kimball me dissera: ele vira Paul com o conde e com Grace. Pobre Mildred! Assustei-me ao escutar

ruídos atrás de mim, virei-me, e ali estava o pai de Kimball com Eamon. Este último ao me ver saiu correndo ao meu encontro, rodeou-me o pescoço e eu lhe dei um beijo na bochecha. Emma ficara com minha tia, que gostava muito dela. O pai de Kimball se sentou a meu lado, enquanto Eamon se entretinha juntando tudo o que ia encontrando pelo chão.

— Acreditava que eu era o único que gostava de vir a este lugar — ele me olhou.

— Pois está enganado. Já somos dois, os que gostamos de contemplar o horizonte.

— Obrigado, Beth.

— Obrigada... por quê?

— Por haver devolvido a alegria a estas terras.

— Não acredito que se deva a mim.

— Sim, claro que se deve a você. Desde que minha mulher morreu, a tristeza encheu meu lar. Meu filho estava abatido, sem vontade de viver. E minha filha... — Baixou seu rosto — já a vi: não é feliz com esse marido que tem, e dessa infelicidade, eu sou o causador.

— Você? Não acredito que tenha a culpa de que o conde Oton seja tão déspota e cruel. Está em sua forma de ser.

— Sim, eu sou. — Ele me olhou. — Minha mãe era judia. Pode imaginar o que isso significa para alguém que tem o título e reconhecimento de ser o conde de Essex? — Neguei com a cabeça — Se alguém revelasse que levo sangue judeu por minhas veias, o rei não hesitaria em me tirar todas as minhas terras e todos os meus pertences. Meus pais

guardaram em segredo, mas às vezes o mínimo detalhe, do qual não nos damos conta e não reparamos, alerta a outros e é o momento no qual tudo aparece.

— Não o entendo! — eu disse.

— O pai do conde Oton desejava minhas terras, já que junto com as suas, iriam proporcionar-lhe mais poder. Em uma visita a seu castelo, o conde Oton, que então era um jovenzinho muito intrometido, escutou uma conversa, particular, que tive com meu pai, na qual foi mencionada a ascendência de minha mãe, que nesse momento havia falecido. Ao princípio pensamos que ele não havia escutado, mas ele guardou aquele segredo até que o utilizou. Ameaçou-me através de uma carta, que revelaria se não lhe concedesse a mão de minha filha...

— Kimball sabe disto?

— Sim, antes dele partir eu confessei. Ele precisava saber.

— Kimball o odeia e, se agora souber de tudo..., ele pode ser capaz de alguma coisa.

— Não, isso nunca. Sabe que colocaria em perigo o bem-estar de sua irmã.

Eu estava assustada. Temia por sua vida. Sabia que até que ele não retornasse ficaria intranquila.

L

Ambos, nos olhávamos com intensidade. Aquele jantar estava resultando do mais tenso. David não deixava de observar minha irmã, e tanto o conde quanto eu, mantínhamos o olhar fixo, um no outro.

— Surpreende-me, Kimball.

— Por quê? — Eu estava desejando escutar sua resposta.

— Faz alguns meses que se casaria com minha sobrinha e agora vejo que não só não vai se casar com ela, mas, também foi capaz de recusá-la depois de ter se comprometido. Partiu o coração dela. Posso saber a que se deve essa mudança?

— É uma decisão minha, que não vou compartilhar com você. De toda a maneira, duvido que eu tenha partido o coração dela. — Mildred me olhava com interesse. Ela tinha medo. Sabia que temia a hora de ir à cama com aquele homem. Maldito.

— Ha, ha, ha! Eu gostaria de saber o motivo de sua decisão, embora possa intuir qual é.

— E qual você acredita que é?

— Perdoem-me, — interrompeu Mildred, — não me encontro bem. Se me desculparem, vou para meu quarto.

David não tirava o olho dela, enquanto seu marido só olhava para mim.

— Muito bem, pode partir — ele disse com desprezo.

Sentia vontade de matá-lo, com minhas próprias mãos.

— Eu também estou cansado, retiro-me — disse David.

O conde e eu ficamos sozinhos. Eu o olhava desafiante. Estava disposto a tudo. Odiava-o por ter ameaçado meu pai, durante tanto tempo e por ter se casado com minha irmã, de uma maneira tão suja.

— Agora que já estamos sozinhos — ele me disse. — Sei que sua visita aqui não foi somente para me esperar e me dar as boas-vindas. Você, o grande Kimball.

— Tem toda a razão. É muito pouco convincente.

— Ha, ha, ha! Eu sabia!

— Estou preocupado.

— Preocupado? Você? — Ele gargalhou ante meu comentário.

— Sim, descobri que minha irmã está casada com um homem que tem certa amizade com Paul. — Ele arqueou as sobrancelhas e mudou seu semblante. — Sim, aquele cavaleiro que venceu a última vez, o torneio que você organizou, antes de sua longa ausência. Descobri que aquele personagem é um assassino. Pode me explicar que entendimentos você tem com criminosos?

— Desconhecia que fosse.

— Não acredito. Vi você com ele naquele dia; e mais, me deu a sensação de que você estava com medo. Ele também o ameaçou, não é verdade? O mesmo que você fez com meu pai, fizeram a você.

Ele se levantou.

— Não sei o que você está insinuando, Kimball, mas prefiro não saber. Estou cansado, amanhã continuaremos com esta conversação, agora não me vejo com forças para continuar com ela.

Ele saiu do salão.

Eu também subi para o quarto. Não conseguia dormir. Nem sequer havia tirado as botas. Sentia falta de Beth, de Emma e de Eamon, a quem considerava como um filho.

Sabia que aquele homem escondia algo. Precisava averiguar, mas ele era muito ardiloso. Escutei pisadas e abri a porta. Era ele. Decidi segui-lo com muito cuidado para que não me visse. Saiu para o pátio e se foi às baías. Depois se afastou do castelo em direção aos escarpados, com seu cavalo. Em seguida peguei meu cavalo e o segui a certa distância. Amarrei o animal ao tronco de uma árvore. Com muito sigilo, fui me aproximando de onde ele estava. Não estava sozinho. Havia uma mulher com ele, ele a beijava com paixão. Observei como ele acariciava sua barriga. Intuí pelos gestos que ele fazia que ela estava grávida. Em seguida distingi quem era ela. Era Grace! O que eu estava muito seguro era que o bebê que ela esperava não era meu. Não podia acreditar no que estava vendo. Ela era sua sobrinha. Deu-me nojo ver aquela cena. E Grace? Fazia somente alguns meses que estava comprometida comigo e neste momento... Então me lembrei como ele me empurrara para ela, depois de meu regresso das terras germanicas. A fúria se apoderou de todo o meu ser, pensei em minha irmã e em mim mesmo. Eles nos enganaram, riram de nós. Fui até eles. Deram-se

conta de minha presença. Observei como o conde levava a mão ao cabo de sua espada.

— O que significa isto? — Eu perguntei.

— Não sei a que se refere? — Ele respondeu.

— Eu acredito que sim. Vi tudo, não me enganam.

— Kimball! Espere que eu explique — disse Grace aproximando-se de mim e pousando sua mão sobre meu antebraço. A retirei.

— Não toque nela! — Ele gritou, me ameaçando com seu aço.

— Se é o que quer — eu disse desembainhando minha espada.

Começamos a lutar. Eu estava possuído de tamanha ira que queria acabar com o desgraçado que estava na minha frente. O conde tropeçou e eu pressionei a ponta de minha espada sobre seu pescoço, Grace gritou.

— Não, Kimball!, por favor, não o mate! — Olhei-a e o conde aproveitou minha desorientação para dar um chute em minha espada e afastá-la a de mim. Ele se adiantou para me ferir com sua adaga, mas eu o agarrei pelo braço ele perdeu o equilíbrio e tropeçou. Fui para ele; ele deu vários passos para trás sem se dar conta de que estava à beira dos escarpados e caiu no vazio.

— Não! — Gritou Grace.

Eu não queria esse final, mas era o que ele merecia. Foi feita a justiça.

— Assassino! Isto não vai ficar assim!

— Grace, aconselho que você parta para muito longe daqui, às terras de seu defunto marido. Está grávida de seu tio, sabe o que significa isso e as consequências que isso trará?

— Odeio você! — Ela chorava, mas era uma mulher esperta, sabia as consequências de seus atos. Eu não voltaria a vê-la. Ela foi correndo para o bosque, e eu a perdi de vista.

Sentei-me e suspirei. Meu coração pulsava. Enfim tudo acabara! Pensei em minha irmã e em David, sabia que seriam muito felizes. E pensei em minha Beth. Estava desejando lhe dar a vida que ela merecia e demonstrar como eu a amava. Amanhã eu partiria, desejava abraçá-la e sentir o roçar de seus lábios sobre meus.

LI

Emma ficara com Bejira. Eamon e eu decidimos subir a colina e ir à capela.

— Está muito escuro! — Disse-me o menino movendo suas mãos.

— Fique tranquilo, vamos acender essa vela. — Assinalei uma que havia no altar.

A capela era pequena. Fui direto para uma das colunas. Eamon me seguia.

Ali estava o desenho que eu observara em minha época anterior. Distinguia-o com clareza. Havia algumas palavras escritas. Eamon o traduziu.

— Você custodiará o Graal e, depois de você, aqueles que você designar. Ele parou e me olhou. — Tenho certeza que foi ele que escreveu.

— Como sabe? — Eu perguntei.

— Depois da ressurreição de Jesus, José de Arimatéia foi encarcerado, acusado pelos judeus de ter retirado o corpo do sepulcro. Foi preso em uma torre, onde recebeu a visão do Cristo ressuscitado e a revelação do mistério do Santo Graal. Jesus lhe disse as mesmas palavras que estão escritas aqui.

— Surpreende-me, Eamon. Como sabe de tudo isso?

Sorriu ao ouvir meu comentário.

— Já sabe que sou o Guardião; meus antepassados me transmitiram isso. — Me piscou um olho.

Achei engraçado a importância e mistério que queria dar a tudo aquilo.

— Pois então aqui está a chave. Observemos.

Depois de saber o que Eamon acabava de dizer, eu entendia melhor o desenho: um homem, que devia representar José da Arimatéia. No alto um olho do qual saíam raios de luz e a figura de Cristo crucificado; nas mãos do Santo, a taça sagrada, e junto a ele, a seus pés, uma fonte que emanava água. Então eu vi claramente. Na subida eu havia visto uma fonte criada pela natureza, da qual a água fluía abundante. Olhei o menino.

— Ele está na fonte!

Levantei-me, larguei a vela e saí correndo colina abaixo, já que a fonte estava junto ao rio que costeava a colina. Eamon me seguia entusiasmado.

Parei, sem fôlego. Ali estava, em frente a nós. Ambos analisávamos cada detalhe, Eamon chamou minha atenção. Indicou-me uma rocha com seu dedo indicador.

Em seguida vi o mesmo que o menino descobrira, o símbolo que Eamon levava tatuado em sua pele desde pequeno, o mesmo que estava encravado em minha cruz, a cruz de David, desenhada em cima desta a cruz de Cristo. Olhei o menino e ambos rimos. Estávamos nervosos por todo o acontecido. Eamon começou a escavar ao redor da pedra em busca da sagrada taça. Detive-o.

— Não! Acredito que a devemos deixar aí, no lugar onde o guardou o Santo, escondido. Sua procura trouxe muitas mortes e sofrimentos. Se o tirarmos deste lugar, a ambição das pessoas por querer e ansiar o poder nos perseguirá para sempre. Nunca poderemos ser felizes.

— Mas... então?

— Não o procuraremos. Será nosso segredo e permanecerá aí eternamente, ao passar de todos os séculos. Uma lenda será criada em torno do Santo Graal e, ao final, ficará somente nisso, em uma lenda.

O menino baixou seu rosto, levantou-o imediatamente e me sorriu.

— Eu sabia que você era a escolhida. Somente a escolhida pensaria e faria o melhor para todos.

— Ande! — Revolvi-lhe o cabelo com meus dedos. Ele moveu a cabeça para ambos os lados. — Retornemos e não diremos a ninguém nosso segredo.

Ele segurou minha mão e fomos, em silêncio, até à casa de Bejira, onde Emma se encontrava.

A menina estava fora da casa jogando entre as plantas de Bejira. Assim que nos viu, veio correndo até nós, rodeou-me as pernas com seus bracinhos gordinhos. Agarrei-a nos braços e dei um beijo muito forte em suas rosadas bochechas.

— Papai!

— Ele virá logo, carinho.

— Papai! — ela disse apontando com seu dedinho para o interior da cabana.

Meu coração começou a pulsar a grande velocidade. Seria possível que Kimball estivesse ali? Deixei Emma no chão, olhei para Eamon e fui correndo ao interior da cabana. Antes que eu abrisse a porta, ele apareceu na minha frente. Um grande sorriso se desenhcou em seu rosto.

— Kimball!

Não me deu tempo de dizer nada mais, ele me envolveu com seus braços e me atraiu para seu peito, beijou-me com doçura, algo que eu tanto gostava. Quanto desejara sentir aquilo outra vez! Amava-o, e não queria nunca mais, me afastar dele.

Muitas coisas inexplicáveis aconteceram na minha vida, mas eu sabia que tudo tivera um porquê. Possivelmente minha mãe e minha avó quiseram que se fizesse justiça por suas mortes, ou possivelmente, eu fosse a escolhida como Eamon se empenhava em assegurar, ou aquela porta dimensional se abria por acaso, no momento em que eu estava ali... Sabia que jamais saberia, mas para tudo o que acontecera havia uma razão: era ele. Ambos estávamos destinados a ficarmos juntos e o tempo se encarregou de que assim fosse. Nossas almas se procuraram durante muito tempo até que a luz permitiu que nos uníssemos para sempre.

LII

Passou um ano dos últimos acontecimentos. Logo partiríamos para as Terras Altas para visitar seu avô. Desta vez sua tia iria conosco. Seria uma dura viagem com aquela mulher.

Faltavam alguns minutos para que o sol se ocultasse e se produzisse o momento mágico tão ansiado por todos nós, aquele resplendor avermelhado sobre o mar que somente acontecia um dia, ao ano. Emma estava brincando na ladeira junto com suas primas. David, se casara com minha irmã. Via-se feliz à espera de seu primeiro filho com Mildred. Os camponeses que trabalhavam em minhas terras, também se somaram àquele espetáculo, mas me faltava ela. Por mais que a procurasse ali, onde estavam todos reunidos, não a encontrava. Olhei para a grande colina que terminava nos encrespados escarpados. Com certeza ela estaria naquele lugar, ela adorava se refugiar lá, eu também. Subi rápido, como se minha vida estivesse nisso, queria estar junto dela. Contemplei-a, sentada, observando o mar e o horizonte. A brisa balançava seu cabelo. Sentei a seu lado. Ela não me olhou. Passei meu braço por seu ombro e a atraí para mim.

— Demoraste muito para vir!

— Ha, ha, ha! É que cada vez você torna isso mais difícil.
— Olhei-a. — Sabia que a encontraria aqui... onde a terra acaba e o mar começa.

Permanecemos em silêncio.

— Quando eu era um menino eu adorava vir a este lugar, contemplar o horizonte quando o sol se escondia. Era meu segredo, o lugar onde encontrava a paz tão ansiada, sentia-me livre. Agora não só me sinto como antigamente, mas também existe algo mais.

— E eu posso saber o que é esse algo mais?

— Sinto-me feliz, não só por estar aqui, mas por estar com você. Você é minha felicidade. Amo você, Elizabeth!

Ela me olhou, e sorriu ao ouvir minhas palavras.

— Você ensaiou o que iria me dizer?

— Ha, ha, ha! Desta vez não. Saiu do meu coração.

— Kimball! O que vou fazer com você! Dizendo estas coisas faz com que cada dia eu o ame mais.

Eu daria um presente para ela. Estava em meu poder já há vários dias. Queria dar para ela em um momento especial e este, era o momento. Sozinhos, contemplado o oceano.

— Tenho algo para você — eu lhe disse.

Ela voltou seu rosto para mim.

— Que surpresa vai fazer agora?

Do bolso de minha jaqueta tirei um anel. Era igual ao meu, de ouro. Possuía uma pedra negra com o emblema de minha família. Este eu mandara esculpir para ela, adaptado ao tamanho de seu dedo. Peguei sua mão, retirei o anel que eu lhe dera e que era meu e coloquei o novo. Depois eu

coloquei o meu de volta em mim, que era o que ela vinha usando desde que nos casamos.

Uma expressão de surpresa se desenhou em seu rosto. Ela contemplava a joia.

— Este sim é para você, meu amor.

— Já lhe disse quanto o amo! — Ela me disse.

Sorri, acariciei seu rosto. A tentação era muito forte como para não beijá-la tendo-a tão perto. Que mais podia pedir à vida! Ganhei uma filha maravilhosa e Eamon, ao qual também considerava como um filho. Meu pai mudara desde a morte do conde Oton: saía e desfrutava das pequenas coisas da vida. David e minha irmã apaixonados..., e eu via à minha frente o amor da minha vida, a mulher que havia me devolvido à luz estava comigo, para sempre. Amava-a, e minha vida sem ela já não fazia sentido.

Sabia que podia me sentir livre, em paz comigo mesmo, mas aquilo não bastava para ser feliz. O amor era a chave, e para mim o amor era minha Beth.

Então, aconteceu, o resplendor da luz do sol tingiu de vermelho as águas do mar, ele desapareceu diante de nossos olhares no horizonte. Nossos rostos estavam muito próximos um do outro.

— Amo você, Beth. Vou dedicar todos os dias de minha vida para fazê-la feliz.

Fundimo-nos em um apaixonado beijo.

FIM

Nota da autora

Uma crença mitológica grega, transmitida através dos séculos, falava sobre a existência de uma porta imaginária chamada a Porta dos Homens, um acesso que era a entrada a outra dimensão, a outros mundos e a outras épocas.

Este passo se abria, sobre tudo, no solstício do verão, mas em qualquer momento um homem ou uma mulher podia transpassá-lo sem deixar rastro.

A Escolhida é o primeiro livro da série *Os cavalheiros do Tempo*. Cada novela é independente da seguinte, podem-se ler cada uma delas sem necessidade de ter lido a anterior. Alguns personagens aparecerão nos dois livros posteriores à *Escolhida* e ajudarão aos protagonistas em suas aventuras.